1955

SETEMBRO - N.460

EU SEI TUDO

EIROS

O FANTASMA QUE ESCREVIA LIVROS ★ POR QUE AS MULHERES FALAM TANTO? ★ A GEISHA ONTEM E HOJE ★ COMO VENCER AS PERTURBAÇÕES PSIQUICAS

ANO 39 - NÚMERO

GRANDE HOTEL PRATA

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

Gose suas férias economizando e desfrutando o confôrto e fino rato do GRANDE HOTEL PRATA em ÁGUAS DA PRATA.

Desconto de 20% nas diárias a partir de 1º de maio até 30 de junho. (Vinte por cento).

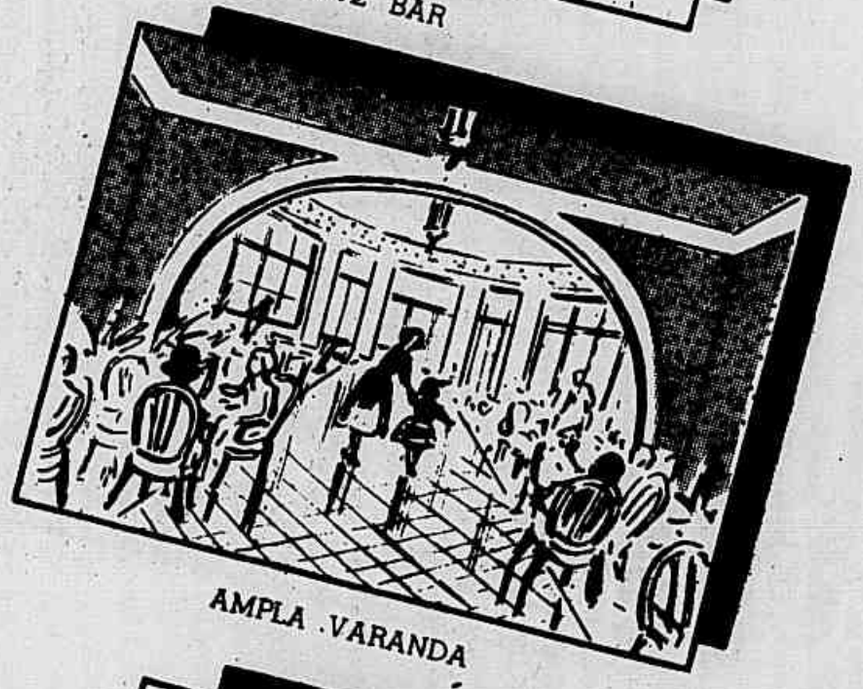
Reservas c/s Sxprinter ou diretamente com o hotel — telefones 20-29-4 — Águas da Prata — Estado de São Paulo.

Água Prata a melhor água para o tratamento do fígado, intestino, estômago, diabete — cura a azia.

Água do Villela — a água mais radioativa do Brasil.

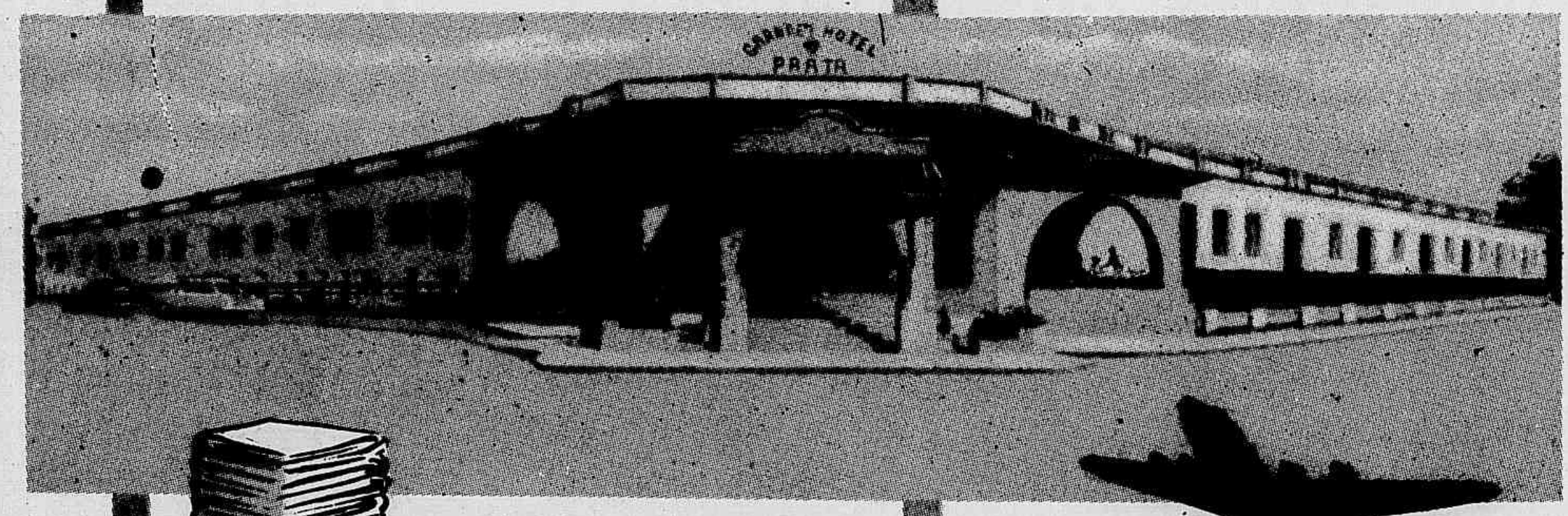
Meios de transporte — Cia. Mogiana, Viação Cometa — Expresso Brasileiro — Limousines — Panair e Nacional.

EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA

SALÃO DE REFEIÇÕES



ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporte a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)

Eu Era do CONTRA

hoje não sou mais! Desde que passei a fazer o regime ENO diáriamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar - meu nervosismo e minha irritabilidade cessaram. A acidez, a azia, a prisão de ventre, as enxaquecas desapareceram com ENO. Não seja "do contra" tome ENO, antiácido, laxante, estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO

LOTEAMENTO CIDADE

BEIRA-MAR

BARRA DE SÃO JOÃO

NOVAS PLANTAS DO MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

CR$ **70,00** MENSAIS

2ª DIST. DO MUNICÍPIO DE
CASIMIRO DE ABREU
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

REGIS. NO DEC. 58 SOB. Nº 1-FÔLHAS 1A4 NO CART. DO 2º OFICIO DE CASIMIRO DE ABREU

SITUADO NA MAIS LINDA PRAIA DO ATLÂNTICO

CAÇA — PESCA — MATAS — ESPÔRTES — VERANEIO, ETC.

VENDAS E INFORMAÇÕES
CONCESSIONÁRIA

C. - B. - M.
COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PÔRTO ALEGRE, 56 — sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha — Tel.: 32-9933
(Esplanada do Castelo)
EXPEDIENTE: das 9 às 18 horas
SÁBADOS — DOMINGOS — das 9 às 12 horas

Sou feliz vendo meu esposo alegre

E nada espelha mais a alegria que a saúde! Ele nunca falta ao trabalho, nunca se nega aos entretenimentos e não deixa nunca de aderir aos folguedos dos garotos. E sempre diz: — "Devo a base sólida da minha saúde á Emulsão de Scott, do mais puro oléo de fígado de bacalhau com cálcio e fósforo".

EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

RESULTADO DO II CONCURSO DO "ÓLEO DE CEDRO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS, REALIZADO POR HENRIQUE BATISTA, NA RÁDIO VERA CRUZ, NO DIA 30-6-955

OS PRÓXIMOS CONCURSOS SERÃO REALIZADOS A 29-9-55 E 29-12-155 (PARA A CAPITAL E O INTERIOR)

Cr$ 5.000,00 para o Sr. José Carlos Pereira. Rua das Camélias, 410, Vila Walqueire — 100 dúzias de «Óleo de Cedro» para quem vendeu: Depósito do Sabão Amoêdo, na Rua Barão de Bom Retiro, 619 — Rio de Janeiro.

Cr$ 2.000,00 para D. Carlinda Mazza Sarmento, Três Rios — 40 dúzias de «Óleo de Cedro», para quem vendeu — Armazém Dantas, Rua Nelson Viana, 14, Três Rios, Estado do Rio de Janeiro.

Cr$ 1.000,00 para Doacir Serevino Pereira, Guapiaçu — 20 dúzias de «Óleo de Cedro» para quem vendeu — Casa Marques, Rua das Palmeiras, 298, Guapiaçu, Estado de São Paulo.

Cr$ 500,00 para D. Maria Rachel da Costa, Travessa São Domingos, 16 — 10 dúzias para quem vendeu — União Brasileira de Sabões, Rua S. João nº 139 — Niterói, Estado do Rio.

Cr$ 250,00 para D. Ida de Castro Pôrto, Rua Real Grandeza, 108 — 5 dúzias para quem vendeu — Armazém Chave de Ouro, Rua Marquês de Olinda, 94, Distrito Federal.

Prêmio de Cr$ 50,00 para o consumidor e uma dúzia de «Óleo de Cedro» para o comerciante que vendeu, num total de 25 prêmios de Cr$ 50,00 e 25 dúzias de «Óleo de Cedro», conforme discriminação abaixo:

D. Lúcia Helena, rua Adelaide Enes, 39 — Armazém Novo Brasil, Est. Bras de Pina, 309. D. Cacília de Oliveira Guedes, Jaraguá, Sta. Catarina — Armazém Walter Jarck, Av. Getúlio Vargas, s/n, Corupá, Município de Jaraguá do Sul, Sta. Catarina. D. Nair Alves, Rua Jauarite, 380 — Armarinho mesma rua nº 411, Rocha Miranda, Dist. Federal. Alice Rosário de Freitas, Rua Gal. César Obino, 162 — Armazém América, Rua Marina, 225, Bento Ribeiro, D. Federal. Antônio Domingos Rodrigues, Guapiaçu — Casa Marques, Rua das Palmeiras, 298, Guapiaçu, Est. de São Paulo. D. Olga Severina Costa, Guapiaçu — Casa Marques, Guapiaçu, Est. de São Paulo. Lindalva do Carmo Fernandes, Av. 7 Setembro, 1.386 — Bazar Aliança Ltda., mesma rua nº 1302, Manaus-Amazonas. Ademar José Trevizan, rua Barão Jaguará, 1, Cajobi — Empório S. Geraldo, mesma rua nº 27, Cajobi, Est. de São Paulo, D. Marieta Carvalho Costa, rua Tte. Cleto Campelo, 415 — Armazém Cajueiro, mesma rua nº 427, Ilha do Governador, Dist. Federal. D. Maria Rachel Braz, Rua Mariano Procópio, 814 — Casa A. B. Neves, Rua Halfeld, 35, Juiz de Fora, Minas. Eurídice Alves Vianna, Estrada Otaviano, 154 c/2 — Comprado na Estrada Conselheiro Galvão, 624, Turiaçu, Distrito Federal. Arlan de Oliveira Lôbo, Rua 24 de Maio, 506 — Armazém Progresso, Rua Barão Bom Retiro, 698, Distrito Federal. D. Maria Madalena do Amaral — Casa Camarinho, Cruzeiro, Est. de S. Paulo. S.P. Mário F. de Sá, Rua Haddock Lôbo, 78 — Armazém Novo Astro, rua Haddock Lôbo, 74, Dist. Federal, Nelson Vitorione da Costa, Rua dos Limadores, 26-fundos — Armazém Miranda, Rua da Feira, 996, Bangu, Dist. Federal. Victor Gomes da Silva, Rua Visc. Rio Branco, 53, apto. 207, D. Federal. D. Joana Gomes da Silva, Borja Reis, 249, apto. 201 — Armazém Tucano, Rua Maris e Barros, 448, Distrito Federal. Joaquim Severino da Silva — Casa Marques, Rua das Palmeiras, 298, Guapiaçu, Est. de São Paulo. D. Emília de Oliveira Lôbo, Rua Condêssa Belmonte, 67 — Loja de Sabão Amoêdo, Rua Barão de Bom Retiro, 619, Distrito Federal. D. Maria de Lourdes, Rua Pedro Ernesto, 89 — O Dragão, Dist. Federal. D. Nanci Corrêa de Oliveira, Rua Dr. Vasconcelos, 23 — Armazém Dantas, Rua Nelson Viana, 44, Três Rios, Est. do Rio de Janeiro. Hortência de Miranda Saiz, Av. Presidente Vargas, 355, Curitiba — Casa Metal de Lupion & Cia., Rua 15 de Novembro, 220, Curitiba, Paraná. Jacy Tavares, Av. Presidente Vargas, 3.800 — Casa Matias, Rua Larga, Distrito Federal. Antônio Mingoranci, Guapiaçu — Casa Marques, Rua das Palmeiras, 298, Guapiaçu, Estado de São Paulo. Thelma Rangel Thomaz, rua J. Kopp, 222 — Armazém Figueiro, rua Teixeira de Gouveia, 1.393, Macaé, Estado do Rio de Janeiro.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as que são entregues aqui no Rio. Pedimos a tôdas as pessoas que puderem, comparecer ao Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias de concurso, às 9½ da noite para verem com os próprios olhos como é feito o nosso concurso. Nos próximos sorteios serão distribuídos os mesmos prêmios dos concursos passados. Cada pessoa pode remeter quantas cartas quiser.

O concurso é feito da forma seguinte. Tôdas as cartas recebidas até a hora do concurso são colocadas no tablado, onde, depois de bem embaralhadas, vão sendo tiradas, uma a uma, pelo cego Protásio Domingues Assunção, da Associação Aliança dos Cegos, rua 24 de Maio, 47, Rio, e passadas às mãos do animador do programa que as vai abrindo, lendo-as e colocando-as sôbre a mesa de contrôle onde podem ser examinadas pelos interessados. Primeiro os 25 prêmios de Cr$ 50,00, depois os de Cr$ 250,00, Cr$ 500,00, Cr$ 1.000,00, Cr$ 2.000,00 e Cr$ 5.000,00.

PARA TOMAR PARTE NO CONCURSO DIRIJA A CARTA AO: — «CONCURSO DO ÓLEO DE CEDRO», Av. Rio Branco, 137-sala, 616. Rio de Janeiro. Dentro do envelope, num pedaço de papel qualquer, , deverá constar:

1º) — Nome e enderêço de quem remete.

2º) — Nome, e enderêço do local em que foi comprado o «ÓLEO DE CEDRO».

NOTA: — Os prêmios do interior estão sendo remetidos pelo correio. Os prêmios de Niterói e Distrito Federal, estão a disposição na Av. Rio Branco, 137-sala 616, Distrito Federal, de 14 às 19 horas. Qualquer informação. Fone: 32-9309 e 32-9415.

O Seguido

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO HISTÓRICO E LITERARIO FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em São Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Publicidade: Organização Paulista Ltd. (ORPAL) à rua Sete de Abril, 374 — Tel.: 36-4725 — Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 7,00. Número atrasado: Cr$ 8,50. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 90,00, para o estrangeiro: Cr$ 120,00.

JÁ NINGUÉM SE ENAMORA

Conto de MARTHA FOLEY

JOHN Atherton, presidente da Companhia Editôra Atherton, mantinha-se em conferência com o escritor mais popular do momento, no meio da festa mais ruidosa que seja possível imaginar.

Gente passava, incessantemente, de um lado para outro, tropeçando nêles, esbarrando contra êles... Garções filipinos, carregando bandejas de bebidas e salgadinhos, abriam passagem por entre os dois homens. A anfitriã surgia a cada instante e os interrompia, a fim de apresentar-lhes novos convidados, e a barafunda ia em crescendo assustador. Porém, tanto o editor quanto o escritor continuavam falando com entusiasmo.

— É o que digo, Bill. O que estamos pedindo no momento, tanto o país como nós mesmos, editôres, é uma boa novela de amor, cheia de romance... Uma história de amor dessas... à antiga, transbordantes de ternura.

Bill Matthew rosnou uma resposta que se perdeu no meio do vozerio dos que passavam, ou trocavam saudações alegres. E, para ter a certeza de que era ouvido por Atherton, repetiu as

palavras com mais fôrça, enquanto enrugava seu formoso rosto de homem já maduro, numa careta:

— A eterna questão de Romeu e Julieta?

— Exatamente! Um amor ao luar! Entre roseirais... e com pais cruéis, opondo-se à felicidade dos enamorados!

— Ora, Atherton! Tudo isso é coisa do passado... Hoje ninguém mais se enamora!

— Não; não, segundo seus livros, Bill. Não, segundo você! E assim como você faz todo o mundo que escreve. Materialismo, realismo, finanças, negócios... Eu digo que os leitores estão cansados de tanto materialismo. O povo, em geral, também está! Todos anseiam por ler uma dessas coisas ternas, cheias de suspiros e beijos, de lágrimas e sorrisos. Entretanto, os escritores não parecem mais dar importância ao amor... E eu creio que parte de muitos males que hoje afligem o mundo dependem disso.

— E por que há de alguém se enamorar? O amor não mais existe. Está você, por acaso, enamorado? Estarei eu mesmo? Está enamorado algum dos presentes a esta festa?

Dizendo estas palavras, Bill indicou com um gesto amplo todos os que enchiam os diversos salões.

— Nós, realmente, não podemos dizer se estamos enamorados ou não, Bill — disse Atherton. — Em geral, o que se enamora trata de manter seu amor em segrêdo; êsse é um dos principais encantos do estar enamorado.

— Não, meu caro Atherton. Convença-se de que hoje já ninguém se enamora. E quer saber por quê? Pois pela simples razão de que, hoje, somos mais inteligentes... e raciocinamos mais que antes.

— Diga lá o que quiser, Bill; o que sei é que nos jornais se anunciam todos os dias muitos casamentos...

— Claro. Mas não quer dizer que os que casam o fazem por amor.

ATHERTON fitou o escritor com ar sorridente, como se as rotundas afirmações do seu amigo simplesmente o divertissem.

— Não? Mas, então, pode dizer por que casa tôda essa gente?

Bill não perdeu a continência, apesar do tom irônico de seu amigo.

— Simplesmente — respondeu — por segurança, por conveniência... ou por êrro. Êste último é o mais freqüente. Muito mais freqüente do que podemos imaginar. Ah, se todos os que casaram pudessem falar alguma vez com sinceridade! Quantas surprêsas teríamos, e quão formidáveis!

— Ora, Bill, francamente! Você exagera!

— Não; não exagero. Para convencer-se é bastante ouvir as conversas da mocidade de hoje...

— Não concordo. A gente moça de hoje parece mais positivista. No entanto, no fundo, continua sendo tão romântica como a do chamado século do romanticismo. E afirmo a você que uma boa novela de amor seria recebida com entusiasmo delirante. E já que você teima em considerar tudo no ponto de vista materialista, direi ainda que faríamos um esplêndido negócio.

— Pode ser... Pode ser... — murmurou Bill, sem parecer convencido.

— Por isso mesmo insisto: você deveria escrever uma novela amorosa e eu...

— Escrever?

Bill pareceu crescer um palmo, com seu ar de artista ofendido no mais caro ao seu coração.

Atherton sorriu quase paternalmente e disse, sem perder a calma:

— Sim, Bill; você mesmo. Quem mais indicado?

— Não, Atherton! — exclamou Bill, com paixão. — Só escrevo sôbre as coisas nas quais acredito. Por isso não escrevo sôbre o amor. Se escrevo uma história amorosa perderia todos os meus leitores!

Atherton deixou a coisa para outro momento mais oportuno, e editor e escritor continuaram conversando sôbre outros tópicos de caráter geral.

Contudo, no ânimo de Bill ficara impresso o pedido do editor. E tanto não pôde esquecer que, já terminada a festa e em caminho de casa, ia murmurando entre dentes:

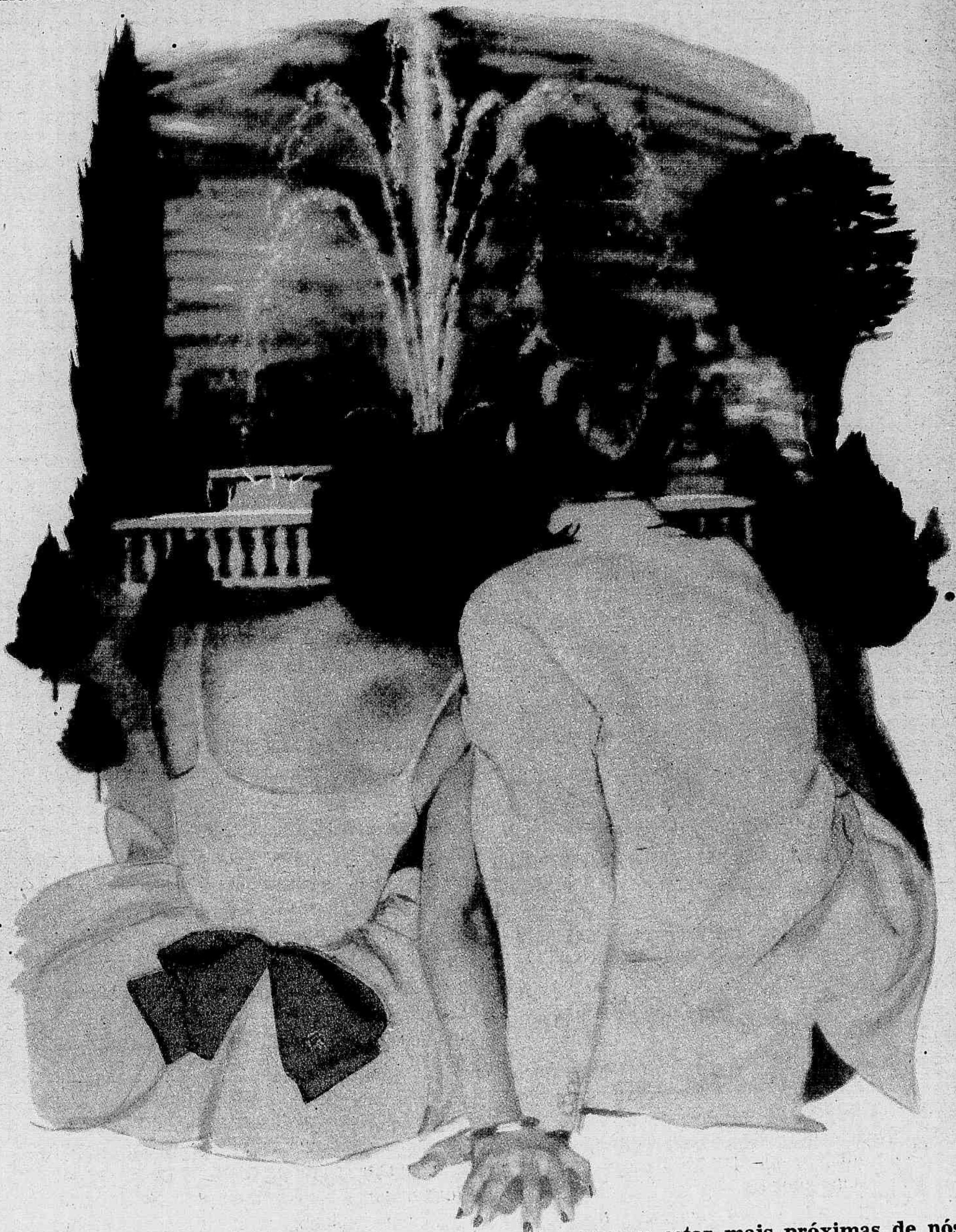
— Amor! Amor! Puff...

Continuou caminhando e renegando o amor, sem reparar que em mais de uma oportunidade cruzou com casais jovens, evidentemente enamorados, caminhando lentamente, braços entrelaçados, olhares cruzando-se, cheios de ternura.

Tão abstraído estava Bill que, quando chegou a sua casa chamou "Helen!", esquecido de que sua espôsa não estava, pois que tinha ido visitar a sua mãe.

Aborrecido e contrariado, penetrou no dormitório e contemplou seu vazio, sentindo seu silêncio doloridamente.

OBSERVOU tudo. Fôrro da cama côr turquesa, pesadas cortinas de sêda branca, colcha ricamente bordada, tudo belo, tudo perfeito, Bill, no entanto pensou que um dormitório assim era coisa trivial quando não havia nêle uma mulher, quando sôbre a cadeira não havia estendido um



Olha as estrêlas — balbuciou Amy — Esta noite parecem estar mais próximas de nós...

negligé de sêda, nem uns chinelos de plumas ao pé da cama. Percorrendo tudò com o olhar, deteve-se junto da mesinha do toucador, cheia de frascos de perfume. E com uma indignação ridícula pensou que para um homem não podia haver maior indignidade do que ficar só com uma fileira de vidros de perfume.

Saiu do dormitório e passou para o **living-room**. Ali aspirou com fôrça e sentiu a atmosfera carregada de um olor característico de comida, que, sem dúvida, vinha da cozinha. Costeletas! Era a quarta noite que a cozinheira se lembrava de oferecer-lhe costeletas.

E onde andaria metida sua filha?

Délia, a arrumadeira, apareceu no **living**.

— A srta. Amy avisou, por telefone, que não poderá vir jantar — anunciou.

— Não disse a que horas pretende regressar? — perguntou Bill, mal contendo a impaciência que o dominava.

— Não, senhor. Disse apenas que não vinha jantar.

Bill foi para a mesa com gestos bruscos. Não apreciava o jantar se a sua espôsa não estava presente. E não era porque desejasse contemplar os seus formosos cabelos castanhos ou os seus olhos azuis. Porque era o primeiro a reconhecer que Helen era a mulher mais bonita que conhecia. Também não era porque ela sempre se mostrava interessada em seus problemas sôbre seus livros, ou sôbre as discussões com os editôres, mas... Como ela mesma acharia graça quando êle lhe contasse a absurda proposta que Atherton lhe fizera a respeito do livro romântico. Oh, como também ela havia de rir!

Claro que ter por espôsa a Helen era nêle um hábito. Isso mesmo. Um hábito.

NA cozinha Katty encheu pela terceira vez o prato de um homem bastante simpático, que não apenas comia, mas antes devorava com apetite de causar inveja.

— Come, querido — disse Katty, amorosamente. — Come mais um pouquinho, já que gosta tanto.

Enquanto falava, seu rosto roliço suava amor por todos os poros. Em seguida, encheu de café uma grande xícara, renovou a provisão de pão e depois sentou ao lado do seu pantagruélico enamorado, para deleitar-se na contemplação do objeto de seus cuidados.

— É engraçado, hein, Joe? Você é louco por costeletas, enquanto que o patrão (aqui fêz um sinal de cabeça significativo, na direção da sala-de-jantar) os detesta.

— Hmm, hmm... — respondeu Joe, sem poder falar por ter a bôca cheia.

— Mas a mim não importa que êle não goste — continuou a robusta cozinheira. — Se você gosta de costeleta, o patrão terá que comer costeletas até que você diga "chega"!

DEPOIS de jantar, Bill sentou numa poltrona do **living**, onde ficou longo tempo. Tinha vontade de sair um pouco e caminhar; porém a festa de onde acabava de regressar, o fatigara; já vira bastante gente para aquêle dia. Preferia, agora, ficar em casa. Além do mais, aonde poderia ir? Se Helen estivesse em casa, poderiam ir a algum cinema.

Ligou o rádio, procurando várias estações e, finalmente, não satisfeito com nenhuma, desistiu, voltando a desligar o receptor. Então estirou as pernas, fechou os olhos e adormeceu.

AMY estava de pé, no pequenino alpendre da entrada da casa, olhando para um rapaz quase dois palmos mais alto do que ela e que, para conversar melhor ficara dois degraus mais abaixo do que ela e que, por sua vez, a fitava completamente embevecido.

Era uma noite cálida; soprava uma débil brisa e a lua brilhava no céu com fulgor melancólico. Apesar das rotundas afirmativas de Bill, esta era uma noite especial para enamorar-se. Assim pareciam compreender Amy e o rapaz, a julgar pela expressão extasiada com que se contemplavam.

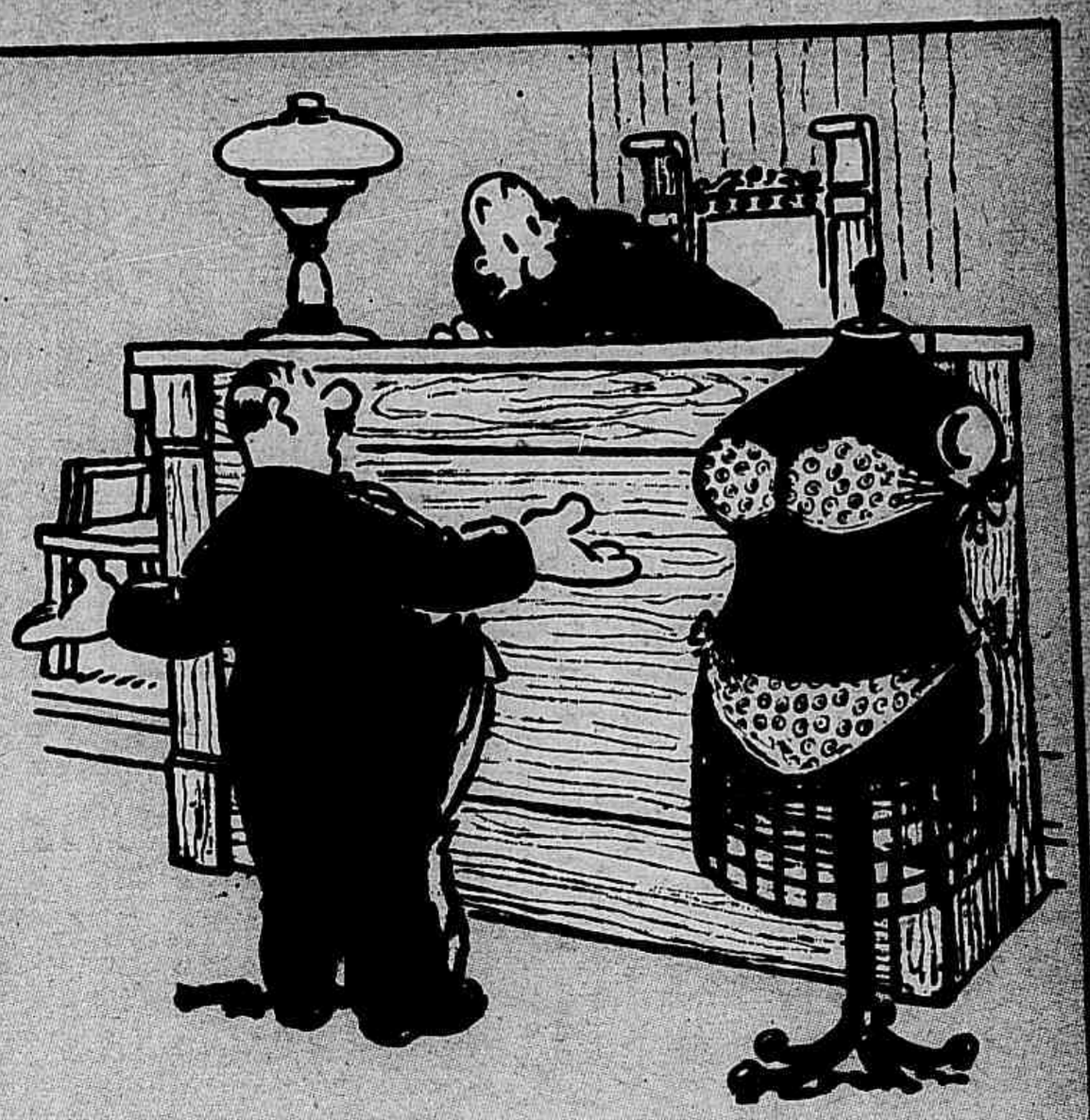
— Olha as estrêlas — balbuciou Amy. — Hoje parecem mais perto da Terra...

— Prefiro olhar para os teus olhos. São lindos, Amy. Às vêzes, quando olho para êles, parece que me afundo num lago de águas profundas, onde vou afogar-me de amor.

(Continua no fim da revista)

CAUSAS PARA O DIVÓRCIO

EXIBIU A PROVA — Perante o juiz Kugel Flughammer, de New York, compareceu o sr. Feeger, que fôra intimado a provar as alegações feitas no processo em que solicitava divórcio, acusando a espôsa de «haver enlouquecido». Atrás dêle vinha um carregador, transportando um manequim que representava exatamente o corpo colossal e disforme da espôsa. Sôbre êle o sr. Feeger havia colocado o «bikini» sumaríssimo que a espôsa teimava em usar nas praias de banho. Em cinco minutos obteve sentença favorável ao seu pedido de divórcio



NO Canadá, terra dos casamentos felizes, há sòmente um divórcio para cada 161 matrimônios. A Inglaterra vem logo a seguir com um divórcio para 96 casamentos; a Suécia com um para 33, a Noruega com um para cada 30; a Alemanha com um para cada 24; a França com um para 21; o Japão com um para 8; e, finalmente, os Estados Unidos com um divórcio para cada 7 casamentos!

EM Calcutá, na Índia, a jovem Kausallya Kurmi, de 17 anos, moveu uma ação de divórcio contra o seu marido Likhichand Kurmi, de 10 anos de idade, sob a alegação de que êste não podia sustentá-la.

NA cidade de Charleston, Carolina do Sul, uma mulher requereu divórcio alegando que o marido dava-lhe pontapés. O juiz julgou a lemanda improcedente, porquanto verificou que o homem tinha apenas uma perna.

DYURA Avramovich, de 101 anos de idade, foi citado como co-responsável em um caso de divórcio ocorrido na cidade de Brtchko, na Iugoslávia. Os esposos em questão eram Marin Zhivich, de 99 anos, e Yula Zhivich, de 95 anos. Depois de brigar com o marido Yula refugiou-se na casa de Dyura, que permanecera solteirão durante tôda a sua vida, na esperança de que algum dia Yula casasse com êle.

A média anual de casamento e divórcio entre os artistas de Hollywood é de 65 matrimônios para 54 divórcios. Porém tratam de casar de novo, sem perda de tempo por que os fãs do cinema não gostam de artistas solteiros!

EM San José, Califórnia, um indivíduo moveu uma ação de divórcio contra a espôsa porque esta costumava levar um macaquinho de estimação para o leito conjugal. Ao contrário do que se esperava, o juiz deu razão à mulher, baseando a sua sentença no fato de que era impossível para uma mulher viver com um homem que não tinha a coragem suficiente para jogar o macaco fora da cama!

NA cidade de Cuernavaca, México, qualquer pessoa consegue o divórcio... pelos correios, mediante uma simples alegação de "incompatibilidade de gênio"! Êste sistema é aplicado a pessoas de qualquer parte do mundo, desde que provem ter adquirido a nacionalidade mexicana. Os requerentes pagam apenas algumas taxas e impostos à municipalidade de Cuernavaca.

NA Suíça, perguntaram a 73 mulheres, que se haviam divorciado cinco anos antes, qual a sua disposição de espírito, depois de consumada a separação. 41 lamentavam profundamente a sua decisão; 25 estavam felizes por haver reconquistado a liberdade, e 7 haviam contraído matrimônio... com seus antigos maridos!

A senhora Fulton, de Connecticut, tinha o hábito de beijar o marido, John, logo após dar um beijo na cabeça de um rato branco. A côrte concedeu o divórcio.

O divórcio, na Roma antiga, era obtido com muita facilidade. Apresentava-se a demanda perante uma côrte, discutia-se o caso e a sentença era dada. Nenhuma mulher, de acôrdo com a lei, tinha direito à pensão alimentícia. O imperador Júlio César foi acusado de ter sido co-responsável em 35 casos de divórcio!

EU SEI TUDO

O FANTASMA

ESCREVEU "BESTSELLERS" DUZENTOS E CINQÜENTA ANOS DEPOIS DE SUA MORTE !

(Episódio real) — HERMANN VOLK

A sra. John Curran, de S. Louis, Estado de Missouri, não era exatamente o que podemos chamar de uma "criatura mística". Não passava de uma dona de casa como outra qualquer, porém possuidora de uma sólida constituição. Seu marido era um funcionário do Departamento de Imigração.

No dia 13 de julho de 1943, enquanto percorria as lojas da cidade, a sra. Curran comprou uma das chamadas "Mesas Espíritas". Isto, de um certo modo, constituía uma forma de diversão popular, na época, e a sra. Curran decidiu que era tempo de ter uma delas em sua própria casa, para distração de suas visitas. O seu preço, aliás, não foi além de três dólares.

A "Mesa Espírita", caso o leitor jamais tenha visto uma, é uma peça de madeira lisa com tôdas as letras do alfabeto impressas na sua superfície. É equipada com uma espécie de "mesinha com três pés", que repousa sôbre a mesa maior e serve como **apontador**. Quando os dedos de um ou de vários indivíduos "sensitivos" são colocados sôbre esta "mesinha", ela se move em redor da mesa maior, parando em cada letra, e assim formando palavras.

A crença comum é a de que um **espírito** guia o **apontador**.

Quando o sr. Curran viu a mesa dentro de casa não hesitou em dizer que considerava tal compra um verdadeiro desperdício de dinheiro. A idéia de que os espíritos se comunicam com os vivos, através de semelhante objeto parecia-lhe ridícula. Entretanto, a sra. Curran achava que aquilo não passava de um motivo para distração e, por isso, naquela mesma noite, ela e a sra. Grant Hutchins, sua vizinha, reuniram-se em tôrno do móvel, na sala-de-visitas.

Assim estiveram bastante tempo, olhando o apontador formar uma ou outra palavra, ao acaso; e tinham mesmo resolvido ir para a cama, quando, de repente, a mesinha que continuava sob seus dedos recebeu um vigoroso impulso animador. A **mensagem** que então soletraram deixou-as verdadeiramente apavoradas.

— Vivi há muitos anos. Mas agora retornei a êste mundo. Meu nome é Elisabeth Worth" — dizia a mesa.

As duas mulheres, amedrontadas, apressaram-se a retirar os dedos do **apontador**; porém êste continuou a mover-se:

— "Quero falar com vocês" — escreveu.

Assombrada com o que acontecia, a sra. Curran gritou pelo marido, o qual, ao ver o **apontador** em movimento, parou de rir.

De fato, a mesinha de três pés estava formando palavras, cóm uma lógica absoluta, sem que ninguém lhe encostasse um dedo! E, ansiosamente, soletrou os seguintes versos:

"Serei uma lira partida,
Que, ao dedilhar do Mestre,
Responde com um arpejo cintilante
Ou serei apenas uma corda
De onde a ponta dos teus dedos
Arranca sons plangentes?"

Depois de escrever êstes enigmáticos, mas lindos versos, Elisabeth **disse** algo sôbre si mesma. Contou que nascera em Dorsetshire, na Inglaterra, por volta do ano de 1650. Quando moça trabalhara na cultura do linho, assim calejando suas finas mãos. Falou dos belos tecidos de linho que seu pai fabricava e que ela própria ia entregar no Castelo. Mais tarde, porém, resolveu partir para Vineyard, nas costas do Massachussetts.

Acrescentou que durante tôda a sua vida sonhara ser uma grande escritora. Já tinha, mesmo, elaborado mentalmente "alguns maravilhosos e inspirados poemas"; mas, antes que lhe fôsse possível escrevê-los, tinha encontrado morte horrível nas mãos dos selvagens.

Durante as noites seguintes, algumas vêzes só, outras vêzes com amigas, a sra. Curran passava todo o seu tempo ao

QUE ESCREVIA LIVROS

lado da mesa. Elisabeth Worth contou mais coisas de sua vida. Entretanto, a sua predileção era a poesia.

Como tôdas as palavras que transmitia, o inglês dos seus poemas era arcaico, obedecendo literalmente à forma do século XVIII. A sra. Curran tratou de anotar êsses versos e, logo que os reuniu em livro, procurou um editor. Foram impressos com o título de "Rimas do Além-Túmulo". O livro granjeou logo muita popularidade, tendo atingido grandes tiragens.

Mais tarde, veio à luz um outro volume. Êste teve o título de "Sangue e Esperança" e, do mesmo modo que o primeiro, tornou-se um "bestseller". O famoso crítico literário Francis Hackett considerava-o uma verdadeira obra-prima.

A última obra escrita pela mesa da sra. Curran foi "Uma História Triste". Era uma história da vida e da época de Cristo; êste livro foi escrito de tal maneira que chamou a atenção do professor Roland Green Usher, catedrático de História da Universidade de Washington.

O professor Usher afirmou que tal obra constituía "a maior história de Cristo desde os Evangelhos", e declarou que nem um erudito do século XVII seria capaz de escrever um livro de maneira tão lapidar — sem um só êrro gramatical ou qualquer laivo de anacronismo. Mas, se tal tarefa não podia estar à altura de um erudito, como poderia estar ao alcance de uma pouco letrada dona de casa de St. Louis?

Aquêle professor acrescentou que, além da impossibilidade técnica da própria senhora Curran haver escrito o livro, ela teria sido uma louca se não houvesse agido da maneira como agiu.

Os livros e a pessoa da sra. Curran provocaram verdadeiro tumulto em tôda a nação norte-americana; hoje, entretanto, estão mais ou menos esquecidos.

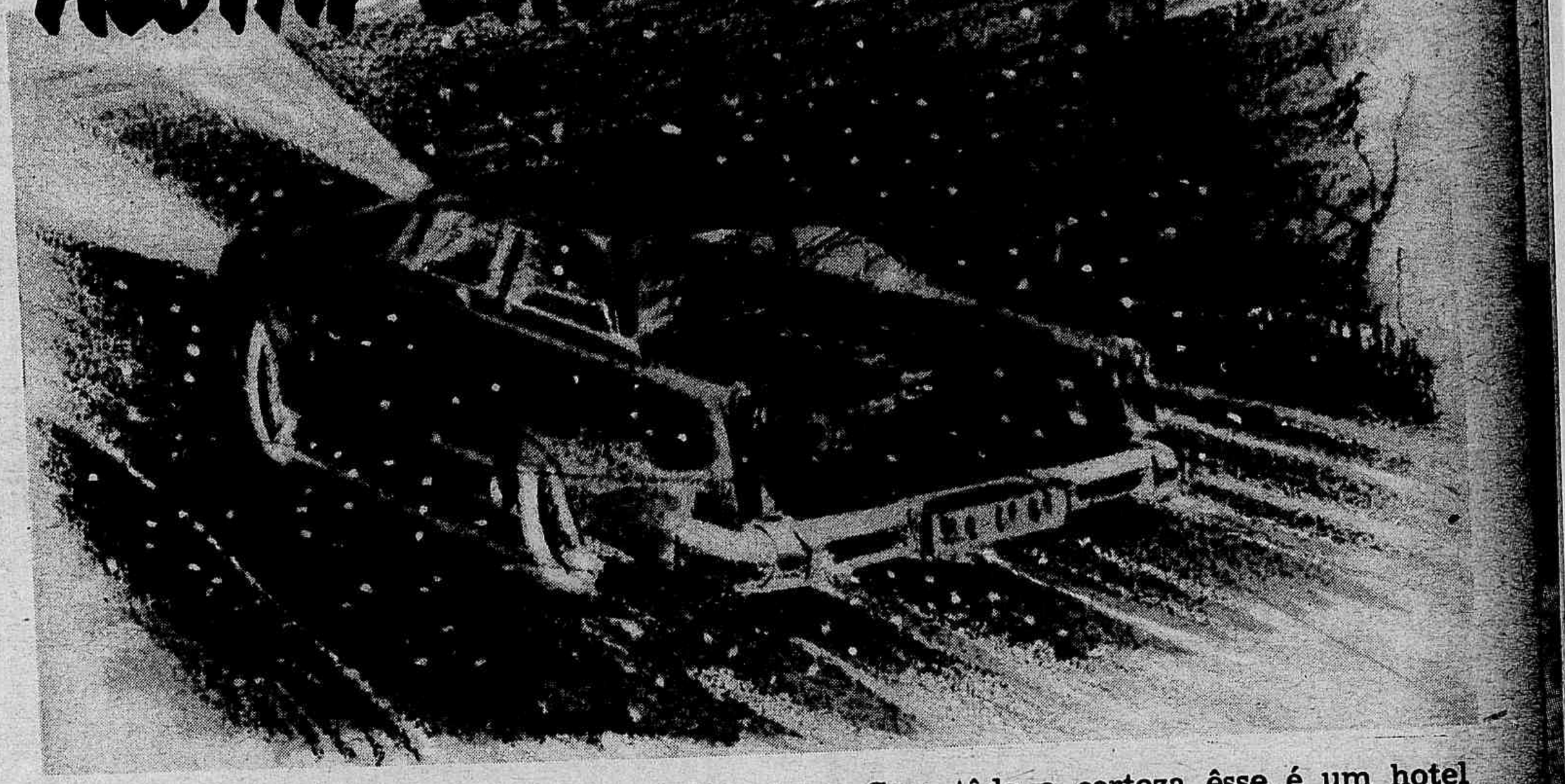
A sra. Curran morreu em 1934. Porém, antes de sua morte, alguns interessados enviaram investigadores a Vineyard, a fim de arrancar provas sôbre a existência remota de uma mulher chamada Elisabeth Worth.

E realmente descobriram que alguém com êste nome vivera na região, no princípio do século XVII. E, embora essa criatura não tivesse deixado qualquer palavra escrita, era considerada, pela população local, uma mulher excêntrica **"porquanto só vivia declamando poesia"**.

O GATO E OS CANÁRIOS

TUDO é acostumar-se, pois a educação realiza prodígios. Vendo o lindo gato servindo de cavalo voluntário de dois canários, seus íntimos amigos, compreendemos fàcilmente a fôrça de expressão de Licurgo quando ofereceu a seu público um cão e uma lebre em duas etapas — a de seu instinto selvagem e a de sua domesticidade — para demonstrar como os animais — e também os homens — poderiam aprender a tolerar-se, sem um mal gesto. Enquanto todos os gatos do mundo se divertem perseguindo essas pequeninas aves com o intuito de cravar-lhes os dentes, êsse animal é o guardião de trinta canários de propriedade de um senhor Jossa, de Grenoble, na França.

ASSIM SÃO OS HOMENS



Conto de
ROYAL BROWN

SOPRAVA furiosamente a ventania de novembro, arrastando os flocos de neve que caíam espêssamente do céu, enquanto Guilherme T. Biddle guiava seu automóvel para o resgate de uma mulher em perigo. No momento — eram pouco mais de oito da noite — ninguém teria suspeitado que Guilherme se achava empenhado em diligência de tal natureza. E, menos que outro qualquer, êle próprio! Não sabia, absolutamente, da precária situação de qualquer dama e, na realidade, nem sequer sabia onde se encontrava! Perdera por completo o seu caminho e fazia seu automóvel avançar com muito cuidado, a fim de evitar qualquer catástrofe. Todos os sinais de estrada estavam derrubados ou cobertos de neve; todos os caminhos pareciam iguais. Sabia que havia perdido o caminho desde, talvez, uma hora antes, mas não **onde** nem **quando**!

Depois de meia hora de seguir nessa marcha chegou, finalmente, junto de um sinal que o vento e a nevè tinham respeitado. Parou o veículo, desceu do mesmo e tratou de limpar a tábua do sinal e poder ler:

"Pousada da Águia — 3 quilômetros."

Guilherme contemplou o sinal com ar aborrecido.

— Com tôda a certeza êsse é um hotel de veraneio... e, portanto, estará fechado durante o inverno! — rosnou, pessimista.

E tinha razão. A "Pousada da Águia" era um hotel de verão e estava fechado, como Constance Chrsholm, tratado por Connie por seus amigos e por Guilherme, podia ter avisado. Porém não estava deserta, de fato, porque ela própria havia sido muito melodramàticamente introduzida no casarão por um estranho indivíduo de feições particulares e que parecia disposto a não libertá-la.

— "Isto será um terrível golpe para Price" — pensou, quando o homem a havia forçado a entrar naquela pousada.

Price era o homem com quem acabara de ficar noiva. A notícia tinha sido anunciada formalmente no dia anterior e a primeira notícia que aparecera sôbre o fato havia surgido nos jornais da manhã. Guilherme Biddle, com o diário encostado ao açucareiro, tinha lido, enquanto tomava seu café e trincava suas torradas. Naturalmente, aquela não tinha sido a notícia mais importante do dia. Coisas mais dramáticas e emocionantes ocorriam em todo o mundo. Tal, por exemplo, como a que merecera o lugar privilegiado e os títulos maiores: **"Um presidiário louco assas-**

sina um guarda e foge da prisão". Isso podia significar muita coisa para alguém, mas não era para Guilherme.. Pelo menos foi isso o que pensou, enquanto passava para outra página:

"Previsão do tempo: chuva ou neve, para esta noite."

Neve ou chuva... para êle pouco importava. Tomou outro sorvo de café e, depois:

E, o que mais importava: estava absolutamente disposto a conservar a primeira qualidade!

— Enquanto tiver a mente sã e os pés ágeis! — costumava dizer.

De maneira que Guilherme passou também por cima da notícia do noivado de Connie com o advogado Price Wintrop. E, com isso, terminou seu interêsse pela primeira página. Três notícias, aparentemente desligadas, em absoluto, do curso de sua vida. Assim pelo menos acreditava, enquanto acabava de sorver o seu café.

No entanto, a neve já entrara em sua vida, enquanto, no meio da tormenta, ficava indeciso sôbre o caminho a seguir. E, para assombrar desde logo ao leitor, diremos que na "Pousada da Águia" estavam também a filha do juiz e o presidiário louco!

Agora vamos explicar como era possível que uma criaturinha como Connie se decidira a casar com um homem como Price. O juiz, por sua parte, sabia que Price, como advogado, jamais faria o mundo tremer. Mas sabia, também, que os homens capazes, metafòricamente, de comover o mundo são, em geral, difíceis de encontrar e muito menos de controlar. Em outras palavras: Price era convencional e reservado e o juiz supunha que o casamento e os filhos fariam bem a Connie. Não obstante, Connie pensava de outra forma. Bem sabia que era perfeitamente inútil o ser franca com seu pai: o pobre homem não poderia suportar a verdade. Além do mais, a circunstância de ser filha de um juiz a incomodava extraordinàriamente, porque tolhia o desenvolvimento de suas libérrimas atividades.

— Nunca poderei fugir da jurisdição de meu pai, a menos que me case!

Esta fôra a conclusão a que chegara. E se não soa muito românticamente, é, pelo menos, a pura verdade.

Porque, como Guilherme Biddle podia afirmar a qualquer um, Connie não era romântica. E isso mesmo êle lhe dissera, uma vez, sem rodeios, mal se haviam conhecido, coisa de uns dois anos atrás. Porém, ela simplesmente enrugara o delicado e desavergonhado narizinho, enquanto respondia: — Quer dizer que não sei volver sentimentalmente os olhos e dizer: "Oh, Bill! Você é maravilhoso!" É isso, então?

— Não me refiro a isso! — protestara êle, começando a demonstrar a irritação que, de então por diante, todos os seus encontros despertavam nêle.

— Oh, sim... Foi isso o que tentou dizer! — teimara ela com a sua calma mais horrorosa. — E sinto muito, até... porque você não é nenhuma maravilha! Está, sim, bastante mimado pelas mulheres... Só isso! Assim são os homens... Quase todos os homens!

Imagine o leitor como podia um homem abrigar intenções matrimoniais com uma mulher semelhante. Uma pequena que transformava a mais indiferente e casual das observações em uma arma aguçada para esgrimir positivamente contra o sexo masculino. Isto porque Connie havia herdado o nariz de sua mãe e o cérebro de seu pai. O primeiro era um desafio a tôda a humanidade, e o segundo o muro de pedra contra o qual se esborrachavam os narizes dos demais. De maneira que, depois de ter os narizes esborrachados dessa forma, todos os bons partidos optavam por afastar-se. Até que, finalmente, aconteceu o extraordinário. Um dia, Price, que aparentemente gostava de ser ridicularizado e castigado, declarou-se pela quinquagésima vez. Talvez fôsse a septuagésima!

— Creio — disse ela, em tom de alerta — que todo rapaz que se declara, hoje em dia, a uma mulher, corre o perigo de ser aceito, caso não aja com cuidado!

— Quer dizer... Você quer dizer que...? — balbuciara o pobre Price.

— Além do mais, uma mulher casada deve ter dinheiro próprio e amigos próprios, exatamente como possuem os homens. Em outras palavras: deve haver absoluta liberdade para as duas partes.

Price, que descendia de uma antiga família de advogados, na qual

não tinha havido jamais um cavalheiro, tratou de beijá-la estùpidamente. Ela, porém, ligeira, livrou-se dos seus braços e dos seus lábios.

— E, por último, quero um automóvel para mim sòmente!

Como Connie estava adoràvelmente formosa, Price aceitara sem vacilar. Quanto ao automóvel, êsse era para êle um detalhe sem qualquer importância. Não, porém, para Connie, a quem o juiz negara terminante e reiteradamente um automóvel próprio.

— Eduardo e a "limousine" estão a tua disposição, sempre que te vejas na legítima necessidade de utilizar um automóvel!

Fôra êsse o "ultimatum" do juiz.

Eduardo era o chofer da família. Tinha cinqüenta anos e nunca passava dos sessenta quilômetros horários quando Connie sempre tinha pressa. Eduardo era outro dos poucos homens que desaprovavam a conduta e a vida de Connie.

Aquela noite, quando Connie emergiu da casa, êle nem sequer havia descido para abrir-lhe a porta do veículo!

— Está furioso porque mandei que preparasse o automóvel para as seis e meia e já são sete e quinze — diagnosticou Connie. — E se me fôsse queixar a papai, ainda se voltaria contra mim!

Porque o juiz observa o culto da pontualidade. Connie não. O tempo nada significava para ela. Eram já mais de sete e estava nevando fortemente, quando entrou no automóvel e fechou a porta com furiosa pancada. Tratou de cobrir a garganta com a gola da sua capa de pele e bocejou. Tinha sido convidada para um jantar, seguido de baile, na residência de um casal, em Bolton. Tornou a bocejar. Que vida aborrecida! Nada acontecia nunca!

Foi então que notou. O automóvel corria mais veloz que de costume. Lançou um olhar pela janela e viu que se aproximavam da familiar encruzilhada em que, seguindo para a direita, chegava-se a Bolton.

Porém, o automóvel não virou para a direita. Ao contrário, seguia para a esquerda. Era uma estrada solitária, ao longo da qual não surgia nenhuma cidade ou povoado. Connie entreabriu os lábios, porém decidiu nada dizer. A "limousine" saltou inesperadamente e Connie se sentiu projetada para o teto. Quando recuperou os sentidos, viu-se sentada numa simples cadeira, na cozinha do que imaginou fôsse um hotel de veraneio. Fazia bastante frio, porque o compartimento era grande; porém um homem com o sobretudo e o quépi de Eduardo estava fazendo fogo numa lareira de tijolos enegrecidos. Então, Connie começou a compreender o que acontecera. De algum modo que não conseguia entender aquêle homem tomara o lugar de Eduardo.

Tendo avivado o fogo, seu captor se ergueu, voltando-se para ela. Era atarracado, talvez mais baixo do que ela, porém com ombros poderosos e braços longuíssimos. Seu aspecto era piorado pela barba crescida e maltratada. Um tipo que Connie não teria gostado de encontrar estando só. Pela primeira vez em sua vida desejou ter levado algum acompanhante!

— Pode gritar quanto quiser — disse o desconhecido. — Ninguém a ouvirá!

— Não pretendo gritar... — respondeu friamente Connie.

Porém, o homem não pareceu ouvi-la. Olhava para o braço de sua prisioneira, que estava exposto por ter ficado entravada a manga da capa, prêsa pelas cordas que a amarravam à cadeira.

— Suave... — murmurou. — Suave e bonito!

No entanto, esta apreciação sôbre Connie era completamente impessoal e inumana. Ela notou isso e, instantâneamente, o resfurioso porque o automóvel não estava tante! O homem estava louco, completamente louco! Sentiu que ia desmaiar, porém lutou valentemente contra a névoa que a invadia.

— Tenho que manter-me fria! Não devo perder a serenidade! — pensou, desesperadamente. Em alguma parte havia lido que só uma coisa podia ser tentada com os loucos: distrai-los. Falar com êles como se fôssem crianças. Não podia saber qual das duas condutas devia seguir.

— Faz frio aqui — falou, decidindo-se por uma terceira tática e com uma serenidade que a ela mesma assombrou. — Por favor, cubra de novo o meu braço.

— Tem razão — disse êle. — Sempre tenho frio, a menos que...

Não terminou a frase porque seus extraviados processos mentais o conduziram a outra idéia. Observou sua prisioneira atentamente, com os seus olhos azuis e infantis, que tanto a aterrorizavam. — Parece com a filha do juiz — falou, finalmente.

— Realmente... Sou a filha do juiz! — replicou Connie, sem esconder sua surprêsa. Mas logo mordeu os lábios, indagando a si mesma se fôra boa política admiti-lo.

— Sim, sim... — afirmou o maníaco. — Mas refiro-me à filha do juiz do conto que li, há tempos... Tinha mandado um homem para o cárcere, chamando-o de víbora e cascavel. E o homem gritou, anunciando que quando saísse do cárcere atacaria como fazem as víboras... Seu pai não disse que eu era nem víbora nem cascavel, porém a maneira como me olhava...

— Quer dizer — começou Connie, sobressaltada por nova e mais precária idéia da própria situação — que meu pai o mandou para o cárcere?

— Queria mandar-me para o manicômio. Porém o júri e o fiscal o convenceram de que eu devia ir para o cárcere!

— Conte-me como foi — rogou Connie, astuciosamente.

— Tratando de ganhar tempo, eh? — disse o lunático, com ar zombeteiro. — Mas temos tempo de sobra e enquanto isso poderei fumar.

Procurou nos bolsos do paletó de Eduardo e extraiu um maço de bons cigarros.

— Também quero um... — disse Connie, com naturalidade.

— Teria que desamarrá-la e poderia fugir...

— Não vê que é impossível, com essa tormenta?

Porém, o louco não se convenceu. Simplesmente, ofereceu o cigarro que já acendera para si próprio.

— Não, obrigada. Não costumo fumar os cigarros que outros já puseram na bôca!

— Experimente, então, o outro lado...

Connie sentiu o calor da extremidade esbraseada e receiou que o louco aproximasse mais, para queimá-la. Porém, conseguiu manter-se serena.

— Não seja criança! Não vê que é impossível fumar dêste lado?

— É verdade... Mas, agora, quero contar como me livrei do chofer.

— Eduardo? — exclamou Connie, horrorizada.

— Estava sentado no seu pôsto, no automóvel, quando dei com a barra de ferro na cabeça dêle! Depois arrastei o corpo para trás de uma cêrca de madeira, apanhei o sobretudo e o chapéu e tomei o lugar dêle.

— Não o matou?

— Creio que sim.

NAQUELE instante, Guilherme Biddle estava a três quilômetros de distância, refletindo sôbre a sua situação. Valeria a pena chegar até à pousada? Era provável que estivesse ali algum vigia. Em suma: eram apenas três quilômetros e valia a pena tentar, a fim de ter, ao menos, onde passar a noite.

— O melhor seria queimá-la — disse o louco. — Deitarei querosene na cabeça e nas roupas e depois queimarei.

— Não seja louco! — gritou Connie, desesperada. — Não vê que incendiará também a casa... e você mesmo não terá onde estar?

— Então, vou torturá-la!

Procurou com o olhar um objeto que servisse a seu propósito; depois atravessou a cozinha e apanhou o ferro de revolver as brasas. Abrindo a porta do forno, colocou uma ponta do ferro entre os carvões vermelhos.

— Vou deixar que fiquem em brasa e depois virei queimar os seus olhos! — anunciou, alegremente.

Aquilo era mais do que Connie podia resistir. Pela primeira vez em sua vida, perdeu os sentidos.

O louco não lhe deu atenção. Tirava de vez em quando o ferro do fogo para ver se estava a ponto, recolocando-o, depois. Assim passaram os minutos. Depois, bruscamente, levantou a cabeça. Os faróis dianteiros de um automóvel haviam iluminado de passagem as janelas da cozinha! Um segundo mais tarde, o veículo parava diante da porta de entrada.

Guilherme chegara e logo notara a presença de outro automóvel diante do

hotel. E como o "hall" estivesse iluminado, resolveu entrar.

— Provàvelmente só está o vigia — pensou, ao verificar que não havia gente na sala.

O registro estava aberto sôbre o mostrador. Aproximou-se e deitou o olhar sôbre a última ficha de inscrição: "Outubro, 12, 1954". Por um instante ficou com o olhar parado sôbre o livro. Depois, levantou a cabeça e... A verdade é que o sangue gelou em suas veias!

Porque é muito diferente patrulhar o "front" durante a guerra, quando se espera tôda classe de coisas, e olhar para o espelho do "hall" de um hotel de veraneio e descobrir que um homem, um desconhecido, está prestes a desfechar terrível pancada, com um ferro em brasa, contra a nossa cabeça! O ferro desceu, mas não sôbre a cabeça de Guilherme, que demonstrou, mais uma vez, que um homem mesmo com o sangue gelado pelo assombro e o mêdo, pode saltar quase dois metros para um lado, se fôr inteligente e tiver bons reflexos.

— Ei! — exclamou, indignado. — Que pensa você que...?

Mas teve que saltar novamente. O homem, com o ferro em brasa não era, segundo parecia, grande amigo de palavras. Preferia a ação à discussão. Em vista disso, Guilherme correu em redor da mesa do registro, tratando de empurrar uma cadeira contra as pernas do seu perseguidor, que caiu. Mas não largou o ferro ameaçador e já se punha novamente de pé.

— "Isto aqui deve ser a saída — pensou Guilherme, saltando pela abertura da porta e dirigindo-se a tôda carreira para o seu automóvel. O arranco elétrico funcionou perfeitamente e o automóvel saltou para a frente como uma catapulta. Estava para engrenar a segunda, quando alguma coisa o deteve.

— Santo Deus! — exclamou. — Estará atacando a outro mais com aquêle ferro?

Não tinha muita vontade de ficar naquele inospitaleiro lugar, porém tinha ouvido um

(Continua no fim da revista)

COMO VENCER AS

OS MÉDICOS MILITARES DESCOBREM NOVO MEIO DE LUTAR CONTRA "AS DEPRESSÕES NERVOSAS". E SUA TÉCNICA PODE AJUDAR AOS DOENTES CIVIS.

Por A. E. HOTCHNER

AS perturbações psíquicas. Quais as suas causas? E os sintomas? Que devemos fazer para curá-las?

Os psiquiatras do Exército norte-americano encontraram respostas para essas questões de vital importância. Durante a II Guerra Mundial, 640.000 soldados foram dispensados em razão de distúrbios mentais e emocionais. Tais fatos, porém, deviam ser evitados, na Coréia. Assim foi feito e o valor do que êsses psiquiatras descobriram pode ser encontrado nesta simples estatística: em 1943, 24 em cada 1.000 soldados eram dispensados em virtude de perturbações neuro-psíquicas (sendo que a maioria era atacada pelo mal durante o treinamento básico); já em 1952, a média caía para 1 em cada 1.000!

A revista norte-americana "This Week" tomou a si o encargo de perguntar a alguns psiquiatras militares se êsse maravilhoso método de tratamento poderia ser aplicado a qualquer de nós, paisanos, que precisamos, também, de amparo e tratamento, na luta pela vida, que é a nossa guerra de todo o dia.

Por que motivo, por exemplo, a nossa personalidade muda quando estamos trabalhando? Quantos perderam o emprêgo? Quantos conhecemos que perderam o bom-humor ou romperam seu noivado ou, ainda, tornaram-se alcoólatras? Você, por exemplo, leitor, como age quando os sintomas dessas "perturbações" se manifestam?

OS SINTOMAS — Que vêm a ser essas "perturbações"?

Modernamente, podemos dizer que equivalem aos chamados **estados neurastênicos.** Suas vítimas não conseguem realizar as funções da vida quotidiana, inutilizadas tanto pela pneumonia como pela tuberculose. E podem ocorrer em pessoas

PERTURBAÇÕES PSÍQUICAS

quase sempre consideradas "normais" e felizes. Onde, pois, podemos encontrar os seus sintomas? Claro que no próprio comportamento do indivíduo. Verifiquemos êsses sinais denunciadores, como se um médico nos interrogasse:

1 — O leitor tem estado exageradamente calmo e desinteressado, desencorajado mesmo, sentindo-se num estado de depressão?

2 — Tem sido sensìvelmente amargo e áspero, mantendo uma atitude desafiadora?

3 — Sente-se irritado **por não estar satisfeito consigo mesmo**?

4 — Fica inquieto e perturbado pela insônia?

5 — Tem uma vaga sensação de **mal-estar**? Sente mêdo **sem motivo**?

6 — É descuidado com a própria aparência? Não se preocupa com as instruções que recebe?

7 — O seu consumo de álcool, fumo e outras coisas **supérfluas** tem aumentado sensìvelmente?

8 — Sente indisposições de caráter psícosomático, tais como palpitações, suores, contrações gástricas, dores de cabeça, fadiga excessiva, vertigens, desmaios?

9 — É daqueles que os médicos chamam de "pacientes ante-cooperadores"? Recusa ouvir um conselho médico? Persiste no auto-diagnóstico, no auto-tratamento, ignorando as dietas, esquecendo os remédios, desprezando as receitas ou prescrições?

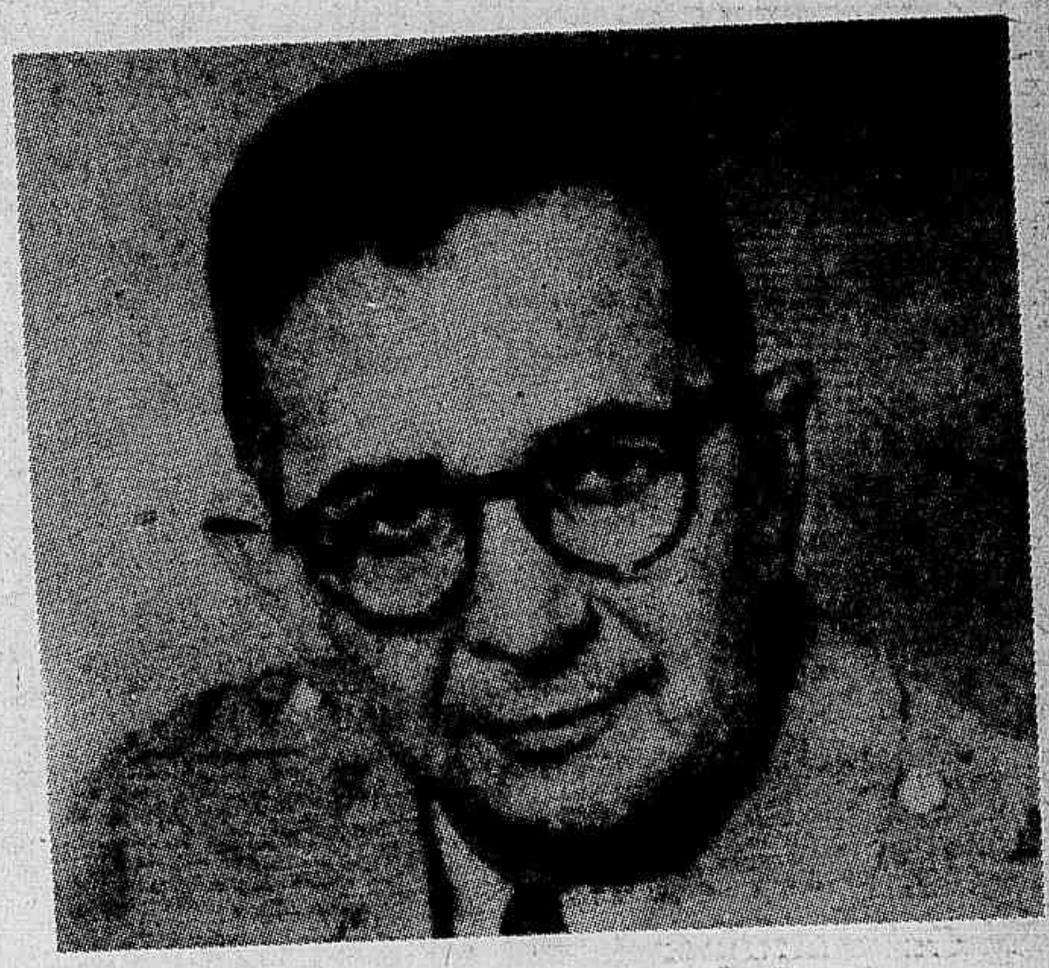
PRESSÃO E COMPENSAÇÃO — O problema, agora, é o de saber o que pode ser feito para acabar as perturbações que tais sintomas indicam. A resposta dos médicos militares não é mais que um programa efetivo do que êles chamam "psiquiatria preventiva".

O coronel John M. Caldwell, antigo chefe da Divisão de Neurologia e Psiquiatria do Exército norte-americano, diz que "a vida de cada pessoa é composta do que chamamos pressão e compensação. Diz-se **tensão** os fatos que incidem sôbre o indivíduo. No Exército, tais fatos são, por exemplo, dar tarefas ao soldado que foi encontrado sem uniforme; tratá-lo como se fôsse uma peça de máquina e não como um ser humano; conservá-lo em combate por muito tempo, sem que seja substituído; os problemas domésticos ou familiares...

Mas, ao mesmo tempo que essa pressão está pesando sôbre os ombros do soldado, existem várias compensações para sustentá-lo. O coronel Caldwell, que é atualmente o chefe do Serviço de Neuro-psiquiatria do "Hospital Militar Walter Reed", afirma que "essas compensações incluem a boa liderança tanto no alto como no baixo comando; um sentimento de identificação grupal; conhecimento dos fatos correntes; cultura religiosa; a compreensão dos motivos porque está uniformizado, etc.". O mais importante de tudo, segundo acredita o mesmo militar "é um adequado motivo para que realize as tarefas a que **não pode fugir**."

Às vêzes, uma compensação pode transformar-se em pressão. No exército, por exemplo, descobriu-se que os novatos, muitas vêzes, ficam deprimidos depois que recebem cartas de casa. Em geral, a correspondência é uma compensação; mas as primeiras cartas são de natureza tão lamentosa que, quase sempre, agem em sentido negativo. Presentemente, o exército está tentando fornecer esclarecimentos às famílias dos soldados sôbre como devem escrever aos seus parentes mobilizados.

Quando um homem sente perturbações, ou apresenta sintomas, o exército faz o



O cel. Caldwell declara: O Exército procura socorrer o indivíduo antes de que seja tarde!

balanço de sua tensão nervosa ao mesmo tempo que da sua capacidade de defesa. Um homem incorrigível pode tornar-se ótima criatura, se colocado como auxiliar do capelão, isto porque êle terá profundo sentimento religioso e foi nisto ofendido pelo comportamento de alguns dos seus companheiros de barraca.

Um cabo, pouco antes de ser prêso por indisciplina e embriaguês, em vez disso, foi transferido para outra unidade, porquanto os psiquiatras souberam que um ríspido primeiro-sargento o estava perseguindo.

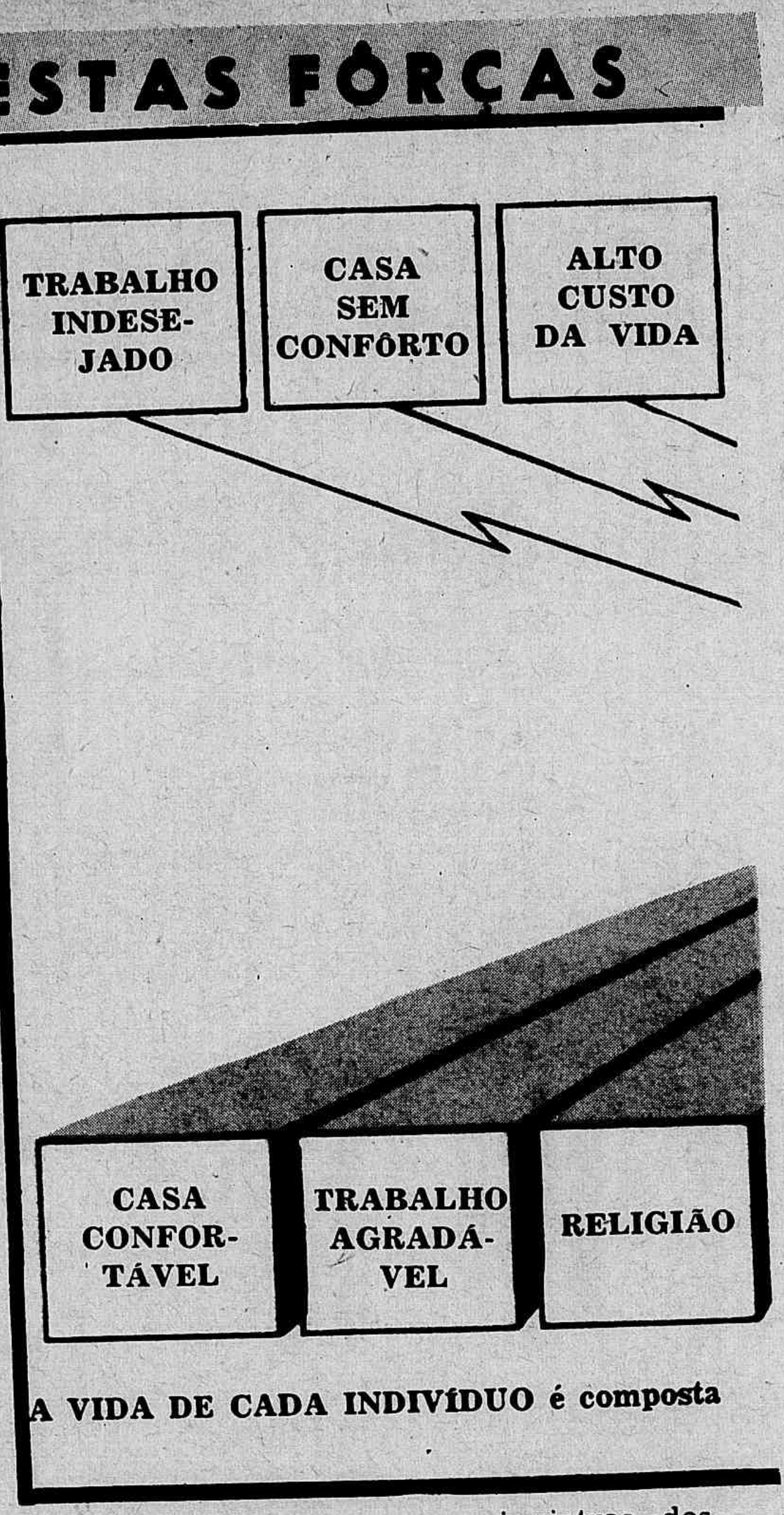
— Em outras palavras — diz o coronel Caldwell — o Exército não espera que um homem se torne neurótico para proporcionar-lhe auxílio. A psiquiatria preventiva trata do homem em sua totalidade, de suas esperanças, ódios, amôres, mêdos, de seus sucessos e fracassos. Durante a guerra da Coréia, os psiquiatras do Exército se encontravam no próprio "front", e conseguiram que de 70 a 90 por cento das perdas por motivos de natureza neuro-patológica fôssem reenviadas aos seus efetivos.

Como civis, a nossa vida é também composta de **pressões** e **compensações**. Dificuldades econômicas, mudanças de emprêgo, educação dos filhos, dificuldades do casamento, situação internacional, doenças, etc. Todos são fatôres típicos que determinam a tensão nervosa.

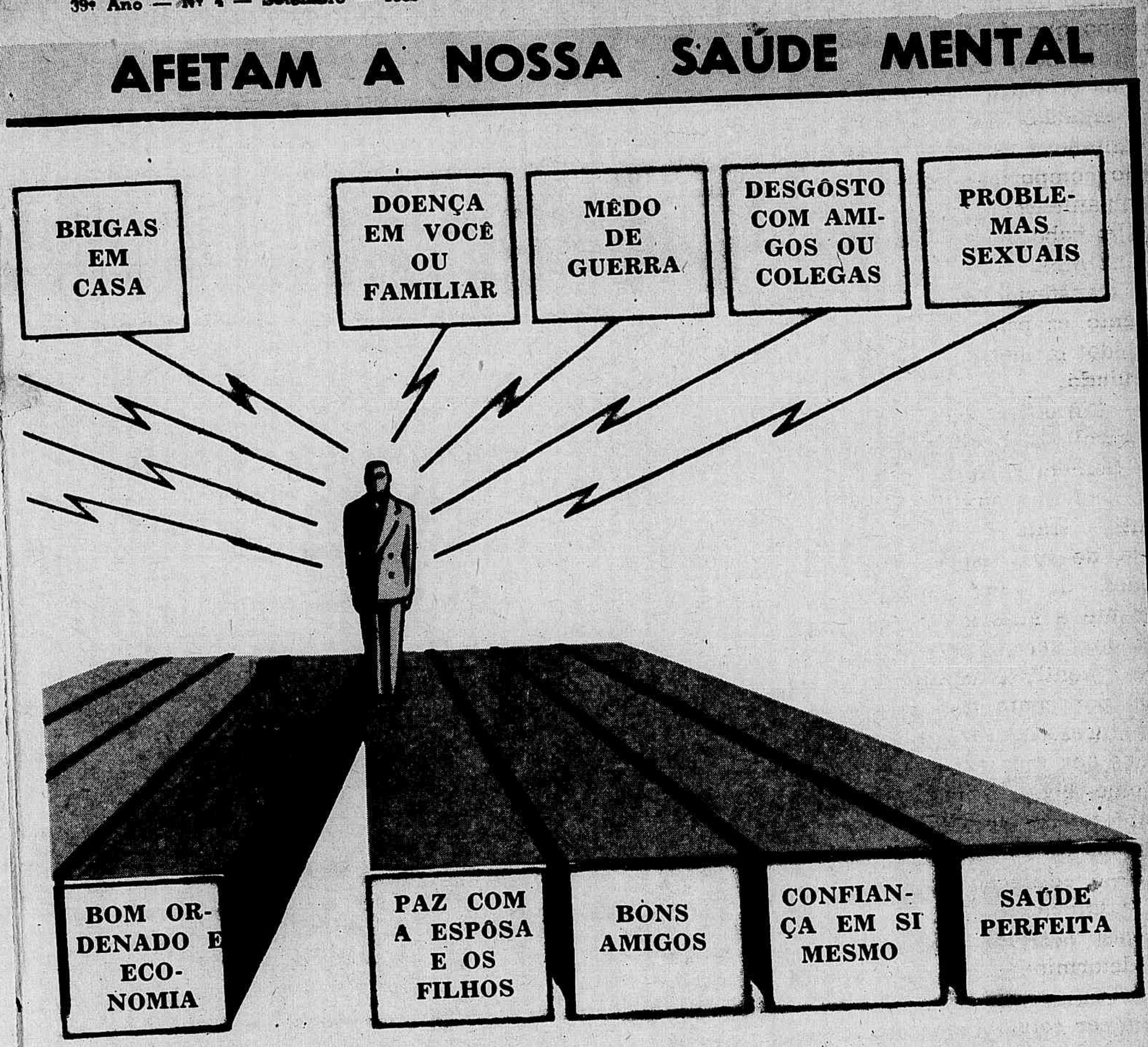
Mas aqui, também, as compensações devem ser consideradas. A satisfação das necessidades básicas, como a segurança econômica, o intercâmbio de afeições, a posse de um lugar na comunidade, o fato de ser apreciado e ter certa liberdade, uma sólida convicção religiosa, a boa educação, etc., são alguns dos mais importantes fatôres para a defesa da normalidade psíquica.

A COMPETIÇÃO EXAGERADA — Alguns fatôres, como a competição, podem constituir uma compensação, se encarados moderadamente; chegam mesmo a provocar tensão, se levados a extremos. O coronel Caldwell fala a respeito de um grupo de jovens viajantes de uma certa firma canadense, cuja maioria julgava sofrer úlceras e pressão elevada. Submetidos a um exame, os psiquiatras descobriram que a firma os colocara numa situação competitiva tão extremada que êles tinham sido levados a desenvolver um sintoma comum de úlcera do estômago.

A competição pode ser útil, quando constituir um estímulo; porém, a competição desenfreada, difícil, como é comum, hoje em dia, age no sentido de deprimir e provocar distúrbios. Isto acontece, freqüentemente, com as crianças que são forçadas a competir na escola, quando a meta a ser atingida está além da sua capacidade. Muitas vêzes elas **recuam** de maneira inapelável.



A VIDA DE CADA INDIVÍDUO é composta



de alegrias e tristezas. Quando estas dominam o indivíduo está perdido por completo

Uma das mais perigosas fôrças provocadoras da depressão é, sem dúvida alguma, o afastamento. Se uma pessoa não está psicològicamente preparada para o afastamento, pode anular muitas de suas defesas. O coronel Caldwell citou estatísticas alarmantes, que mostram quantas pessoas morrem logo após o seu afastamento.

UM AMORTECIMENTO EMOCIONAL — Uma repentina mudança na atividade de vida — diz o coronel Caldwell — representa um rude golpe emocional, a menos que haja uma preparação. **Deixar de ser ativo é começar a morrer**. Desenvolver ou adquirir ocupações e novos interêsses é não sòmente gozar a vida de modo superior, mas também prover-se de um amortecimento emocional contra o avanço da idade."

Êsses interêsses e ocupações devem ser adquiridos desde cedo, enquanto somos jovens; muito antes do nosso afastamento da labuta diária. Êste é um dos primeiros objetivos da psiquiatria preventiva.

As perturbações devidas a tarefas são também muito comuns. Quanto a isso, os médicos do exército descobriram que os problemas pessoais do soldado pouco importarão, caso êle goste do cargo que

exerce. O mesmo se aplica à vida civil. Uma personalidade solitária, por exemplo, pode ser feliz mesmo trabalhando como guarda noturno, mas se o colocarmos num lugar onde êle encontre muita gente e seja forçado a arranjar amizades vantajosas, é claro que logo se sentirá deprimido.

Bàsicamente, porém, a psiquiatria preventiva não deve ser aplicada, a não ser que proporcione uma nova visão sôbre os problemas pessoais. A personalidade pode ser definida como sendo **"tudo o que temos sido, tudo o que somos e tudo o que seremos"**. A maneira como possa a personalidade se ajustar, de minuto a minuto, de hora em hora e de dia a dia, às transformações da própria vida, é que fornece a medida real da possibilidade de um indivíduo tornar-se ou não um doente mental.

Algumas dessas transformações são terríveis: a mãe que morre; o filho que adoece de poliomielite; o lar que é consumido por um incêndio; os dissabores de um divórcio litigioso. Outras mudanças, embora sejam menos sérias, reclamam um ajustamento; são elas as querelas com a sogra, a saída dos filhos para o colégio, o casamento de uma filha, as críticas dos amigos, rejeição do seu nome por parte de um clube...

Se o indivíduo possuir uma boa saúde, êsses fatos não lhe quebrarão a tranqüilidade. Mas, se, ao contrário, sua saúde fôr precária, qualquer uma dessas causas poderá fazer dêle um neurótico.

O DESENVOLVIMENTO SINTOMATOLÓGICO — Quais são os requisitos de uma personalidade à prova de perturbações dessa natureza, de uma personalidade com alto grau de capacidade de defesa? De acôrdo com o que afirmam os médicos do exército, são estas as coisas que uma pessoa necessita:

1 — **SEGURANÇA**. O indivíduo pode estar seguro de suas afeições familiares, seguro em suas relações de associado e seguro no emprêgo. Quando isto se acha ameaçado, certos sintomas se desenvolvem, tais como as discussões domésticas, as más relações com os companheiros e a apreensão acêrca da confiança que o chefe deposita em você.

2 — SATISFAÇÃO. O indivíduo deve encontrar motivo para satisfação tanto no trabalho quanto em casa. Sem satisfação, o seu trabalho tornar-se-á fatigante e sua conduta antipática.

3 — SABEDORIA. Se possui algum conhecimento sôbre si mesmo, poderá analisar o seu comportamento, os seus prazeres e desgostos. Uma pequena incursão introspectiva é sempre valiosa.

4 — CONFIANÇA. O indivíduo precisa ter confiança em sua capacidade para desempenhar as tarefas que lhe são indicadas. Orgulha-se de sua habilidade.

5 — BOAS CONDIÇÕES FíSICAS. As condições físicas são sempre de importância secundária com relação ao estado mental, conquanto possam ter certa influência sôbre a sua intensidade. Entretanto, as seguintes regras devem ser seguidas: alguns exercícios, boa alimentação, repouso adequado, exames periódicos. Em suma: uma condição física precária pode afetar sèriamente a saúde mental.

Os psiquiatras advertem que não devemos confundir as emoções normais com as emoções causadas por um estado patológico. Atualmente é normal a excitação, o nervosismo, a preocupação, o estado colérico, etc. Quando o coração palpita fortemente, a respiração encurta, os músculos sofrem tensão, a bôca seca e o estômago se contrai, estas são reações perfeitamente normais. Se a fadiga emocional é prolongada, são também normais os efeitos físicos, como dores de cabeça, insônia, perda de apetite e indigestão.

A ELIMINAÇÃO DAS PERTURBAÇÕES — É importante que se não confundam as reações das perturbações físicas e mentais. É preciso investigar as causas possíveis e enfrentar o problema com realismo.

Porém, se o leitor sente algum dêsses sintomas e não conhece nenhuma causa aparente, então deve fazer um balanço do que lhe provoca tensão nervosa e das suas

compensações, confrontando com o gráfico que acompanha êste artigo. E pode ser que consiga eliminar as perturbações, tais como preocupações a respeito da guerra, ou estabeleça compensações, como, por exemplo, o retôrno á religião.

Cada **perturbação** (uma sogra irritada ou um chefe exigente) pode ser contrabalançada por **uma compensação**. Em última análise: a mudança ou o acréscimo de perturbações e compensações na vida de um indivíduo, pode sanar tôdas as diferenças entre uma existência feliz e um extremo e permanente estado de desespêro.

Esta é a grande lição que nos ensinaram as Fôrças Armadas norte-americanas. Nunca devemos aceitar a vida da maneira que ela é. Com inteligente esfôrço, conseguiremos ser, pelo menos em parte, o que desejamos.

E, como diz o coronel Caldwell: — **"a fôrça de uma nação reside ùnicamente na saúde e no espírito sadio de seus filhos".**

Os psiquiatras, nos campos de batalha da Coréia, puderam curar entre setenta e noventa por cento dos distúrbios mentais.

★ ★

COMO SERÁ O MUNDO NO ANO DOIS MIL?

Os progressos técnicos realizados nos últimos cinqüenta anos são evidentes. O mundo de 1900 nada tem a ver com o mundo de 1955. Como será, pois, o mundo no ano 2000? Esta interrogação apaixonante levou a "British Royal Society of Arts" a promover um concurso no qual grande número de pessoas tomou parte. De tôdas as sugestões provenientes das diversas camadas sociais, podemos estabelecer denominadores comuns, que resumidos, diriam o seguinte: 1 — Aparecerá um meio de, à distância, impedir a desintegração do átomo, com o qual o povo poderá defender-se dos bombardeios atômicos; 2 — Os vírus e os germes serão conhecidos fàcilmente, mediante o emprêgo de um aparelho capaz de determinar as longitudes de onda que êles emitem. Observe-se que, cada micróbio tem uma longitude de onda diferente; 3 — O hipnotismo será um método empregado para a cura das dores físicas e morais; 4 — Haverá calefação nas casas proporcionada pelos raios cósmicos da atmosfera e pela energia solar; 5 — As paredes das habitações serão fluorescentes; e delas provirá a luz artificial; 6 — Nas grandes cidades, a temperatura será eternamente primaveril. As chuvas e as tempestades serão evitadas porque um imenso teto de matéria-plástica, tal como um manto protetor, cobrirá as cidades.

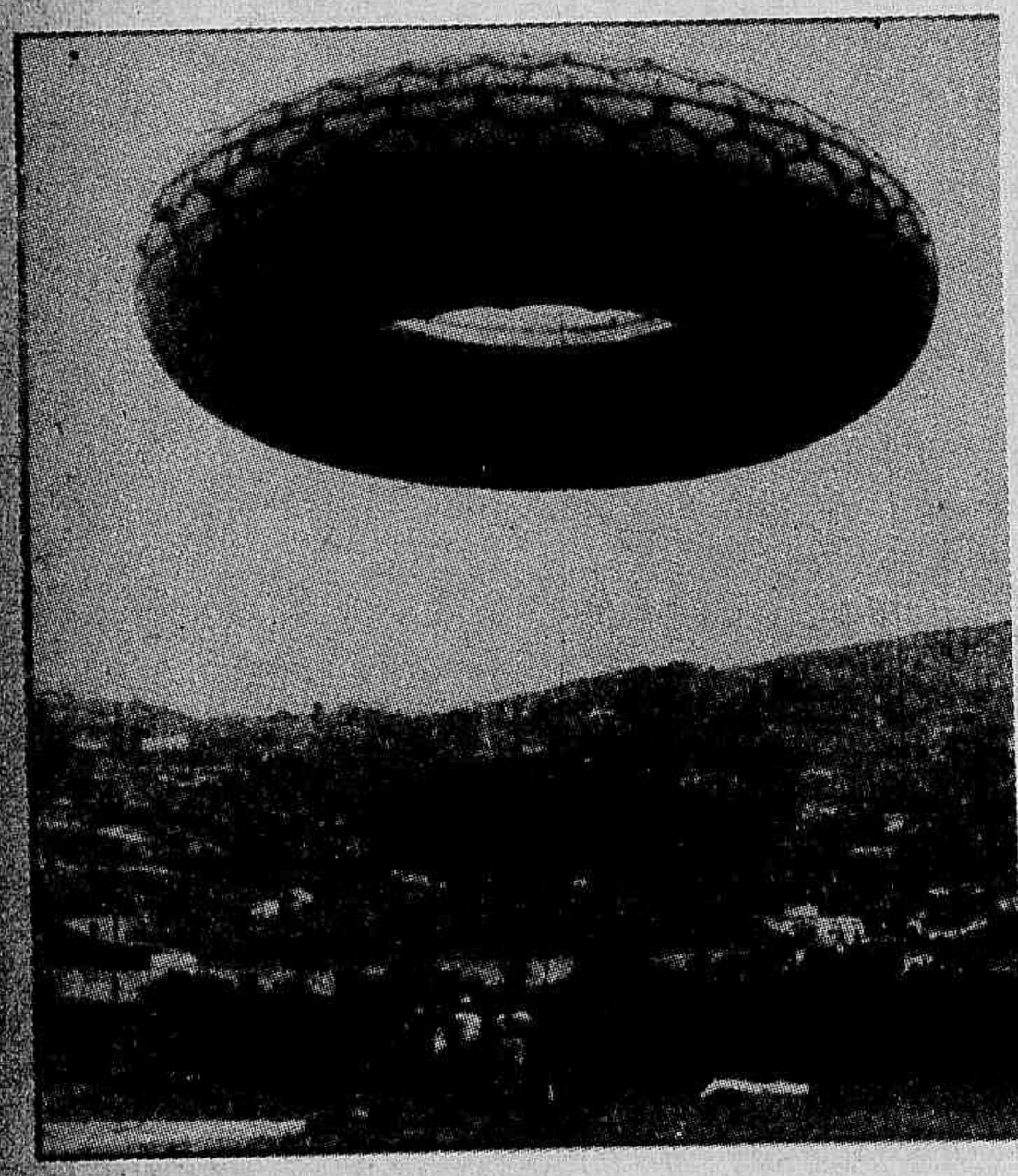
Isto fará a humanidade mais feliz?

Dúvidas, dúvidas, dúvidas...

DOIS soldados inglêses, na cidade atômica inglêsa de Windscale, apresentam um equipamento de campanha próprio para uma ação com armas atômicas. Os homens se falam por meio de um microfone.

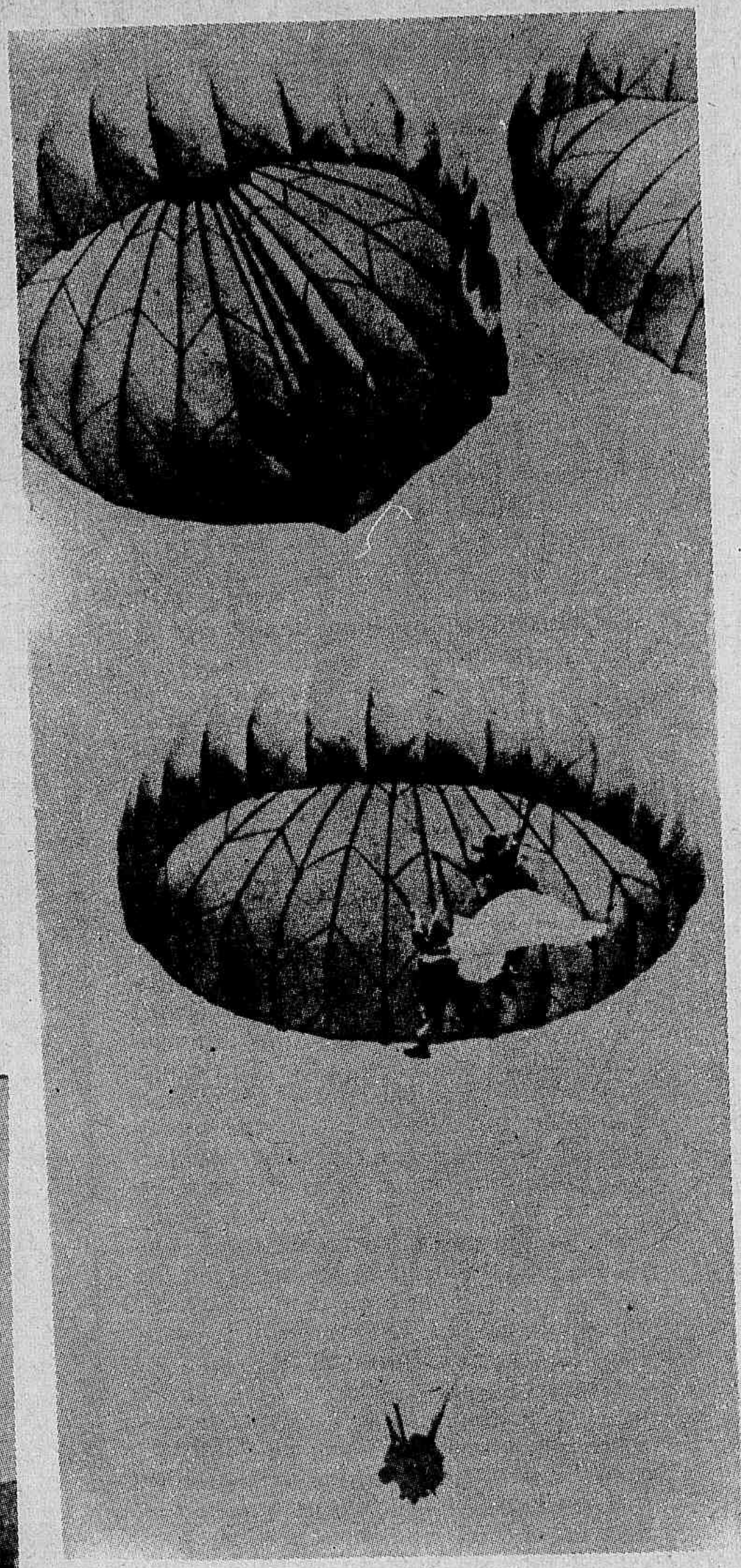
▭

EM 259.000 toneladas foi calculada a safra de tomate em 1955, avaliada em 755.861.000 cruzeiros e cultivada numa superfície de 22.161 hectares. Em relação com o ano passado, registrou-se um aumento de 53.550 t. no pêso e de 3.709 hectares na superfície cultivada. Quanto ao valor, o aumento foi de 183.357.000 cruzeiros.



OS italianos aprenderam a fôrça da publicidade com os norte-americanos. Eis o anúncio de uma marca de pneumáticos para automóvel, em Milão. Um pneu gigantesco e cheio de gás hélio, sôbre a cidade.

TRÍPLICE COLISÃO NO AR !



OCORREU no campo de Fort Bragg, Estados Unidos. Três pára-quedistas, entre oitocentos, que saltaram numa grande manobra de treinamento colidiram a 200 metros de altura. Felizmente, agindo com calma, os homens manobraram com felicidade, chegando ao solo sãos e salvos.

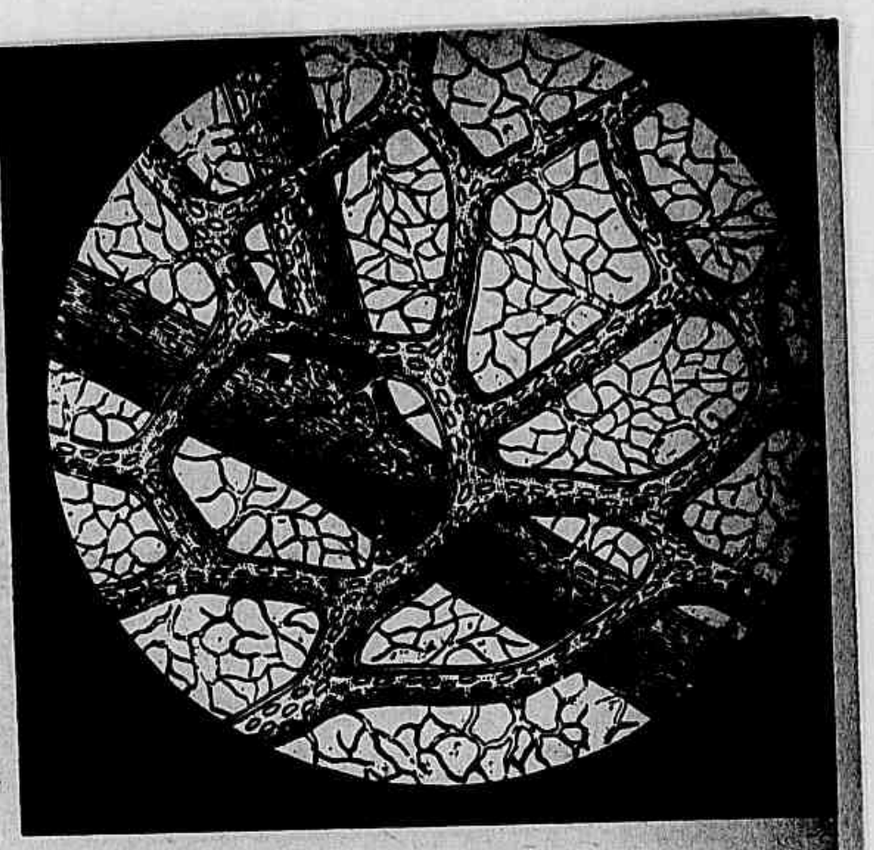
▭

OS solteiros são obrigados a usar saias, na Coréia, e não podem usar calças senão depois de casados.

MARAVILHAS DA CIENCIA

A ofensiva do tempo biológico

VENCEREMOS O DESGASTE DA JUVENTUDE?

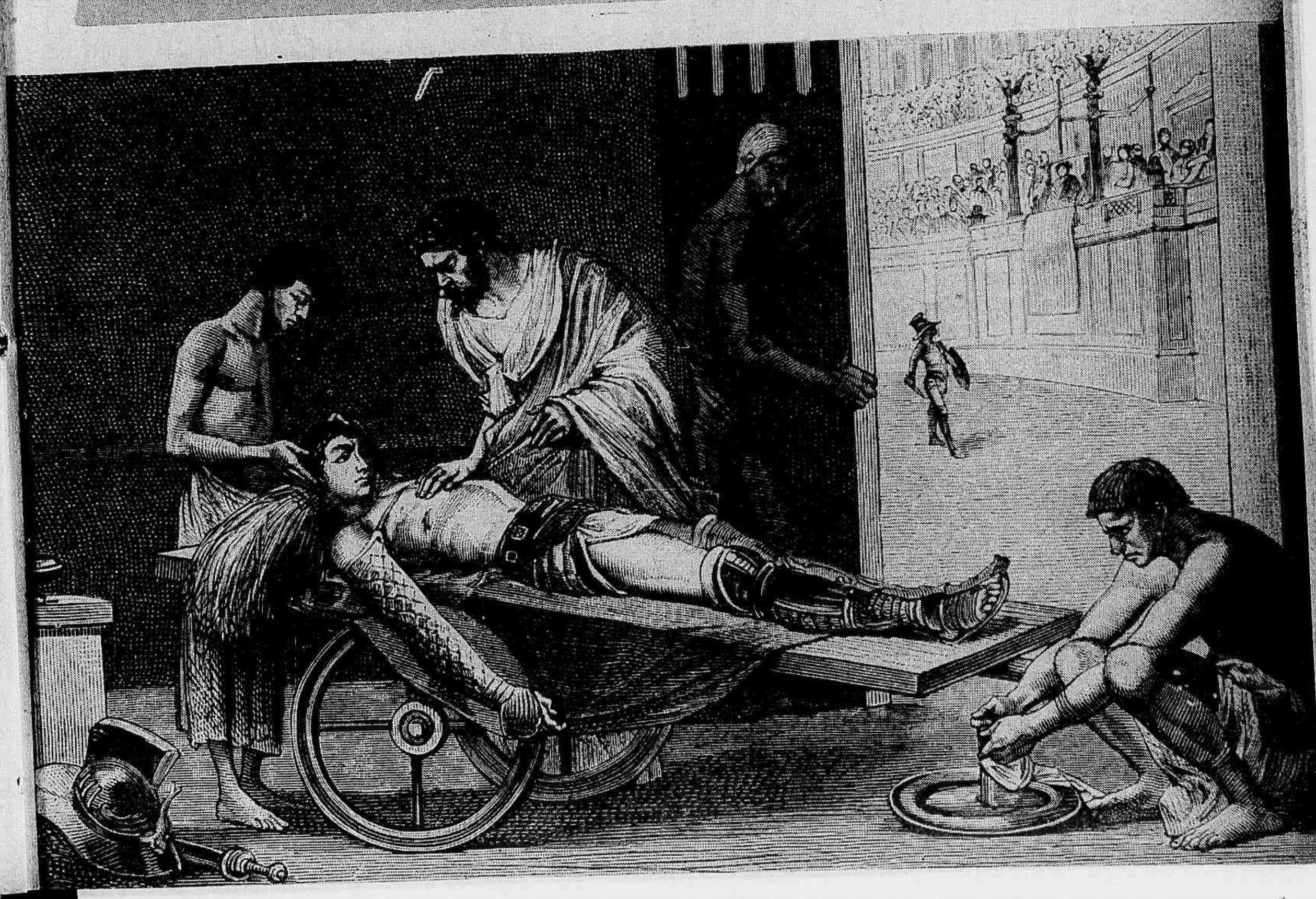


Visão microscópica dos glóbulos sanguíneos, cuja circulação leva as substâncias da vida aos órgãos do corpo humano.

Por
DE MATTOS PINTO

ATRAVÉS das idades ressoa o grito da sensibilidade clamando porque vive, ânsia moral repercutindo dos doutrinadores do espiritualismo aos materialistas, invadindo tôdas as seitas e tôdas as cosmogonias, cuja metafísica tenta desvendar a essência primeira do mundo vivente. Os filósofos edificaram sutis teorias, os místicos pressentiram o influxo de causas transcendentes, os iluminados profetizaram a ação do sobrenatural. Tudo resultou inútil e os castelos ideológicos se desmoronaram

Galeno curando os gladiadores feridos no Coliseu de Pergamo, capital da Mysia, na Ásia Menor. Famoso médico da antiguidade, 130 a 200 da era atual, Galeno notabilizou-se pelas suas investigações no domínio da fisiologia e da anatomia. Na sua mocidade, Galeno trabalhou como médico assistente dos gladiadores de Pergamo. Sua fama estendeu-se a Roma, Fenícia, Síria, Palestina, tôda a Ásia Menor e até na China. Dotado de grande espírito científico, avançou sôbre os conhecimentos legados por Hipócrates. Pelas suas observações fisiológicas e anatômicas, qualificaram-no o fundador da medicina experimental.



uns após outros. Terminaram buscando a ciência experimental com seus laboratórios, com seus microscópios e com seus complicados mecanismos de observação. Como interpretaremos a vida e como definiremos a morte? Em tôrno dêsses dois inexoráveis símbolos gravita a melancolia das gerações nascendo e morrendo sem compreender o sentido da sua aparição terrestre e a finalidade do seu aniquilamento.

Alguns séculos passados, na época em que a dialética predominava na filosofia com Plotino e Spinoza, a especulação contaminava a ciência com Leibnitz e Malebranche, o transcendentalismo impusera a morte como o mais insuperável dos problemas. Os teólogos arquitetavam teorizações, os moralistas despejavam pirâmides de palavras e a ciência cedera lugar ao verbalismo.

O crepúsculo da vida induziu Cícero a meditar sôbre a velhice, levou Saint-Germain a procurar o elixir da eterna juventude, deu fama a Alessandro Cagliostro com suas mistificações alquímicas, inspirou o memorável quadro de Lucas Granach e sugeriu os enxertos glandulares a Voronoff. Se ainda continuam a arguir que a morte impera como uma lei natural e inexplicável como o próprio fenômeno da vida, nem por isso os biologistas utilizam nos laboratórios a fantasia e a superstição.

A sociedade cultiva uma vasta literatura sôbre a mocidade e a senescência, o destino e o futuro, que nada influem sôbre os enzimas, os cromóssomos e os genes da concepção humana, de cujo processo químico depende a eventualidade biológica da vida. Contingências microscópicas trabalham inconscientemente para a formação da humanidade. Desde Hipócrates a Galeno, desde William Harvey a Gasparo Asellio, desde Lazaro Spallanzani a Pierre Flourens, que biologistas e médicos, fisiologistas e patologistas assaltam esperançosos as leis que desgastam a juventude e dissipam os dias radiosos do homem.

Entre os pioneiros da fisiologia destaca-se Lázaro Spallanzani, o primeiro a interpretar o fenômeno da digestão. Lázaro Spallanzani previu as descobertas de Pasteur, refutando com experiências felizes a doutrina da geração espontânea.

COMO SE OPEROU A LUMINOSA SÍNTESE DA MATÉRIA VIVA? — Um fato se impõe como definitivo, a vida se processou num ciclo geológico em que a pressão atmosférica mais acentuada forçou a combinação de elementos químicos, no seio das águas do mar universal.

Sob condições físicas desaparecidas, a matéria inanimada gerou um complexo biológico, que pôde assimilar outras substâncias e cuja propriedade de crescimento se desenvolveu. Os gases da atmosfera e os minerais diluídos no oceano primitivo, eis os dois fatôres originários da matéria viva. Quando a vida apareceu na sua estrutura unicelular, há dois bilhões de anos, a enorme densidade atmosférica exerceu uma influência física, cuja atividade não podemos reproduzir nos laboratórios. Pretendiam Lorens Oken e Ernst Haeckael que a vida se resume numa fase da química do carbono.

O princípio vital inseriu-se na matéria inerte, quando o oxigênio e o azôto, o hidrogênio e o amônio, o nitrogênio e outros gases imperavam com alta pressão sôbre os elementos do oceano e sob aguda temperatura, condições hoje inexistentes. Milhões de células vegetais criaram a exuberância das florestas carboníferas, soterradas no curso dos tempos pré-históricos e as matas ainda existentes. E milhões de células

animais compuseram a fauna sepulta e ainda viva, inclusive a complexidade das raças humanas. Ainda hoje, as células do corpo humano vivem imersas em meio líquido, no plasma intercelular, anunciando a origem oceânica da vida, cuja complexidade não se concentra apenas na espécie humana, mas projeta-se numa profusão de contrastes biológicos, que vai dos vírus aos cardumes de salmões e dos bacilos às manadas de búfalos.

A UNIDADE NO DINAMISMO DAS CÉLULAS — O naturalista descobre mais facilidade em descrever a vida, do que em defini-la e ainda menos em explicá-la concretamente.

Aristóteles acreditava na geração espontânea e outros sábios apoiaram essa convicção escolástica, até que essa crença acabou sendo demolida pelas imortais experiências de Louis Pasteur. No estado atual da matéria, a vida só nasce de outra vida pré-existente, cuja origem se confunde com as primeiras sedimentações geológicas. Thomas Edison considerava a semente gerando no canteiro, o mais prodigioso invento da Natureza.

Na interpretação de Sedwighk Minot, o fim da vida consiste primeiro na diminuição e depois no desaparecimento da faculdade de divisão das células. Gotte distingue nos metazoários, a morte do indivíduo e dos elementos anatômicos.

A vida equivale à morte — proclamou Claude Bernard e, comentando êsse aforismo do criador da filosofia experimental exclamava enfurecido Le Dantec que Bernard sepultara a biologia antes de nascer, quando para o mesmo a vida significava um fenômeno que continua.

Vendo no protoplasma a base física da vida, Thomas Henry Huxley deduziu que a existência não reside numa fôrça particular, mas numa combinação de fôrças resultante de várias atividades. E para Edmond Perrier, a vida não se acha na

Conjunto do sistema arterial e do sistema venoso, pelo qual o sangue mantém a vida no corpo humano. Nove bilhões de glóbulos vermelhos se renovam em cada hora no trabalho de estimular os órgãos e conservar o equilíbrio da vida humana.

substância química do protoplasma, mas no movimento que anima essas partículas. O protoplasma não sintetiza a essência vital, pois a vida pode ser definida como uma combinação de movimentos, uma forma do movimento universal. Claude Bernard expunha numa das suas preleções, que os fenômenos vitais resultam do conflito entre a substância viva e o meio de uma composição definida, podendo se considerar a vida como a reação do mundo ambiente sôbre a matéria organizada.

De tôdas as manifestações percebidas pelo homem, o dinamismo da matéria orgânica surge como o segrêdo mais impenetrável. O átomo e as células, o organismo e a individualidade biológica, representam expressões abstratas ocultando a complexidade original da existência. Por isso, redarguiram Félix Dujardin e Brucke que o protoplasma possui outra estrutura além da construção revelada pelo microscópio.

Para facilitar a visão da complexidade protoplásmica, supõe Wilhelm Friedrich Hofmeister que a substância seja composta de elementos ultramicroscópicos, nadando em invólucros de água e que essa água se desloca sem cessar passando de partícula para partícula. Explica Patrick Geddes a contração protoplásmica pela influência de simples fôrça física.

Lembram George Low e Bokarny, que o protoplasma só vive quando contém aldeides e que a desaparição dos aldeides, em virtude das reações químicas, constituiria o fenômeno essencial da morte.

Examinando-se bem o dinamismo da matéria viva, sem simpatia por essa ou aquela hipótese, observemos com La Dantec que os elementos do corpo vivem sempre em permuta de substâncias com o ambiente. Embora a troca de materiais com o meio não constitua a base originária da vida, o equilíbrio vital exige a sua possibilidade para poder existir. O metabolismo da nutrição celular oculta ainda a formação dos fenômenos biológicos da velhice e da morte. Isto nada contém de axegêro, quando todos sabem como o calor e a luz, a maior ou menor elevação da temperatura, a densidade e a composição química do meio agem sôbre os movimentos do protoplasma.

Claude Bernard, criador da fisiologia experimental, contribuiu com notáveis estudos sôbre a função glicogênica do fígado, sôbre os nervos vasomotores e sôbre a ação do suco gástrico, para distender o conhecimento das leis da vida humana.

OS OBSTÁCULOS DA RENOVAÇÃO ETERNA — A vida desafia tanto mais as arguições dos laboratórios, quanto mais complexo se apresenta o organismo, cuja diferenciação leva à multiplicidade dos órgãos e conduz ao desdobramento das glândulas, complicando o metabolismo celular e mantendo instável o edifício do corpo. Há um momento de crise, quando os órgãos perdem a harmonia entre si, desmoronam-se as fôrças nervosas e precipita-se a irremediável morte como secreto vício da Natureza.

Um dos motivos porque morre a célula, talvez o primeiro entre todos, provém da intoxicação criada pela própria vida na curva do desenvolvimento. Nesse panorama da ciência experimental, a biologia rasgou nova perspectiva e evidenciou a intervenção das substâncias químicas no fenômeno da evolução vital. Descobriu Johann Nussbaum que os fragmentos dos protozoários se regeneram e sobrevivem, quando cada retalho traz uma parte do citoplasma e outra parte do núcleo. Revela também Henri de Varigny que o núcleo

William Harvey demonstrando ao rei Carlos I da Inglaterra e aos membros do Colégio Real de Londres — a circulação do sangue — cuja descoberta revolucionou a medicina e rasgou novos horizontes sôbre a fisiologia, iluminando o mistério da vida, da idade biológica, da juventude e da senilidade, da evolução e da genética.

da célula não pode viver sem o citoplasma, nem o citoplasma, sem o núcleo, nem o óvulo sem o espermatozóide, nem o espermatozóide sem o óvulo.

Jacques Loeb vê na estrutura do núcleo, o órgão de oxidação da célula sem o qual morre de asfixia. Minuciosas pesquisas motivaram a conclusão de que os fenômenos vitais sofrem modificações pela influência da temperatura, no mesmo sentido que a velocidade das reações químicas. Demonstram as experiências de Jacques Loeb, executadas sôbre animais marinhos, que se pode prolongar mil vêzes mais ou retardar mil vêzes menos a duração vital dos organismos inferiores, com o decrescimento ou elevação da temperatura.

Mesmo nos sêres de propagação indefinida como os infusórios, as células diferenciadas pela atividade biológica morrem como tudo se aniquila no Universo. Pelo elemento indiferenciado, a vida continua e disso concluiremos que o crepúsculo da existência se projeta como o fim do crescimento e da multiplicação das células, pois na expressão de Yves Delage a vida outra coisa não significa senão êsse crescimento e essa divisão. Estudando o dinamismo vital, Yves Delage tende para ver no protoplasma uma substância química muito complexa, composta essencialmente de matérias albuminóides. Comprovou Hans Driesch com suas experiências em ovos de galinha e de ouriço do mar, a influência da temperatura, cujas variações turbam os fenômenos vitais. Há biologistas como Félix Le Dantec que asseveram a impossibilidade para a vida de qualquer parte celular, se não contém certa massa citoplásmica, substância sutil que envolve o centro nuclear e alguma matéria do núcleo.

A biologia baseia-se tôda na história e na análise das modificações do protoplasma, acentua Edmond Perrier, como a química nasceu e fundamenta-se na história dos corpos simples. Basta mencionar os ensaios de Byasson, de Mosler e de Hodges Wood, sôbre o trabalho cerebral e as impressões sensoriais, revelando a destruição de matérias correspondentes à atividade

nervosa e ao calor provocado pelo pensamento, bem como a eliminação dos resíduos destruídos durante o dinamismo biológico do espírito, para distinguir a distância entre o fenômeno vital dos infusórios e o labirinto fisiológico do homem, em cujas veias circulam vinte e cinco quadrilhões de glóbulos vermelhos de sangue.

Se, como entende Yves Delage, a vida não dispensa a contribuição química das substâncias albuminóides, por si própria a albumina não gera o organismo nem decifra o enigma da existência.

Lorenzo Cerisi julgou a vitalidade mais fácil de conceber e mais difícil de definir. A vida se impunha ao espírito de Georges Cuvier, caracterizada pelos fenômenos de assimilação e de eliminação, enquanto Burdach imaginava-a como o infinito no finito, o todo na parte, a unidade na pluralidade. O espermatozóide fecunda o óvulo pela ação química, introduzindo enzimas, substâncias capazes de acelerar a estrutura do óvulo com os seus vinte e quatro cromossomos e contendo cêrca de três mil genes. Células masculinas e células femininas, quìmicamente diferentes entre si e incapazes de evolução por si próprias, crescem quando se combinam. Genes dos cromossomos do espermatozóide e mais genes dos cromossomos do óvulo se aliam para gerar a vida humana.

Identificam a energia vital com o movimento em contraste com a aparente imutabilidade dos minerais, mas o crescimento não explica a vida biológica, pois os cristais e as estalatites crescem pela superposição numérica do volume. A oxidação das substâncias inorgânicas pelas baterias, transformando gases de cêrta espécie em outros gases diferentes expressa os fundamentos químicos da vida. Os micróbios que fixam o azôto no solo e fermentam o humos complicam o mistério vital, que perde seu sentido exclusivamente humano para um espetáculo universal. O mundo das baterias, essas partículas protoplásmicas medindo um milésimo de milímetro de espessura, exige tôda uma família de especialistas para estudá-lo.

François Xavier Bichat inaugurou uma nova fase sôbre as leis que presidem a vida e a morte. Dominando magistralmente a terapêutica e a patologia, a anatomia e a fisiologia, a medicina e a histologia, seu nome perdura entre os espíritos, que tentaram descobrir o segrêdo do tempo biológico, cuja ação desgasta os dias radiosos da primavera da vida.

Os esporos de algumas baterias resistem a mais de cento e vinte graus de calor e sobrevivem a cento e noventa graus abaixo de zero. O esporo do bacilo do carbúnculo mantém-se por anos no estado de latência e o bacilo do tétano fica inerte quase dez anos na terra, pòdendo infeccionar depois dêsse falso aniquilamento.

Durante muito tempo consideraram a morte como a inevitável conseqüência da vida, mas êsse preconceito evoluiu substituído por novas hipóteses, quando descobriram sêres que parecem não morrer. Pertencem ao mundo dos que não dispõem de elemento reprodutor distinto, propagando-se pela totalidade da substância, multiplicando-se em partes vivas e que se completam depois de separados do organismo gerador.

Todos os sêres unicelulares, como os protozoários e os protófitos, classificam-se nessa categoria. Quando disseram que o infusório não morre e que vive imortal arguiu August Weismann que essa imortalidade em nada se assemelha à perenidade

(Continua no fim da revista)

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

Gonzaga sentiu desejos de se lhe lançar ao pescoço e abraçá-lo.

— Que motivos poderia apresentar a senhora princesa?... — principiou o marechal de Villeroy.

— Dirijo-me a Sua Alteza — interrompeu a princesa de Gonzaga. — A Justiça levou vinte anos a encontrar o assassino do duque de Nevers e por isso a Justiça deve qualquer coisa à vítima que esperou tanto tempo pela sua vingança. **Mademoiselle** Aurora de Nevers, minha filha, não pode entrar nesta casa senão depois de dada essa satisfação. Quanto a mim, recuso a mínima parcela de alegria enquanto não vir o olhar severo dos nossos antepassados contemplarem do alto das suas molduras, o culpado, humilhado, vencido, castigado!

Fêz-se um silêncio. O presidente Lamoignon meneou a cabeça em sinal de recusa.

O Regente, porém, ainda não falara. Refletia...

"Que espera ela da presença dêsse homem?..." — perguntava Gonzaga para consigo.

Um suor frio umedecia-lhe as frontes.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe alí surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em 1699, em uma estalagem próxima ao castelo Peyrolles, secretários de Gonzaga, reúnem-se sequiosos para assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, junto às muralhas e vê o secretário dizer ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Ésopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, a primeira anuncia, que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assustava Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam Cocordasse e Passepoil. Na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se

Estava quase a lastimar a ausência dos seus partidários.

— Qual é, a êste respeito, a opinião do senhor príncipe de Gonzaga? — interrogou de repente o duque de Orléans.

Felipe de Gonzaga, como para preludir a sua resposta, fêz assomar aos lábios um sorriso cheio de indiferença.

— Se eu tivesse uma opinião — replicou — e por que motivo havia de ter uma opinião acêrca dêsse bizarro capricho?... daria a impressão de recusar um consentimento à senhora princesa. Salvo o atraso que causaria à execução da sentença, não vejo inconveniente em aceder ao seu pedido.

— Não haverá atraso — disse a princesa, que parecia prestar tôda a atenção aos ruídos exteriores.

---

intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepail e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiram o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga tendo ao lado a princesa de Gonzaga, ouve junto de si uma voz anunciar: **«Aqui estou».** Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz da palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém. Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora no correr da festa do regente. Mas, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha. Tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepail ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente em nome do Cavalheiro Lagardère. Pouco depois prendem Lagardère e os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue ao Regente. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. Esta não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, é interceptado por Gonzaga, que lhe diz que Aurora já está em seu poder... e, também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda a sôldo de Gonzaga anuncia que matou Lagardère. Porém, o corpo desaparece e surge o corcunda anunciando que o cavalheiro fôra atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, cuida de suas chagas. No dia seguinte, no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Na mesma tarde Gonzaga afirma aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo do qual no fundo também temia: Chaverny! Logo o corcunda aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flores envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flôres. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão, dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flores à noiva. Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo. Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora. Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos, que acusam o corcunda de posuir artes mágicas. Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. No final o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial...

O corcunda assina... Lagardère! Segue-se luta, sendo os acólitos de Gonzaga batidos pelo herói, secundado por Passepoil e Cocardasse, até que são interrompidos por uma voz, que se anuncia «Em nome do rei». Lagardère é conduzido prêso e Gonzaga, cínico apresenta Aurora à viúva de Nevers e mais o envelope contendo o documento que atestava ser sua filha. Ela, que agora tudo compreendia, tenta defender o cavalheiro de Lagardère e o regente, embora desconfiando de Gonzaga nada pode fazer. Gonzaga relata ao Regente tôda a velha história da morte de Nevers e a infância e adolescência de Aurora, ao seu modo e favor, embora por vêzes o Regente se mostre incrédulo e não esconda a sua desconfiança. No calabouço, Lagardère teve por vizinhos Cocardasse, Passepoil e Chaverny, pois o marquês tinha sido renegado por Gonzaga, por haver tomado a defesa de Aurora e de Lagardère. Os três não tardam a reunir-se, passando Chaverny por um buraco aberto no chão de sua cela para a dos dois espadachins. Eis que surge Peyrolles e Chaverny se esconde, enquanto o corcunda aliado de Gonzaga penetra na prisão. Dominar o factotum, fazer o mesmo com dois guardas, atraídos de propósito e fugir do velho presídio foi coisa fácil, embora marcada por episódios de luta e de riso. Livres, Chaverny, Cocardasse e Passepoil agiriam em favor de Lagardère. No Palácio da princesa de Gonzaga, esta aprendia a melhor conhecer a filha e a Lagardère, ouvindo o que sôbre ambos contavam Bernichon e a boa Francisca.

E ali decide tudo fazer para salvar Lagardère. Pouco depois surge Chaverny, disfarçado para fugir dos guardas de Gonzaga e entrega à princesa a mensagem em que Lagardère suplica que o deixem ver Aurora, antes de morrer. Juntas a princesa e Aurora partem para a sessão do Tribunal de Justiça, onde o prisioneiro ouviria a sentença fatal. Isso é obtido pela princesa de Gonzaga e a entrevista entre ela, Lagardère e Aurora é emocionante. Lagardère pede apenas que na parada, antes do cadafalso, quando diante do túmulo de Nevers deverá ter a mão direita cortada, concedam que êle case religiosamente, perante um padre com Aurora, vestida de noiva. É uma reabilitação ao seu nome, que deseja. Aurora vai procurar o Regente porém um palaciano traz a recusa sêca de Orléans. Isto porque Peyrolles comprara o esbirro para impedir qualquer entrevista entre o Regente e a princesa. Mas Peyrolles treme ao ver Gonzaga cercado de seus espadachins e como se temesse um ataque. Se Lagardère estava prêso... Porém Gonzaga ainda temia a fôrça de Lagardère e o prestígio da viúva Nevers. Sabedor de que Lagardère pretende casar-se com Aurora antes de ser levado ao cadafalso e temendo que a última hora ainda a Verdade o salve e ao contrário leve êle próprio, príncipe de Gonzaga ao cadafalso, quer que seus espadachins ataquem o condenado na igreja e o matem, pois se se realizasse o casamento Aurora iria lançar-se aos pés do Regente pedindo o perdão do espôso. Pouco depois seu mêdo aumenta ao ouvir que a própria princesa solicitava do Regente que Lagardère comparecesse perante êle e o conselho, a fim de, ajoelhado, pedir perdão pelo assassinato do duque de Nevers. Sabia que Aurora mentia, que tinha um plano a favor do condenado. Mas, qual?

— Sabe onde se encontra o condenado? — perguntou o duque de Orléans.

— Monsenhor!... — tentou protestar o presidente Lamoignon.

— Transgredindo ligeiramente com as praxes — observou o Regente com vivacidade e em tom sêco — talvez se consiga qualquer vantagem...

A princesa, em vez de responder à pergunta de Sua Alteza, estendera a mão para a janela. Lá fora elevava-se um surdo clamor.

— O condenado não deve estar longe! — murmurou Voyer-D'Argenson.

O Regente chamou o marquês de Bonnivet e disse-lhe algumas palavras em voz baixa. Bonnivet inclinou-se e saiu.

A princesa sentou-se de novo. Gonzaga passeou pela assembléia um olhar que diligenciou mostrar tranqüilo; os lábios, porém, tremiam e os olhos brilhavam estranhamente.

Ouviu-se um ruído de armas no vestíbulo. Involuntàriamente todos se ergueram, tal era a curiosidade inspirada por aquêle aventureiro ousado, cuja história, desde a véspera, era o assunto de tôdas as conversas. Alguns havia que o tinham avistado ainda na festa do Regente, quando Sua Alteza lhe tirara a espada, mas para a maioria era desconhecido.

Quando se abriu a porta e o viram, rodeado de soldados e de mãos atadas sôbre o peito, ouviu-se um longo murmúrio.

O Regente continuava com os olhos fitos em Gonzaga, que não fazia um só movimento. Lagardère foi levado até junto do tribunal. Seguia-o o escrivão trazendo a sentença que, segundo as praxes, devia ser lida, parte diante do túmulo de Nevers, quando da mutilação do pulso, e outra parte, relativa à execução capital, na Bastilha.

Leia — ordenou o Regente.

O escrivão desdobrou o pergaminho. A sentença dizia, em resumo, o seguinte:

"... Ouvidos o acusado, as testemunhas e o advogado da Coroa; analisadas as provas, o tribunal especial condenou Henrique de Lagardère — que se dizia cavaleiro — acusado de crime cometido contra a pessoa do alto e poderoso príncipe Filipe de Lorena-Elbeuf, duque de Nevers:

1.º) a satisfação pública, seguida da mutilação do pulso aos pés da estátua do sobredito príncipe e senhor Filipe, duque de Nevers, no cemitério de Saint-Magloire;

2.º) que a cabeça do dito Lagardère seja cortada pela mão do carrasco, no pátio das execuções da Bastilha, etc."

Logo que o escrivão terminou a leitura, passou para trás dos soldados.

— Está satisfeita, minha senhora? — perguntou o Regente à princesa.

Esta levantou-se com um movimento tão violento que Gonzaga a imitou, sem mesmo ter consciência do que fazia. Dir-se-ia um homem que se põe em guarda para receber um choque impetuoso.

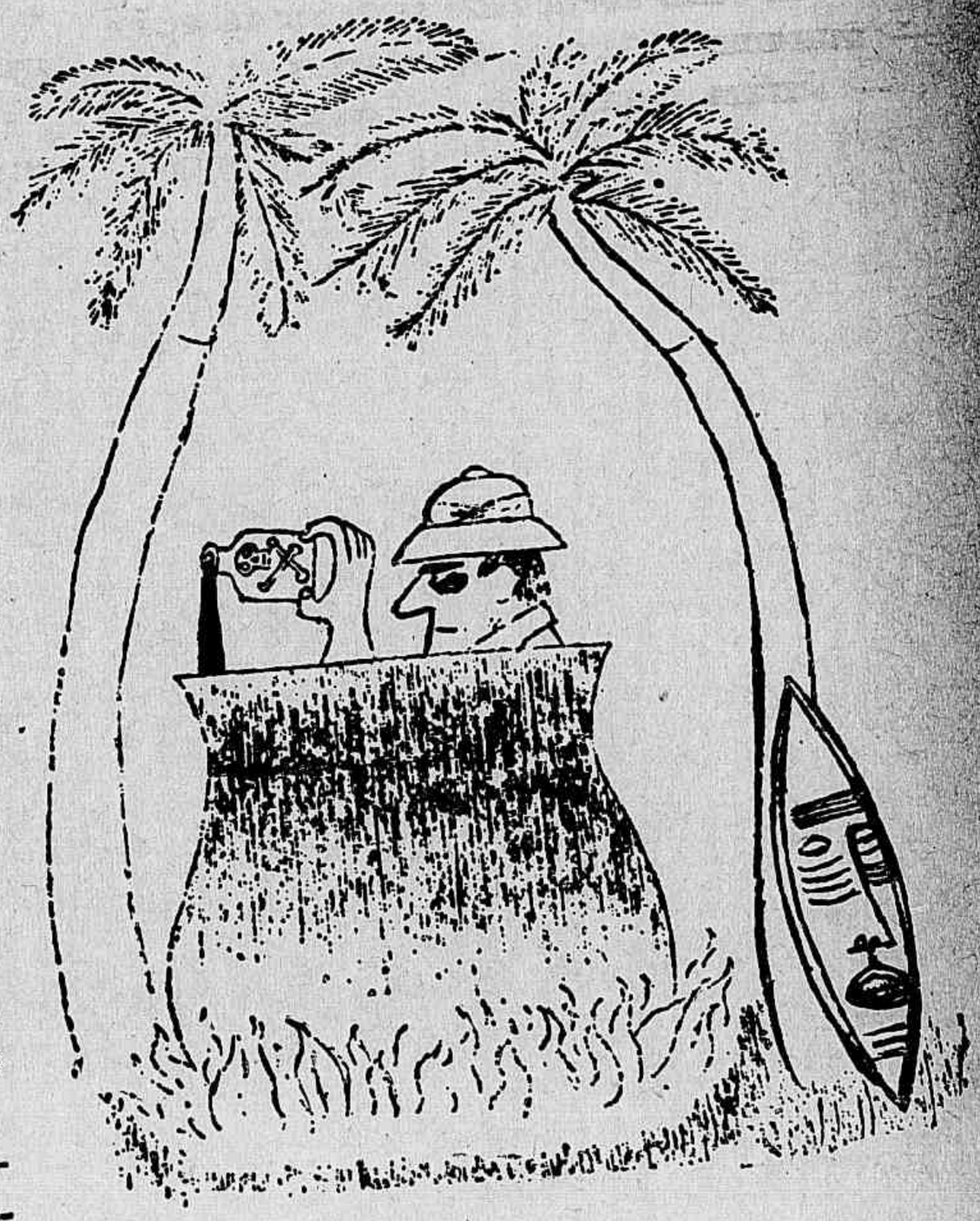
— Fale, Lagardère! — exclamou a princesa, prêsa de indizível exaltação. — Fale, meu filho!

Estas palavras produziram na assembléia o efeito de um choque elétrico. Todos ficaram à espera de qualquer coisa de extraordinário e imprevisto. O Regente ergueu-se. O sangue afluíra-lhe ao rosto.

— Tremes, Filipe? — perguntou, devorando Gonzaga com o olhar.

— Oh! Não! — respondeu o príncipe endireitando-se insolentemente. — Nem hoje, nem nunca!

— Fale, senhor!



— Alteza — pronunciou o condenado em voz calma e sonora — a sentença que foi dada é sem apêlo. Vossa Alteza não tem sequer o direito de perdoar e nem eu próprio aceitaria um perdão; tem, no entanto, o dever de fazer justiça: é justiça que eu quero!

Dir-se-ia um milagre ver tôdas aquelas cabeças de velhos atentos e ávidos, cheias de cabelos brancos, estremecerem ao mesmo tempo. O presidente de Lamoignon, comovidíssimo, embora tentasse ocultá-lo, ao ver o contraste entre aquêles dois rostos — o de Lagardère e o de Gonzaga — por qualquer pressentimento prodigioso, deixou cair estas palavras:

— Para anular a sentença de um Tribunal de Justiça especial é preciso a confissão do culpado!

— E nós vamos obtê-la! — respondeu Lagardère.

— Avia-te, meu amigo — disse o Regente. — Tenho pressa!

Lagardère prosseguiu:

— Também eu, Monsenhor. Permita-me, no entanto, que lhe diga o seguinte: tudo quanto prometo, cumpro! Jurara pela honra de meu nome que restituiria à senhora princesa de Gonzaga a filha que me fôra confiada, embora com perigo da própria vida, e restitui-lha!

— Mil vêzes abençoado seja por tal ação! — murmurou Aurora de Caylus.

— Jurara igualmente — continuou Lagardère — entregar-me à vossa Justiça depois de vinte e quatro horas de liberdade e à hora certa, entreguei a minha espada...

— Isso é verdade — disse o Regente — e de então para cá tem sido vigiado... bem como outras pessoas...

Os dentes de Gonzaga rangeram e pensou: "O Regente fazia parte do **complot**!..."

— Em terceiro lugar — acrescentou Lagardère — jurara provar a minha inocência diante de todos, desmascarando o verdadeiro culpado. Aqui me têm e vou cumprir o último juramento!

Gonzaga continuava a segurar o pergaminho, com os três selos, roubado na Rua du Chantre.

— Monsenhor — disse bruscamente Gonzaga. — Parece-me que a comédia está a durar demasiado...

— Creio que ainda ninguém o acusou! — interrompeu o Regente.

— Uma acusação saída da bôca dêsse louco? — exclamou Gonzaga, procurando mostrar o maior desprêzo.

— Êste louco vai morrer — pronunciou severamente o Regente. — A palavra dos moribundos é sagrada!

— Se Monsenhor ainda não sabe quanto vale a minha, calo-me! — exclamou Gonzaga. — No entanto, acredite-me: todos nós, os grandes, os nobres, os príncipes, os reis, nos sentamos em tronos que podem cair com um simples embate... é um exemplo perigoso e aborrecido, o passatempo que Vossa Alteza está tendo agora... Suportar que semelhante miserável...

Lagardère voltou-se lentamente para Gonzaga.

— ... Suportar que semelhante miserável — prosseguiu Gonzaga — na minha frente, príncipe de sangue, sem testemunhas nem provas...

Lagardère deu um passo para êle e disse:

— Tenho provas e testemunhas...

— Onde estão as suas testemunhas? — exclamou Gonzaga, cujo olhar percorreu a sala.

— Não procure — respondeu o condenado — as minhas testemunhas são duas. A primeira está aqui: sois vós!

Gonzaga procurou sorrir com piedade e desprêzo, o seu esfôrço, porém, produziu apenas uma terrível careta.

— A segunda — continuou Lagardère, cujo olhar frio envolvia o príncipe — a segunda está no túmulo!

— Os mortos não falam! — replicou Gonzaga.

— Falam quando Deus quer! — respondeu Lagardère.

Em volta dêles produziu-se um silêncio profundo, um silêncio que apertava o coração e gelava o sangue nas veias. Não era o primeiro recém-chegado que poderia fazer calar naquelas almas o cepticismo irônico. De cada vez, nove teriam dado o sinal da gargalhada desprezadora e incrédula desde o princípio daquele debate que parecia ir buscar os seus meios fora dos limites de ordem natural.

Vivia-se numa época de dúvida: a dúvida reinava como senhora e dona, quer nas conversas de salão, dando-lhes um tom frívolo, quer nas vestes doutorais para se guindar à altura de uma opinião filosófica,

Os fantasmas vingadores, os túmulos abertos, as mortalhas sangrentas, que tinham espantado o século passado, agora só faziam rir a bandeiras despregadas. Mas... era Lagardère quem falava e o ator é que faz o drama!

Aquela voz ia despertar no fundo dos corações as fibras mortas ou entorpecidas. A grande, a formidável beleza daquele rosto pálido gelava a ironia em todos os lábios. Todos tinham mêdo daquele olhar ardente sob o qual Gonzaga, fascinado, se torcia.

Lagardère podia desafiar tôdas as ironias do alto da sua paixão; podia evocar fantasmas em pleno século XVIII, diante da Côrte do Regente e do próprio Regente. Não havia ninguém que se pudesse subtrair ao solene espanto daquela luta... ninguém! Tôdas as bôcas estavam abertas e os olhos atentos! Quando Lagardère fazia uma pausa, a respiração de todos os peitos oprimidos produzia um longo murmúrio.

— Isto quanto a testemunhas... — continuou Lagardère — o morto falará, juro-o pela minha cabeça! Quanto a provas, elas encontram-se nas suas mãos, senhor de Gonzaga. A minha inocência está escrita dentro dêsse sobrescrito com três selos. Apresentou êsse pergaminho, instrumento da sua perda; já não o pode recusar: pertence à Justiça e a Justiça cerca-o aqui de todos os lados! Para obter a arma que o vai ferir, penetrou em minha casa como um ladrão noturno; forçou a minha porta e arrombou o cofre, senhor príncipe de Gonzaga!

— Monsenhor — disse êste último, com os olhos injetados de sangue. — Mande calar êste miserável!

— Defenda-se, príncipe! — exclamou Lagardère em voz vibrante. — Mas não peça que me fechem a bôca! Hão de permitir-nos falar, a ambos, porque a morte está entre nós e Sua Alteza disse: "A palavra dos moribundos é sagrada!"

Dizendo isto, erguera a cabeça. Gonzaga pegou maquinalmente no pergaminho que acabava de colocar em cima da mesa.

— Está aí! — insistiu Lagardère. — É tempo! Quebre os selos... Quebre-os, ouviu? Por que razão treme?... Aí dentro está apenas uma fôlha de pergaminho: a certidão de nascimento de **mademoiselle** Aurora de Nevers!

— Quebre os selos! — ordenou o Regente.

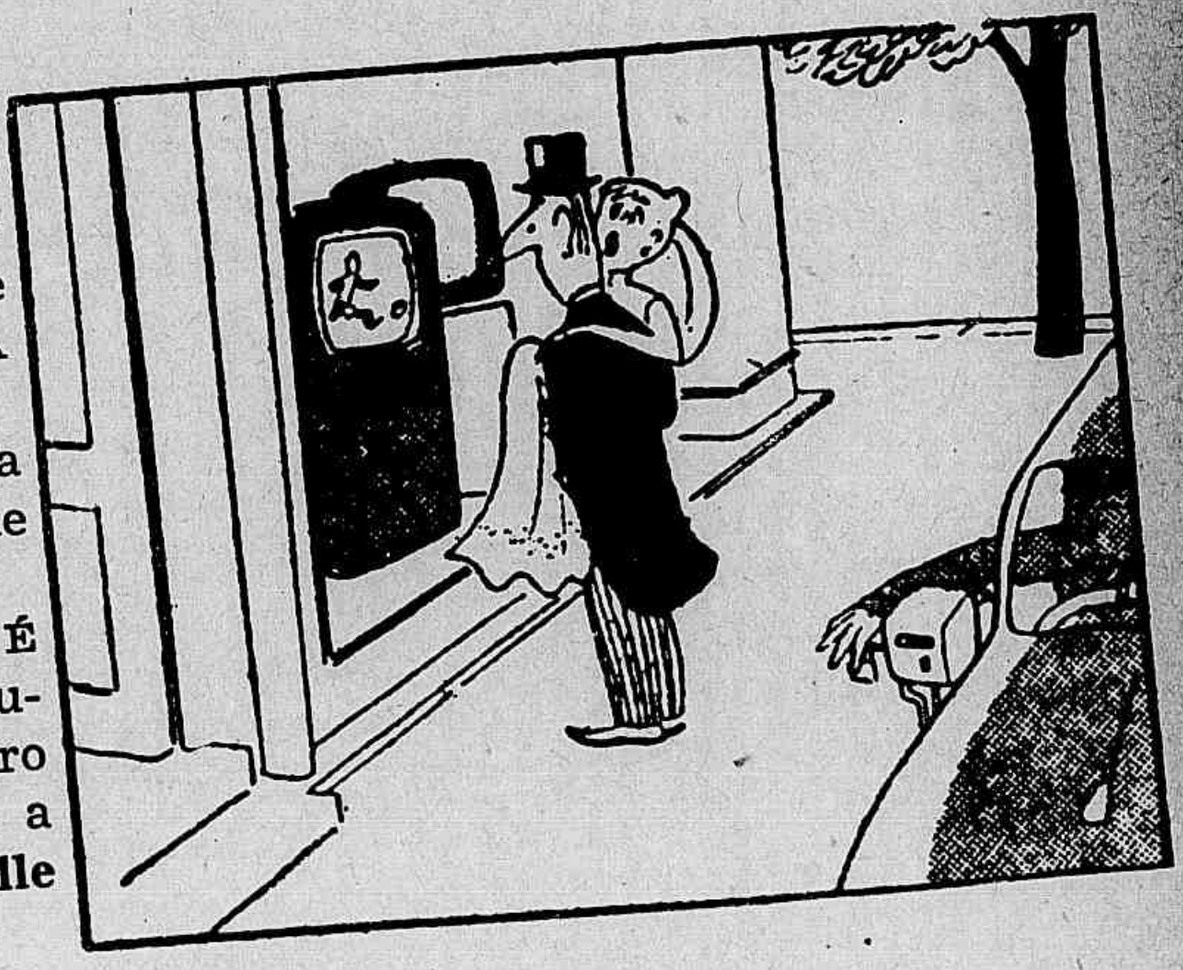
As mãos de Gonzaga tremiam, como paralisadas. Propositadamente, ou talvez por simples acaso, Bonnivet e dois soldados da guarda aproximaram-se, todos três voltados para o Regente, como se estivessem ali aguardando as suas ordens. Gonzaga ainda não obedecera; o lacre conservava-se intacto. Lagardère deu segundo passo em direção da mesa. As pupilas cintilavam-lhe como lâminas de fino aço.

— Príncipe, adivinha que há também qualquer outra coisa, não é verdade?... — continuou baixando a voz, enquanto tôdas as cabeças ávidas se estendiam para ouvir. — Eu vou dizer-lhe o que é... Nas costas do pergaminho, há três linhas escritas com sangue... É dessa forma que falam os que já desceram ao túmulo!

Gonzaga estremeceu dos pés à cabeça. Aos cantos da bôca formou-se um pouco de espuma. O Regente debruçado sôbre a cabeça de Villeroy, tinha a mão em cima da mesa da presidência. A voz de Lagardère soou de novo, pesadamente, por entre a muda emoção de tôda a assembléia:

— Deus quis que decorressem vinte anos para se rasgar o véu. Deus não quis que a voz do vingador se elevasse na solidão! Deus reuniu aqui os Grandes do Reino, presididos pelo Chefe do Estado: soou a hora! Nevers estava junto de mim na noite do crime. Foi antes do combate, um minuto antes. Já êle via brilhar na sombra a espada dos assassinos que surgiam do outro lado da ponte... Fêz-me o seu pedido; depois, sôbre aquela fôlha que se encontra

★



ali, com a mão molhada em sangue das suas próprias veias, traçou três linhas que diziam como se perpetrara o crime e o nome do assassino.

Os dentes de Gonzaga batiam. Recuou até à extremidade da mesa e as suas mãos crispadas pareciam querer despedaçar o sobrescrito que dali por diante o queimava. Ao chegar junto do último archote, levantou-o e baixou-o por três vêzes, sem voltar os olhos para o lado onde se encontrava Lagardère. Era o sinal combinado com os seus partidários.

— Veja — disse entretanto o cardeal de Bissy ao ouvido do senhor de Mortefort. — Êle perdeu a cabeça!

Ninguém mais falou. Tôdas as respirações estavam suspensas.

— O nome está aí! — continuou Lagardère, cujas mãos atadas se ergueram juntas para designar o pergaminho. — O verdadeiro nome com tôdas as letras! Abra o sobrescrito e o morto falará!

Gonzaga, de olhar esgazeado, a fronte banhada em suor, lançou ao tribunal um olhar feroz. Bonnivet e os dois guardas encobriam-no. Voltou as costas ao archote e a mão trêmula procurou a chama pelas costas. O sobrescrito principiou a arder. Lagardère via tudo, mas, em vez de o denunciar, dizia:

— Leia!... Leia em voz alta! É bom que todos saibam se o nome do assassino, que aí está escrito, é o meu ou o seu!

— Está a queimar o sobrescrito! — exclamou Villeroy, que ouvia o pergaminho crepitar.

Ouviu-se um grande clamor quando Bonnivet e os dois guardas se voltaram.

— Êle queimou o sobrescrito que continha o nome do assassino!...

O Regente levantou-se precipitadamente. Lagardère, apontando para o pergaminho, cujos resíduos ainda cintilavam no chão, disse:

— O morto falou!

— Que estava escrito ali? — perguntou o Regente, cuja emoção atingira o auge. — Dize depressa, todos te acreditarão, porque êste homem acaba de se perder!

— Nada! — respondeu Lagardère.

Depois, no meio da estupefação geral:

— Nada! — repetiu em voz vibrante. — Nada, ouviu senhor Gonzaga?... Usei um estratagema e a sua consciência estrebuchou na armadilha. Queimou o pergaminho com que o ameaçava ser uma testemunha. O seu nome não estava lá escrito, mas acaba de o escrever... Foi a voz do morto: o morto falou!

— O morto falou! — repetiram todos surdamente.

— Ao procurar destruir essa prova — disse o senhor de Villeroy — o assassino traiu-se!

— Houve confissão do culpado — disse o presidente Lamoignon como que forçado. — A sentença do Tribunal especial pode ser anulada...

Até ali, o Regente, sufocado pela indignação, conservara-se mudo. De súbito, porém, gritou:

— Assassino!... Assassino!... Prendam êsse homem!

Mais rápido do que o pensamento, Gonzaga deu um salto, passou por diante de Sua Alteza e aplicou uma estocada formidável no peito de Lagardère, que cambaleou, soltando um grito. A princesa recebeu-o nos braços.

— Não hás de gozar a tua vitória!... — gritou Gonzaga, furioso, como um leão.

Voltou-se, passou por cima do corpo de Bonnivet e dando uma volta, conteve os guardas que corriam sôbre êle. Enquanto se defendiam, recuava ameaçado por dez espadas. Os guardas ganhavam terreno... mas no momento em que julgavam tê-lo prêso de encontro à tapeçaria, esta abriu-se de repente e Gonzaga desapareceu como se fôsse engolido por um abismo. Ouviu-se o ruído de uma chave fechando-se pelo lado de fora.

Lagardère foi o primeiro a atacar a porta. Conhecia-a por já se ter servido dela no dia da primeira reunião do conselho de família. O cavaleiro já tinha as mãos livres. A estocada traiçoeiramente dada por Gonzaga cortara o nó que lhe amarrava as mãos e tinha apenas uma ligeira ferida. A porta estava sòlidamente fechada. Quando o Regente ordenou que perseguissem o fugitivo, uma voz dolorida gritou no fundo da sala:

— Socorro!... Socorro!...

Dona Cruz, desgrenhada e com a roupa em desordem, foi cair aos pés da princesa.

— Minha filha! — exclamou Aurora de Caylus. — Aconteceu alguma desgraça a minha filha?!

— Homens... no cemitério... — disse a cigana com as fôrças quase esgotadas. — Forçam a porta da igreja!... Vão raptá-la!

No salão reinava um grande tumulto; uma voz, porém, dominou o barulho como uma trombeta:

— Uma espada! Por Deus, dêem-me uma espada!...

Era Lagardère.

O Regente tirou a sua e entregou-lha.

— Obrigado, Monsenhor — disse Henrique. — Agora abra a janela e diga aos seus homens que não me detenham, porque o assassino já leva um certo avanço sôbre mim e ai daquele que me barrar a passagem!...

Beijou a espada, brandiu-a acima da cabeça e desapareceu como um relâmpago.

SATISFAÇÃO PÚBLICA

As execuções noturnas que tinham lugar na Bastilha, não eram aquilo a que se chama execuções secretas. Quando muito, poder-se-ia dizer que não eram públicas. Aparte as que a História diz terem sido feitas sem processo, apenas com a ordem do rei, tôdas as outras se davam após um julgamento e com processos mais ou menos regulares. O pátio da Bastilha era um lugar de suplício conhecido e tão legal como a Praça de Grève.

Havia muita má vontade contra aquela Bastilha, rancores legítimos, mas o que a plebe parisiense mais lhe censurava era servir de pano de fundo ao espetáculo do cadafalso.

A Bastilha, nessa noite devia ocultar ainda a agonia do assassino de Nevers, condenado por sentença do Tribunal Especial do Chatelet; no entanto, ainda não estava tudo perdido: a satisfação pública junto do túmulo da vítima e a mão decepada pelo machado do carrasco, valiam a pena ver-se. Isso, ao menos, era público!...

O sino de Sainte-Chapelle despertara todos os bairros da cidade. As notícias não tinham, então, os mesmos meios de expansão de hoje, mas, então, como agora, havia a mesma ânsia de ver e de saber. Num abrir e fechar de olhos os arredores do Chatelet e do Palácio ficaram cheios de gente e quando o cortejo saiu pela Porta Cosson, dez mil curiosos formavam uma fila enorme. Ninguém dentre aquela multidão conhecia o cavaleiro Henrique de Lagardère, mas a ignorância, nestes casos, não impede que se fale... pelo contrário, abre caminho para tôdas as hipóteses.

Nalguns minutos, aquêle homem que caminhava ao lado do confessor e no meio de quatro soldados, foi acusado de todos os crimes políticos possíveis.

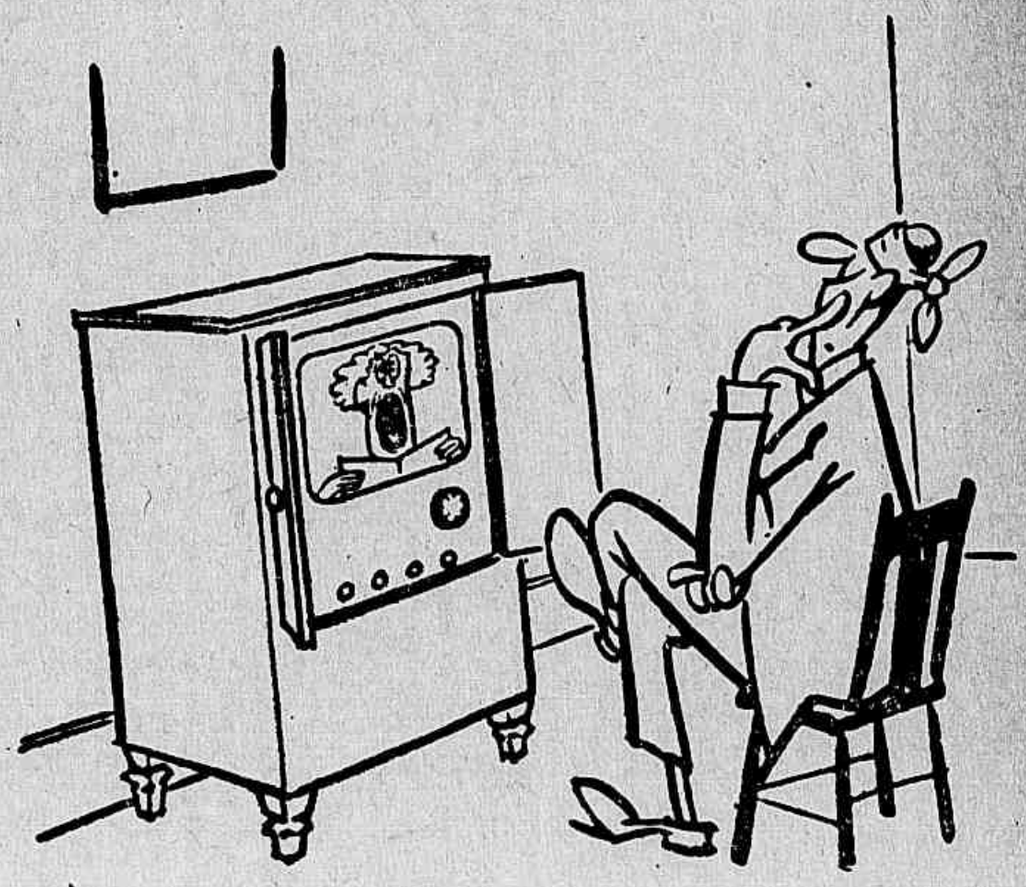
De súbito, quando o cortejo passou em Ferronnerie, ouviu-se um grito agudo, dado por uma quantidade de vozes femininas. A Ferronnerie era a continuação da rua de Saint-Honoré e a senhora Balahault, a Durand, a Guichard e tôdas as vizinhas da rua do Chantre não tinham mais do que seguir pelo passeio para chegarem até ali. Tôdas elas reconheceram, ao mesmo tempo, o misterioso cinzelador, o patrão da senhora Francisca e do João Maria Berrichon.

— Hem! — exclamou a Balahault. — Eu não lhes dizia que aquilo havia de acabar mal?...

— Devíamos tê-lo denunciado imediatamente, visto não sabermos o que se passava em casa dêle! — disse a Guichard.

As outras falavam do corcunda e da rapariga que cantava à janela. A multidão não podia preceder o cortejo porque ignorava o seu destino, e os guardas e archeiros conservavam-se mudos. O cortejo seguiu pela rua de Saint-Denis e voltou para Saint-Magloire. Os mais avançados viram dois archotes acesos à entrada do cemitrio e as conjeturas fizeram-se imediatamente, muito embora contrariadas dali a momentos por um fato que já é do nosso conhecimento: a ordem do Regente mandando entrar o

★



condenado no salão nobre do palácio de Nevers.

O cortejo penetrou no pátio do palácio; a multidão tomou posições na rua de Saint-Magloire e... esperou.

A igreja de Saint-Magloire, antiga capela do convento do mesmo nome, tornara-se paróquia havia século e meio, tendo sido reconstruída em 1630.

O hospital situado a este, também possuía uma capela pública, o que fizera dar à ruela estreita e tortuosa que ia da rua de Saint-Magloire à dos Ours, o nome de: rua das Duas Igrejas.

Um muro contornava todo o cemitério que tinha três entradas: a principal, pela rua de Saint-Magloire; a segunda pela rua das Duas Igrejas e a terceira por detrás da Igreja e para a qual dava o palácio de Gonzaga. Havia, além disso, uma portinha pela qual passava a procissão das relíquias de Saint-Gervais.

A igreja, pobre, pouco freqüentada, tinha duas portas para o cemitério. Havia já alguns anos que não se enterrava ninguém em volta da igreja e apenas quatro ou cinco famílias conservavam os seus túmulos no cemitério de Saint-Magloire, principalmente os Nevers, cuja capela fúnebre era um feudo.

★

Tinham decorrido vinte minutos após a entrada do cortejo no pátio do palácio de Gonzaga. A escuridão era completa e profunda no cemitério, de onde se avistavam ao mesmo tempo as largas janelas, profusamente iluminadas, do salão nobre do palácio e as vidraças da igreja, por detrás das quais cintilava um pálido clarão.

A direita da capela sepulcral, havia um terreno vago, cheio de ciprestes.

Era ali que os partidários do príncipe de Gonzaga aguardavam. No beco da rua das Duas Igrejas, cavalos já aparelhados, esperavam também.

Navailles conservava a cabeça entre as mãos; Nocé e Choisy estavam encostados a um cipreste. Oriol sentara-se na erva, soltándo de quando em quando profundos suspiros; Peyrolles, Montaubert e Taranne, falavam em voz baixa. Êstes eram os três almas danadas: não por maior dedicação do que os outros, mas porque estavam mais comprometidos.

Não devemos surpreender ninguém se dissermos que os amigos do príncipe de Gonzaga tinham agitado bastante, desde que ali se encontravam, a questão de saber se seria possível uma deserção... Todos, do primeiro ao último, tinham quebrado ìntimamente os laços que os ligavam ao amo; no entanto, todos esperavam ainda o apoio que êle lhes podia prestar e temiam a sua vingança. Sabiam que Gonzaga seria desapiedado contra êles, mas estavam profundamente convencidos do crédito inquebrantável do príncipe, parecendo-lhes que a sua conduta era apenas uma comédia.

Segundo a sua opinião, Gonzaga tinha fingido encontrar-se em perigo para ter oportunidade de os amordaçar melhor ou talvez mesmo, para os experimentar.

O barão de Batz, que deslizara ao longo do muro até às imediações do palácio, trouxera informações dizendo que o cortejo parara ali e a multidão enchera a rua.

Que queria aquilo dizer?... A pretendida satisfação pública junto do túmulo de Nevers não seria uma invenção de Gonzaga?... As horas passavam... o relógio de Saint-Magloire já dera há muito os três quartos antes das nove e a essa hora a cabeça de Lagardère devia cair no pátio das execuções da Bastilha.

Peyrolles, Montaubert e Tarannes não perdiam de vista as janelas do salão nobre e principalmente uma onde brilhava uma luz isolada junto da qual se perfilava a alta estatura do príncipe.

A alguns passos dali, por detrás da porta principal da igreja de Saint-Magloire, havia um outro grupo. O confessor da senhora princesa de Gonzaga subira ao altar. Aurora, sempre ajoelhada, parecia uma daquelas lindas estátuas angelicais que vemos à cabeceira dos túmulos. Cocardasse e Passepoil, imóveis, de espada desembainhada, estavam postados de cada um dos lados da porta. Chaverny e dona Cruz conversavam em voz baixa.

Por uma ou duas vêzes, Cocardasse e Passepoil tinham julgado ouvir ruídos suspeitos vindos do lado do cemitério. Ambos, porém, tinham boa vista e no entanto, espreitando pelo ralo, não tinham conseguido descobrir nada...

(Continua no próximo número)

COM UM SÓ ÔLHO PODEMOS CALCULAR DISTÂNCIA E VELOCIDADE

ISTO, naturalmente, vem de encontro ao que muita gente pensa. Mas, de fato, um pilôto, com um só ôlho pode fazer um avião descer e pousar corretamente num aeroporto.

De que modo um indivíduo, com apenas um ôlho, é capaz de avaliar a distância, a altura e, ainda, a velocidade mais apropriadas para aproximar um avião do terreno — e nêle efetuar a aterrissagem em perfeitas condições — é o que nos revela o dr. Heinrich W. Rose, professor da "Escola de Medicina Aeronáutica", da Fôrça Aérea Norte-Americana.

Segundo o dr. Rose pôde comprovar, a distância dos objetos em movimento pode ser muito bem calculada com apenas um ôlho... **porque tudo o que estiver mais perto de nós parece mover-se muito mais depressa do que o que se encontrar mais distante.** O trem em que viajamos parecerá desenvolver maior velocidade, se olharmos para os postes telegráficos, plantados ao longo da estrada, do que se olharmos para as montanhas à distância.

Outro teste para percepção da distância, imaginado pelo dr. Rose, constitui-se de três fios de arame, passados num caixilho, que se move, ràpidamente, de cima para baixo. Os fios exteriores, no entanto, ficam fixados, enquanto o do meio pode ser levado para a frente e para trás.

O examinado tem que imobilizar o arame do meio, no seu vaivém, quando achar que êle se encontra exatamente no meio certo, entre os arames laterais.

Geralmente, os pilotos assim examinados podem dizer quando o arame do centro está mais próximo ou mesmo sôbre o arame da frente ou de trás, de acôrdo com sua aparente velocidade com relação aos demais. E isso podem apontar usando as duas vistas **ou uma só!**

Êsse teste, imaginado pelo dr. Rose, foi denominado "do movimento paralaxe". E com êle a aeronáutica norte-americana tem conservado muitos aviadores voando, enquanto outros são, irremediàvelmente, conservados **no chão**, isto é: absolutamente proibidos de voar como pilotos.

UMA NOIVA PARA O FILHO

Conto de DONALD ASHER

NÃO tenho a menor dúvida, Jordan — disse Luiza Hines. — A moça não passa de uma "vamp" sem princípios.

Longe de duvidar de qualquer coisa, Jordan Hines, que lia o "Jornal de Wall Street", limitava-se a dizer uma ou outra palavra.

— Além disso — continuou Luiza num tom convincente — que espécie de moça é essa que vai a Tanglewood e lá fica durante uma semana, sòzinha?

Mr. Hines, sempre impassível, baixou o jornal que tinha nas mãos, e falou:

— De certo ela é uma amante da boa música.

Luiza, enervada, olhou friamente para o marido.

— Considerando que o rapaz é seu filho único e que passou dois meses fora do colégio e que, além disso, no momento crítico de sua mocidade, sou forçada a reconhecer que você está demonstrando um absurdo e lamentável desinterêsse pelo que lhe possa suceder!

— Não é falta de interêsse. Simplesmente não quero intervir num assunto que está além do meu contrôle — disse Mr. Hines.

Mr. Hines era um homem alto, forte, de maneiras agradáveis. Sua aguda inteligência o elevava a uma posição destacada na comunidade, como diretor de uma companhia siderúrgica e presidente da Associação Comercial de Waverly, em Connecticut. Um verdadeiro crente na liberdade de ação e de pensamento, Mr. Hines deplorava, sinceramente, a falta de indulgência de sua espôsa com o filho; mas, já desde algum tempo, tinha decidido desistir de combater tal atitude.

— Nelson é um rapaz muito sensível — disse êle, apenas para não ficar calado, o que seria considerado desinterêsse.

— Tenho a certeza de que êle sabe o que está fazendo!

— Pois eu não! — replicou Luiza. — Não tenho essa certeza... Principalmente porque sei que êle anda apaixonado.

Luiza Hines sentia-se angustiada. Isto por que, uma semana atrás, seu filho fôra a Tanglewood, a fim de assistir ao "Festival Musical de Berkshire. Durante o intervalo de um dos concertos vesperais, entabolou conversação com certa moça que estava sentada a seu lado; e esta inocente palestra se transformou em algo mais sério, que o levou a acompanhar a moça até New York e ali ficar uma boa parte da semana. E Luiza se escandalizou com isto, pois, durante todo aquêle tempo imaginou que o filho estivesse com sua cunhada, em Lenox, como havia sido combinado.

Mas, sòmente aquela manhã Nelson havia revelado tôdas essas coisas — e ainda empolgado pela sensação de felicidade que lhe havia proporcionado o encontro com Ferris Peters. Uma tristeza imensa invadiu o coração de Luiza, que não pôde deixar de reconhecer a covardia do filho, que guardou segrêdo até o último instante. Ela admirava a pureza e a retidão de caráter, e sempre havia tentado inculcar no espírito de Nelson a beleza dessas qualidades. Nelson sabia perfeitamente que sua mãe

ELA TREMIA SÓ AO PENSAR QUE AQUELA "ARTISTA" PODIA VIR A SER SUA NORA!

Da maneira como o filho descreveu **sua eleita**, Ferris devia ser mais ou menos... **ISTO!**

desejava ardentemente que êle casasse o **mais cedo** e da **melhor maneira** possível. Tanto era assim que, durante os últimos anos, ela, juntamente com as senhoras das mais distintas famílias de Waverly, promovera inúmeras festas e reuniões sociais a fim de que êle e outros rapazes tivessem melhor oportunidade de escolher uma jovem digna, para conduzir ao altar.

Mas a indiferença de Nelson em face dêsses esforços foi um tanto decepcionante. A verdade é que, dentre as moças a êle apresentadas em Waverly, poucas eram dignas de escolha.

A própria Luiza achava que a maioria das moças ou era insìpidamente acanhada e fútil ou demasiadamente inetelectualizada.

E agora, quando Nelson finalmente mostrava-se entusiasmado — muito entusiasmado mesmo — o objeto de seu amor era **inaceitável**!

A sra. Hines ficou convencida de que seu filho tentava beijar um ombro da moça...

E aquilo era mais do que entusiasmo, segundo pensava Luiza, recordando o que dissera o filho, àquela manhã: — "Mamãe; ela é linda e... cheia de vida!

"A última **qualidade** não é uma boa recomendação" — Luiza estêve a ponto de dizer isso ao filho, mas conteve-se para não matar a espontânea sinceridade das palavras de Nelson. Mas, como permanecesse silenciosa, êle continuou:

"Ela pinta..... É um talento excepcional... Bem; ela ainda está numa fase de aprendizagem, mas já está quase no fim... É de Greenwich Village... E penso que é órfã de mãe..."

Ìntimamente, Luiza sofria muito. Uma moça sem família. "Artista". De Greenwich Village... O bairro dos artistas e dos boêmios. E seu pensamento esboçou a visão de um ambiente ruidoso e um tanto livre, com moças e rapazes desleixados, discutindo sôbre o existencialismo e a obra de Picasso até altas horas da manhã, num dêsses cafés esfumaçados dos quais muito se falava...

Para Luiza, a arte era a responsável por êsses excessos a que, geralmente, se entrega a juventude. A seguir, desviou o olhar do marido, que ainda continuava a leitura do seu jornal, e voltou-se para o relógio: duas horas e quarenta minutos! Nelson havia dito que estaria de volta às três. E ela deveria estar pronta! É verdade que já havia enfrentado e resolvido vários e sérios problemas, anteriormente; mas êste devia ser encarado de um modo mais característico. Por isso mesmo, Luiza tratou de estabelecer o seu plano de ação. Deixaria

que êle trouxesse a moça e cuidaria de observá-la, ali mesmo, em sua casa, onde ela, por certo, estaria fora do **seu elemento.** Como Nelson era racional e inteligente, ela procuraria mostrar-lhe que aquêle tipo de garôta nunca se adaptaria aos modos de vida de Waverly e que, além disso, ela não podia deixar de seguir a carreira que havia escolhido.

Luiza sabia, naturalmente, que essa sua manobra teria qualquer resultado; mas as coisas deviam ser dirigidas de tal maneira que não provocassem desapontamentos. Depois compreendeu que não era fácil agir assim, e chegou a sentir pena da pobre moça que, de [illegible] bem acolhida e, em vez disso, teria uma terrível desilusão! Entretanto, isso tinha que ser feito — **para o bem de seu filho!**

— Acho que êles estão chegando — disse Jordan Hines, olhando por cima do jornal. E, na realidade, ouviu-se o ruído de um automóvel que parava diante da porta.

Um momento depois, perceberam uma alegre conversa no **hall**; e, sem mais demora, os dois apareceram à entrada da sala-de-estar.

— Mamãe, papai — disse Nelson, quase sem fôlego — esta é Ferris!

Quando Ferris atravessou a sala, Luiza sentiu uma humilhante sensação de derrota. A moça era alta e tinha um aspecto um tanto tôsco; seu rosto era, talvez, um pouco estreito, mas belo; os olhos, grandes e de um verde esmeraldino, refletiam firmeza e energia, o que não passou despercebido à capacidade de observação de Luiza.

— Tenho muito prazer em conhecê-la, senhora — disse Ferris, com voz modulada.

Luiza sorriu para Ferris alegremente e apanhou as suas mãos, como para a observar melhor, enquanto dizia:

— Querida; seja bem-vinda a Waverly. Êste é Jordan, meu marido.

Depois dessas apresentações, Luíza pediu que todos ficassem à vontade. Desde que entrara na sala, Ferris observava a sua riqueza interior; olhava disfarçadamente para a lareira de mármore negro, para os tapêtes luxuosos e para as reluzentes estantes repletas de livros. Enquanto isso, Luiza esperava que a suntuosidade da sala — e especialmente o retrato dó avô Tyler — deixasse o espírito da visitante cheio de confusão. Mas, a displicência com que ela se instalou no sofá que ficava por baixo do retrato, demonstrou ou desinterêsse ou completa indiferença pelo outrora importante cavalheiro.

— Afinal, eu julgava que a sra. e o sr. Hines tivessem ficado surpreendidos com êsse encontro... tão inesperado, de **Nellie** e eu!

"Nellie!". Quando Nelson tinha dez anos, Luiza, mediante uma série de telefonemas para as donas de casa da vizinhança, tinha impedido que as outras crianças lhe chamassem por aquêle odioso apelido.

— Não... Apenas a circunstância, é claro, deixou-nos surpreendidos — disse Luiza, olhando fixamente para a moça.

— Mamãe, Ferris quer dizer... — começou Nelson, tìmidamente.

Interrompeu-se e como se não achasse nada melhor para fazer, sentou-se sôbre o braço do sofá e dirigiu tôda sua atenção para a mãe; enquanto Ferris começava a acariciar um ombro do rapaz.

— Acho que devemos esclarecer as coisas — continuou êle. — Combinamos tudo na viagem de New York para cá... Mas, não temos nada acertado... A verdade, mamãe, é que Ferris e eu queremos casar.

O silêncio foi quebrado por Mr. Hines, que retemperou a garganta. Luiza sorriu desconsertada. O rosto de Nelson estava iluminado de alegria e gratidão; e Luiza pensou:

— Deus do Céu! Será que êste meu filho não imagina que eu vou fazer uma cena diante de todo mundo?

Devia haver uma outra "saída" mais razoável, sim, porém as coisas não eram tão simples, como havia pensado.

Então, Nelson começou a falar com muito entusiasmo a respeito de um modernìssimo apartamento, e Luiza respirou com impaciência.

— Você, naturalmente, pinta muito bem, não é querïda? — perguntou.

— Pinto abominàvelmente — disse Ferris com ar divertido. — Afinal, não tenho mais que três anos de estudos...

— Compreendo perfeitamente — disse Luiza, sem esconder a sua perturbação.

— Peço-lhes desculpas — disse mr. Hines, repentinamente, levantando-se — mas é que preciso ir à cidade. Ferris, gostei muito de você ter vindo. E logo mais, à noite, teremos oportunidade de nos conhecer melhor.

Quando passou perto da espôsa, seu olhar de esguelha parecia querer dizer que finalmente Luiza havia encontrado em Ferris Peters uma formidável adversária.

— Nellie — disse Ferris, após a saída de Mr. Hines — porque você não deixa que eu e sua mãe fiquemos sòzinhas por algum tempo?

— Bem, eu...

— Queremos conversar sôbre assuntos que você não deve ouvir, não é verdade, sra. Hines?

— Sim; Nelson, querido — disse Luiza, com ternura na voz.

Por um momento, Nelson olhou apreensivamente para ambas.

— Está bem — disse finalmente. — Mas estarei de volta dentro de quinze minutos.

Nelson entreabriu os lábios e depois fechou-os vagarosamente, num gesto que Luiza tomou por um beijo enviado de longe; a seguir, abandonou a sala.

Houve um breve siléncio.

— A sra. sabe que eu o amo! — disse Ferris, com os olhos brilhantes.

— Êle é um rapaz a quem se ama fàcilmente — replicou Luiza. — Querida, acho que podemos ser francas uma com a outra, não é verdade?

— Claro que sim — disse Ferris, com um doce sorriso nos lábios. — Mas tenho mêdo de que fiquemos aqui a discutir o tempo todo.

— Não gosto muito de discussões — respondeu Luiza, delicadamente. — Neste ponto, serei breve. Acho que você conhece a posição de Nelson. Provàvelmente, em setembro, êle vai entrar como sócio do pai. E esperamos que, num futuro não muito distante, esteja capaz de assumir, com absoluta segurança, o cargo que meu marido ocupa. Isto significa que irá dirigir uma firma com mais de quatrocentos empregados, sem falar, naturalmente, nas várias diretorias em que tomará parte. E tudo isto requer participação em bailes, lanches, chás e mais uma infinidade de compromissos. E é claro que, em tôdas elas, a sua espôsa deverá estar presente e, muitas vêzes, presidi-las...

Luiza fêz uma pausa e, depois, continuou:

— Sendo assim, tenho a certeza de que uma artista como você não gostará dêste estilo de vida...

— Mas aprenderei a gostar — respondeu Ferris.

Luiza empalideceu e olhou para a sua interlocutora.

— Segundo penso — disse Ferris — Nellie precisa de uma espôsa devotada e sociável. Asseguro-lhe que assim serei. Quanto às maneiras, ao **bom-tom social** às etiquêtas, reconheço que não possuo na escala exigida, mas poderei aprender com a senhora. Apenas quero casar com o homem a quem amo; e uma vez ou outra, a pintura será o meu passatempo, nas horas de lazer. Descobri que não existe inspiração valiosa no isolamento das águas furtadas ou na medíocre sugestão de **espaghettis** pelo fato de que tudo isto contraria a opinião popular. Dêsse modo, como vemos, as vantagens se equivalem. Ambas somos vencedoras.

Não obstante isto, Luiza parecia triunfante. A moça estava

positivamente desarmada desarmada. Porém, o seu espírito de luta era admirável.

— Para uma pessoa moça como você — disse Luiza — reconheço que esta sua atitude é realmente curiosa.

— Considerando as circunstâncias — replicou Ferris — eu julguei dever deitar minhas cartas sôbre a mesa.

— Mas... é claro que gostei disto — disse Luiza vagarosamente. — Entretanto, desde que estamos falando francamente, gostaria que você respondesse a uma coisa...

Seus olhos buscaram o rosto delicad de Ferris.

— Se meu filho não tivesse dinheiro, você casaria com êle?

— Naturalmente que não. Sempre vivi na pobreza e não pretendo continuar assim.

— Eu sei — disse Luiza, pensando na atitude da moça; não podia saber se aquilo era inteligência ou ingenuidade. Mas logo a seguir concluiu que tudo não passava de esperteza.

— Outra coisa... Você deve compreender que nem eu nem meu marido nada sabemos sôbre a sua família...

— Minha mãe dançava num cabaré — interrompeu Ferris incisivamente, cruzando as pernas e ajeitando a saia. — Quando ela morreu eu tinha quinze anos. Meu pai é músico. Há cinco anos encontra-se no Alaska, tocando num **jazz** de hotel. Segundo ouvi dizer êle está prestes a contrair matrimônio com uma atriz canadense cujo nome é Norene Morgan. O único outro parente vivo que tenho é um tio que trabalha numa garagem em Detroit.

"Deus do Céu!" — pensou Luiza..

A coisa era pior do que ela havia imaginado.

— Então você quase não mantém contacto com seu pai? — perguntou.

— Passamos muito tempo sem saber notícia um do outro — disse Ferris.

Luiza olhou silenciosamente para a eleita de seu filho durante algum tempo.

— E Nelson está inteirado de tudo isso?

— Oh! Êle sabe que somos de origem completamente diversa; entretanto, nunca falamos detalhadamente sôbre a vida da minha família. E isto porque tenho certeza de que êle não se incomoda com essas coisas.

Recordando a expressão do rosto do seu filho, no momento em que deixou a sala, Luiza estava inclinada a concordar com o que a moça dizia.

— Eu só queria saber por que você confia em mim... — falou, repentinamente.

— Simplesmente para poupar o nosso tempo — respondeu Ferris, com um sorriso.

— NÃO duvidarei do seu amor a meu filho, se você fôr capaz de renunciar a tudo, **inclusive a êsse amor**!

— Não acredito — disse Ferris — não acredito que a senhora esteja tentando

A "TÔRRE INCLINADA" ALEMÃ

PISA, na Itália, não tem monopólio da "Tôrre Inclinada", embora seja ela a mais famosa. Em Dausenau, Alemanha, uma pequena tôrre, próxima de Bud Ems, na Zona Francesa de Ocupação, há outra tôrre assim. Na Idade-Média, Dausenau era cercada por altas muralhas dominadas por sete tôrres iguais a essa, sendo que duas ladeavam a porta monumental. Em 1348, uma delas, com a porta foi retirada, permanecendo sòmente a da gravura. Napoleão, em 1803, abriu essa estrada e a tôrre, desde então, começou a inclinar-se. A posição se tornou tão perigosa nos últimos anos, que a municipalidade está decidida a cortar uns dezoito metros da parte superior, segundo indica a linha pontilhada no clichê.

separar-me do seu filho. Pelo que Nellie me disse, as moças daqui são profundamente intoleráveis.

Ao ouvir estas palavras, Luiza sorriu; compreendeu o quanto de verdade elas encerravam. Na realidade, comparadas com Ferris... Mas, de repente, procurou compreender o que havia sucedido com seu filho. Ferris, inegàvelmente, era uma mulher atraente, viva e que tinha aquêle **élan** capaz de satisfazer aos homens. Entretanto, a sua formação duvidosa e aquela família pouco recomendável... Não; nem era bom pensar nisso! Um amor inteiramente impossível!

— Você disse que seu pai está planejando viver permanentemente no Alaska? — perguntou Luiza no momento em que Nelson entrava na sala.

— O prazo já terminou! Agora vou com Ferris à cidade. A conversa foi bastante demorada.

Nelson foi sentar-se no braço do sofá e acariciou com a mão o ombro de Ferris; olhava para os cabelos da sua amada com uma expressão tão terna que Luiza não pôde conter o seu desespêro por ver que tudo parecia estar irremediàvelmente perdido. Pensou em mil coisas diferentes. Talvez uma viagem à Europa... Nelson sempre manifestara o desejo de conhecer Londres... Uma jovem que vive sòzinha... numa situação precária... Qual seria a sua reação diante de uma oferta de três mil dólares? Num dado momento, Luiza notou que Ferris estava olhando atentamente para ela. Enquanto Nelson parecia querer beijar-lhe o pescoço, seu olhar estava fixo em Luiza; e neste olhar nada havia que indicasse emulação ou triunfo, e sim uma sugestão de aliança, e talvez, de cumplicidade que fêz germinar uma idéia que surgiu por um momento no espírito de Luiza, mas que agora retornava e, com certeza, ia pautar a sua conduta.

Um pouco depois das onze e meia, Luiza, após uma longa e árdua introspecção, bateu bem de leve na porta do quarto em que Ferris tinha sido instalada. E durante mais de meia hora uma certa proposta foi apresentada, discutida e aprovada. Os detalhes do acôrdo nunca deixaram de constituir um segrêdo para as duas mulheres, porém as conseqüências foram motivo para numerosas conversações telefônicas que começaram na semana seguinte entre Luiza e as principais donas-de-casa de Waverly.

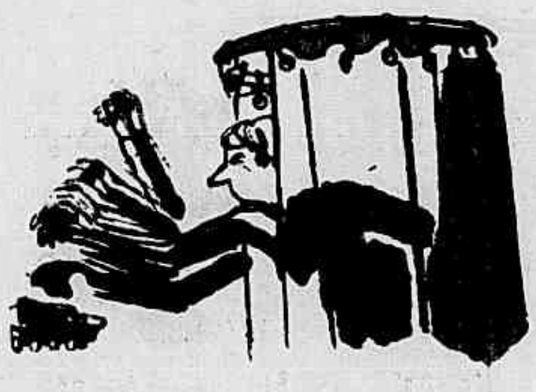
A primeira a telefonar para perguntar sôbre a notícia que lera nos jornais foi a senhora Hárvey Allan.

— Em Tanglewood... — disse Luiza. — Oh, querida, ela é pintora. Um verdadeiro talento! É claro que não tenho espírito crítico, mas na semana passada estive conversando em **La Coeur** em New York — na **Galeria da Quinta Avenida**... Êle está entusiasmado... Peters! Ela é de uma grande família de Detroit, uma família de artistas... A mãe era uma grande atriz; morreu quando Ferris ainda era criança... O pai? Um notável compositor... É autor de várias sinfonias. Encontra-se atualmente no Alaska. Dentro em breve partirá para a Europa, numa de suas "tournées"... Avalia só a **sorte** de Nelson!

ESCADA ESCAMOTEÁVEL

PARA sótão, operando por meio de contrapesos, segundo indica o clichê. Um pequeno cordel, quando necessário, faz a escada descer, desdobrando-se até ao chão. Quando não mais necessária, é simplesmente suspensa, dobrando-se com facilidade. Finalmente, um pequeno empurrão e ela será recolhida pelo contrapeso, fechando-se novamente o teto, do qual penderá apenas o pequeno cordel.

SE suas plantas não se desenvolvem como seria do seu agrado, é conveniente dar-lhes um bom adubo. Porém é preciso saber aplicar o adubo, pois é detalhe indispensável — e



pouco conhecido pela maioria das donas-de-casa. Para essa operação, aconselhamos abrir pequenos orifícios, com uns cinco ou seis centímetros de profundidade, quase junto do bordo dos vasos onde estão as plantas e depositar no fundo dos mesmos ligeira quantidade do adubo, cobrindo-se novamente com a terra retirada. Regar, a seguir, porém sem exagêro.

★

CONSÊRTO de emergência para uma torneira que pinga, como a de um filtro principalmente, o mais indicado é usar como tampão uma batata crua, que se crava no bico da torneira e a êle fica prêsa, vedando totalmente a passagem da água.

★

PARA tirar manchas de frutas — Depois de umedecer a mancha, submetê-la aos vapores de enxôfre, queimando um pouco dessa substância num pires e fazendo chegar os vapores à mancha por meio de um funil de papel. Antes de empregar êsse vapor sulforoso nos tecidos coloridos, convém primeiro ensaiar num retalho da mesma fazenda, pois há tinturas que não resistem à ação do enxôfre.

★

SE no seu chuveiro não há suporte para o sabonete, não estrague meia-dúzia de ladrilhos, a fim de colocar o quadrilátero próprio para depositar êsse indispensável acessório do banho. Coloque um ou dois envelopes de matéria-plás-

tica (que poderão ser cosidos com linha) na própria cortina do chuveiro.

★

MANCHAS de transpiração, nos vestidos, podem ser removidas com facilidade, se, antes de começar a lavá-los na forma usual, começarmos por molhar as manchas muito bem com uma solução forte de água e sal. Convém usar para essa operação água morna.

★

SE você usa ferro a carvão e não o ferro elétrico, aqui está um bom conselho para economizar àquêle combustível. Deitem sôbre o carvão boa quantidade de carbonato de soda. Com êsse agregado, 10 quilos de carvão passam a ter a duração de 15 quilos.

★

PARA que os impermeáveis retomem a primitiva flexibilidade, metem-se num banho de água muito quente ou submetem-se à ação do vapor de água. Se, mesmo assim, não se conseguir o desejado, embeba-se uma esponja em benzina, passa-se outra esponja embebida em glicerina. Minutos depois, enxuga-se com um pano sêco.

★

PARA aplicar o linóleo no soalho e saber cortá-lo na medida justa e sem que fique curto demais ou grande demais; o que seria um prejuízo lamentável, mas irremediável, coloquem uma fôlha de jornal bem encostada à parede e depois desenrolem o linóleo a partir do canto oposto. Ao chegar sôbre o jornal, pren-

dam êste ao linóleo, que lhe ficou por cima, com clips e, depois, levantando linóleo e jornal cortem o primeiro justamente no ponto indicado pela beira do jornal que ficava encostada à parede.

A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS

TUDO SE EXPLICA

QUAL O SIGNIFICADO DO TÊRMO "TRUST" DENTRO DAS ATIVIDADES COMERCIAIS? — Êste têrmo foi aplicado a um sistema comercial que apareceu nos Estados Unidos em 1880. Os acionistas que tinham valores em diversas emprêsas eram convidados a entregar suas ações a uma diretoria de fideicomissários, recebendo em troca os chamados "certificados trusts". Êste sistema foi combatido acerbamente porquanto conduzia ao monopólio que, geralmente, prejudicava os consumidores; mais tarde, êsse vocábulo foi aplicado a tôdas as grandes emprêsas que congregam várias companhias industriais ou comerciais sob uma única direção. Na União Soviética, a palavra "trust" é aplicada às grandes indústrias do Estado.

ATÉ QUE PROFUNDIDADE CHEGAM AS MINHOCAS — E QUAL A SUA ALIMENTAÇÃO PREFERIDA? — Existe no mundo cêrca de 2.000 diferentes espécies de minhocas. Êsses vermes da terra vivem geralmente a 35 centímetros da superfície, mas, às vêzes, chegam a metro e meio de profundidade, e, ocasionalmente, atingem mais de três metros! A terra por onde se movem, passa por dentro de seus corpos; nutrem-se principalmente de raízes mortas, fôlhas e matérias em decomposição. Durante a noite costumam vir à superfície em busca de alimentos. Por isso é que, às vêzes, pela manhã, muitas minhocas são encontradas ainda fora da terra.

POR QUE SE AFIRMA QUE O SOL E AS ESTRÊLAS POSSUEM UMA COMPOSIÇÃO QUÍMICA SEMELHANTE À DA TERRA? COMO SE SABE ISTO? — Todo mundo sabe que as diversas côres dos fogos de artifício são produzidas mediante a cremação de vários produtos químicos: o cobre produz um fogo azul-esverdeado, o magnésio faz o branco, o nitrato de estrôncio o vermelho, etc. Outro fato familiar para muita gente é que a luz branca do sol está composta de diversas côres, que se combinam na formação do "arco-íris". Assim, a luz de qualquer estrêla pode ser analisada para determinação de suas côres constituintes, utilizando-se o espectroscópio; e o resultado fixa qual a proporção de cada um dos elementos que arde na superfície da mesma.

COMO SE FIXOU A DURAÇÃO DO MINUTO E DA HORA? — Só muito tempo depois da construção de cidades, templos e métodos de negócio, foi que a humanidade compreendeu as vantagens da divisão do dia em partes iguais. Os egípcios não pensaram nisto: dividiam o dia e a noite em 12 horas, com uma duração que variava de acôrdo com as estações. Foi a invenção do relógio de água (clepsidra) na Babilônia, por volta do ano 2.000 antes de Cristo, que determinou o aparecimento de um **método exato** para medir o tempo.

A hora babilônica representava duas das nossas, e dividia-se em trinta partes iguais.

Posteriormente, os sistemas babilônico e egípcio foram combinados para produzir o nosso dia de vinte e quatro horas e a hora de 60 minutos.

CURIOSIDADES DA NOSSA TERRA

BAMBAÊ, a dança selvagem

Por JOSÉ LOUZEIRO

FOI no interior do Estado do Maranhão que tomei conhecimento do fato que agora tento reproduzir.

A tarde extinguira-se. Nas palhoças dos caboclos acenderam-se as lamparinas, a solidão da noite misturou-se com o fretenir das cigarras e grilos. Alguns bois tresmalhados vieram deitar-se sob a ramagem soturna da grande paparaubeira que crescera em frente à casa onde me hospedara, e só o leve rumor do vento no canavial fazia-se ouvir.

Distante, por trás de comprida nesga de mato, tênue claridade esboçava-se nas trevas. Dir-se-ia ser pequena fogueira ou princípio de incêndio num roçado.

De repente, como uma pedra que tolda a água tranqüila dum lago, ecoa no espaço enegrecido a voz de um homem que canta. Um tambor marca o ritmo do canto em batidas compassadas. Outros tambores menores retumbam, o batuque cresce de intensidade, acentua-se a marcação do estranho ritmo, eleva-se, avoluma-se. Agora, dezenas de vozes rudes confundem-se numa cantiga que mais parece um gemido: é o bambaê, dança selvática, que se assemelha a um primitivo ritual de negros.

Grandes tochas de resina ardem nas extremidades das estacas que circundam o terreiro, onde se processa a festa. Os dançarinos, suados, reluzentes, gingam, gesticulam, curvam-se, batem fortemente com os pés descalços no chão de terra sôlta, e cantam:

"Abaê ê... p'ro meu sinhô
sinhô abaê.. abaê ê...
Sou cabra macho
quando marco o bambaê..."

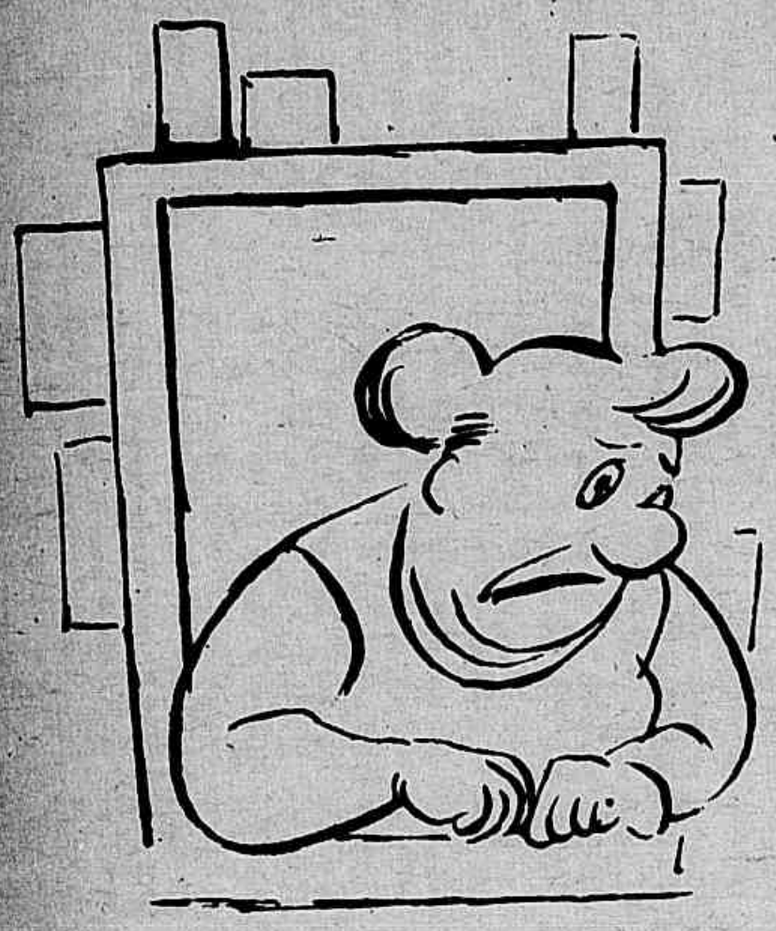
As mulatas luzidias, com papoulas murchas prêsas à carapinha, beiços pintados com urucu, jogam-se sôbre o solo com fúria demoníaca, levantam-se saracoteando, rebolando, grunhindo expressões ininteligíveis. Em dado momento os participantes da dança formam uma fila indiana, transformam a fila em grande círculo e atiram-se uns sôbre os outros.

Os tamborins batem acelerados, os dançarinos erguem os braços para o alto, batem algumas palmas, gesticulam, recomeçam a canção para nós incompreensível:

"Abaê ê... p'ro meu sinhô
sinhô abaê ê... abaê ê..."

Sertanejos vindos de muito longe assistem ao espetáculo, que lhes é familiar. Meninos das redondezas vendem aos visitantes roletes de cana enfiados em talos de anajá, bôlo de massa dágua com mel de abelha, rapadura, cuscuz de milho.

E a dança prolonga-se pela noite a dentro, lenta, arrastada, traduzindo a alegria de uma raça infeliz, que canta as suas mágoas, os seus sofrimentos, à luz mortiça das tochas, perdida no seio obscuro de regiões ignoradas.



POR QUE AS MULHE
(E OS HOMENS

Para atrair a confiança do marido, a mulher

NA hora da refeição, ela conversou sôbre as coisas mais insubstanciais dêste mundo. Contou ao marido o que o filhinho havia dito, quando jogava futebol, e como Suzana era carinhosa com o seu irmão menor. Em seguida, explicou porque a salada de lagosta custava mais barata do que o picadinho. Depois perguntou se êle havia lido a crítica da película anunciada para a semana seguinte...

Êle simplesmente respondeu: — Não.

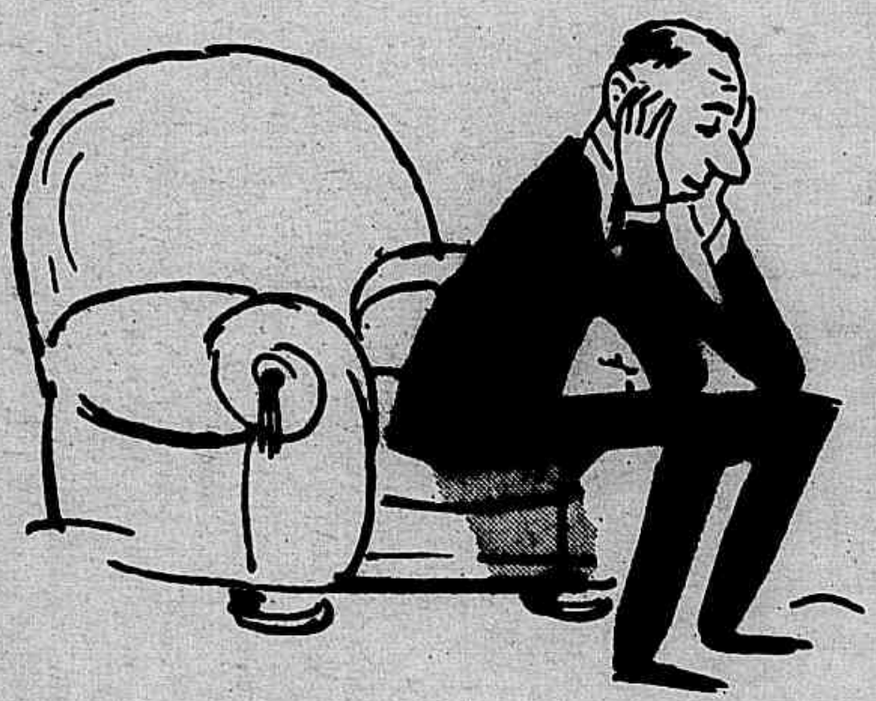
De repente, um pensamento alarmante surgiu na cabecinha dela:

"Se eu não tornar a fazer alguma pergunta, um comentário ou uma observação, é bem provável que êle não me dirija mais a palavra e até se esqueça da minha presença!"

Certamente, êste não era um pensamento tranqüilizador; e, para afastar o perigo, ela tratou de reanimar a conversação e, pràticamente sòzinha, continuou falando **sem interrupção**.

O marido terminou de comer a salada de lagosta, bebeu uma outra xícara de café e pensou:

"Até quando continuará ela falando?"



ENAS semelhantes ocorrem todos os dias com milhares de casais. Elas esperam ansiosamente o regresso de seus respectivos maridos a fim de descansar e conversar. Êles também esperam, ansiosamente, êsse momento... mas, para gozar de descanso, descanso total ao qual não pode faltar longos momentos de calma e silêncio..

Porém o silêncio do marido provoca na mulher a angustiante sensação de que talvez passe a vida inteira sem saber, realmente, o que êle pensa e sente! A incessante conversação da espôsa provoca no marido o desejo de se levantar e ir até ao bar da esquina, a fim de terminar a leitura dos jornais, antes de conhecer os problemas do lar e o que ocorreu na vizinhança.

Por que os homens não falam?

Algumas senhoras norte-americanas discutiram exaustivamente êste problema com o dr. Abraham Stone, sociólogo e grande autoridade em assuntos conjugais nos Estados Unidos. Ouviram o dr. Albert Ellis, ex-diretor do Instituto de Psicologia, de New Jersey; a dra. Florence Hollis, do corpo docente da Escola de "Serviço Social", da Universidade de Columbia; e a dra. Lena Levine, psiquiatra e acessora do "Centro de Saúde Materna", de Brooklyn.

A educação da mulher, nos Estados Unidos, está sendo ministrada no sentido de que ela possa expressar os seus sentimentos com o máximo de liberdade. O homem, contràriamente, parece haver nascido para estar calado.

De fato, êle se considera senhor da arte de falar sòmente quando aprende a não usá-la: desde a infância todos esperam que êle não se queixe fàcilmente, que não seja resmungão, etc.

RES FALAM TANTO ?

TÃO POUCO!)

deve aprender a ouvir com paciência...

Se fracassar em alguma coisa, deverá dissimular, **"deve saber perder"**; se se ferir ou levar um forte tapa-ôlho, numa briga. "Deverá evitar as lágrimas", **para demonstrar virilidade**, para afirmar **que é homem!**

Como diz o dr. Albert Ellis: "É mesmo extraordinário que a vida seja compatível entre companheiros educados de forma tão diferente!"

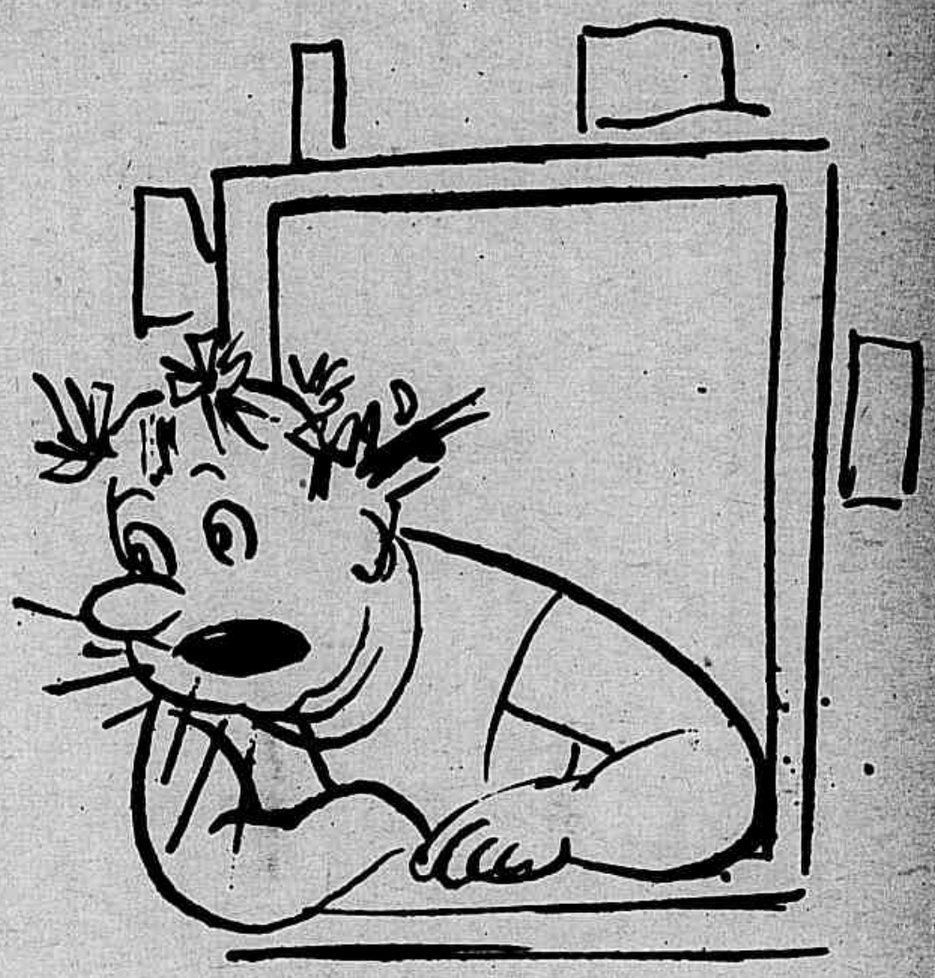
Provàvelmente, em nove de cada dez casos, a reticência do homem provém da sua falta de prática na expressão dos pensamentos e sentimentos mais profundos. Os conselheiros matrimoniais afirmam que muitos homens ficam surpreendidos ao saber que suas espôsas precisam que êles digam freqüentemente:

— **Eu te amo.**

Segundo a dra. Lena Levine, os seus clientes perguntam muitas vêzes:

— Por que minha mulher pensa que não a amo? Para quem, então, ela julga que trabalho tanto?

O mesmo podemos dizer com relação às confidências pessoais. Um homem que tem dúvidas e temores, ou que, ao contrário, é orgulhoso e sente-se seguro de si mesmo, raramente traduz os seus sentimentos por meio de palavras. A mulher, terrível observadora, sabe, através do mau humor ou da generosidade expansiva do marido, se as coisas andam bem ou mal. A verdade é que êle nada dirá; e isto **porque considera que o fato de fazer confidências ou ventilar os seus assuntos íntimos é prova de debilidade que o deixa em situação ridícula.** Quando uma mulher está



literalmente **louca para conversar**, costuma dizer ao marido:

— Quero falar contigo.

A reação natural no homem é um tanto alarmada:

— Que aconteceu?

Considera a **conversação** um sinônimo de **más notícias** ou **de problemas**. E poucos são os homens a acreditar que a conversa resolve algum problema.

Quando os maridos enfrentam uma dificuldade procuram sair dela antes mesmo que as espôsas tomem conhecimento da mesma. Agindo assim, acham que evitam preocupações para elas, **como também possíveis críticas**.

— João!...

Que podê fazer uma mulher convencida de que na vida matrimonial a comunhão entre os cônjuges não consiste ùnicamente no fato de compartilharem da casa?

A opinião dos conselheiros matrimoniais indica e mesmo afirma que a mulher pode ajudar ao marido a expressar os seus sentimentos com mais liberdade.

E deve começar a sua campanha fortalecida pela idéia de que está com a razão.

Diz a dra. Levine:

— Os homens precisam ser mais sensíveis e dar mais expressão aos seus sentimentos. E é um fato que muitos problemas podem ser resolvidos mediante uma conversa.

Para induzir o homem a falar, a mulher deve, antes de tudo, saber escutar. Se perguntarmos por que conversa pouco quando está em casa, mais de um marido dirá:

— Não deixam que eu opine.

Embora não seja de todo verdadeira, há muito de positivo nesta resposta. A resposta exata seria esta:

— Quando deixam que eu abra a bôca para opinar a vontade de falar já passou!

Muitas mulheres se insurgiriam contra resposta, dizendo que **nunca interrompem seus maridos**, e que, até ao contrário, gostam imensamente que êles relatem minuciosamente tudo o que fizeram durante o dia. Esquecem, porém, que uma boa parte da arte de escutar consiste em esperar para ouvir.

Não é possível modificar em poucas semanas a formação de um homem; entretanto, o dr. Albert Ellis acredita que, com tempo e sutileza, a mulher pode conseguir que o marido se expresse mais livremente. Se o espôso disser, por exemplo, que um negócio fracassou; ela poderá dizer:

— Deve ser horrível trabalhar tanto tempo para nada conseguir afinal.

Dêste modo, sendo ela a primeira a expressar o que êle sente nesse momento, ajudá-lo-á a vencer o preconceito de que as emoções não são varonis.

Pode-se conhecer perfeitamente a atmosfera emocional de uma casa, observando-se a linguagem que nela se fala. A mulher, que cumprimenta o marido e os filhos com entusiasmo e palavras carinhosas, segundo a dra. Levine, contribui para que o marido se torne mais expansivo. A dra. Levine prefere o tipo de mulher que é pródiga

em "querido" e "meu bem", etc., ao tipo excessivamente reservado, que se empenha em dissimular suas emoções. Segundo ela, quanto mais alegres são os membros de uma família, melhor.

O dr. Stone diz que as mulheres contrariam o silêncio dos seus respectivos maridos, **porque esperam mais** do matrimônio, do que os homens. Quando a chegada dos filhos as prende em casa, esperam que os seus maridos falem das atividades e acontecimentos dos quais não podem participar. E é justamente êste o momento em que uma mulher mais precisa das palavras do marido. É exatamente neste ponto que, com o seu palavrório excessivo, cometerá erros, que, pouco a pouco, vão abrindo um abismo entre os dois.

A paixão que a mulher nutre pelo telefone é uma coisa realmente capaz de impressionar

Outro conselho do dr. Stone às mulheres:

— Não procurem dirigir a vida de seus respectivos maridos! Se desejam que êle fale de si e do seu trabalho, façam um exame de consciência e certifiquem-se de que o seu verdadeiro desejo não é forçá-lo, procurando manejar os seus assuntos.

Muitas mulheres se queixam de que seus maridos demonstram pouco interêsse em conversar sôbre os filhos. Algumas mulheres falam tão detalhadamente sôbre a criação do filho que aborrecem os maridos. Um pouco de humildade da parte da mãe, quanto ao fato de pedir a opinião do pai sôbre a educação do filho, levaria o marido a revelar o seu parecer.

Os cientistas são unânimes em aconselhar às mulheres que não desistam da sua luta contra o mutismo e o isolamento.

Se uma espôsa sente que o marido se afasta pouco a pouco, não deve ter ilusões com o problema da **solidão em companhia,** tratando de não ficar jamais sòzinha com êle.

De nada servirá andar corrente de festa em festa, na casa dos amigos ou na própria.

A separação, em vez de diminuir, aumentará se não houver tempo para o silêncio e para a conversação, devido ao excesso de atividades, mesmo que delas participem ambos os cônjuges.

Outro ponto que deve ser considerado quanto antes pelas mulheres é o do **assunto.**

A mulher tem um ciúme doentio do interêsse que o jornal da manhã desperta no marido. Esquece, porém, que aquêle é o instante único, no decorrer do dia, que êle tem para ler!

Conhecemos muitas que vivem queixosas, afirmando que o marido "só tem assunto para os outros" e jamais para elas mesmas.

Há um pouco de verdade nessa afirmativa. Mas há um mundo de razões para isso. O assunto que discute **com os outros** é, geralmente, escolhido por êle próprio. E dêle sairá logo que queira ou que se interesse por tema diferente. Já com a espôsa, tudo muda. Por mais que êle fuja de certos temas (porque o preocupem e o deixem em estado de ansiedade, tais como negócios duvidosos, compromissos, situações de família, etc., e que já foram abordados dezenas de vêzes) ela não o larga! Nos "intervalos" dêste e daquele assunto, lá volta, a tratar do assunto que desagrada ao marido. Como resultado dessa péssima política, êle se mostra taciturno ou monossilábico. Com o seu laconismo e forçado afastamento procura por todos os meios fugir da "ameaça" representada pela presença da espôsa e a sua teimosa insistência em falar do que lhe causa irritabilidade. Meditem em todos êsses detalhes da vida em comum e procurem corrigir-se, para ter um marido mais franco e conversador.

O fato do marido ser **homem de poucas palavras** não quer dizer que não ame a sua mulher ou que exista uma falha insanável no seu matrimônio. A verdade é que a espôsa tem em mãos uma tarefa que requer paciência, sutileza, compreensão e tato.

E a recompensa — o fato de o marido fazê-la partícipe de tudo o que pensa e sente — merece muito bem o esfôrço dispendido!

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

GRACIELA ELIZALDE

O Instituto de Economia Doméstica da G.E. realizou, recentemente, interessante demonstração sôbre "Menus para festas infantis".

Para o grupo de 3 a 6 anos, as especialistas sugeriram:

Uma xícara de sopa
Galinha com creme e arroz
Cenouras e ervilhaças
Sorvetes e bolinhos.

Para o grupo de 6 a 10 anos:

Uma xícara de sopa
Croquetes de presunto com arroz
Bananas assadas
Espinafre
Sorvetes e bolinhos.

E, finalmente, para as crianças maiores:

Caldo de frutas
Sanduíches de presunto e queijo
Milho cozido e favas
Sorvetes e bolinhos.

Como a leitora deve ter notado, foi sugerida sempre a mesma sobremesa. Vejamos uma receita dêsses bolinhos, muito usados nos EE.UU.:

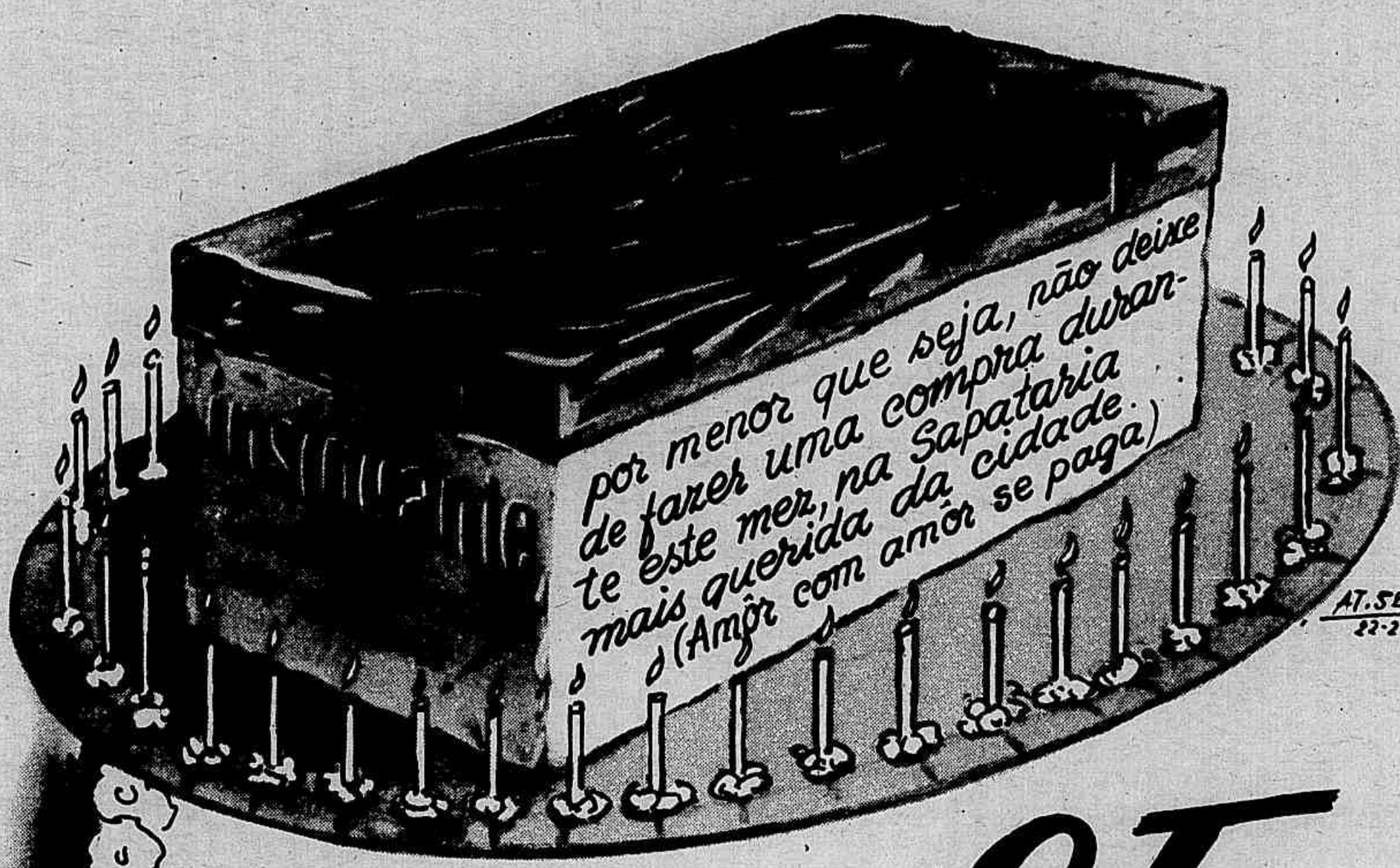
BOLINHOS BRANCOS SIMPLES

2 xícaras de farinha de trigo
1 ⅓ xícara de açúcar
2 ½ colheres de fermento
1 colherinha de sal
½ xícara de manteiga
7/8 de uma xícara de leite
1 ½ colherinha de essência de baunilha

Misturam-se a farinha, fermento e sal e juntam-se a manteiga, duas têrças partes do leite e a essência de baunilha. Bate-se na batedeira elétrica, velocidade 2, durante dois minutos, raspando-se a beirada e o fundo da vasilha, de vez em quando. Juntam-se os ovos e o resto do leite. Bate-se na velocidade 2 durante um minuto. Põe-se nas fôrmas e assa-se em forno quente, durante meia hora. Deixa-se esfriar, durante cinco minutos, antes de se tirar da fôrma, colocando-se, depois, por cima, um môlho de baunilha.

Um acontecimento na cidade!

insinuante ESTÁ ANIVERSARIANDO



Salve os **25**

ANOS DA

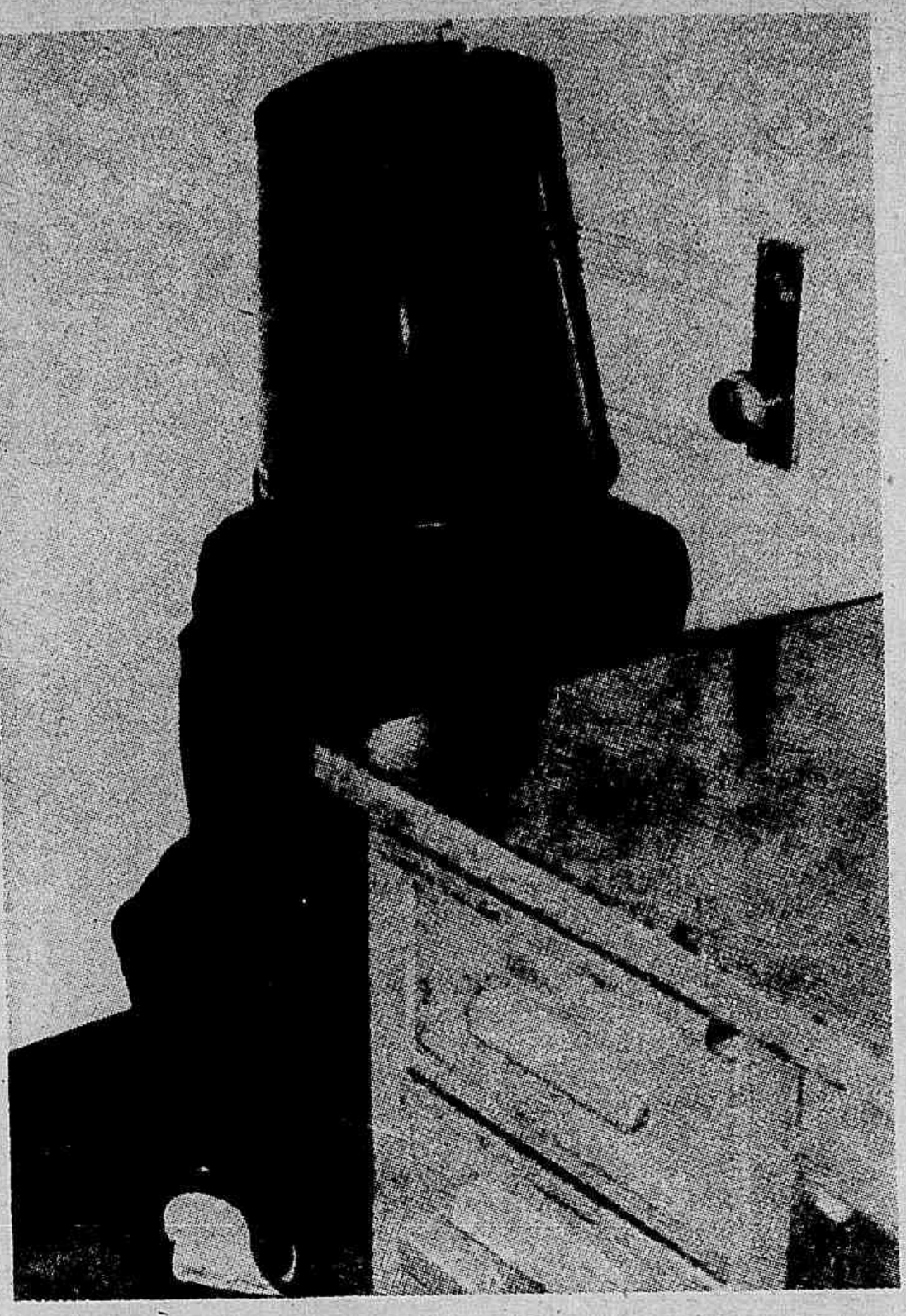
INSINUANTE

A sapataria mais querida da cidade

MUITAS FLÔRES
MUITA ALEGRIA
E PREÇOS
BARATÍSSIMOS!

FOTÓGRAFOS INDISCRETOS

FOI num "night-club". Bing Crosby dançava com Grace Kelly (a última ganhadora do Oscar) todo animado, apesar dos 55 anos de idade. Mas havia esquecido o "topete" com que se apresenta às suas fãs, estando, assim, de calva à mostra...



ÊSSE cavalheiro, um advogado de San Francisco, foi prêso sob acusação de bigamia; procurou fugir dos fotógrafos... encolhendo-se num canto do escritório e cobrindo a cabeça com a cesta de papéis.

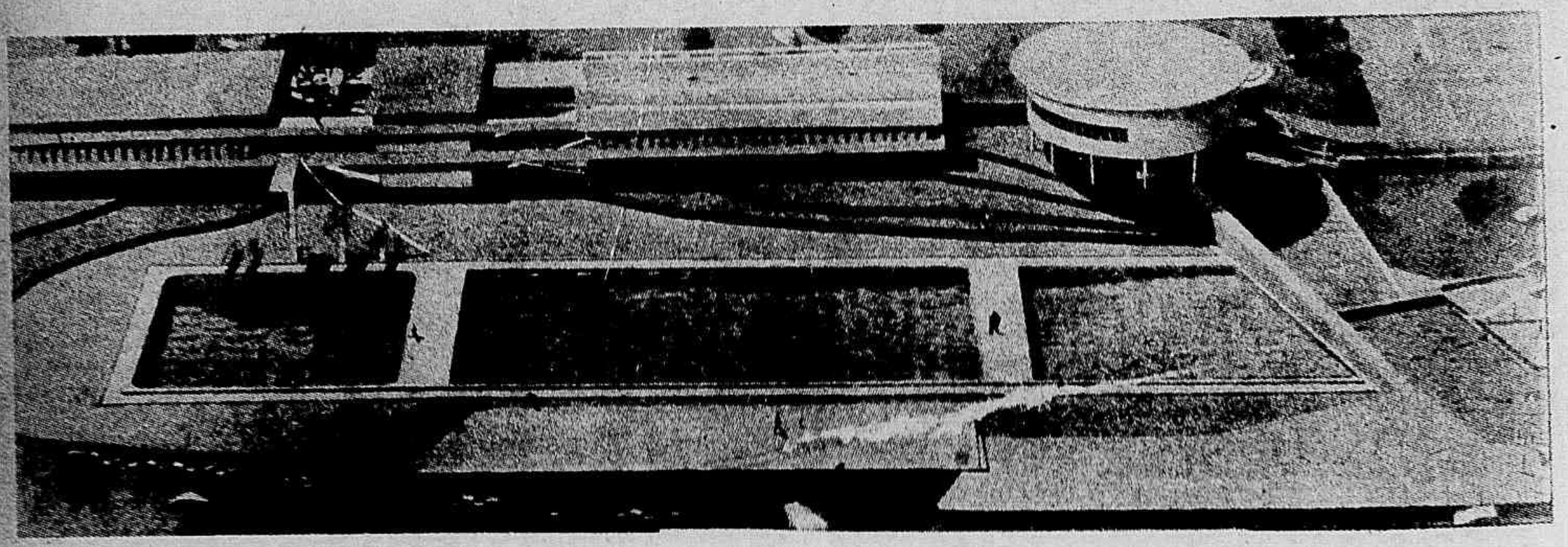
LIMPEZA DOS BORDADOS

PREPARA-SE um solução aquosa de sabão e nela se submergem os bordados, o indispensável para que fiquem totalmente cobertos; nessa água ensaboada são deixados ao sol durante cinco ou seis horas.

Ferver depois a água, sem tirar os bordados da mesma.

Lavar, finalmente com água e anil, se o bordado é branco, deixando-se secar ao ar livre.

QUAISQUER que sejam as vantagens doadas pela Natureza, não é só elas, mas sim a fortuna que com ela faz os heróis. — La Rochefoucauld.



EM Milão, a municipalidade acaba de aprovar o projeto acima para a construção de uma piscina, que terá quatro divisões para nadadores até oito anos, principiantes, veteranos e para os que apenas querem refrescar o corpo. O projeto inclui solário, campos de tênis, etc.

A PAZ DO MUNDO

PELO GENERAL MARTINEZ DE CAMPOS Y SERRANO, CONDE DE LLOVERO E DUQUE DE LA TORRE E DA REAL ACADEMIA ESPANHOLA.

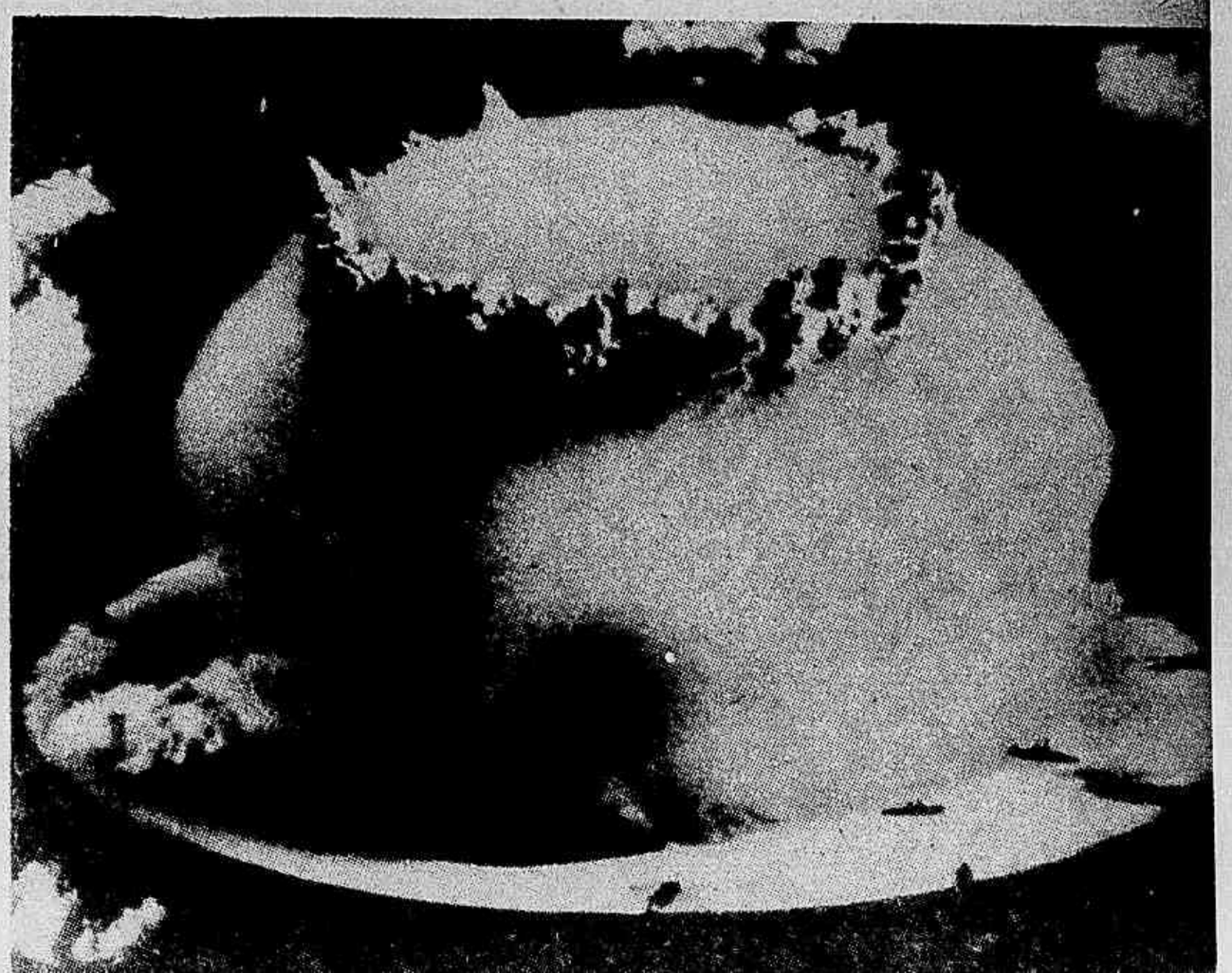
O MUNDO QUER PAZ — O mundo, neste mundo, é o que não dirige: o que não dirige nem fabrica armas de guerra. E êsse mundo quer paz.

Quando Malenkov se encontra com Tito, depois de vários anos de inamistosa concomitância, brinda, diante do rádio, com vinho iugoslavo, pela paz. Quando na Câmara francesa a "direita" se une aos comunistas, para votar contra o govêrno, trata-se apenas — erradamente ou não — de assegurar a paz. Quando os Estados Unidos procuram que sua técnica redunde em benefício dos novos armamentos, é porque crêem que dêsse modo se afirmará a paz. E quando em cada lar britânico, italiano ou ibérico se fala com insistência da guerra, é porque todo o mundo quer a paz.

E que o mundo quer a paz é evidente. Em 1914, dois balaços provocaram a primeira guerra mundial, e, agora, ao contrário, duas campanhas, que custaram várias centenas de milhares de feridos e de mortos — as da Coréia e da Indochina — não foram suficientes para que começasse a terceira luta mundial.

Quando os Estados Unidos procuram que sua técnica redunde em benefício dos novos armamentos, é porque acreditam que com isso fortalecerão a paz. Em 1945 explode a primeira bomba "A"; em 1949, Truman autoriza a fabricação da Bomba "H", que fica pronta em 1951...

Sem a técnica moderna e o fabuloso custo das armas, e sem a idéia de que os projéteis dirigidos e ultramodernos são indispensáveis para fazer a guerra, é evidente que a atitude post-bélica da Rússia — em 1945 — teria provocado outra conflagração, destinada por si mesma a



Oito porta-aviões, oito couraçados, 135 "destroyers", 40 patrulheiros e 55 submarinos têm os Estados Unidos sòmente na Ásia. A fotografia é do maior porta-aviões do mundo: o "Forrestal", de 60.000 toneladas e custo de setecentos milhões de dólares. É uma verdadeira ilha flutuante.

concentrar tôda a Alemanha sob o jugo do Ocidente ou, talvez, do Oriente. E, sem dúvida, o esfôrço teria sido formidável. E só Deus sabe se agora, dez anos depois de começado êsse conflito, ainda estariam os exércitos batendo-se e os povos suportando os efeitos colossais de outras armas posteriores. O desgaste teria sido incalculável. Porém êsse desgaste se teria manifestado principalmente no esgotamento resultante de prolongar a luta, começada sôbre o Elba e estendida — quando mais — até a estepe russa ou até o Atlântico.

Não devemos esquecer que "Potsdam" foi assinado quando a bomba atômica começava sua carreira, quando a América não estava em condições de construí-la em série e —o que é mais interessante ainda — quando a Rússia não dispunha dela. Tudo induz, portanto, a supor que essa terceira guerra teria assegurado a integridade germânica e a supremacia absoluta do núcleo democrático cristão. Teria sido melhor? Tudo faz crer que sim. O enfêrmo tinha que ser operado. Mas então não pensou nisso. Não sabia que estava grave.

Nada ocorreu; e agora, sem dúvida, a guerra anda rondando. Os europeus, em massa, procuram não vê-la. Abusam da tática adotada pelos avestruzes. Querem não pensar, ou pensar em algo que desvie do perigo. A Indochina serviu para abrir os olhos de muitos que estavam longe e acreditavam que a ação do Kominform tinha um limite oriental; e antes disso a Coréia fêz o papel de um canhão que despertou aquêles que pensavam que a técnica era bastante para tudo e que os homens — numa terceira guerra — teriam por missão ùnicamente fabricar armas e depois utilizá-las a distância. As duas lutas, de fato, demonstraram que só o ser humano — em nosso tempo, como em tempos primitivos — é quem luta e quem derrota, e que hoje os grupos de combate e as cortinas de radar enfrentarão o mesmo que antes enfrentavam as falanges de Alexandre, as legiões de Pompeu e os batalhões do rei da Prússia. E esta informação induz o mundo — ainda mais intensamente — a não querer a guerra.

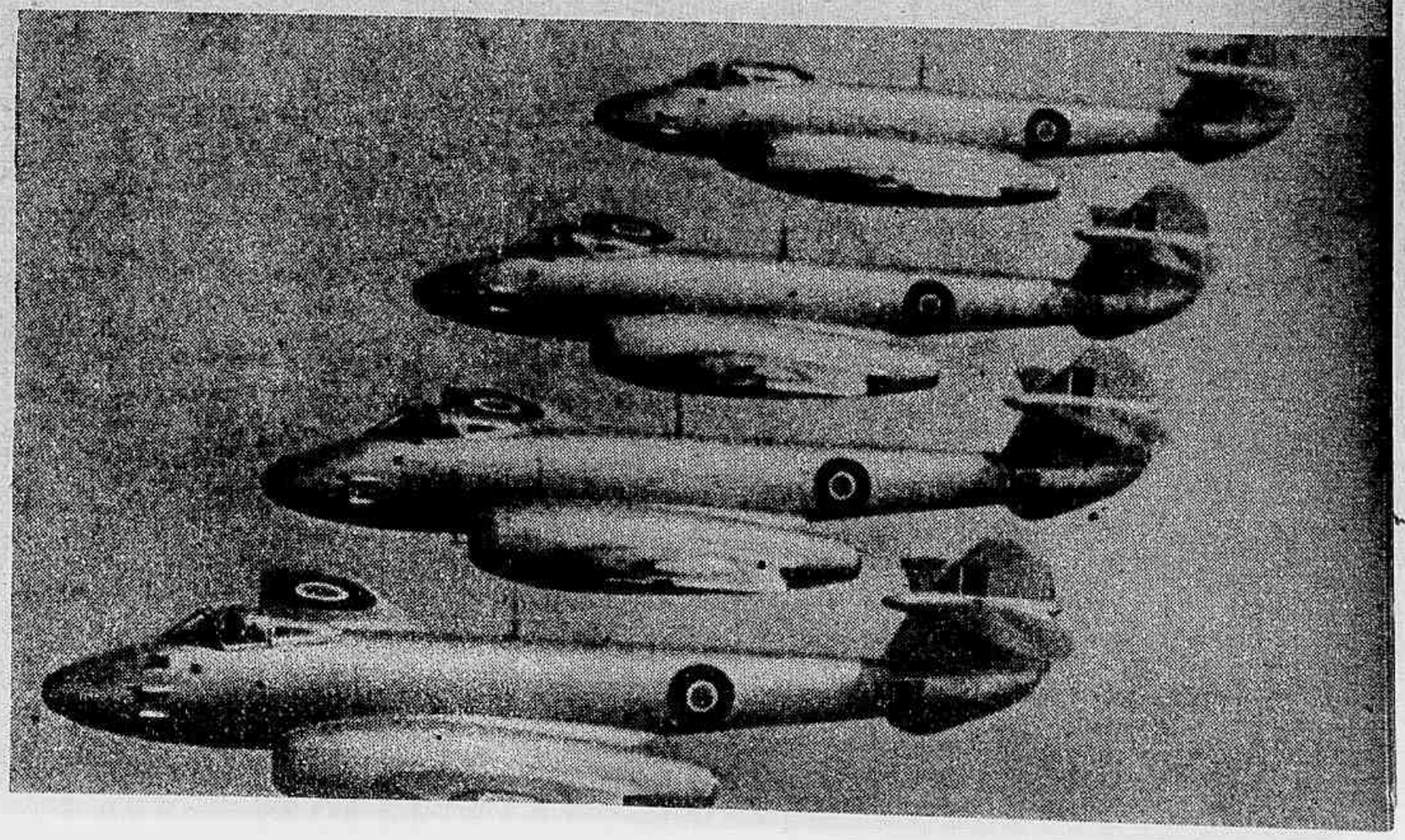
Não obstante, o ar é inflamável — segundo disse Liddell Hart — e se uma fagulha cair onde não deve, o fogo começará. Suas causas, infelizmente, continuam sendo valvulares. Agem sòmente no sentido perigoso: o desfavorável. Cem fatos consecutivos podem não causar o incêndio; porém se o seguinte o origina, o vento fará o resto, tudo incendiando. Em matéria bélica ocorre o mesmo. A "encruzilhada" de que nos fala o arquiduque Otto de Habsburgo em "Europa na Encruzilhada" não se limita à Europa: estende-se à

América também. A situação é perigosa. A ameaça externa é tão poderosa como na época vandálica ou durante a ofensiva muçulmana. Porém não pode mais ser resolvida mediante uma campanha mais ou menos breve ou uma batalha isolada, mas levará, forçosamente, a uma guerra prolongada, da qual conhecemos apenas a maneira de começar. E êste perigo inquieta o mundo, a um mundo que só pensa na ameaça do adversário sem dar-se conta de que a preparação de sua defesa constitui uma ameaça inversa.

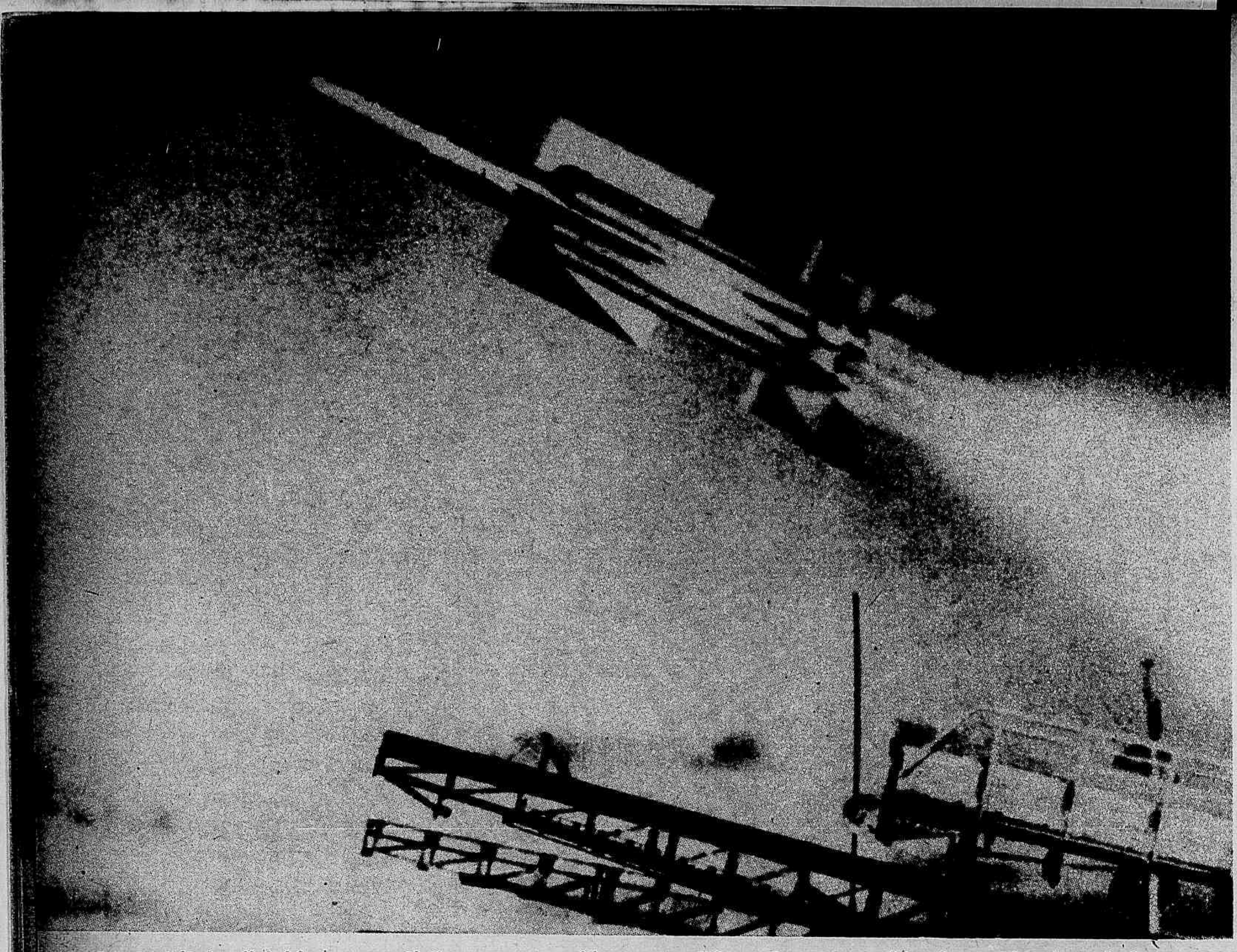
A AMÉRICA DO NORTE DIRIGE — A grande nação norte-americana tende a apoderar-se da batuta monstruosa, destinada a dirigir a orquestra. É lógico: seu dinheiro e sua posição geobélica a colocaram a boa altura e bem disposta para dar remédio ao desconverto que começou há alguns anos.

Essa obra se manteve paralela ao trabalho desenvolvido pelos técnicos. Cresceu com a "bomba". Em 1945 ouvem-se as primeiras explosões. Em 1949, Lewis Strauss convence ao presidente Truman de que é preciso fabricar a "H". Em 1951 começa a surgir a fábrica de Savannah River, e em 1954 são realizadas provas satisfatórias. E êstes são os escalões correspondentes à elevação da América do Norte em pináculo. O Pacto do Atlântico, os acordos de Taiwan e de Paris, tudo assinado em datas coincidindo com as anteriores, acima citadas. A América do Norte se arroga o primeiro pôsto, porque não concebe obra que não se ache firmemente dirigida. Tudo espontâneamente, porque o sangue anglo-saxão sempre impeliu o norte-americano a mostrar-se contente quando encontra um chefe digno de mandar. Importa-lhe mais o homem que a idéia e deixa-se convencer por todo aquêle que sabe conduzi-lo. Os Estados Unidos, porém, pouco sentem a sua intensa evolução. Têm poucos filósofos. Não têm tempo para fabricá-los. Organizam apenas. Constroem máquinas estatais, como se fôssem aeroplanos ou bombas nucleares. Não obstante, a culminação dos Estados Unidos é conseqüência de uma evolução social política, que não é fácil definir. Talvez, como disse Allans J. Nevins, "a emergência dos Estados Unidos à caudilhagem do mundo ocidental possa ser explicada pelos historiadores com o advento da "idade da ação em massa" e da "produção em massa" (José Maria Massip, "América Vertebrada").

CABEÇAS-DE-PONTE NEGATIVAS — A América do Norte estaria bastante cômoda, com o Atlântico a estibordo e o Pacífico a bombordo e as ilhas e os navios suficientes para dar cobertura indispensável a sua segurança política e moral, se a última guerra não tivesse demonstrado que as grandes extensões de água tinham deixado de constituir segurança. Porém, para garantir as posições de amigos e alcançar a própria cobertura organizou "destacamentos avançados" ou 'cabeças-de-pontes" em zona aliada, embora suas guar-



O futuro Exército europeu tem à sua retaguarda imediata vinte campos de aviação. A defesa e o contra-ataque geral se baseiam no apoio das bases africanas, britânicas e ibéricas, destinadas a lançar foguetes e aviões. Ao lado uma esquadrilha de aviões a jato.



Os projéteis dirigidos competirão com os aviões sem pilôto. Com o auxílio dos meios instalados objetivo que lhes foi indicado para àtacar. Têm "decisão" própria: procuram o alvo, utilizam coordenar a bomba atômica e o projétil dirigido "para uma nação assolar qualquer outra, e

nições militares sejam menos importantes que as do respectivo adversário.

A idéia é lógica. Tôda cabeça é menor que seu tronco e a "cabeça" de ponte basea-se na esperança de poder reforçá-la caso seja preciso. O que está na margem entre dois perigos (o mar e os canhões) e exposto a não vir chegar reforços, há de sentir-se inconfortável e pouco menos que perdido prèviamente. Porém, o que está do outro lado do rio (ou do mar), o que verdadeiramente tem a direção da batalha (ou da futura guerra) está sempre alerta e confia no esfôrço dos meios ali deixados e em sua própria vigilância e celeridade não apenas para não perder a fôrça destacada na cabeça-de-ponte como, inclusive, reforçá-la e com ela empreender, em tempo e hoje, o contra-ataque.

Esta a situação presente. A teoria estratégica da terceira guerra está baseada no bom funcionamento do enorme **centro de resistência** estabelecido pela O.T.A.N. em plena Europa ocidental e na firmeza da **barreira de ilhas** contra o território asiático. Teoria perfeita e que se ajusta à arte bélica. Mas não bastante. É preciso, acima de tudo, que todos intervenham com entusiasmo e êste é deficiente. De um lado a incógnita francesa e o dilema alemão, formando um núcleo pobre (em espírito e em massa), de ligeira resistência; do outro, a posição de Formosa e a brecha japonêsa, deixam pouco protegidas as fôrças destacadas no Pacífico.

Assim, a teoria norte-americana é, para a América do Norte, ligeiramente prejudicial: suas bases tendem a ser valores negativos.

No que se refere ao continente europeu, o general Eisenhower recomendou a formação de um "centro" de setenta divisões,

em seu interior, êles mesmos se dirigem para o seu radar e assim se orientam... "Falta apenas isto dentro de um pequeno número de horas..."

das quais apenas dez seriam germânicas. Porém, a atitude da França (ou de seu Parlamento, melhor dizendo) dificultou a execução e, agora, apesar do Pacto do Atlântico, do tratado de Bruxelas, da Conferência de Lisboa e dos acordos de Londres, Juin (chefe do "centro" e marechal de França) dispõe apenas de 30 divisões.

Nem é preciso explicar por que tal fôrça é insuficiente. Mas será bom recordar que o futuro exército europeu — a guarnição do centro — tem à sua imediata retaguarda vinte campos de aviação e à sua frente uma rêde modernissima de radar.

Mais ainda: a defesa e o contra-ataque geral se baseiam no apoio — e também na intervenção direta — das bases africanas, britânicas e ibéricas, destinadas a efetuar muito disparos (catapultaços) ou projeção de esquadrilhas aéreas, que sejam complemento da ação do centro tático. Tal ação é lógica e indispensável. Trata-se simplesmente de uma "zona de reação" de grande potência.

Na Ásia, o problema é diferente. Em vez de um "centro de resistência", semelhante ao europeu, uma guerrilha de caráter estratégico estabelecido em terra firme. Coréia do Sul, as ilhas de Quemoy, Hong-Kong, o Laos e Combódia são os grandes **pontos de apoio** em que se baseia a estratégia. Embora grandes, porém, tais pontos não dispõem da necessária fôrça capaz de constituir — **per se** — uma zona ou frente defensiva em tôda a extensão da palavra. Precisam ter perto dêles uma faixa ou território, de importância suficiente para integrar a **linha principal de resistência**, e esta zona ou faixa se formou, com o Japão, as ilhas Riu-Kiu, a de formosa, o grupo Matsu e as próprias Filipinas. Mais ainda: a hecterogeneidade das duas linhas ou zonas mencionadas obriga a estabelecer a ligação indispensável para fortalecer de modo sério uma frente que por si só tende a ser política e a perder seu aspecto original.

Com êste objetivo foi necessário utilizar um dissolvente — dissolvente e reativo ao mesmo tempo; trataram, portanto, os Estados Unidos de destacar nas águas orientais (orientais suas) oito porta-aviões e outras tantas belonaves de batalha, destinadas a escoltá-los, 11 cruzadores menos importantes, 135 "destroyers", 40 patrulheiros e 55 submarinos, que, em seu conjunto, protegem as várias bases em que se encontram instalados os cinco regimentos aéreos e as 12 divisões encarregadas da defesa móvel.

O canal, formado pela costa asiática e Formosa, pelo qual passam os terríveis tufões de setembro, devastando o que se encontre em seu caminho e obrigando aos transportes procurar refúgio, apressadamente, nos vários portos de uma e outra banda, vem a ser o campo de ação e vigilância dos porta-aviões e fragatas de Task Force 72 e dos porta-aviões da 77 assim como das grandes belonaves da Seventh Fleet. Além dêsses canais estão os centros principais e o cérebro diretor da batalha.

Quanto ao que possui ou espera poder fazer o inimigo, não há muita informação.

O russo que se encontra diante do Exército europeu é o mesmo que sofreu estòicamente a derrota de Austerlitz e o que mergulhou nos lagos de Mazuria; porém é, também, o mesmo cujo exército se refez em Stalingrado e chegou até Potsdam, assolando com método e seguramente um território de imensas proporções. O outro, entretanto, sofreu notáveis variações. Desde os soldados chineses que lutaram contra as tropas japonêsas invasoras, desde 1932 até 1940, aos que surgiram na Coréia, quando os norte-americanos se aproximaram do Yalu, há, em todos os sentidos, um verdadeiro abismo.

De fato, os primeiros provinham da época em que as famílias vendiam seus filhos aos taichuns, para a defesa de seus próprios interêsses e em que os postos elevados eram comprados com dinheiro.

Ao contrário, os segundos eram homens recrutados devidamente a fim de compor um exército cujos postos de comandos e acessos eram distribuídos e alcançados de forma quase justa e regulamentar.

Naquele citado tempo só uma parte dos homens tinha fuzis e armas automáticas, enquanto as pequenas unidades apenas eram providas de todo o material necessário. O soldado chinês, antigamente desprezado, havia logrado atingir um nível mais digno que o do camponês, situado antigamente no primeiro pôsto da massa aletargada do que foi o Celeste Império.

Verifica-se, com isso, que o Exército era diferente. Havia escalado uma muralha. Porém, apesar de tudo, conservava a sua antiga, a sua eterna calma: a do ambiente que avassala ao ser humano sem que êste chegue a utilizar o ópio. Quando Mao Tse-Tung entrou em Peiping — que tornou ao seu antigo nome — e a bandeira de sêda vermelha com cinco estrêlas de ouro, que simbolizam as cinco nacionalidades que povoam o território chinês, foi içada sôbre o mastro que domina o Tien-An-Men, o mais impressionante de tudo (afirmam as testemunhas) foi o silêncio das 500.000 pessoas que se achavam reunidas para o ato. E, sem sombra de dúvida, tratava-se apenas de familiares dos homens que se haviam batido contra o Japão e de uma parte principal dos que se moviam vitoriosamente através de tôda a China.

Em Resumo, a América do Norte tropeça com o grave inconveniente — dos dois lados — de uma enorme massa aliada heterogênea, e tem adversários que não deve subestimar e realmente não subestima..

Desmoronando-se os sistemas estabelecidos durante o século XIX, a política deixou de ser um meio de govêrno e passou a constituir um pugilato entre os chefes de partido e em conseqüência disso estão às vêzes mais unidos os grupos similares de nações diferentes... que as próprias nações de objetivos semelhantes. Os países se repelem entre si e até mesmo no momento em que precisam, uns dos outros. Os signos mudam fàcilmente. Mas, por isso mesmo, as "cabeças-de-ponte", destinadas a facilitar os desembarques de tropas norte-americanas, que apresentavam — não há muito — um caráter negativo, podem fàcilmente reverter-se. O fenômeno se esboça e a pouco esfôrço pode ser produzido. É mais fácil mudar de signo do que preparar de novo os somandos e efetuar outra vez a enorme soma. Um pequeno traço é suficiente. É bastante apagar o "menos" com um traço vertical para transformá-lo em "mais".

E isso é o que está acontecendo.

DESARMAMENTO E COEXISTÊNCIA — O que acima foi exposto é do conhecimento de todo o mundo. Mais ainda: o mundo sabe que houve um instante em que os Estados Unidos se sentiram poderosos e em que as nações anticomunistas confiavam firmemente nêles.

Em certo estúdio, sob o título de "Um Programa de Segurança Mundial", Karl Taylor Compton fêz saber, em 1945, que a América do Norte podia considerar-se livre de qualquer ataque atômico por um período compreendido entre 30 meses e 10 anos, e embora isso tenha mudado com grande facilidade, naquele ano todos compreenderam que, passado o prazo indicado, o perigo começaria para aquêle que não tivesse decidido "dar primeiro", decuplicando dessa maneira a sua energia. Mais ainda: como a guerra não começava, a massa humana começou a pensar ùnicamente na famosa "bomba".

Realmente, "guerra" e "bomba de hidrogênio" passaram a formar parte de um só pesadelo, e pareciam inseparáveis. Eliminada a segunda, acreditava-se que a primeira se desvaneceria e em vista disso os três grandes políticos se reuniram na capital da Rússia, com o empenho de chegar a controlar quanto estivesse em relação com a energia atômica.

Tratava-se, nada menos, que de abolir, eliminar, tornar inúteis... as minas de elementos radioativos, as pilhas já construídas, os laboratórios, os depósitos das bombas, os ensaios para novos tipos de armas atômicas. Os Estados Unidos recusaram. Nada feito, portanto, e os conferencistas se separaram mais desconfiados uns que os outros.

E prosseguiram todos os esforços em prol do armamento geral dos países da conferência. O ritmo, por certo, é mais vivo do lado ocidental, onde se acredita na garantia de uma paz em troca de uma constante demonstração de fôrça.

E, acima de tudo, perdura nos Estados Unidos a decisão de lançar-se desde o primeiro momento, no caso de uma agressão oiental, numa tremenda e irresistível ofensiva aérea e total bombardeio atômico da Rússia e seus satélites. E bem sabemos que quando os Estados Unidos dizem **completa** significa algo muito além do que podemos sonhar, na América do Sul. Um **completo** para um norte-americano é muito mais do que podemos entender como completo, total, absoluto...

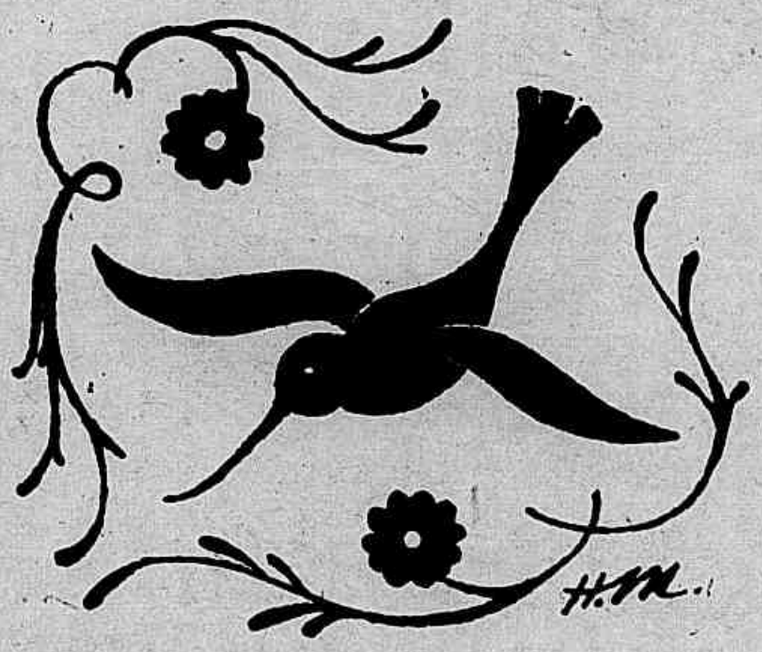
Porque para um norte-americano, quando há risco de uma coisa falhar (como no caso do assalto à Normandia) êle usa dez, cem, mil vêzes mais do que seria preciso de material ofensivo, sem olhar despesas, para ter **a certeza**!

E êsse é um plano de apenas algumas horas.

Tudo obedecendo a um único sinal.

Como num golpe de mágica. Foster Dulles advertiu de semelhantes propósitos ao embaixador russo em Washington.

Lawton Collins assegurou, por sua vez, que "a América confia plenamente no poder de sua aviação estratégica". E não se diga que é um capricho da Casa Branca, nem mesmo do Pentágono, mas algo possìvelmente impôsto pelas circunstâncias e pelos mesmos, talvez, aos quais — paradoxalmente — tanto parece irritar...



★ ★

A LINGUAGEM DO LENÇO

Passá-lo sôbre os lábios: Desejo entabolar correspondência.

Passá-lo sôbre os olhos: Estou triste.

Passá-lo da mão direita para a esquerda: Você me aborrece.

Deixá-lo cair: Seremos amigos.

Apoiá-lo sôbre a face direita: Sim.

Na face esquerda: Não.

Passá-lo sôbre o ombro: Segue-me.

Passá-lo sôbre a orelha direita: És infiel.

Pela orelha esquerda: Tenho uma carta para ti.

Enrolá-lo no anular: Sou casada.

Por tôda a mão: Sou tua.

Brincar com êle: Desprezo-te.

Eis uma linguagem muito própria para mudos resfriados.

TRÁGICOS DESTINOS

Nos arquivos da história há páginas, desvanecidas pelo mistério, dobradas pela fatalidade, como se vincam as fôlhas de um volumoso processo para busca de documentos interessantes, páginas que despertam intensa curiosidade, onde largas manchas de sangue enegrecido apagam a leitura da verdade, mas onde ficam ainda indícios de cumplicidades afetivas, que surpreendem pela estranheza da ação, ou restam memórias de trágicos destinos que assombram pela grandeza da desventura. No artigo que segue, registram-se alguns trechos da vida de Maria Stuart, cuja existência, acidentada e complexa, até na sua horrorosa execução, sugere os mais desencontrados comentários e provoca osmais opostos juízos, consoante o império das doutrinas que debatem o conflito da responsabilidade criminosa e da criminalidade inconsciente fundadas divinamente no supremo perdão do Nazareno: "Porque muito amou e muito sofreu..."

ENTRE os acontecimentos misteriosos e trágicos da história, figura aquêle que sobressaltou a população de Edimburgo pouco depois da meia-noite de 9 de fevereiro de 1567.

A história dessa noite prende-se a outro acontecimento não menos horroroso, dado exatamente onze meses antes: uma vingança exercida em condições extraordinárias, em Holyrood, antigo palácio dos reis escoceses. Principiemos por êste.

De tarde, ao anoitecer, e num pequeno gabinete, comunicando com o quarto de dormir, a nova e formosa rainha da Escócia ceava com dois convivas da sua mais dileta amizade. Todos conhecem retratos de Maria Stuart. Diz-se que tinha formosos olhos azuis e belos cabelos castanhos; feições de delicada perfeição, moldu-radas numa coifa branca, dando a tôda a sua fisionomia um ar de freirática seriedade e tristeza. Aos vinte e quatro anos, Maria Stuart era a mulher mais encantadora do seu tempo. A magia da sua formosura sobreviveu através dos séculos, de envôlta com a calúnia, com os crimes, como a magnificência dos cabelos castanhos escuros em formoso contraste com a suavidade dos olhos azuis. Nenhuma mulher encontrou mais admiradores depois da morte do que esta rainha.

Maria Stuart

Ela sentara-se num canapé encostado à parede da alcova — um pouco afastada, conquanto a porta a separasse apenas do quarto principal. Ao lado dela sentara-se a fascinante e perigosa condêssa de Argyll, uma das poucas senhoras escocesas, que pelas suas maneiras fazia lembrar a Maria Stuart as da côrte francesa, onde passara a sua juventude e onde fôra educada. O terceiro conviva da ceia era um italiano, David Rizzio.

Três anos antes, um músico saboiano chegara às gélidas praias da Escócia; e o porteiro de Holyrood, tendo-se compadecido do expatriado, permitiu por caridade que êle passasse a noite deitado num caixão que estava na loja da entrada. Agora, aquêle estrangeiro desterrado era o favorito da rainha, seu secretário, influindo poderosamente na política e na administração da Escócia.

Os orgulhosos capitães, com antepassados que haviam feito guerra à coroa, os cruéis Borderers, em cujas veias corria o sangue de homens que mataram reis, acham-se dominados pelo brilhante estrangeiro; e até um Parlamento se reunira com o fim de passar sentença de morte ao próprio meio irmão da rainha, para que os domínios dêle pudessem ser dados a Rizzio.

Para o rancoroso espírito de um Douglas e de um Ker, nenhuma explicação plausível poderia ter o procedimento da rainha. Eram rudes em demasia para compreender sutilezas de sentimento e muito menos ainda para as justificar. Todavia para a rainha, meia francesa pelo nascimento, e tôda pela educação e pela simpatia, com as lembranças dos felizes dias da sua mocidade passados em Amboise e no Louvre, como noiva e rainha de França, e agora naquele frio e triste reino do norte, o gracioso e perfeito meridional deveria ter-lhe aparecido como uma visão luminosa e inefável.

Mas não foram só os Mortons e Ruthvens que votaram ódio de morte ao favorito Rizzio. Pouco tempo antes, tinha chegado ao reino um belo mancebo, do próprio sangue real, primo da rainha, lord Darnley, Henrique Stuart, o qual partira de Inglaterra com o expresso fim de conquistar a estima da rainha.

A viagem deu a Darnley o resultado que esperava; e o "grande rapaz", de dezenove anos, para quem a natureza fôra pródiga em beleza e avara em inteligência, cativou o coração e obteve o amor de Maria Stuart. E nela o coração era tudo, ou pelo menos o dominador absoluto dos seus atos; por isso deu a sua mão ao recém-vinda, do que depois se arrependeu amargamente.

Darnley era uma dessas infelizes criaturas dotadas da sêde do mando, ambiciosas e medíocres, sem um vislumbre de faculdade de governar.

Um homem pode ter nascido rei de um poderoso país, mas se não possuir a faculdade de o ser, tornar-se-á em pouco um instrumento nas mãos do seu ministro; e pode principiar como um estrangeiro desprezado, mas se possui realmente as faculdades necessárias acabará por dominar um reino. O pobre Darnley não sabia isto; ou iludira-se pensando que lhe bastava conseguir de sua espôsa a frívola cerimônia de lhe colocar a coroa matrimonial na cabeça para ser rei da Escócia. A decepção e o despeito acirravam-lhe ódio contra Rizzio.

Mas Darnley era um covarde, e sua espôsa isso percebeu; contudo não se lembrou de que um covarde desesperado é o mais perigoso de todos os inimigos.

Sucedeu, portanto, que bem depressa ela o desprezava; e, naquela noite, como em muitas outras anteriores, o marido da rainha não era do número daqueles que ceiavam juntos em tão cordial intimidade no seu gabinete particular.

Havia mais 3 pessoas no quarto, mas essas estavam como cortesãos de serviço, não como convivas: o médico francês da rainha e dois moços cavaleiros escoceses, mais ou menos relacionados com a casa real.

A ceia estava ainda na mesa quando a porta do quarto se abriu. Maria Stuart admirou-se da ousadia indiscreta e de ver entrar o marido, visìvelmente perturbado e excitado. Encaminhou-se

Ruthven entrou altivo

cambaleando até ao canapé onde ela estava sentada e colocou-se ao lado dela.

A rainha olhou para êle cheia de surprêsa, e perguntou-lhe se já tinha ceiado. A única resposta de Darnley foi passar-lhe o braço em volta da cintura e beijar-lhe a face.

Era o beijo da traição. Súbito, reabriu-se a porta do gabinete e o terrível Ruthven, o homem mais implacável da família do grande Douglas, entrou altivo, de armadura afivelada, punhal à cinta.

À vista daquele homem, de quem ela ouvira ùltimamente falar como de um condenado e que se tinha levantado doente da cama para exercer a vingança dos nobres, a rainha adivinhou a tremenda conjura. Arremessando ao homem que a acabara de beijar a simples palavra "Judas"! Maria Stuart dirigiu-se a Ruthven, interrogando-o:

— Para que veio aqui?

Ruthven indicou-lhe a vítima com gesto severo:

— Deixe sair êsse homem. Demais tem aqui estado!

— Que fêz êle? Está aqui por minha vontade! — protestou a rainha. E, voltando-se do homem severo e forte para o fraco e covarde, perguntou ao marido:

— Que quer dizer tudo isto?

— Nada — balbuciou, trêmulo, lord Darnley.

Mas Ruthven cortou cerce o diálogo. Em poucos e cruéis palavras — palavras que insultaram Maria Stuart como mulher e como soberana — declarou-lhe que os dias do seu favorito estavam findos e avançou para o agarrar.

Então seguiu-se uma cena confusa. A rainha, com tôda a altivez da sua natureza generosa, colocou-se entre Ruthven e David Rizzio, que se chegou à saia da soberana, cobrindo-se com ela. Os três servidores tentaram agarrar Ruthven, que desembainhou o punhal e chamou pelos companheiros que esperavam fora da porta. Um dos conspiradores apontou uma pistola ao peito de Maria Stuart, um outro derrubou a mesa, e se a condêssa de Argyll não tivesse levantado ràpidamente um candelabro tudo teria ficado na escuridão.

Foi preciso usar da fôrça para arrancar Rizzio de junto da rainha, cujo vestido lhe servia de frágil abrigo e que só em último esfôrço abandonou. Ruthven ordenou a Darnley que segurasse sua espôsa para

A rainha Maria Stuart, avançando, colocou-se entre Rubens e David Rizzio.

que o homem que tinha acabado de lhe apontar a pistola ficasse livre e pudesse enlear em volta do corpo de Rizzio uma corda a fim de o arrastar para fora do quarto, entre gritos de socorro que só chegaram aos ouvidos de Maria Stuart.

Alguns minutos depois, um cadáver despedaçado, apunhalado cruelmente, era transportado para a loja do porteiro e metido num caixão que ali estivera durante três anos ainda colocado no mesmo lugar; e o lacaio escocês, olhando para êle com aquêle malicioso instinto moralista, próprio da sua classe, e imitando na refle-

xão um dos "clowns" de Shakespeare, observou:

— Eis o destino fatal; porque êste caixão foi a sua primeira cama quando entrou neste palácio, e agora ali está de novo deitado para sempre.

Ruthven escreveu depois uma narrativa, singularmente nítida e vívida, de tôda esta

...procurando caminho por entre os túmulos...

cena extraordinária, na qual êle representou o primeiro papel. Tão alquebrado ficou da luta, que mal Rizzio desapareceu do quarto, caiu desanimado numa cadeira na presença da rainha e com ironia pungente desculpou-se da infração de etiquêta à mulher a quem acabara de arrancar Rizzio pelas suas próprias mãos. Relatou também o diálogo, a conversa havida em seguida, e na sua presença, entre Maria Stuart e Darnley.

Êste, exultando no seu triunfo, fêz um covarde uso da oportunidade, insultando e censurando a mulher que o desprezara por tanto tempo.

— Covarde! Para isto te levantei do pó! Foi a única resposta de Maria Stuart.

E notando em seguida que o marido tinha vazia a bainha do punhal, perguntou:

— Onde está o teu punhal?

— Não sei — respondeu.

— Há de saber-se depois — retorquiu ela. — Sair-te-á caro se por ti foi derramado o sangue de David! Pobre David! Bom e fiel servidor! Que Deus tenha compaixão de sua alma!

Estas palavras arrancadas pela dor ao espírito altivo da princesa, profundamente ultrajada, foram os primeiros prenúncios da tempestade, que deveria desencadear-se onze meses depois.

Ruthven retirou-se cheio de pavor, deixando juntos mulher e marido. Adivinha-se, mais do que se sabe, o que se passou durante as quarenta e oito horas seguintes entre Maria Stuart e o mancebo desprezível com quem casara. Não é preciso ter conhecimento profundo da natureza humana para calcular quanto esfôrço e domínio sôbre si própria deveria ter empregado uma mulher formosa e altiva, como esta, para aturar uma criatura de tão insignificante espírito e de tão miserável procedimento, como o da espécie de Darnley. À meia-noite do segundo dia depois do assassinato, Maria Stuart e o marido desceram furtivamente até aos subterrâneos abobadados do palácio de Holyrood, dos quais uma passagem secreta dava comunicação com a cripta da arruinada abadia. Procurando caminho por entre os túmulos, em que jaziam os antigos reis da Escócia, chegaram por fim a um ponto onde os esperavam cavalos aparelhados e dali partiram juntos.

Ruthven e os seus amigos haviam conspirado contra Rizzio em nome de Darnley. O fito da conspiração, verdadeiro ou fingido, tinha sido colocá-lo no trono ao lado de Maria Stuart como reinante na Escócia. A sua fuga, em companhia dela, reduzia à iniqüidade revoltante de um assassinato tôda a conspiração. Maria Stuart persuadira-o de que ela, só, poderia fazer mais por êle do que tôda a liga dos Douglas, e por isso abandonava completamente os amigos.

Dentro de um semana, a rainha da Escócia voltava a Edimburgo à frente de tropas aguerridas. Os assassinos de Rizzio fugiram; os restantes conspiradores foram perdoados. Mas Darnley não recebeu em prêmio a coroa tão ambicionada. Ao contrário, encontrou o desprêzo e a suspeição por tôda a parte. Debalde fêz uma declaração solene perante o conselho privado

de que não tinha tomado parte na morte de Rizzio. Ruthven replicou, pondo perante os olhos da rainha uma carta devidamente selada, na qual Darnley tomava sôbre si tôda a responsabilidade da conspiração.

Que efeito produziria em Maria Stuart êste documento? A resposta é dada por um outro, escrito em Craigmiller, no mês de dezembro seguinte, o célebre **compromisso dos lords**.

Nesse intervalo, marido e mulher viveram separados. Nascera o futuro Jaime VI da Escócia e I de Inglaterra, mas Darnley não estêve presente ao batizado do filho. Quando Maria Stuart estêve à morte, em Jedhurgh, êle apareceu num dia e retirou-se no seguinte. Chamado perante o conselho, onde tinham assento Moray, Argyll e Maitland — todos a quem havia traído — e perguntado sôbre a causa do seu descontentamento não soube responder. Desamparado pela rainha, e evitado por todos os nobres, o desgraçado viajava repetidas vêzes, através da Escócia, com poucos criados ao seu serviço, e começou a temer pela própria vida.

Em dezembro, houve uma notável conferência entre a rainha e alguns dos principais lords. Moray, Argyll e Maitland desejavam obter o perdão de Morton que, depois de Ruthven, fôra que tomara principal parte no assassinato de Rizzio. Pensaram que o melhor meio seria libertar a rainha de Darnley, e foram procurá-la, acompanhados de lord Huntley, católico, e do homem cuja influência prejudicial caíra naquele tempo como uma mancha sôbre as páginas da vida de Maria Stuart, o perverso conde de Bothwell.

A rainha já tinha apelado para Roma para obter divórcio de Darnley. Fôra-lhe, porém, recusado. Quando os cinco lords vieram expor-lhe os novos projetos, a sua primeira resposta foi que refletira nas conseqüências do divórcio, de onde lhe parecia resultar dúvidas para os direitos de seu filho, e por isso o abandonara. Maitland de Lethrington replicou:

— Minha senhora, nós que aqui estamos, os principais da nobreza de vossa Graça e do vosso conselho, acharemos meio de sua majestade se desembaraçar dêle sem prejuízo de seu filho: e, conquanto lord Moray seja um pouco menos escrupuloso como protestante, do que vossa graça é como católica estou certo de que êle tapará os olhos com as mãos, olhará por entre os dedos, e há de ver as nossas ações sem nada ter de lhes dizer.

Naquela época, e na Escócia, semelhantes palavras podiam ter uma interpretação única. A rainha respondeu logo:

—Desejo que nada façais que por qualquer forma possa empenhar a minha honra ou consciência; portanto, peço-vos que melhor será deixar as coisas como estão, esperando que Deus na sua bondade lhes dê remédio. Julgando prestar-me um serviço, poderá o fim não ser conforme aos vossos desejos; pelo contrário, pode voltar-se por mal contra mim.

Viu Hoy e Hepburn junto da pólvora...

Se lord Maitland oferecera indiretamente matar-lhe o marido, Maria Stuart afastava a oferta.

— Minha senhora — concluiu êle — deixe-nos guiar o assunto entre nós, e vossa majestade verá apenas o que fôr legal e aprovado pelo Parlamento.

Eram ambíguas estas palavras; e Moray, a quem os inimigos de Maria Stuart en-

grandeceram como homem de imaculada honra, jurou depois que nunca tinha presenciado proposta alguma que fôsse ilegal ou de desqnroso propósito. Aos seus ouvidos, portanto, as últimas palavras de Lethrington não insinuavam projetos de assassinato. Aos da rainha, igualmente, poderiam também significar apenas qualquer processo de divórcio parlamentar.

Logo depois de terem saído da presença da rainha, Argyll, Huntley, Maitland e Bothwell assinaram o seguinte compromisso formal:

"Que por justos motivos era julgado conveniente e proveitoso para o bem comum, pela nobreza e lords abaixo assinados, que a corrupta bêsta, o moço doido e orgulhoso requintado, não tivesse o govêrno dêles; portanto concluíam todos que deveria ser pôsto fora **por qualquer meio,** e quem quer que tomasse a responsabilidade de o fazer, por êles seria defendido e ajudado, porque seria por todos julgado e mantido o feito como se fôra por êles próprios".

Assim foi decidida e garantida a morte do "grande rapaz" que viera ao norte com o propósito de ganhar uma coroa.

A sentença fôra pronunciada, mas o executor não fôra designado. Era desnecessário. Havia entre êles um homem claramente apontado, pela sua história passada e pelas suas relações presentes com a rainha, como instrumento próprio da morte de Darnley.

Era o conde de Bothwell, um Border perverso da pior espécie. Maria Stuart tinha-o despojado antigamente dos seus estados. Mas depois do assasinato de Rizzio, fôra o primeiro a reunir-se a ela, e desde êsse tempo procedera como seu devotado partidário. Substituíra Rizzio na afeição e acompanhava-a por tôda a parte com tanta assiduidade que já dera azo a escandaloso comentário.

Na véspera do natal, Morton recebeu o perdão ambicionado; e o objetivo da liga dos lords estava, portanto, conseguido. Na mesma noite, Darnley, que tinha ido a Stirling para ser espectador do batizado do seu filho, como se fôsse simples comparsa da cena, caiu súbita e violentamente doente.

Tinham-lhe chegado aos ouvidos vagas notícias do pacto verbal entre a rainha e os nobres e da subseqüente declaração escrita. Mal soube que estava assinado o perdão de Morton, retirou-se apressadamente do castelo de Stirling, procurando refugiar-se em Glasgow. Mas caminhara apenas uma hora a cavalo quando foi atacado de misteriosa e terrível doença. Apareceram-lhe em todo o corpo pintas escuras azuladas, como indicando súbita decomposição do sangue e sem poder ter-se em pé, exausto de fôrças, foi levado para Glasgow com tôdas as aparências de morte próxima. A crítica histórica moderna, baseando-se em deduções científicas, capitula esta doença de ataque de varíola confluente.

Mas Darnley não morreu. Estava ainda convalescente quando o próprio Bothwell, encontrando Morton na sua volta do exílio, abertamente propôs a êste tomar parte no assassinato de Darnley. Morton recusou com o motivo expresso de que receava cair no desagrado da rainha. Bothwell assegurou-lhe que desta vez a rainha era parte garantidora no plano.

— Traga-me a assinatura da rainha para garantia — retorquiu lord Morton — e então lhe responderei.

Tal garantia nunca foi obtida. Morton, que não tinha escrúpulos, que estaria pronto a cooperar no assassinato se tivesse a segurança de que a rainha realmente o desejava, nunca teve essa segurança. Pelo contrário, recebeu um mensageiro de Maitland, um dos signatários do compromisso de Craigmiller, para êste fim:

— Diga ao conde de Morton que **a rainha nada quer ouvir** sôbre o assunto que lhe foi designado.

Nesta mesma ocasião, quando Bothwell instava com Morton para que se juntasse com êle no premeditado propósito e Morton pelo seu lado procurava informar-se das disposições da rainha, Bothwell tinha na sua algibeira, afirmou-se depois, cartas de Maria Stuart, dirigidas a êle, confessando-lhe um amor louco e instigando-o ao crime por frases como estas:

"Eu poderia quase ter tido dó dêle; mas não receies, o plano há de levá-lo à morte... Considera se não poderás intentar meio mais secreto pela medicina... Êle suspeita

grandemente e contudo confia em mim. Tu és a causa disto; por minha particular vingança não o faria."

Assim, pelo menos, foram as convicções dos historiadores que condenaram Maria Stuart; todavia, deve notar-se que Bothwell, consentindo a Morton ver uma só destas cartas, teria bem fàcilmente obtido a sua adesão e ter-lhe-ia dado bem clara a segurança que aquêle tanto reclamava. Raras vêzes se encontrará na história secular uma fábula mais inverossímil, e que mais confiadamente houvesse sido aceita.

Morton era, talvez, o pior inimigo de Maria Stuart. A opinião de muitos designa Morton como autor das célebres **cartas do cofre**, prova apresentada da conivência e culpabilidade da rainha na morte do marido; e, curioso caso, foi o próprio Morton que, inconscientemente, testemunhou as próprias falsidades. Enquanto Bothwell tentava baldadamente persuadir Morton em Edimburgo, Maria Stuart estava em Glasgow à cabeceira do leito de seu marido doente.

A primeira conversação entre êles foi descrita no depoimento do criado de Darnley, feito depois da morte dêste. É, portanto, uma informação de inimigo de Maria Stuart.

Começou de arguir o marido por ter dado ouvidos às calúnias que contra ela se levantavam. Depois, com serenidade, perguntou-lhe qual era a causa da doença ou a que a atribuía.

Suspeitava acaso Darnley que tinha sido envenenado por instigações da mulher que estava ao seu lado? Eis a resposta dêle:

— Tu és a causa da doença. Só vem de ti que não perdoas as minhas faltas quando delas me arrependo.

... **carregando as roupas**...

O príncipe continuou ainda admitindo que tivesse sido culpado, e entregando-se à clemência de sua mulher. Maria Stuart escutou-o bondosamente; e deu-lhe esperanças de reconciliação. Darnley suplicou-lhe que não o abandonasse. Ela respondeu que as suas boas relações deviam ser conservadas em segrêdo para os lords.

Darnley tivera conhecimento, embora vago, do compromisso de Craigmiller. Talvez pressentisse que a sua única esperança de salvação deveria residir num apêlo à boa índole de sua mulher. Esta ficou em Glasgow até que êle se achou bom para empreender viagem, e depois partiram juntos para Edimburgo.

Se os depoimentos dos criados, que depois testemunharam contra a rainha, contêm uma parcela de verdade, durante todo êste mesmo tempo Maria Stuart estêve em comunicação com Bothwell. Foi êste quem veio ao seu encontro às portas de Edimburgo, e quem os conduziu a Kierk-e-Field.

Era esta célebre construção de forma quadrangular, e fôra ocupada anteriormente por um convento de dominicanos, tendo ao lado uma igreja arruinada. Estava fora dos muros da cidade. O quarto de dormir de Darnley foi escolhido no primeiro andar no flanco oeste, e um outro quarto justamente por baixo dêste para a rainha.

O historiador Froude pôs em relêvo proposital um incidente que ocorreu quando a rainha foi ver pela primeira vez o seu quarto. Achou que a cama estava num lugar menos apropriado ou errado, e zangada ou impaciente ordenou que a mudassem. Froude concluiu que o motivo da mudança era já uma premeditada deliberação de conservar livre o espaço diretamente correspondente

à cama de Darnley no quarto superior, e destinado a ser ali colocado o barril de pólvora, cuja explosão o havia de matar. O historiador talvez desconhecesse que a posição das camas naquele tempo estava sujeita a um estrito código de etiquêta. Uma senhora da côrte de Francisco I escreveu um tratado sôbre êste grave assunto, no qual reprova severamente a presunção de certas damas flamengas que colocavam as suas camas defronte do fogão, posição exclusivamente reservada às camas de pessoas coroadas. Maria Stuart era uma rainha; seu marido um simples lord, e, portanto, se a cama de Darnley tinha sido corretamente colocada, era, sem dúvida, uma falta pôr a dela num lugar correspondente, no quarto em baixo. Era natural que a viúva de Francisco I se apressasse a notar o êrro e a ressentir-se da indelicadeza cometida.

Como usualmente sucede, os acusadores exageram o libelo e se contradizem. Na mesma página, o mesmo historiador, depois de afirmar a premeditação na mudança do leito, declara que o plano primitivo do crime não era o de fazer saltar Darnley por meio de explosão, mas persuadi-lo capciosamente a ir fora da cidade, como passeio ou exercício, e então matá-lo. Mas houve mudança de intenção **porque aquela poderia ser conhecida**.

Finalmente chegou aquêle memorável domingo, 9 de fevereiro de 1567. A rainha Maria Stuart dormira alternadamente durante aquela semana em Kirk-a-Field e Holyrood. Esta noite havia festa e baile de máscaras no palácio, por ocasião do casamento de uma das damas da rainha, e ela prometera comparecer. Todavia, depois da ceia, veio passar algumas horas ao lado de seu marido doente. Bothwell estava presente, bem como Argyll e Huntley, três dos que haviam assinado a obrigação de tirar a vida a Darnley. Enquanto estavam no quarto dêste, em cima, diz-se que os ouvidos finos de Bothwell perceberam ruído no quarto de baixo, e desceu para admoestar os imprudentes e recomendar silêncio. Viu uma pilha negra de pólvora dispersa no chão, e Hoy e Hebpurn de pé junto dela, esperando que tudo estivesse quieto no andar superior. Bothwell voltou sutilmente para o quarto de Darnley. Os outros prepararam-se para sair. Era meia-noite dada.

Maria Stuart lembrou-se repentinamente de que tinha prometido estar presente no baile de máscaras, e despediu-se afetuosamente do marido. Beijou-o, e enfiou-lhe no dedo um anel. Depois encaminhou-se para a porta do quarto, e pronunciou estas palavras:

"Foi justamente por êste tempo no ano passado que Rizzio foi morto."

Recordação visual ou aviso propositado? Estranha coincidência, que afeta ser pressentimento, ou delação involuntária que nasce do remorso?

Quatro pessoas ficaram dormindo naquele torreão do velho mosteiro: Darnley, o pagem que dormia aos pés da sua cama e mais dois criados. Por uma hora ainda o doente solitário conversou e leu êle próprio para adormecer. Depois tudo caiu em silêncio.

Às duas horas uma forte explosão acordou a cidade de Edimburgo, e tôda a ala oeste de Kirk-a-Field caía em ruinas. Entre os escombros encontraram-se caídos os corpos dos dois criados, um feito em pedaços, o outro ainda com vida. Mas nem o cadáver de Darnley, nem o do seu pagem ali foram encontrados. Os seus corpos foram descobertos debaixo de uma árvore no jardim, a quarenta jardas de distância, estrangulados, sem sinal algum de fogo ou queimadura, com as roupas no chão junto dêles. De como vieram ali parar, e do modo como êles haviam sido assassinados nunca houve explicação.

Hay e Hepburn declararam depois que efetivamente esperaram até que tudo estivesse silencioso no quarto superior para deitar fogo ao rastilho preparado e fugiram da casa fechando à chave as portas que iam deixando para trás. No jardim encontraram Bothwell e alguns mais; vigiaram até que a construção voasse em estilhaços pela explosão e depois vieram-se embora. Um cronista contemporâneo registra o boato de que os agentes de Bothwell estrangularam primeiramente Barnley e o pagem nas suas camas, trouxeram para fora os corpos, e depois voltaram para fazer a explosão na casa. Uma outra versão conta que as duas vítimas foram arremessadas pela violência da

explosão para o ponto onde foram encontradas, e que ali tinham sido estranguladas pelos assassinos.

No velho registro de mortos da paróquia de Canongate, que está guardado na repartição do Registro Geral em Edimburgo, a morte de Darnley, está assim registrada: "Sua Graça o Rei morto por uma explosão de pólvora, em Kirk-a-Field, em 10 de fevereiro de 1567." Foi esta a versão oficial.

A tôdas estas narrativas falta uma explicação lógica, deduzida naturalmente dos fatos. O fim da conspiração fôra matar Darnley; a explosão na casa fôra o meio adotado para atingir aquêle fim. É portanto incrível que os assassinos tivessem matado primeiro a sua vítima, depois levado a mesma para fora de casa, e depois voltassem a efetuar a premeditada explosão. Por outro lado, se a explosão tivesse realmente arremessado os dois corpos, quarenta jardas pelo ar, seria impossível que disto não tivessem apresentado sinais, muito mais inverossímil ainda terem sido achados juntos e em relação às roupas encontradas ao lado dêles o caso assumiria as proporções de um milagre.

Quando Hay e Hepburn acenderam a mecha e fugiram, fechando à chave as portas por onde iam passando, certamente imaginaram que a vítima visada ainda estava no quarto superior. Estavam porém enganados. Darnley e o pagem, cheios de pavor, tinham-se já levantado; e, levando consigo as roupas que não haviam tido tempo de vestir completamente, desceram na ponta dos pés os degraus da fatal escada, passaram por diante da porta do quarto onde os dois assassinos vigiavam o montão de pólvora e saíram da condenada casa.

Não encontraram cá fora melhor destino. Esperava-os, infelizmente, aquêle grupo de cruéis e implacáveis homens que, de pé, aguardavam a explosão. Inùtilmente, os dois fugitivos procuraram abrigo na escuridão da noite fria; as suas formas flutuando no jardim feriram certamente a vista aguda do desumano Bothwell e dos seus companheiros de conspiração.

Mas por que aquela fuga imprevista, súbita? Por que aquêle pavor?

CAMINHA COM 2 MESES E MEIO

SUSAN Davey, de apenas dez semanas, é considerada uma neónata prodígio, pois que já caminha. Sustentada ligeiramente, para que se equilibre melhor, Susan troca passinhos com grande desenvoltura. Como todos sabem as crianças normais caminham pela altura dos doze meses.

Procure-se uma explicação naquela última e significativa frase pronunciada por Maria Stuart quando deixou o quarto do marido: "Foi justamente por êste tempo no ano passado que Rizzio foi assassinado".

Que pensamentos lhe revolveriam o espírito, que sentimentos lhe agitariam o coração quando pronunciou aquelas palavras? Pode haver quem acredite que elas eram pronunciadas com a satisfação de ver finalmente chegada a hora da vingança tão longamente adiada. Mas aquêles que consideram a rainha Maria Stuart não inteiramente um monstro, mas ainda uma mulher, poderão dar-lhe outra menos cruel e perversa interpretação.

Podem julgar que ela tivesse sido sensível ao arrependimento de seu marido, um rapaz de belo físico, ao verdor da mocidade ou de se ter arrependido pela sua parte de ter discordado dêle.

A rainha poderia ter sabido o que se estava preparando. Poderia temer o implacável Bothwell, á quem não sabia resistir. Poderia ter mesmo consentido; mas o seu coração de mulher tê-la-ia no último instante movido a dar aquela secreta advertência ao homem cujos lábios tinham acabado de se unir aos dela.

Talvez refletindo naquelas palavras Darnley e o pagem as tivessem considerado como aviso, e por isso tentaram fugir. Em todo o caso o mistério subsiste.

Tais os fatos naquela memorável noite, e tal a explicação que dêles é possível conjeturar. A crítica histórica moderna não isenta inteiramente a rainha de culpabilidade no assassinato de Darnley: ao contrário, acusa-a de cumplicidade. Todavia, numerosos escritores defendem-lhe o procedimento; ou descendo a análises sutis de psicologia sentimental e aceitando, como justificação, os impulsos fatais, deterministas do temperamento, atenuam-lhe a responsabilidade que se acoberta com a inconsciência, e separam-lhe nos atos praticados a influência natural do meio, da educação, e da época em que a vida de um homem era coisa levemente considerada. Como explicação final dos acontecimentos da noite de fevereiro, encontram no aviso, que ao último instante deixou cair dos seus lábios, uma demonstração de arrependimento, embora tardio, da fraqueza anterior em ter consentido.

Mas, no mês de maio seguinte, Maria Stuart casava em terceiras núpcias com o conde de Bothwell, apontado pùblicamente como o assassino de lord Darnley.

Quando êstes requintes de voluptuosidade cruel infamam a personalidade humana, grande benevolência de juízo é remetê-los para os domínios da patologia mental, no vastíssimo capítulo das fraquezas humanas.

Em todo o caso, as torturas morais que experimentou aquêle espírito, até no supremo instante em que a sua gentil e formosa cabeça rolou no cadafálso, sómente ao segundo golpe do carrasco, foram-lhe castigo doloroso e punição cruel. Extraordinário destino de mulher e de rainha!

★ ★

MASSAGISTA DE BOLSO

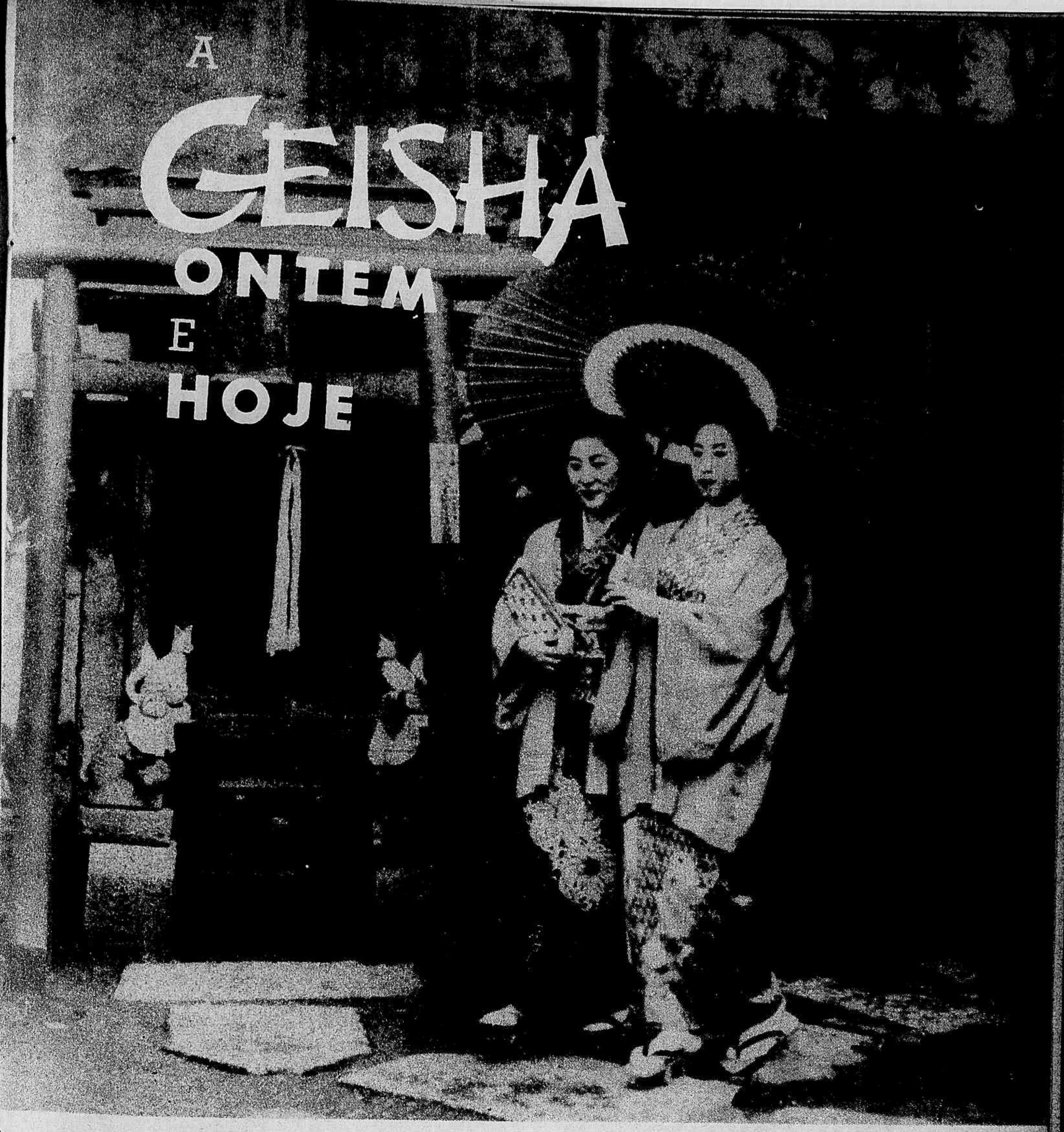
A massagem, que substituiu definitivamente as antigas "esfregações", que eram quase sempre acompanhadas de algum mal cheiroso urgüento, são hoje empregadas comumente para combater certas doenças e como medida de higiene e embelezamento. Agora, surgiu êste novo aparelho, empregado com êxito na Alemanha. É um invento do professor Fischer, de Francfort. É de borracha e forma vácuo onde é aplicado... por exemplo, o belo ombro dessa desconhecida...

DIALOGO INCRÍVEL

O escritor americano Ilka Chase acabava de publicar seu último livro, "O Passado Imperfeito", quando uma jovem, não se sabe se por ironia ou ingenuidade, disse:

— Li o seu último livro com muito prazer e admiração. Quem o escreveu?

— Querida — retrucou o escritor — encanta-me que lhe tenha agradado. Mas... quem foi que o leu?



Protegidas por um "kasa" (sombrinha de papel), ostentando belíssimos quimonos e calçando as sandálias com alto salto de madeira, duas "geishas" do distrito Yoshi-Cho, de Tóquio passam diante de um relicário, onde estão guardados os despojos de um santo homem de sua terra.

TODOS nós conhecemos a "geisha" através das gravuras sempre sedutoras estampadas nos jornais ou em álbuns de pintores. Nos festejos do carnaval surgem, algumas vêzes, essas tradicionais figurinhas do império japonês, sendo que em certas ocasiões podemos apreciar fantasias rigorosamente copiadas das que constituem o encanto do povo japonês.

E dizemos encanto do povo japonês, porque, realmente, a função principal da "geisha" é encantar. Trata-se, de fato, de uma classe de mulher que não tem equivalente em nenhuma outra parte do mundo. Uma criação puramente nipônica e que só no Japão se conhece e aprecia.

De um modo geral, os demais povos acreditam que essas lindas bonequinhas pertencem "à profissão mais antiga do mundo". Enganam-se, porém, pois as "geishas" são mulheres honestas, sem que seja condição indispensável que o sejam. Sua verdadeira

missão é alegrar a vida, sendo assim um têrmo médio entre a atriz e as "yoro", nome a que estão ligadas as "damas do prazer", segundo a poética linguagem dos japonêses. Não têm que ser, necessàriamente, virtuosas, porém a prostituição não faz parte de sua profissão.

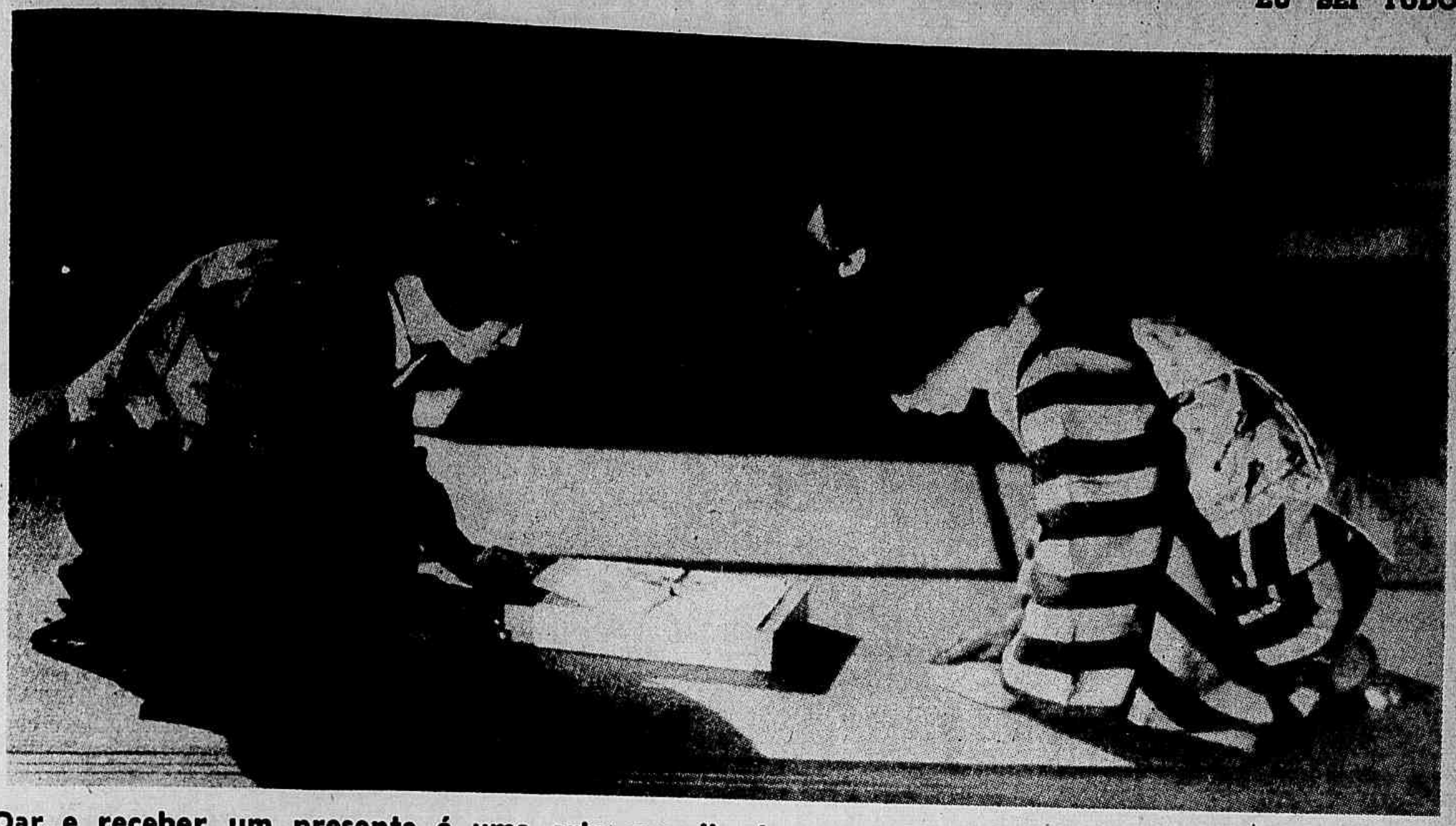
Em sua maioria são mocinhas de aspecto inocente, com aparência de verdadeiras meninas, miúdas, lembrando brinquedos, porém muito inteligentes, muito cultas, vestindo-se luxuosamente, senhoras de uma cortesia irrepreensível e adorável, além de muito graciosas; um dos seus principais atrativos está em saber gracejar. Nenhuma outra mulher, neste mundo, veste tão graciosa e vistosamente, nem com tão grande desperdício de sêdas. Desde a meninice, a futura "geisha" se prepara para a profissão e antes, muito antes de tornar-se velha, retira-se e, se não encontrou marido, inaugura a sua própria escola, a fim de educar outras meninas.

Etimològicamente, uma "geisha" é uma mulher completa; socialmente é uma mocinha educada desde os sete anos a fim de tornar-se elemento precioso numa sociedade. Sabe dançar e cantar com elegância e encanto invejáveis, são exímias na conversação, podendo distrair seus convidados ou vizinhos de mesa, num banquete, contando-lhes lindas histórias ou relatando fatos históricos, políticos, bélicos, conforme as preferências de seus ouvintes, recitando poesias dos grandes mestres, enfim, deliciando por todos os meios os que a cercam.

Porque a missão da "geisha" é essa mesma: tornar a vida mais alegre e agradável. Todo aquêle que sentir necessidade de repouso espiritual, a fim de esquecer os negócios, as preocupações de saúde, as fadigas de um longo dia de trabalho, procura a "geisha", que o fará esquecer tudo isso, envolvendo-o num ambiente dè confôrto físico e espiritual.

Uma geisha de Kioto, com sua guitarra de três cordas, chamada "samusen". A caixa ressonante é coberta com pele de gato.

Nenhuma outra mulher o distrairá tanto com seus bailados, suas cançonêtas, a graça da sua figurinha, os perfumes delicados dos seus defumadores invisíveis. Os últimos "potins" sociais? A "geisha" os conhece e os relatará com graça inescedível. E tem respostas rápidas e justas. Na conversação é acariciadora e encantadora, sabendo ainda jogar tôda classe de jogos.



Dar e receber um presente é uma arte complicada, que os japonêses (e as "geishas" principalmente) praticam religiosamente. Com o presente colocado entre elas, as "geishas", ajoelhadas, trocam cumprimentos gentilíssimos e elogios que se prolongam durante vários minutos.

É graciosa, airosa, leve... Seus modos são nobres e adoráveis e acima de tudo é linda! Linda... como uma "geisha"!

Sòmente um morto poderia permanecer indiferente ante os seus encantos, pois a sua alegria é o mais poderoso dos tônicos. Quando todos os remédios fracassam numa enfermidade de fundo nervoso, a "geisha" poderá salvar o paciente. E o curioso é que podendo curar todos os males do corpo e da alma, a "geisha" pode adoecer muitos corações, pois, na verdade, os pode ferir com grande facilidade.

O "Maple Club", de Tóquio é famoso por suas "geishas", sendo por isso mesmo o lugar aonde acodem todos os estrangeiros, que desejam conhecer essas tradicionais e encantadoras bonecas.

Geralmente, são recebidos festivamente, sendo-lhes oferecido um banquete, durante o qual têm como convivas lindíssimas criaturinhas, que os atendem e servem em meio dos mais pitorescos e estonteantes detalhes da

Sentada diante do kijodai (mesinha baixa, que serve de tualete), a "geisha" começa o "make-up"... pintando os ombros de branco.

laboriosa etiquêta japonêsa e das adoráveis mulheres, pequeninas, elegantes até ao maravilhoso. Cantam, entretêm, dançam, acariciam, cantam e encantam.

A "geisha" é sempre uma mulher inteligente e culta, sendo também as mulheres

No salão dos banquetes, as "geishas", sentadas diante de mesinhas individuais, servem o seu convidado, oferecendo-lhe, com cativante gentileza, "soké" (vinho de arroz, favorito dos japonêses).

mais bem vestidas de todo o Império do Sol Nascente. Na arte da conversação, pretendem os japonêses que não há quem as iguale no mundo e é possível que tenham razão.

A educação completa de uma "geisha" dura de quatro a cinco anos.

Um ocidental dificilmente poderia levar a sério uma "geisha". Parecem meninas e meninas realmente são, senão gatinhas delicadas.

A "geisha" não pode ser absolutamente confundida com as mulheres a que Cervantes chamou "mozas del partido". Aquelas, por exemplo, vão vestidas com as melhores fazendas e os mais ricos bordados, tendo o rosto pintado de branco, os lábios muito vermelhos e os cabelos negros todos enfeitados com flores; as segundas se distinguem pelos longos pentes de marfim ou tartaruga, que usam no penteado e por usar o laço da faixa sôbre o estômago, em vez de conservá-lo sôbre os rins, como as mulheres consideradas decentes, embora no Japão não se considere uma desonra essa profissão que no resto do mundo se olha com horror e desprêzo, e nenhuma família se considera menosprezada por ter uma filha nessa profissão, a que se dedicam por meio de um contrato, o qual, uma vez terminado, a devolve ao lar, onde muito provàvelmente encontrará marido, passando a viver como qualquer outra mulher decente do Império e do mundo, não surgindo jamais qualquer comentário sôbre a maneira como tenha vivido os primeiros anos da sua juventude.

Como outros muitos e inumeráveis costumes japonêses, êste tem a sanção imperial.

Foi de fato o imperador Komatsu que, por assim dizer, oficializou e tornou coisa absolutamente normal essa profissão, enviando tôdas as suas oito filhas em excursão pelas províncias do império, a fim de que, com seu exemplo, lançassem a moda dessas "damas do prazer".

As casas de chá e as "geishas" constituem as duas maiores atrações para o japonês de tôdas as classes. Para um ocidental, entretanto, mesmo uma casa de chá não passa de uma tortura, sendo obrigados a comer ajoelhados no chão. Se não fôsse pela presença das graciosas "musmés" que servem de copeiras e das "geishas", que divertem e encantam, seria impossível tolerar uma refeição qualquer à moda japonêsa.

A "musmé" não faz outra coisa senão ir e voltar, sempre com o frasco de "saké"

Uma "geisha" e duas "maikos" (aprendizes), sentadas num "tatami" (tapetinho macio), numa casa de hóspedes de Heyan, em Kioto. As "maikos" estão usando o seu penteado tradicional.

e, tanto quando se retira, quanto quando se aproxima do comensal, ajoelha-se, fazendo uma profunda saudação. E o hóspede tem que beber sempre que trazem o "saké"!

Os alimentos são outro martírio: peixe cru, sopa de algas, doce de toucinho e outras coisas parecidas e que não são, positivamente, para o estômago de um ocidental. Às vêzes, êste se alegra por ver coisas conhecidas, como por exemplo, batatas. Porém, logo se desilude pela forma como estão preparadas. E o pior é que tais banquetes duram horas e horas e a cada prato comido tem que ouvir uma nova e longa desculpa, pois manda a tradição e a etiquêta que assim seja feito.

Afirma-se, geralmente, que a causa determinante da existência de tal profissão, são as dificuldades econômicas em que se debate a maioria do povo japonês. Quando um pai não pode vender os bens patrimoniais a fim de prover a alimentação da família é muito comum efetuar a venda da mais bela e atraente de suas filhas ao proprietário de uma casa de "geishas". E,

tanto o pai quanto a filha passam a ser objetos de respeito **por se haverem sacrificado, a fim de proteger a unidade familial!**

Uma nova causa foi a repatriação, da Mandchúria e da Coréia, de milhares de famílias japonêsas, que chegaram ao solo pátrio reduzidas à mais extrema miséria; era, pois, natural que as moças pertencentes a estas famílias procurassem as casas de "geishas".

Antigamente, a maioria das "geishas" era quase **uma segunda espôsa** de algum rico proprietário; seus filhos podiam ser reconhecidos pela lei, caso não houvesse a oposição do pai. Os grandes senhores continuavam a sustentar essas famílias, muitos dêles chegando a ter três ou quatro "espôsas".

No caso de um dêsses ricaços se recusar a auxiliar uma delas, a "geisha" tinha o direito de apelar para a legítima espôsa.

Êsse apêlo (ou a simples ameaça de fazê-lo) geralmente surtia efeito. Isto por que os homens que negligenciavam, que não queriam atender a tais obrigações relativamente a suas "espôsas", ficavam desmoralizados perante os círculos sociais em que viviam.

Hoje subsiste muito pouco do antigo encanto e pundonor observados nas formalidades das negociações com o pai da jovem. Ela se considera muito feliz pelo fato de encontrar quem se anime a dispender enormes quantias com a sua instrução numa **"geigi gakko"** (escola de "geishas").

E grande é a tristeza das verdadeiras "geishas" ao ver os rumos tomados por sua profissão no período do após-guerra. Sentem com honesta convicção que a palavra "geisha" está sendo muito desacreditada. Nenhuma "geisha", nenhuma **verdadeira** 'geisha" vende os seus favores; ela os concede gratuitamente, e dentro das condições em que a ilusão de um romance ainda perdura.

O general MacArthur, quando comandante das Fôrças Americanas de Ocupação no arquipélago nipônico, decidiu pôr "fora da lei" a secular profissão das "geishas"; depois da ocupação, o govêrno imperial confirmou as determinações do general americano.

Não obstante a repressão que se vem fazendo ùltimamente, as "geishas" continuam a encantar o espírito masculino com a sua graça inefável e o seu afã de transformar a vida num caudal de alegrias e satisfações.

PAPELADA...

UM estado moderno que encare com seriedade a função da burocracia gasta uma considerável quantidade de papel. Vejamos, por exemplo, o que acontece nos Estados Unidos: A papelaria governamental exige o trabalho de 750.000 funcionários, o que representa uma despesa de quatro bilhões de dólares por ano, ou seja, cinco vêzes a renda nacional do ano de 1912. Vinte e cinco bilhões de cartas, notificações, despachos, etc., são escritas por ano. Se todo êsse papelório fôsse acumulado, no espaço de um ano poderia cobrir uma distância igual à que separa Moscou de Washington.

Se tôdas as cartas enviadas pelas repartições do govêrno fôssem superpostas, formariam uma pilha de uns 600 quilômetros de altura!

JUSTIFICAÇÃO

— NUNCA pude suportar as situações irregulares — confessou recentemente Sacha Guitry. — Por isso é que já casei cinco vêzes.

ESTATÍSTICA NA INGLATERRA

SEGUNDO recente estatística, na Inglaterra, no ano de 1954, foram perdidas dezenove e meio milhões de semanas de trabalho, devido às enfermidades.

Isto, naturalmente, equivale ao trabalho perdido por trezentas e setenta e cinco mil pessoas, que enfermaram durante um ano inteiro!

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACK

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: — nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indício, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou a sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. **Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle** era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem **grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam.** Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George **não** sabe nadar. Um acidente, com o barco do **sócio** de George poderá levar o assassino de **Martie** festa para melhor... Assim, consegue **convencer** George a acompanhá-lo num passeio pelo rio **e para isso passa a guardar o dia mais «favorável»** dos seus planos. Antes de sair com êle, **Rattery** pede alguns instantes, pois tem alguma **coisa que** providenciar, antes de sair na canoa. **Passam pela** represa **e já em pleno rio, no lugar mais fundo,** quando se prepara para realizar seus planos **sinistros,** uma discussão surge entre êles. **Porém, quando** está prestes a realizar seu plano de **vingança, descobre que George conhece-o detalhadamente.** Leu o seu Diário e, mais ainda, roubara-o, **enviando o** documento para seus advogados, **a fim de que o** entregassem à justiça **no caso de lhe suceder** qualquer coisa. Depois de perigosa discussão, **George** obriga Felix a regressar e saltando na casa **do** encarregado da represa, afasta-se, proibindo **Felix** de tornar a pisar em sua casa. Na **mesma noite,** George **morre,** envenenado, e Nigel Strangeways é procurado por Felix para que o defenda, **dado** que os advogados da vítima tinham enviado o Diário à Polícia. Nigel vai procurar o **inspetor** Blount, na Chefatura. Com êle discute a **situação** do seu constituinte, procurando convencer **ao policial** que Felix é inocente e decidem **examinar a** casa dos Rattery. Ali pouco mais descobrem **além** do que já havia conseguido a polícia local. **Lena,** interrogada, parece inocente de tudo, até ao **instante** em que lhe é revelado que a polícia **sabe** ter estado ela ao lado de George, quando **êste** atropelou um menino, matando-o e fugindo. **Nigel,** que conhece a situação de Phil, na casa, **pede** licença para levá-lo para sua companhia **e da** sua espôsa, no hotel, pretextando ser **necessário** afastar o menino da casa, antes do entêrro do **pai.** Lena concorda **e também** Violeta, agora **sentindo-se** amparada pela irmã e disposta a lutar contra a sogra que protesta violentamente, sendo, **porém,** obrigada a calar por Lena, que a insulta pesadamente. George e Nigel notam que Felix se esquiva **de** Lena Lawson, **como se temesse** estar a sós **com** ela. O inspetor e Nigel, **em** vista do laudo **pericial** que confirma o envenenamento e sabedores, **pela** leitura do Diário, que havia veneno para ratos **na** garage, vão a mesma, a fim de falar com Carfax.

Êste revela que conhecia o interêsse de Rattery por sua espôsa, mas que não o matou. Se quisesse vingar-se ou apenas afastar o intruso, **simplesmente** o expulsaria da sociedade, onde não **tinha** tostão. A êsse tempo queixando-se do abandono **em** que Felix a deixára, Lena confessa a George **que** o amava tanto que, desconfiada de ter sido **êle o** assassino de Rattery apanhára a garrafa do **remédio** e a entregara a Phil, recomendando ao **menino** que a escondesse. Mais tarde, informado pela **espôsa** Nigel interroga o menino, que, sabendo **que** o desaparecimento da garrafa prejudicava a **defesa de Feliz,** logo se prontifica a indicar onde a **mesma** se encontrava. Mas ao apanhá-la, sôbre o telhado, **deixa-a cair** ao solo, onde se espatifa. Blount, **que** quase recebe a garrafa na cabeça acredita que **Phil** jogou a garrafa de propósito. A seguir, Blount e **Nigel** decidem fazer uma revisão geral dos suspeitos **numa** tática de eliminação e redução do campo de **exame.** Começam por interrogar Ethel Rattery que **continua** mais suspeita. A megera procura exigir da **polícia** que concluam com um veredito de «morte acidental». Depois, sòzinho, Nigel procura, por eliminação, **descobrir** o culpado. Assim vai anulando a possibilidade contra Lena Lawson, Violeta Rattery, Carfax, **Rhoda** Carfax, Felix Cairnes e Ethel Rattery, sem esquecer que esta se mostrara assustada, quando o **detetive** quis conhecer detalhes sôbre a vida do pai **de** George...

"Restam Ethel Rattery e Felix. A primeira vista, as cargas que pesam sôbre Felix são mais esmagadoras. Meios, movel, tôdas as condições estão reunidas, sem contar a confissão da intenção. Mas é justamente o Diário que me imobiliza. É possível — simplesmente possível, embora não se possa acreditar — que Felix tivesse preparado um segundo crime (o veneno), prevendo o fracasso do atentado no rio. Mas admitindo essa hipótese fantástica, um fato permanece inconcebível: como Felix deixou que se cumprisse o projeto da estriquinina, depois de saber, da bôca de George, que seu diário se encontrava nas mãos de advogados,

que tinham ordem de entrega-lo à polícia, caso seu cliente viesse a sofrer qualquer acidente?

"Tal inconsciência equivaleria a um suicídio, puro e simples. Se Felix tinha envenenado o tônico, teria inevitàvelmente tomado as necessárias medidas de salvaguarda pessoal, ao compreender que sua vítima, o arrastaria fatalmente ao túmulo. Por certo que teria dada aviso ao próprio George, onde penetrado, êle próprio, na casa a fim de apanhar e inutilizar a garrafa do tônico, antes do jantar. Resta a possibilidade do seu ódio contra George ser tão forte que consentisse em praticar êsse hara-kiri para ter, finalmente, concretizado a sua vingança. Mas, se Felix estivesse assim disposto a sacrificar a própria vida, porque teria procurado disfarçar seu crime em acidente? Por que teria contratado meus serviços a fim de ter a vida salva? A única razão possível é que Felix não envenenou o tônico. Não creio, portanto, que tenha sido êle o assassino de George Rattery, pois sua culpabilidade seria um desafio à lógica!

"Quem resta, ainda?"

Resta Ethel Rattery, uma mulher evidentemente ruim. Mas, chegaria ao extremo de envenenar o próprio filho? E, se é culpada, conforme acredito, isso poderá ser provado? O assassinato de George se adapta perfeitamente ao caráter egoísta, voluntarioso e altivo de Ethel Rattery. Nenhum esfôrço, de sua parte, no sentido de apagar as pistas, embora tais precauções de nada adiantassem, é verdade, pois que sabia muito bem que as suspeitas cairiam sôbre Cairnes. Nenhum esfôrço para conseguir um alibi para a parte da tarde, de sábado, quando o medicamento foi envenenado. Contentou-se com adicionar o veneno ao remédio... e esperar, de mãos cruzadas, que seu filho bebesse o líquido mortal. A seguir quer exigir de Blount que conclúa o inquérito com uma simples declaração de morte acidental. A falta de sutileza quase agressiva verificada no envenenamento de George casava-se perfeitamente com o caráter de sua mãe. Porém o móvel era suficiente? Teve ela a triste coragem de pôr em prática o seu princípio: "A vida humana nada vale quando a honra está em jôgo"? Talvez o general Shrivenham me dará os elementos necessários para elucidar essa questão. Enquanto isso..."

Nigel respirou com fôrça. Releu seus apontamento, fêz uma carêta e queimou todos os papéis. O relógio do "hall" anunciou meia-noite. O detetive abriu ao acaso a chaminé contendo a cópia datilografada do Diário de Felix Cairnes. Uma frase o impressionou conseguindo estimular seu espírito engorgitado. Folheou o documento, em busca de outro indício... Uma idéia extraordinária acabava de germinar em sua cabeça, logo desenvolvendo-se ràpidamente. Uma teoria tão clara, tão convincente, que logo desconfiou como de um dêsses maravilhosos poemas compostos no momento de adormecer e que rasgamos com um erguer de ombros descuidado, na manhã seguinte. Nigel decidiu esperar o dia seguinte, antes de julgar o real valor de sua idéia, cujas terríveis conseqüências nem mesmo ousava calcular.

Levantou-se, bocejando e, com o diário de Felix sob o braço, atravessou o salão, cuja luz desligou, antes de sair.

O "hall" estava escuro como um fôrno. Nigel procurou o interruptor tateando cautelosamente.

"George estaria dormindo?" — pensou.

Nesse instante justo, um ruído insólito o fêz sobressaltar, mas um corpo duro o atingiu na cabeça, antes que tivesse tempo de definir a causa.

A noite. Uma cortina de veludo servindo de telão, para as faíscas coruscantes que dançavam em sarabanda infernal, empalideciam, renasciam das próprias cinzas e recomeçavam a dançar. Não sem impaciência, Nigel contemplava êsse fogo de artifício, pois esperava que tudo terminasse a fim de repelir enèrgicamente o manto negro. De fato as luzinhas se extinguiram ao fim de alguns instantes. Porém a cortina continuava diante dos seus olhos. Nigel podia aproximar-se, agora, mas tinha, antes, que desembaraçar-se da tábua prêsa às suas costas. Que significa aquilo? "Devo ser algum *homem-sandwich*" — pensou êle, confusamente. Ficou ainda um instante imóvel,

encantado por haver encontrado uma explicação tão satisfatória. Depois tentou avançar contra a cortina. Instantâneamente uma dor aguda atravessou-lhe a cabeça e de novo as luzinhas recomeçaram a sarabanda infernal, Nigel deixou mais uma vez que se extinguissem, uma a uma, até a última, antes de permitir que seu cérebro despertasse, de vagar; um esfôrço brusco e o maldito mecanismo poderia desarranjar-se novamente.

— Não posso avançar para essa suntuosa cortina de veludo prêto, porque... porque não estou de pé. O que julguei ser uma tábua encostada às minhas costas, é apenas o soalho. Ora... Ninguém pode carregar o soalho nas costas! Bravo! Isto é que raciocinar. Agora já sei... Estou caído no soalho. Mas... Por que estou assim, estirado no chão? Porque... Porque... Ah! Agora recordo... Porque fui agredido. Bateram contra a minha cabeça. Deve estar aberta. E neste caso devo estar morto. Mas a noção da existência subsiste! E, neste caso, devo ser algum eleito... Mas, talvez eu não esteja realmente morto. Os defuntos não devem sentir tantas dôres assim... Isto deve ser contrário a tôdas as regras. Estou vivo! Hummm... Assim as coisas vão melhorando..."

Vagarosamente, Nigel levou a mão à fronte. Estava úmida e pegajosa. Sangue! Conseguiu erguer-se e caminhar os poucos passos que o separavam da parede. Depois tornou a procurar o interruptor, tateando, e ligou a luz. No primeiro instante chegou a fechar os olhos, receando ficar cego com a brusca claridade. O hall estava deserto. Ninguém estava à vista. O Diário de Felix Cairnes estava caído sôbre o soalho. Nigel estremeceu. Tinha a camisa desabotoada. Tratou de abotoa-la apanhou um bastão de golfe, caído um pouco além, e o Diário. Depois foi para seu quarto, cambaleando.

Georgia entreabriu os olhos e perguntou, com voz sonolenta:

— Então? Fêz uma boa partida de golfe, querido?

— Na verdade... fui batido... E com isto!

Depois, sorriu com o ar mais idiota dêste mundo para a espôsa — e caiu, desamparado, aos pés do leito.

— Não, não, meu caro! Você vai ficar deitadinho aí mesmo!

— Impossível. Devo visitar o general Shrivenham, esta manhã.

— Ninguém levanta da cama, quando tem um buraco na cabeça!

— Mas não será isso que me impedirá de ir conversar com o general, esta manhã. Quer tocar a campaínha, por favor, pedindo o meu café com torradas? O automóvel virá apanhar-me às dez horas. Você poderá ir comigo, se quiser. Assim talvez possa impedir que eu arranque essas bandagens numa crise de delírio...

Georgia murmurou, com voz que tremia :

— Oh! querido! Quando penso no que sempre tenho insistido para que você corte os cabelos bem curtos!... No entanto, foi graças a essa cabeleira de maestro que fiquei devendo não estar agora viúva... Mas vai ficar na cama, quer queira quer não!

— Meu bem... Tenho que sair, mesmo que depois me recolha a um hospital.

— Sim... estão se civilizando.

Uma idéia me assaltou... segundos antes de ser atacado, ontem à noite, e uma coisa me diz que Shrivenham poderá... Além do mais será uma sábia precaução colocar-me sob a proteção de um valoroso soldado do rei, durante algumas horas.

— Hein? Você acredita que o miserável vai recomeçar? Quem era?

— Não sei... Nem mesmo suspeito. Mas, para ser franco, não penso que o miserável tente novamente... Pelo menos em pleno dia. Além do mais fiquei com a camisa desabotoada...

— Nigel! Você tem certeza de que não está delirando, dizendo coisas?

— Absolutamente certo.

O inspetor Blount entrou quando o detetive devorava o seu primeiro almôço. Blount parecia preocupado.

— Acabo de saber, por sua valorosa espôsa, que você recusa continuar acamado — começou êle — Acredita mesmo que está em estado de...

— Claro que acredito! Essas pancadas contra a minha cabeça, até são boas para a minha saúde. A propósito, você descobriu alguma impressão digital no bastão de golfe?

— Não. Os dedos não deixam marcas sôbre o couro. No entanto encontramos um indício estranho...

— Qual?

— A porta-janela da sala de jantar do hotel não estava fechada a chave. O mordomo do hotel jura haver dado duas voltas de chave na mesma, ontem à noite, justamente às dez horas.

— Que há de estranho nisso? Afinal, o meu agressor tinha que entrar e sair por um caminho qualquer!

— Mas como pode ter entrado pela porta-janela, se esta estava fechada pelo lado de dentro? Alguém cúmplice, talvez?

— Êle — ou ela — bem pode ter entrado antes das dez horas, escondendo-se a fim de aguardar a minha chegada.

— Possível... Mas como uma pessoa estranha ao hotel podia saber que você ficaria só e acordado até que a eletricidade fôsse desligada no hall?

— Sim... Compreendo — disse lentamente Nigel — Compreendo...

— Êste novo incidente parece piorar a situação de Felix Cairnes.

— Pode explicar, ao menos, por que Felix atacaria um detetive ao qual paga generosamente? — perguntou Nigel examinando um pedacinho de torrada — Não seria trabalhar contra a sua própria causa?

— Talvez... Trata-se de uma hipótese apenas... Talvez desejasse imobilizá-lo... temporàriamente.

— Suspeito, de fato, que meu agressor tenha sido assaltado por uma idéia dêsse gênero. Aquela, devemos reconhecer, não era hora para alguém treinar golfe no hall do hotel!

Porém a resposta irônica de Nigel escondia seus pensamentos íntimos: "Felix tentou impedir a minha visita ao general Shrivenham".

Com a fisionomia revelando grande preocupação, Blount falou:

— E você ignora ainda o mais estranho da história, Strangeways. Pudemos encontrar impressões digitais na chave, no punho exterior da porta-janela... Tais marcas não pertencem a nenhum membro do pessoal do hotel, nem a qualquer pessoa implicada no drama; ora, você e Felix Cairnes, são as únicas pessoas residindo atualmente no Angler's Arms.

Uma dolorosa pontada na fronte foi o castigo de Nigel, por se sentar bruscamente no leito.

— Meu agressor não podia, nestas condições, ser Felix! — articulou com esfôrço.

— Eu compreenderia de boa vontade que Cairnes tivesse aberto a porta-janela, após a agressão, servindo-se de um lenço, para operar e assim dar a impressão de que você tinha sido atacado por uma pessoa estranha ao hotel. Mas... Quem deixou essas marcas digitais no exterior da porta-janela?

— Por piedade! — pediu Nigel — Que vem fazer êsse desconhecido no momento exato em que... Irra! Quer saber? Não me interessa essa nova complicação. Ela que lhe ocupe você, exclusivamente, enquanto vou visitar o General Shrivenham.

Meia hora mais tarde, Nigel e Georgia subiam para um automóvel de aluguel.

No mesmo instante, uma arrumadeira do hotel — que se atrasara em seu trabalho devido ao inquérito matinal de Blount — entrava no dormitório de Phil Rattery...

O automóvel dos Strangeways parou diante da casa do general Shrivenham às onze horas menos alguns minutos. Uma criadinha introduziu os visitantes num vasto hall, cujo soalho e paredes estavam cobertos de peles de tigres e outros troféus de caça. A intrépida Georgia não pôde conter um arrepio de susto diante de tantas mandíbulas ferozes e caretantes.

— Você crê que existe alguma criadinha bastante infeliz que se veja obrigada a escovar os dentes de todos êsses animais, diàriamente? — murmurou, baixo, para o marido.

— É pouco provável... É de se jurar que caminhamos por um juncal...

A criadinha abriu uma porta, ao fundo, além da qual um péssimo executante interpretava ao piano o prelúdio em dó maior de Bach. A melodia aérea parecia estrangulada pelos rosnares de todos os tigres do hall. O prelúdio espirou num suspiro caquético e o executante invisível logo atacou a fuga. Encantados, Georgia e Nivel ouviam êsse inesperado concêrto. Finalmente, a música cessou e uma voz perguntou :

— Quem? Como? E que está esperando para os fazer entrar? Não tolero que deixem as visitas esperando no hall!

Em seguida, um homem muito alto, aparentando estar próximo dos setenta, porém ainda bem aprumado e vestindo roupas do tipo esporte, surgiu à porta do salão de música. Seus olhos de um azul pálido saltaram de Nigel para Georgia e, finalmente, perguntou :

— Vejo que admiram os meus troféus!

— Realmente. E a música também — respondeu Nigel — É o mais belo de todos os prelúdios, não é mesmo?

— Sinto-me feliz por ouvi-lo revelar opinião de acôrdo com o meu modo de entender. Sou um músico bem medíocre, desgraçadamente! Na minha idade ainda procurei aprender a tocar piano. Êsse que ali está é um instrumento comprado há poucos meses apenas. É, não há dúvida, um instrumento admirável e digno de acompanhar o bailado das fadas. O espírito de Ariel... entendem? A propósito, poderiam ter a gentileza de recordar-me seus nomes?

— Nigel Strangeways. Minha espôsa...

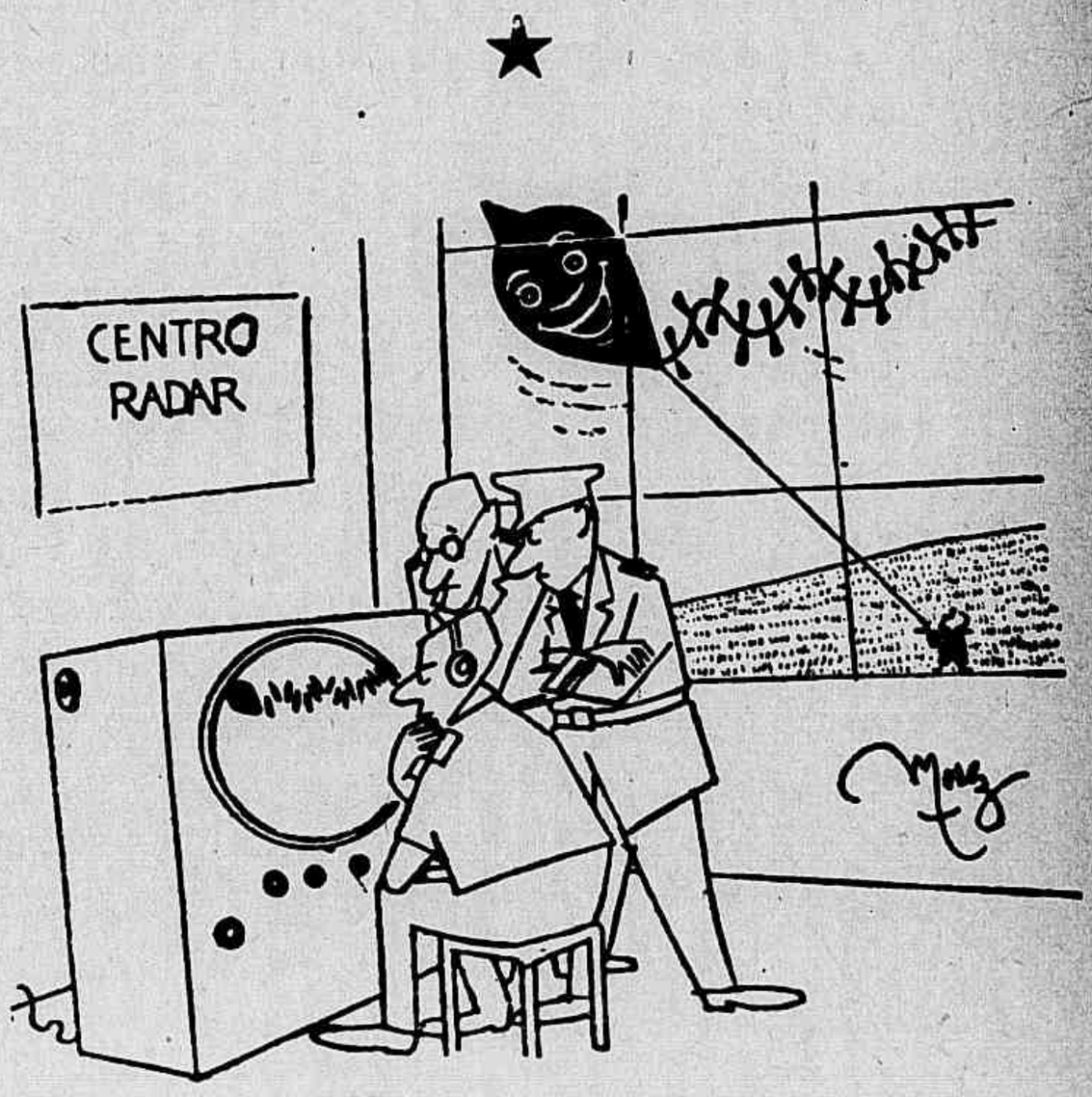
O general apertou as mãos de seus hóspedes, lançando sôbre Geórgia um olhar de velho conquistador, que foi premiado com um dos mais bonitos sorrisos da Sra. Strangeways.

— Aqui tem o senhor um cartão de apresentação de Franck Cairnes — declarou Nigel, apresentando o envelope ao velho militar.

— Cairnes? Oh, sim! Pobre amigo... Teve o filho esmagado por um automóvel, o inverno passado, como devem saber. Uma grande desgraça, sem dúvida. Mas, digam-me, êle não ficou... desorientado ao menos?

— Não... Por que?

— Um incidente extraordinário ocorreu há dias, em Cheltenham. Lá vou tôdas as quintas-feiras, comer no Banners. Recomendo-lhes os doces de lá, principalmente os de chocolate... Ninguém faz melhor em tôda a Inglaterra. Mas já estou falando como uma criança... Em suma, entrei no Banners e seria capaz de jurar que Cairnes ocupava uma das mesinhas de canto. Um homemzinho barbado.



— Que coisa estranha! De que planêta será?

Cairnes deixou a aldeia há uns dois meses, mais ou menos, segundo devem saber, e começava a deixar apontar a barba, se não estou enganado. Por mim acho que a barba fica bem para os marinheiros, em campanha. E pouco tem adiantado à nossa marinha, que não tornou a ganhar uma grande batalha, desde Trafalgar... Mas que dizia eu? Ah! Sim, tratava-se de Cairnes... ou do homem que acreditei ser Cairnes, há dias. Fui até sua mesa, com a mão estendida, porém êle logo saiu do salão de chá, como se o diabo o perseguisse, arrastando com êle seu companheiro, uma rapagão muito alto, com bigodes e aspecto pouco simpático, na minha opinião. "Cairnes!" — gritei, mas em pura perda, pois que o tal homemzinho nem siquer voltou a cabeça. "Devo ter sido enganado por uma semelhança espantosa" — pensei, no momento. Depois, outra explicação atravessou meu espírito: era Cairnes, realmente, o homem que eu tinha encontrado. Infelizmente, o desgraçado sofria de amnésia! Eis porque perguntei, há pouco, se estava um pouco alterado das idéias... Cairnes foi sempre um original da mais bela espécie; mas isso de ir ao Banners com um tipo daquela espécie! Só mesmo tendo perdido o uso das faculdades.

— O senhor recorda a data dêsse incidente?

— Um momento... Foi na semana do...

O general consultou sua agenda de bôlsa.

— Cá está! Foi no dia 12 de agôsto.

Nigel prometera a Felix não soprar relativamente ao caso Ratterry ao general; porém êste parecia ter inconscientemente, atingido o próprio coração do drama. O detetive se abandonou à reflexão, enquanto o general, sempre impetuoso já se engajara numa conversação muito animada com Geórgia a respeito dos costumes dos pássaros na alta-Birmânia. Nigel se esforçou por ficar isolado moralmente esforçando-se por introduzir na sua nova teoria êsse incidente do salão de chá. Uma observação do general o chamou, finalmente, à realidade.

— O seu marido regressa da guerra, se não estou enganado?

— Sim — explicou Nigel, acariciando seu ferimento — Quase tive a cabeça rachada por um bastão de golfe.

— Um bastão... de golfe? Bem... Isso nada tem de espantoso. Atualmente, nos nossos campos de jôgo, sempre ocorrem as coisas mais espantosas! Para mim, aliás, o golfe nunca foi um jôgo, verdadeiramente! Bater numa bola parada... Tenho a impressão de que é o mesmo que atirar num pássaro pousado. Falem-me do pólo! Isso sim! Joguei pólo nas Índias. O golfe é uma espécie de pólo desprovido de tôdas as dificuldades dêste jôgo; nada mais. A moda do golfe nos vem da Escócia... que é o povo menos civilizado da Europa! Dá-nos bons soldados, justiça seja feita! Mas só isso!

Nigel interrompeu com pesar a polêmica do general, para expor ao mesmo o objeto de sua visita. Fôra incumbido de esclarecer o caso Rattery e desejava vivamente conhecer detalhes sôbre a história dessa família. Ciryl Rattery, o pai da vítima, tinha servido no Exército e tombara gloriosamente durante a guerra sul-africana... O general Shrivenham poderia indicar-lhe alguém que tivesse vivido em maior contato com Ciryl Rattery?

— Rattery? Oh, céus! Então a vítima era filho de Cyril? Eu perguntara a mim mesmo, ao ler as notícias nos jornais, se a vítima tivera algum parentesco com Cyril Rattery... Então era seu filho, diz o senhor? Péssimo atavismo... Oh, sim! Tudo se explica! Dê-me o prazer de aceitar um cálice de Xerez e contarei tudo o que sei... Mas em absoluto! Não é incômodo! Sempre tomo um cálice de Xerez e como um biscoito a esta hora. Faremos isso juntos...

O general saiu do salão por alguns segundos, depois êle próprio trouxe um garrafão de cristal e uma pequena bandeja com biscoitos. Depois de enchidos os três cálices, começou sua narrativa, animando-se à proporção que evocava suas recordações.

— Como devem saber, surgiu um grande escândalo a respeito de Cyril Rattery e fico muito admirado dos jornais não exumarem êsses fatos por ocasião dêste

último drama... Talvez tenha sido muito mais bem abafado do que é feito atualmente. A verdade é a seguinte: Cyril Rattery se conduziu brilhantemente no início da campanha, mas não pôde aguentar a mesma atitude até o fim. Era um dêsses rapazes de aspecto belicoso, mas que têm mêdo, como qualquer dos seus camaradas, embora não queiram confessar a verdade a si mesmos... Um belo dia, *pam!* Encontrei-o uma ou duas vêzes, na época em que os Boers nos batiam freqüentemente. Oh! Homens esplêndidos, aqueles Boers! Não passo de um velho soldado, que tem a consciência tranqüila, seguro de haver cumprido o seu dever. Mas, que diabo! Temos que reconhecer o mérito, seja lá onde fôr que o encontremos! Cyril Rattery era um rapaz de elite; não se exige tanto de um soldado. Melhor teria feito se se tivesse dedicado à poesia. Mas, desde aquela época, deu-me a impressão de ser um tanto neurastênico, de pecar por excesso de consciência. Cairnes é um tipo quase único no seu gênero, não há dúvida! Mas, voltando a Cyril Ratery, fraquejou no dia em que lhe confiaram o comando de um destacamento encarregado de incendiar um grupo de propriedades agrícolas. Não estou bem lembrado dos detalhes... Mas eis os fatos essenciais: a primeira fazenda não tinha sido evacuada a tempo, seus ocupantes resistiram e dois ou três soldados caíram mortos. Os sobreviventes perderam a calma e esmagaram os defensores, incendiando tudo, sem bem verificar se havia alguém no interior das casas. Por maior desgraça, uma pobre mulher ainda lá se encontrava, numa delas, à cabeceira do filhinho doente. Uma e outro foram queimados vivos... Um acidente de guerra, é claro; coisa mesmo inevitável, infelizmente! Porém a verdade é que êsse massacre de inocentes nem por isso deixou de ser coisa das mais abomináveis, embora hoje o bombardeio das cidades abertas se tenha tornado coisa banal. Oh! Agradeço ao céu por ser bastante idoso para não poder participar de tais horrores. Cyril Rattery tratou de reconduzir diretamente, seus homens para o acampamento, recusando obedecer à ordem de incendiar as casas restantes. Falta gravíssima, segundo o código militar. Por isso foi degradado, expulso do Exército...

— Mas eu imaginem que... Segundo o que me declarou a viúva, pensam que Cyril Rattery tinha tombado sob uma chuva de balas inimigas.

— Absolutamente falso! O desgraçado incidente das casas incendiadas tinha provocado a sua triste saída do Exército. Ora, o infeliz adorava a sua carreira e assim as suas péssimas predisposições naturais, agravadas pelas fadigas da severa campanha, acabaram provocando um transtorno cerebral. Rattery morreu alguns anos mais tarde, num asilo de loucos, se não me falha a memória...

A conversação continuou ainda durante uma meia hora depois, Nigel e Geórgia se despediram com pesar do seu encantador anfitrião, voltando para o automóvel.

Nigel ficou em silêncio durante todo o trajeto de volta; a imagem do drama estava agora claramente formada em seu espírito, uma imagem odiosa, que teria repelido de bom grado, se pudesse. Ah! Poder dizer ao "chauffeur" para o levar diretamente para Londres, para longe dessa maldita e lamentável história! Infelizmente, era tarde, muito tarde mesmo!

Uma agitação inusitada reinava em redor do Angler's Arms, quando o automóvel parou diante da entrada principal. Um policial estava à porta, enquanto um

★

— Ouça, Policarpo. Não poderia ir passar suas "férias" em outra parte?

grupo de pessoas se comprimia no patamar e outros desconhecidos estacionavam no jardim, observando o prédio. Dêsse segundo grupo destacou-se Lena Lawson, que correu na direção do automóvel, com os cabelos louros flutuando ao vento e trazendo nos olhos todo o fogo da ansiedade.

— Vocês chegaram, afinal! Graças a Deus.

— Que aconteceu? — perguntou Nigel.

— Felix teria...

— Não... É Phil. Êle desapareceu!

QUARTA PARTE:

A CULPA É REVELADA

Nigel encontrou um bilhete do inspetor Blount, rogando-lhe que o fôsse procurar, na central de polícia, tão logo retornasse ao hotel.

Durante o curto trajeto em automóvel Nigel se esforçou por coordenar as palavras quase ininteligíveis com as quais Lena e Felix tentaram narrar-lhe como se dera o desaparecimento de Phil. Na confusão que resultou da agressão da véspera, ninguém cuidara de pensar em Phil e, mesmo, sentira a sua ausência na primeira refeição da manhã. Não vendo o menino na sala de jantar, Felix concluíra que Phil já tomara sua refeição. Geórgia, por sua vez, estava preocupada ùnicamente com Nigel, enquanto o "maitre d'hotel" imaginara que o menino tinha saído para ir comer na companhia de sua mãe. Em suma, o alarma só foi dado cêrca das dez horas, pela arrumadeira, que encontrou o leito de Phil perfeitamente arrumado, como se não tivesse sido usado na noite anterior. Também encontrou sôbre a cômoda um envelope fechado, endereçado ao inspetor Blount. Que conteria? Isso não era muito difícil de advinhar...

Felix Cairnes ficara literalmente louco de inquietação. Nigel não o vira jamais tão agitado e preocupado como então se mostrava e teria dado tudo para poupar ao infeliz a tragédia que sentia inevitável... Mas era tarde! Os acontecimentos se tinham pôsto em marcha e desviar o seu curso teria sido tão impossível como deter uma avalanche de gêlo ou deter o ímpeto de um cavalo, após subir a fita, num prado de corridas... A primeira cena do drama se desenrolara numa estrada do Gloucestershire, quando George Rattery esmagara o pobre Martin Cairnes. O prólogo era anterior ao nascimento de Phil Rattery e os acontecimentos recentes constituíam pròpriamente o drama... Restava o epílogo, que prometia ser muito longo e muito doloroso; e só terminaria, quem sabe, com a vida dos seus principais atores, a saber, Felix Cairnes, Violeta Rattery, Lena Lawson e Phil Rattery.

O inspetor Blount acolheu Nigel com um ar de triunfo contido. Enumerou-lhe tôdas as disposições tomadas a fim de encontrar o menino:: vigilância das estações de trem e de ônibus, alerta dada a todos os agentes motociclistas, interrogatório habitual de todos os que cruzassem as estradas, fôsse em veículo ou a pé, além de outros recursos de rotina.

— É apenas uma questão de tempo — concluiu Blount — A menos que sejamos obrigados a dragar o rio...

— Santo Deus! Você não acredita, realmente, que o menino tenha chegado a êsse extremo?

O inspetor ergueu os ombros, seguindo-se prolongado silêncio que acabou tornando-se intolerável para Nigel, que o quebrou com evidente nervosismo.

— Seria êsse, pois, o último gesto quixotesco do pobre Phil? Sim... Só pode ter sido assim mesmo. Agora recordo ter visto alguns ramos de loureiro movendo-se, ontem, quando juntos caminhávamos, palestrando e trocando planos, ao longo do rio... Devia ser êle Phil! Deve ter ouvido você dizer que não tardaria a prender Felix, o seu ídolo! O pobre menino pensou poder desviar as suas suspeitas, fugindo...

Blount curvou a cabeça. Tinha agora o seu ar mais grave.

— Bem que gostaria de poder acreditar no que diz, meu amigo. Mas é impossível, infelizmente! *Sei que Phil envenenou George Rattery*. Pobre menino...

Nigel abriu a boca para falar, porém o inspetor prosseguiu:

Continua no próximo número

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JUNHO DE 1955

1 — **SEXTA-FEIRA** : — Realizada em Washington, pelo etnógrafo Harold Schultz, do Museu Paulista, conferência sôbre os índios de Mato Grosso. — Milhares de funcionários públicos chilenos abandonam o trabalho, no que são imitados pelos trabalhadores ferroviários, de bondes e ônibus. — Oito aviões a jato da Fôrça Aérea Portuguêsa, voando em formação, batem contra uma montanha, explodindo e mantando seus ocupantes. — O Paquistão decide aderir ao Pacto de Defesa do Oriente Médio, formado pela Inglaterra, Turquia e Iraque. — O govêrno de Costa Rica comentando a nova política cafeeira brasileira, declara considerar a mesma absurda e até mesmo suicida. — Empossado como senador pelo Maranhão o sr. Assis Chateaubriand.

2 — **SÁBADO** : — Antonio Segni, designado pelo presidente italiano para formar novo gabinete, luta ainda para obter o apoio de seus pares. — Na Bélgica os Católicos voltam a organizar grandes passeatas de protesto contra o govêrno que suspendeu as subvenções em favor das escolas católicas do país. — Inaugurada em São Paulo a III Bienal de Arte, no Parque de Ibirapuera. — Concluídos no Itamarati os entendimentos com a delegação econômica alemã visando regular o comércio e o regime de pagamento entre o Brasil e a Alemanha. — Também na Argentina os Católicos realizam novas manifestações na Plaza de Mayo. — Na Argélia aumenta hora a hora a ação dos terroristas, enquanto se regista uma nova tensão nas relações greco-albanesas.

3 — **DOMINGO** : — Nikita Kruchtchev, secretário geral do Partido Comunista Bolchevista adverte o Ocidente afirmando que "a Rússia vai muito forte para a Conferência dos Quatro Grandes, em Genebra". E acrescenta: "Para lá vamos, porém, como soldados ao encontro de companheiros de valor e esta é a única maneira correta de encarar essa conjuntura". — Revela-se que atinge a um milhão de sacas o estoque de café nos Estados Unidos. — Realizam-se eleições gerais no México. — Prestes a desistir de sua incumbência de formar novo gabinete italiano, o Sr. Antonio Segni.

4 — **SEGUNDA-FEIRA**: — Encara o Govêrno de Washington as reclamações de vários países sôbre os prováveis e preju-

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS

Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93 - 95

Telefone 43-8966

End. Telegr.

« B A N C O C I O »

Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355
AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9
AG. S. CRISTÓVÃO: R. S. Luiz Gonzaga, 173
AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367
AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7
A. COPACABANA: Av. N.S. Copacabana, 1155
AG. MADUREIRA: Estrada da Portela, 44

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo • desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado ..... Cr$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

diciais efeitos das explosões atômicas. — Enfrenta o Príncipe Rainier III, de Mônaco a maior crise da história dêsse país. quando entra em caos a organização bancária nacional, afogada numa onda de escândalos. — Num hospital parisiense é descoberta uma substância, a C.A.G., contida no serum animal e cuja presença contribui para provocar a ação de células chamadas reticulo-endoteliais, as quais lutam contra a intrusão de corpos estranhos. — Termina a greve dos Estivadores britânicos. — Deixa Roma preparando-se para viajar para o Brasil o cardeal Legado ao XXXVI Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, D. Benedecto Aloisio Masella.

5 — TÊRÇA-FEIRA: — Surpreendentemente (e sem convencer) o Presidente Perón oferece uma trégua na luta política a seus adversários de 12 anos, prometendo "aceitar sugestões com o respeito que merece como patriotas e cidadãos". — O Conselho de Ministros da União Européia apresenta plano de redução fiscalizada dos armamentos, como sugestão para um acôrdo entre Oriente e Ocidente. — Chega a esta capital o General McClark, antigo comandante das Fôrças Aliadas na Itália.

6 — QUARTA-FEIRA: — Alterações no Gabinete Português. O sr. Marcelo Caetano, atual Presidente da Câmara dos Deputados, substituirá o sr. João Costa Leite, no cargo de Ministro da Presidência. O Ministro da Fazenda, Aguedo de Oliveira, e o Ministro de Ultramar, Sarmento Rodrigues, serão substituídos pelos Sub-Secretários Pinto Barbosa e Raul Ventura, respectivamente. O Ministro da Educação, Pires de Lima, entregará sua pasta ao Professor Leite Pinto, e o Ministro das Corporações, Soares Fonseca, será substituído por Viega Macedo, ex-Sub-Secretário da Educação. — O sr. Antonio Segni consegue organizar novo gabinete, que logo presta juramento ao presidente Gronchi. — Nomeado presidente do Instituto Brasileiro do Café, o sr. Raul da Rocha Medeiros.

7 — QUINTA-FEIRA: — O sr. Foster Dulles declara no Senado que a mudança de atitude da Rússia é devida à situação de gravíssima crise de sua economia. — A Colômbia vai enviar o seu Ministro da Fazenda ao Brasil, a fim de realizar conversações em tôrno da política cafeeira dos dois países. — Paralisados todos os serviços no Chile com a continuação da greve, da qual participam milhão e meio de trabalhadores. — Festejado em todo o Brasil o Centenário de Artur de Azevedo. — Entrega credenciais o novo embaixador da Grécia. — Falece nesta capital o Prof. Fernando Neves, diretor geral do SENAC no Distrito Federal. — Falece nesta capital o advogado Armando Machado Costa Rodrigues.

8 — SEXTA-FEIRA: — O "premier" Nehru da Índia recebido pelo Papa ao qual afirma que a disputa entre a Índia e Portugal a respeito de Goa é apenas política e nada religiosa. — Mais dois jornalistas da oposição presos em Buenos Aires, apesar do discurso "pacificador" de Perón. — Baixa muito a temperatura na Argentina e no Chile, prevendo-se que a onda de frio chegue até a capital brasileira e cause grandes prejuízos à lavoura dos Estados sulinos. — Chega a esta capital o Sr. Santiago Rampani, Ministro do Exterior do Uruguai.

— Homenageado na Zona Militar do Leste o General McClark. — Chega a esta capital o General Marcel Carpenter, Comte. das Fôrças Terrestres da França. — Chega a Londres o "premier" indiano.

9 — SÁBADO: — O Govêrno chileno em vista do fracasso das negociações com os grevistas decide mobilizar todo o pessoal ferroviários, postal e telegráfico, por meio de um decreto. Houve porém, acôrdo com os grevistas de bondes e ônibus. — Ruidosas manifestações Católicas em Buenos Aires, tendo os manifestantes dado gritos de Viva Cristo Rei e Viva a Marinha ao passar diante do Clube Naval. — A imprensa peronista ataca essa atitude dos católicos acusando-os de rompimento da trégua política oferecida por Perón. — Entram em greve os mineiros nos Estados Unidos. — Fabrica a Inglaterra o seu primeiro automóvel a jato, um Austin.

10 — DOMINGO: — Adiada a visita do Ministro da Fazenda da Colômbia ao Brasil "para depois do Congresso Eucarístico". — Condenam as autoridades eclesiásticas as novas manifestações anti-peronistas realizadas em Buenos Aires. — Por ter cessado o movimento grevista no Chile o Govêrno, que assumira medidas extremas, resolve entabolar negociações com as organizações sindicais. — Famosos cientistas de todo o mundo apelam para os Quatro Grandes, no sentido de atender à solicitação de Einstein, através de documentos encontrados após a morte do grande sábio, no sentido de acabar com as guerras e a fabricação de armas atômicas.

11 — SEGUNDA-FEIRA: — A Rússia promete estudar a proposta britânica para a formação de um govêrno alemão unificado, numa Alemanha armada. — Prepara-se o Rio de Janeiro para o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Começam a chegar os primeiros peregrinos assim como os primeiros altos dignatários da Igreja Católica sul-americana. — Novas manifestações de católicos, em Buenos Aires, enquanto os representantes radicais, através de emissoras particulares, pedem a imediata renúncia do General Perón. — Chega a esta capital S. Beatitude D. Máximo IV, Patriarca do Oriente. — A aviação nacionalista chinesa bombardeia um navio inglês na embocadura do Min.

12 — TÊRÇA-FEIRA: — Conferenciam Eisenhower e os líderes parlamentares norte-americanos a fim de estudar a atitude dos Estados Unidos na próxima conferência de Genebra. — Índia e Egito, em declaração conjunta, expressam ao mundo suas esperanças nos resultados da Conferência dos 4 Grandes, em prol da paz mundial. — Delegação comunista do Vietnan chega a Moscou. — O Partido Radical argentino responde a Perón afirmando que o país só pode ser pacificado com a imediata liberdade dos presos políticos e restabelecimento das liberdades públicas e individuais.

13 — QUARTA-FEIRA: — Segue para Genebra o Sr. John Foster Dulles e com êle as esperanças do mundo ocidental. — Chega a Miami, Emília Corrêa Lima, Miss Brasil, que ali disputará o título de Miss Universo. — Justamente sôbre o telhado da Capitania dos Portos, no centro de Nova Iorque cai um helicóptero, logo explodindo em chamas. — Cessa a greve dos trabalhadores belgas. — Organizado na

Academia de Acordeon
MASCARENHAS
A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

Argentina o Partido Democrata Cristão. — Moscou convida o Xá do Iran a visitar a Rússia. — Várias províncias argentinas ameaçadas de imediata intervenção federal. — Sancionada Lei criando o 2.º Tribunal do Júri no D. Federal.

14 — QUINTA-FEIRA: — Carta Pastoral do Episcopado Argentino recebendo satisfatòriamente o apêlo pacifista de Perón. — Esboça-se na Inglaterra grande movimento popular contra a pena de morte. — Iniciada a Conferência de Genebra que deve ser encarada "como um comêço e não um fim" — segundo declarações de Foster Dulles. — Empossado o novo governador do Território do Rio Branco, General Adelmar Soares da Rocha.

15 — SEXTA-FEIRA — Em Genebra, a delegação russa, chefiada pelo Marechal Bulganin. — Uma multidão de europeus arrancou bandeiras marroquinas, atacou ônibus e desfilou pelas ruas, como revide aos atos de violência da última madrugada, quando morreram 10 francesas, residentes e outros 40 ficaram feridos pelos terroristas. — Morrem 17 pessoas num desastre de aviação no México. — O chanceler Adenauer procura colocar o Partido Comunista fora da lei. — Sem solução as já longas negociações de paz russo japonêsas. — Falecem nesta capital o dr. André Betim Paes Leme e o engenheiro Luís de Morais Júnior.

16 — SÁBADO: — Voltadas para Genebra as atenções do mundo. — Em Casablanca é desolador o ambiente, com a polícia fazendo constante fogo contra os grupos de nacionalistas e êstes agindo, no correr da noite, com violentos atos de terrorismo. Ignora-se o número de baixas. Numeroso grupo de colonos brancos, conduzindo bandeiras francesas, gritavam insultos contra as autoridades francesas. — De Viena anuncia que o govêrno comunista de Budapeste, às vésperas do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, pôs em liberdade o cardeal Mindszenty. — Na Grécia é registrado novo tremor de terra. — Agrava-se a situação em Goa com a nova pressão do govêrno indiano contra essa possessão portuguêsa.

17 — DOMINGO: — Foi em ambiente da maior cordialidade que transcorreu o primeiro dia da Conferência de Genebra, discursando os representantes das quatro nações, todos favoráveis a uma imediata pacificação. — O govêrno indiano envia enérgica nota de protesto a Lisboa, por ter a guarda da fronteira, em Goa, aberto fogo de metralhadoras contra os "voluntários" desarmados. — Eleva-se a 63 o número de mortos nos distúrbios de Coyem em Casablanca, onde o residente francês demite o chefe de polícia.

18 — SEGUNDA-FEIRA: — O Parlamento italiano concede ao "premier" Antonio Segni o "primeiro voto de confiança". — Inaugurada nesta capital a duplicação da Ponte dos Suspiros. — Recebido em audiência solene o Legado Pontifício, que condecora o Presidente da República com a Grã-Cruz da Ordem Primeira. — Chega a esta capital o cardeal Piazza, secretário da Congregação Con-

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. .....

NOME.....

RUA..... Nº. ....

CIDADE.....

ESTADO.... .....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

sistorial. — Falece nesta capital o empresário teatral, Walter Mocchi. — Mais de cinqüenta pessoas morrem num desastre de trem em São Bernardo, Chile. — Quinze agricultores especializados russos chegam aos Estados Unidos em visita de estudos.

19 — TÊRÇA-FEIRA: — Destaca-se desde logo, na Conferência de Genebra, o problema da unidade e do rearmamento da Alemanha como um dos pontos mais nevrálgicos. — O "premier" Nehru anuncia ao regressar à Índia, que a próxima extinção do Cominform será uma conseqüência da coexistência. — Depois das medidas violentas postas em prática pelas fôrças francesas, reina um pouco mais de tranqüilidade no Marrocos. — Começam a deixar os cargos de direção no govêrno argentino os representantes peronistas, o que se deve ao menor prestígio de Perón e ao domínio crescente do General Lucero. — Em Montevidéu um ônibus, repleto de passageiros cai de uma ponte a um rio, cujas águas, em violenta correnteza arrastam o pesado veículo, matando todos os seus 25 ocupantes.

20 — QUARTA-FEIRA: — A Rússia apresenta um Plano de Segurança Européia, em substituição ao Tratado do Atlântico, União da Europa Ocidental e Pacto de Varsóvia. — Infrutíferos são os esforços para solução do problema alemão. — Novos boatos de subversão da ordem na Argentina. — Aumenta o volume do café brasileiro importado pelos Estados Unidos. — Nada menos de vinte e sete casas de residentes franceses, nos arredores de Casablanca são incendiadas pelos terroristas. — Celebrada pelo Cardeal de S. Tiago de Compostela, o Pontifical de abertura do Congresso Eucarístico. — Grande multidão, diante do Monumento a San Martin, em Buenos Aires, gritam repetidamente: "Que renuncie! Que Renuncie!" Diz a nota oficial que "não se sabe contra quem era dirigida a manifestação". — A Bolívia incrementa a exportação de sua gasolina para o Brasil.

21 — QUINTA-FEIRA: — Continua reinando o terror no Marrocos francês, não havendo positivamente segurança para a vida dos residentes europeus. — Continuam a solicitar demissão os representantes peronistas nos diversos postos do govêrno argentino. — Recebidos no Catete os Cardeais e Patriarcas presentes ao XXXVI Congresso Eucaristico Internacional. — Em Beirute falece o escritor libanês Sa lam Labaki, Presidente da Associação dos Homens de Letras do Líbano. — Lançado ao mar o segundo submarino atômico norte-americano: "Lôbo do Mar". — Forte terremoto no Equador. — Atacado de loucura um marinheiro inglês agride com um sôco o almirante W. M. Eaton, quando o mesmo passava revista à guarnição do monitor Robert, de 8.000 toneladas. — Falece nos Estados Unidos, James S. Furay, vice-presidente da "United Press".

22 — SEXTA-FEIRA — Encerra-se a Conferência de Genebra da qual — se não saiu a segurança da paz também não saiu uma maior ameaça de guerra. — Gravíssima crise no alto comando do Partido Peronista, do qual se retiram as suas grandes figuras. — O sr. Antônio Segni obtém novo voto de confiança do parlamento italiano. — Aprovadas pelo Parlamento da Alemanha Ocidental as

SANTOS

São Vicente - Ponta da Praia

Cidades turisticas por excelencia, as praias santistas são um mundo de encantamento e beleza, ligadas a São Paulo pela modernissima e pitoresca Via Anchieta - orgulho da engenharia nacional. A facilidade de comunicação entre S. Paulo-Santos-S. Vicente e Ponta da Praia, constitue um verdadeiro recorde mundial, pois só o EBVL mantém com seus confortaveis onibus, viagens de 3 em 3 minutos.

Modernas Agências que oferecem o máximo conforto

★

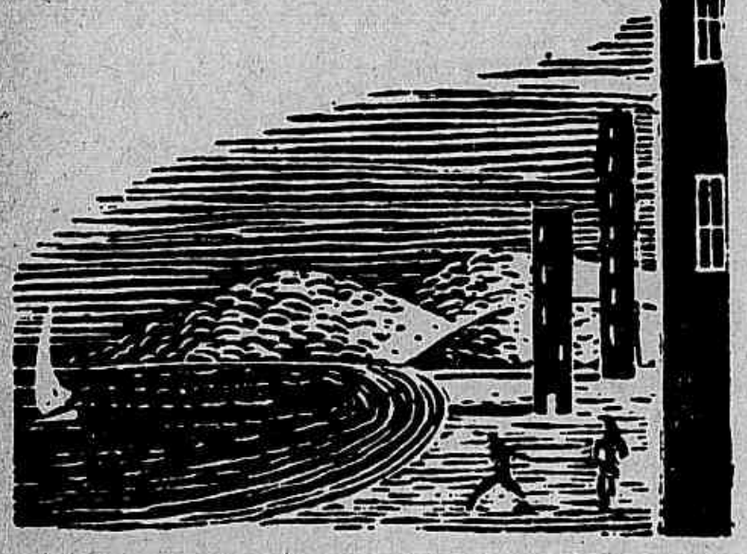
AGENCIAS DE EMBARQUES E INFORMAÇÕES:

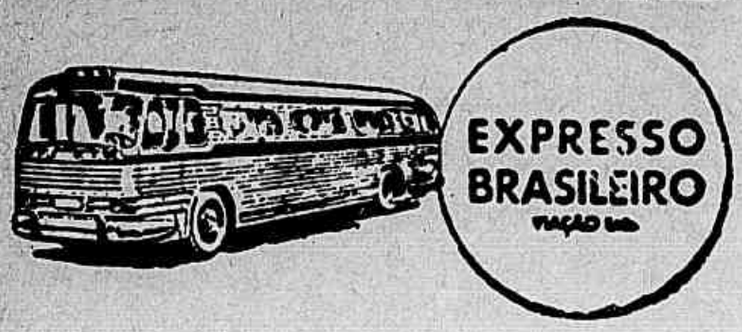
SÃO PAULO

Rua Tabatinguera, 37
(esquina Praça João Mendes)
Fone 33-3326 e demais Agencias.

SANTOS

Praça Mauá, 11 - Fone 2-2299
(cidade)
e nas praias J. Menino - Gonzaga
São Vicente e Ponta da Praia





suas primeiras leis militares da República Federal. — Chega a esta capital o cardeal de La Tôrre, arcebispo de Quito. — Falece nesta capital o General Fernando Sabóia Bandeira de Melo. — Miss Brasil classificada entre as 15 semi-finalistas para a escolha de Miss Universo e, a seguir, incluída também entre as 10 classificadas para a Final. Poderosas bombas explodem no centro de Tunis. — Revela-se que a população atual de Tóquio é de 7.963.587, havendo um aumento de 33.000 por mês. — Requer divórcio a princesa Fátima do Irã, que casou em 1950, com um cidadão norte-americano, contra a vontade do Xá seu irmão. — Atacado de reumatismo SS. Pio XII.

23 — SÁBADO: — Eleita Miss Universo a representante da Suécia, Miss Hillevi Rombin, de 21 anos de idade. Do segundo ao quinto lugar, classificaram-se, Miss El Salvador, Miss Ceilão, Miss Alemanha e Miss Japão. — Miss Brasil ficou classificada sòmente entre as 10 finalistas. — Falece nos Estados Unidos o sr. Cordell Hull, ex-secretário de Estado dos Estados Unidos. — Prosseguem as solenidades do XXXVI Congresso Eucarístico. — Chegam a Montevidéu, por via aérea, novos refugiados políticos argentinos, entre os quais, Adolfo Viki, ex-presidente do Partido Conservador e Comte. V. Mejia, da Marinha de Guerra da Argentina. Cresce novamente o número diário das prisões na capital argentina.

24 — DOMINGO: — Eisenhower reconhece, perante os jornalistas de Washington, que a Rússia mostrou grande sinceridade no seu desejo de acabar com a "guerra fria". — O chanceler Adenauer anuncia que antes de outubro visitará a Rússia, a convite do Marechal Bulganin. — Banquete no Itamarati ao Cardeal Legado. — A Rádio de Moscou anuncia ao mundo que a Marinha Soviética resolveu o problema de desembarque e assalto sub-marino, isto é: por baixo da superfície do mar!. — Israel disposta a tratar a paz definitiva com o Egito, conversando diretamente com o govêrno dêste país. — Novos peronistas demitem-se do govêrno argentino sob a alegação de "saúde abalada". — Agravam-se assustadoramente as relações entre a índia e Portugal.

25 — SEGUNDA-FEIRA: — A China Comunista solicita aos Estados Unidos uma "conversa amistosa" a partir de 1.º do próximo mês, "a fim de tratar de assuntos urgentes e de recíproco interêsse". — Espera-se para qualquer instante o rompimento das relações diplomáticas entre a índia e Portugal. — Instalada a Reunião dos Arcebispos da América Latina. — A chegada do novo Residente francês a Maknes, no Marrocos, provoca novos e violentos atos

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME.....

RUA..... Nº.....

CIDADE ESTADO

de terrorismo. — A Inglaterra disposta a adotar severas medidas de economia que muito se aproximarão com os dias de "austeridade" que os inglêses conheceram logo após o término da II Grande Guerra. — Sob contrôle do govêrno tôda a imprensa colombiana.

26 — TÊRÇA-FEIRA: — Depois das declarações dos Quatro Grandes, cheias de otimismo quanto aos resultados da Conferência de Genebra, o mundo respira aliviado, ante a afirmação de que o perigo da guerra foi afastado.

27 — QUARTA-FEIRA: — Entre aclamações dos deputados de todos os partidos o "premier" Eden anuncia a próxima visita à Inglaterra do Marechal Bulganin e do seu sucesso eventual Klauchtchev. — Aclamado no Peru, o sr. Victor Paz Estensoro, presidente da Bolívia. — Assinado em Moscou o Tratado que põe fim à ocupação soviética nesse país. — Cai em chamas, matando seus 49 passageiros um avião de passageiros de uma companhia de Israel, alvejado por canhões antiaéreos da Bulgária.

28 — QUINTA-FEIRA: — O cardeal Spelmann, de New York, ora em Montevidéu decide não visitar a Argentina. — Prossegue intensa a ofensiva francesa contra os nacionalistas da Argélia. — Forte tremor de terra em todo o sul do Chile. — Wastington anuncia para breve a visita do vice-Presidente Nixon à Rússia. — Portugal solicita ao Brasil representar os seus interêsses na Índia, país com o qual acaba de romper relações diplomáticas.

29 — SEXTA-FEIRA: — Cientistas norteamericanos pretendem lançar um "satélite" que girará em tôrno da Terra e deverá atingir entre 450 a 500 quilômetros de altura, estando tudo planejado para 1957. — Prorrogado o estado de emergência na Argélia, enquanto na Assembléia Nacional Francesa o govêrno é alvo de violentíssimos ataques da "esquerda" que deseja total modificação da política colonial.

30 — SÁBADO: — Também a China comunista começa a sorrir para o Ocidente anunciando "sinceros esforços no sentido de desfazer malentendidos e apagar falsos rancores". — O govêrno de Bonn revela que a partir de 1 de outubro próximo, serão suspensas as restrições às importações de café do Brasil. — Descoberta organização militar no chile, denominada "Linha Reta", cujos objetivos era impor sua vontade ao Chefe do Estado e ao Congresso. Seus organizadores serão punidos. — Assassinado em Buenos Aires um policial que se encontrava guardando a entrada de um templo.

31 — DOMINGO: — Iniciadas em Genebra conversações entre os Estados Unidos e a China Comunista tendentes a solucionar as divergências entre os dois países, tendo os delegados diversos anunciado que o seu govêrno decidiu pôr em liberdade os aviadores norte-americanos, detidos em Pequim, causando com isso grande júbilo em tôda a América do Norte. — O "premier" italiano, Segni, declara que vai estimular um plano de 10 anos destinado a fortalecer a economia italiana. — Começa a vigorar o acôrdo comercial celebrado entre o Brasil e a Alemanha Ocidental.

ASSIM SÃO OS HOMENS

(Continuação da página 19)

grito... um grito de mulher e nenhum cavalheiro podia permitir-se a covardia de deixá-la naquela situação. Freou instantâneamente, desceu do automóvel e retirou de sob o assento um ferro comprido e pesado. Desta vez, porém, tomou precauções. Abriu a porta e saltou para um lado. E a tempo!

— Toma, pois! — rosnou Guilherme, batendo furiosamente com o ferro que tinha em mão.

O maníaco tombou, completamente "knock-out".

— Quem gritou? — perguntou, em voz alta, recordando o grito agudo, de mulher, que tinha ouvido.

— Eu! Estou na cozinha — respondeu Connie, com uma voz que não era a sua.

Guilherme abriu a porta da cozinha, cautelosamente.

— Céus! — exclamou, incrèdulamente. — Que está fazendo aqui?

— Oh! Não fique aí, olhando para mim como um estúpido! Venha desamarrar-me! — respondeu Connie, irritada.

Connie nem se preocupou com agradecimentos, quando êle a libertou.

— Tenho o corpo todo dolorido — declarou. — E como brilha o meu nariz!

De um dos bolsos de sua capa extraiu um espelhinho, pó-de-arroz, baton, lápis e um lencinho.

— Estou muito agradecida pelo que você acaba de fazer — disse, finalmente, enquanto retocava o pó do narizinho. — Chegou a tempo, porque aquêle homem é um louco e queria queimar os meus olhos!

Apesar de seus esforços, estremeceu violentamente. Tinha decidido afirmar que nem durante um instantinho tivera mêdo, esquecendo-se de que gritara desesperadamente.

— Hmmm! Isto está mal! — exclamou Guilherme. — Um assassino... e louco ainda por cima!

— Sim. Meu pai tudo fêz para que fôsse mandado para o manicômio, mas acharam que o homem devia ir para o presídio... O resultado aí está: fugiu esta manhã, matando o seu guardião.

— Mas, como, demônios, pôde trazê-la até cá?

— É uma história longa de contar — disse Connie. — O que me interessa, agora, é saber o que você fêz com êle.

— Dei com um ferro na cabeça dêle — respondeu Guilherme, com o seu ar mais satisfeito. — Ficou quietinho, quietinho...

— Oh! Muito obrigada! E papai também lhe agradecerá.

— E Price também! — completou Guilherme.

— E também Price — concordou Connie, que não pareceu notar o tom amargo de Guilherme.

Entre êles caiu um silêncio que os deixou sem jeito. Guilherme olhava para Connie, que parecia muito interessada na caixinha metálica, que continha tôda sua artilharia feminina.

— Fiquei sabendo do seu noivado esta manhã, pelo jornal — aventurou êle, com um tom ligeiramente irônico. — E é esta a primeira oportunidade que tenho para lhe desejar...

— Boa-sorte? — perguntou Connie, com seu ar zombeteiro. — É um lugar bastante estranho para isso, não acha? E, além do mais, estou certa de que a quem deveria desejar era a Price, conhecendo como me conhece! Aposto que, quando leu a notícia, você logo pensou que Price merecia melhor sorte! Então? Responda com tôda a franqueza. Acertei?

Seu olhar era arrogante, de desafio. Guilherme hesitou.

— Bem... Já que você me incita — declarou, depois, friamente — direi que você pode dar bastante trabalho a qualquer marido.

Porém, os olhos de Connie não o fitavam. Voltou-se instantâneamente.

— Demônios! — pensou, colèricamente. — Êste sujeito deve ter uma cabeça de ferro!

O maníaco, na completa posse de suas fôrças e de seus sentidos, estava de pé no umbral da porta. Recuperara o ferro do fogão e, embora êste já estivesse frio, para Guilherme representava diversas e desagradáveis possibilidades. Estava para atirá-lo à cabeça de Guilherme, quando êste sentiu que alguma coisa passava zumbindo por cima de seu ombro.

Era a caixinha de metal, onde Connie guardava as suas armas estratégicas. Foi

bater bem entre os dois olhos do assassino. O segundo de hesitação que representou o impacto foi tempo suficiente para que Guilherme se apoderasse novamente do ferro que deixara cair ao ver Connie amarrada naquela casa, e se dispusesse para o combate. Porém, o louco, com um rugido de raiva, lançou-se contra Connie. Tudo se passou numa fração de segundo, porém a pequena teve tempo e agilidade suficientes para colocar-se atrás da mesa sôbre a qual se havia sentado, detendo dessa forma o assassino.

Quando êste tentava empurrá-la, com mesa e tudo, contra a parede, Guilherme descarregou seu braço, com tôda a fôrça de seus músculos.

— Oh! — exclamou Connie, involuntàriamente, quando o ruído do impacto ressoou na cozinha e o maníaco ficou estirado no solo, sem conhecimento.

— Não está morto! — afirmou Guilherme. — Seria preciso um ariete para abrir o crânio dêsse maluco! Mas vamos tomar precauções... Ajude-me com essa corda.

Connie obedeceu, entregando-lhe um rôlo de cordas, que pendia do gancho de uma janela. Era corda fina, porém muito forte e longa.

— Não sou perito nessas coisas — disse êle — mas creio que agora êle nos deixará em paz por algum tempo!

Deitou um último olhar para o manietado assassino e depois voltou-se para Connie, olhando-a com ar de surprêsa, mas, também, de prazer.

— Você é uma pérola! — afirmou, depois de respirar profundamente, sem a perder de vista. — Se não se lembrasse de atirar o necessário contra êle e usado a mesa para detê-lo...

Ela tratou de sorrir, porém seus lábios começaram a tremer. Apertou desesperadamente os dentes, esperando que êle nada notasse. Mas notou.

— Pobrezinha... — murmurou. — Passou por um terrível transe! E o pior é que..

Emudeceu repentinamente. Connie estava em seus braços! Surpreendente, completa e inacreditàvelmente!

— Fuja! Corra para longe de mim! Fuja, para sua felicidade! — soluçou, tentando disfarçar seu pranto e sua emoção com um último gracejo relativo a suas lágrimas. — Romperam-se os diques.

Porém, êle não correu. Simplesmente porque ela havia apoiado a cabeça contra seu ombro e seus cabelos não estavam distante de seus lábios. Por isso não lhe importava. Nem um tiquinho! Na realidade sustentava aquêle corpo trêmulo bem juntinho do seu, talvez juntinho de mais! Pelo menos, mais do que qualquer homem deve sustentar a pequena de outro!

— Por favor! — implorou. — Não posso ver você... ver você...

Deteve-se porque não sabia o que ia dizer. E por isso, não encontrando outra utilização imediata para seus lábios, apoiou-os ternamente sôbre os úmidos cabelos de Connie.

Isso pareceu confortá-la um pouco. Permaneceu mais tranqüila durante algum tempo, e depois, levantando a cabeça, fitou-o nos olhos.

— Aposto... Aposto que, depois de tudo, você gosta muito de mim! — anunciou.

Isso devia tomá-lo de surprêsa. Mas, no entanto, assim não foi!

— Palavra que gosto mesmo! — replicou.

— E então — perguntou ela — por que não me disse antes?

Tardou um segundo a compreender muito bem. Depois, recordou: Connie estava comprometida com outro. Quis abrir os braços para libertá-la, mal refletiu sôbre a pergunta feita pela pequena, porém esta resistiu. De maneira que decidiu ser atrevido e deixar a vergonha de lado:

— Porque fui um idiota! — confessou.

— Isso mesmo! — confirmou ela. — E tudo porque assim são os homens! E por isso muitas vêzes fico pensando se existe neste mundo algum homem que valha a pena de uma pequena se preocupar tanto por... por conquistá-lo.

— É que você — afirmou êle, impulsivamente — nada fêz, jamais, para conquistar-me!

— Oh, se fiz! — protestou ela. — Pois se até fui ao extremo de ficar noiva de Price!

— Noiva de Price? — repetiu êle, estupefato. — Quer dizer que... que você planejou êsse noivado só para...?

— Não seja tolinho! Uma mulher nunca planeja as coisas dessa forma. Além do mais não teria sido leal com Price. Mas, creio que devo ter feito isso, suspeitando de que você se sentiria ferido e irritado. Sentiu-se assim... ou não?

— Sim — admitiu Guilherme; e compreendeu, então, que a amara desde o primeiro momento em que a conhecera. — Mas jamais me animou a que continuasse a amá-la! — concluiu com um leve ar de censura.

— E que queria que fizesse? Que me atirasse em seus braços? — perguntou êle, indignadamente. — Você já era bastante convencido e não queria que ficasse ainda mais prosa!

— Acredito porque é você quem diz — confessou Guilherme. — Eu era convencido, vaidoso. **Assim são os homens!** — repetiu, gracejando, o estribilho de Connie. — E, afinal, você se atirou nos meus braços! — concluiu, atrevidamente.

— Talvez... Mas sairei dêles imediatamente, se não me segurar com fôrça! — advertiu ela.

Guilherme a abraçou carinhosamente. Porém no instante em que estava para beijá-la, abriu desconsolado os braços.

— Não posso suportar a idéia de que Price a tenha beijado antes do que eu!

— E você não beijou jamais a outra moça? — perguntou Connie.

— Sim — admitiu Guilherme de má-vontade, porém honestamente. — Porém isso é...

— Diferente! — concluiu ela. — Assim são...

Conteve-se bruscamente e em vez de dizer o que pensava, apertou a própria face contra a de Guilherme.

— Nunca beijei a Price nem êle me beijou — confessou, em vez de pronunciar seu estribilho. — Pude convencê-lo de que abominava o beijo. Mas creio que algumas vêzes as circunstâncias vencem certos preconceitos, você não acha? — perguntou, sorrindo deliciosamente

E Guilherme decidiu que, realmente, em certos casos, as circunstâncias se sobrepunham a certos preconceitos.

— Descansemos um pouco.

DADOS ESTATÍSTICOS SÔBRE O TRABALHO NA INGLATERRA

TRATA-SE, é claro, de uma "estatística" para fazer rir e que, realmente, vem obtendo grande êxito na Grã-Bretanha.

Número de Trabalhadores Britânicos

População da Inglaterra	46.000.000
Habitantes com mais de 65 anos de idade	12.000.000
Restam para fazer o trabalho .	34.000.000
Habitantes com menos de 18 anos ..	16.000.000
Restam	18.000.000
Empregados das empresas nacionalizadas	9.000.000
Restam	9.000.000
Soldados	2.000.000
Restam	7.000.000
Funcionários do Estado e das Municipalidades	6.800.000
Restam	200.000
Hospitalizados, alienados, freqüentadores de corridas e de futebol ..	126.000
Restam	74.000
População ociosa	62.000
Restam	12.000
Detidos nas prisões	11.998
Restam para fazer o trabalho	2

— Quem são?
— Eu e você!

QUEBRA-CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETARIO

ANO XXXIX — N.º 4 — SETEMBRO — 1955

DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DELIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS.

3.º TORNEIO
JULHO-AGÔSTO-SETEMBRO

LOGOGRIFOS

— 108 —

Vacilante, eu ando pela vida
— 6, 10, 4, 2, 6, 4, 5.
Como outrora na minha infância,
Alma sincera, franca, **desmedida**
— 5, 4, 9, 3, 6, 2.
Sem empafia, sem **arrogância**
— 8, 7, 4, 3, 2.

Não sinto dos anos a vil velhice,
Sem interrupção os velhos sonhos — 3, 10, 1, 4, 10, 3, 2.
Ainda agasalho, com meiguice
— 5, 6, 3, 7, 10, 8, 7.
Sempre novos, formosos e risonhos.

A tristeza que chora em meu peito.
É bem mágua, é dor, é desengano,
De quem vive no mundo contrafeito.

De quem vive um destino **desumano** — 1, 5, 4, 3, 9, 7.
Sem sequer ter na vida o direito,
De cantar como bom **napolitano.**
Dr. Legner — Urupês

— 109 —

Origem das desavenças — 3, 2, 1, 9
Nas camadas sociais,
A fome traz as doenças — 5, 4, 7, 6
E outros males que tais.

Cumpre, antes de mais nada, — 6, 7, 8, 9
Nossa gente, com doçura,
Gôta a gôta, ser livrada — 3, 6, 5, 4
Dêsse cálice de amargura.

Petróleo, que só dá briga
E dinheiro ao milionário,
Não tira a fome à barriga
Do **indivíduo** proletário.
Tonnew — Cascadura

CHARADAS CASAIS

110 — Quatro — **Boi velhaco** esconde-se em **cupão do mato.**
Audas — Passos-M.G.

111 — Quatro — Um **valdevinos** vive sempre com **estroinise.**
Beatriz Cardoso — C.E.P.

112 — Cinco — Pessoa **rabugenta** sempre tem modo **irascível.**
Conde de la Fère — Salvador

113 — Três — Mesmo num **rancho de borracheiro** se **cassa** o mandato de um deputado.
Cysneirense — Muriaé

114 — Seis — Sentia-se **sem coragem** ao ver sua mulher **desanimada.**
Cysneirense Junior — Muriaé

115 — Duas — Os bons **atos** não temem **processos judiciais.**
Coringa — Rio

Agradecendo ao Mavícaro

116 — Quatro — O certo, prezado confrade, é que o **médigo** diz sempre: não **hesito** na cura do **cancro.**
Conselheiro — R.G. do N.

117 — Duas — Aliás, contra

APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira «Delta» — Máscaras contra gases industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

o **cancro e a febre amarela**, o jeito é "bater a pacuera".

Conselheiro — R. G. do N.

---

118 — Duas — Houve um **bocado de pancada** naquele su-ruru.

Champollion — P. Alegre

---

119 — Duas —
Vindo embora na **traseira**
da multidão, a Julieta,
A correr foi a primeira
Quando viu a coisa preta

Dr. Barreto Cardoso — C.E.S.-G.C.N. — Maceió

---

120 — Cinco — Gesto **incivil** o tagarelar daquela mulher **cabeçuda.**

Dr. Legnar — Urupés

---

121 — Três — **Vive** satisfeita D. Olga, nos momentos de **folga.**

Dr. Kean

Para Ed Vep

122 — Duas — Você **registra** no seu calepino, o **gênio de uma pessoa?**

Debrito — G.C.N. — Recife

---

123 — Duas — Quero café **pequeno** porque vou fazer uma **ligeira refeição antes do almôço.**

Donatila Borba - Criciuma S.C.

---

124 — Duas — **Tive que** acender o farol para destinguir a **cara** do meu cavalo.

Edur G. Monteiro — Cuiabá

---

125 — Três — **Riqueza** à vista, **destrói** muita intenção honesta.

Ed Vep — Em viagem

ENIGMAS

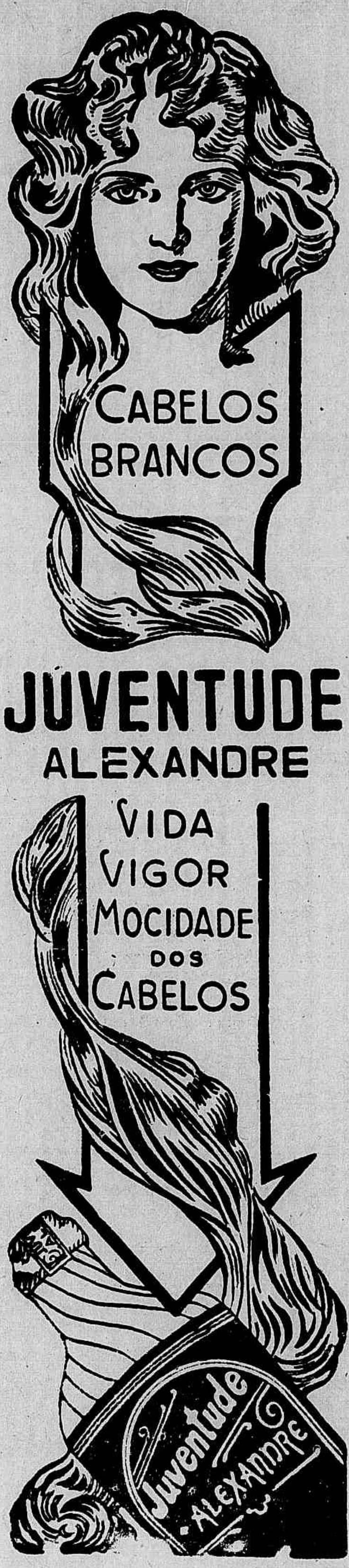
— 126 —
Com tôda a fôrça do vento,
Com tôda a fúria do mar,
Hás de ouvir as minhas juras,
A maneira de te amar.

Sertanejo II — Lavras

— 127 —
Um civil ou militar
Encontra, **seguramente,**
Dificuldade em ficar
Num povoado decadente.

Teria desgôsto imenso
Na solidão do lugar.
Tanto mais se fôr propenso
A sorrir e a namorar.

Gil Vírio — Andradina



— 128 —
Vem logo depois do enrêdo
O inimigo mui trêdo
E a cabocla que o secunda;
E perseguem, com insistência,
A pobre da dona **"Hortênsia"** *
Velhota assás furibunda.
* — Flor.

Bisilva — Manaus

— 129 —
Reparai bem naquele "homem",
Após o pretexto apontado,
Para que outros não o tomem
Por um impostor descarado...

P. Del Debbio — S. Paulo

— 130 —
Fui violento com a resposta,
Alegou o acusado;
Pois, à tão baixa proposta,
Estou **desacostumado** — 9 L.

Seamva — Santos

CHARADAS NOVíSSIMAS

131 — Duas — uma — **Trabalho mal acabado causa prejuízo.**

Audas — Passos-M.G.

---

132 — Duas — uma — **Aquela mulher manhosa** por **qualquer coisa**, feria com seu **remoque** indiscreto.

Beatriz Cardoso — C.E.P.

---

133 — Duas — duas — Quando se **come** em **opulentos** banquetes não se pensa em **gulodices.**

Conde de la Fere — A.C.C.B. — **Salvador**

---

134 — Duas — duas — **Dá sinais de alegria**, o **organismo** do dilator, quando **delata** alguém.

Coringa — Rio

---

135 — Duas — uma — **Uma infusão de sene acabou com o sofrimento físico do cavalo muito velho.**

Champollion — Pôrto Alegre

---

136 — Duas — duas — **Com a feição preocupada o padre escondeu sob a cimalha as alfaias de culto.**

Dr. Legnar — Urupés

---

137 — Três — uma — **Uma tapa paga-se** com um **bofetão.**

Dr. Zinho — S. Paulo

138 — Três — uma — Quem **teima** para o mal, sem razão, é **tipo** malvado **brigão.**

Dr. Kean

---

139 — Duas — Duas — Uma **pessoa sem importância,** que **queira montar o conjunto das rodas de um relógio,** deverá na **certa fracassar.**

El Príncipe — Uberaba

---

140 — Três — duas — Tra**balha** em **costura das peças da rêde de pescaria,** ganha uma **bagatela,** mas vejam como anda **garrida.**

Florentino — João Pessoa

---

141 — Duas — uma — **Quem me** insultar levará uma **surra de** causar **lástima,** pois ficará **com** o corpo todo **amassado.**

Joaquim Adornelas Pimentel — Itapaci-Goiás

---

142 — Duas — **uma — De capote aqui** está um **homem que trabalha pertinazmente.**

Laranjeirense — Aracaju

---

143 — Duas — duas — **No meio de** certas brincadeiras se **deve compreender** não transformá-las em ofensas que venham **influir** para uma desenlace desagradável.

M.A.G. — A.C.C.B. — Salvador

---

144 — Duas — duas — Qual**quer obstáculo** para impedir **uma façanha,** deixa-o **constrangido.**

P. Del Debbio — C.E.P. - S.P.

145 — Três — uma — O **impedimento, onde** há má vontade, só pode ser **retardado.**

Segon — Rio

CHARADAS ANTIGAS

— 146 —

Depois de levar o **trote** — 2
(E **com** razão foi vaiado) — 1
O tocador de serrote
Saiu do palco **"assustado"**
Dr. Barreto Cardoso — C.E.S.
G.C.N.

— 147 —

Não se **corrige** o tratante — **2**
Malgrado **forte** censura — **2**
Trazendo o mal **no semblante,**
Vive em busca de aventura.
Com idéia malfazeja,
Num constante atrevimento,
Parece que não deseja
O seu **aperfeiçoamento.**

Gil Vírio — Andradina

— 148 —

Quando é tempo de eleição,
O homem **deita falação — 2**
E diz ao povo: a mim **vinde.**
Se eleito, o povo, coitado,
(Que **lástima**) é olvidado — 1
Na posse, à hora do **brinde...**

Jovaniro

CHARADAS SINCOPADAS

149 — Três (duas) — **Uma** a uma cada **partícula de areia forma pedras cujas arestas corroem a amarra do navio fundeado.**

Cysneirense — Muriaé

---

150 — Três (duas) — **Há** muita gente dada à **palhaçada**

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL — À venda na Livraria Clássica Editôra
Praça dos Restauradores Nº 17 — LISBOA

sem contudo usar o **uniforme** de palhaço.

Coringa — Rio

---

151 — Três (duas) — Com a campanha presidencial, começam os **discursos** estafantes e mentirosos dos candidatos dos **partidos políticos.**

Conselheiro — R. G. N.

152 — Três (duas) — A gente de **mau gênio** todos evitam.

Dr. Zinho — S. Paulo

---

153 — Três (duas) — É um **corrompido** na vida, o viciado **na bebida.**

Dr. Kean

---

154 — Três (duas) — Homem **muito pobre** anda sempre **suspenso.**

Donatila Borba — Criciúma-S.C.

---

155 — Três (duas) — **Velha cheia de rugas** tem **natureza** de **cobra.**

Florentino — João Pessoa

Em vidros de 40 e 100 pílulas

O grande é mais econômico

DORES nas JUNTAS

A tortura das juntas rijas e inchadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que êstes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida.

Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pílulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pílulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças á sua magnifica ação tonificante.

Pilulas DEWITT

Para os Rins e a Bexiga

156 — Três (duas) —
Por ser muito **escrupuloso,**
Grande amigo da verdade,
Seu nome ficou famoso,
Como ilustre **autoridade.**

Gil Vírio — Andradina

---

157 — Três (duas) — Disse à **mulher velha** que não queria essa **variedade de tabaco.**

Griwil — C.E.C. — P. Alegre

---

158 — Três (duas) — O **desordeiro** tocava admiràvelmente um **antigo instrumento de cordas.**

José Coelho Vieira — Maceió

---

159 — Três (duas) — **Homem desavisado e falador** sempre espalha **notícia exagerada.**

Mavícaro

---

160 — Três (duas) — Não deixa de ser **cruel** a luta de **guerrilha.**

M.A.G. — A.C.C.B. — Salvador

---

161 — Três (duas) — Êle sempre foi um **jovem** sem ação e **macambúzio.**

P. Del Debbio — C.E.P. - S.P.

---

162 — Três (duas) — Qualquer espécie de **teimosia** é **defeito.**

Rafinha — Pôrto Alegre

---

163 — Três (duas) — Quem sofre de **surdez arranja-se** bem com um aparelho eletrofônico.

Roama — Iacri - S.P.

---

164 — Três (duas) — Numa **lâmina comprida** gravei **gentil** oferecimento.

Sefton — Rio

Um concurso diferente! . . .

PEDIMOS AOS SRS. COMERCIANTES INFORMAREM AS SUAS FREGUESAS E FREGUESES

CR$ 10.000,00 P/ OS CONSUMIDORES — 176 DÚZIAS DE óLEO DE CEDRO P/ OS COMERCIANTES QUATRO VÊZES POR ANO

Coloque num envelope 1 rótulo de óLEO DE CEDRO acompanhado de seu nome completo e enderêço, assim como o local em que foi comprado o vidro de óleo, RUA E NÚMERO. Remeta a carta para:

«CONCURSO DO «óLEO DE CEDRO» — Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio de Janeiro.

Com esta carta a pessoa estará habilitada aos sorteios que se realizarão nos dias 29-9-55 e 29-12-55, às 21,30 horas da noite na Rádio Vera Cruz.

Serão distribuídos os prêmios seguintes: PARA OS CONSUMIDORES: 25 prêmios de Cr$ 50,00, 1 prêmio de Cr$ 250,00, 1 prêmio de Cr$ 500,00, 1 prêmio de Cr$ 1.000,00, 1 prêmio de Cr$ 2 000,00 e 1 prêmio de Cr$ 5 000,00.

PARA OS PROPRIETARIOS DAS CASAS COMERCIAIS QUE VENDEM O NOSSO PRODUTO: 25 prêmios de 1 dúzia de óLEO DE CEDRO, 1 prêmio de 40 dúzias e 1 prêmio de 100 dúzias, tudo correspondente aos prêmios dados aos consumidores.

Tôdas as cartas recebidas serão colocadas no Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias do Concurso, quando então um Cego, contratado pela Rádio, irá escolhendo as cartas a serem premiadas.

O MAXIMO DE HONESTIDADE NUM CONCURSO DIFERENTE!...

O resultado dêste concurso será publicado em diversos jornais e revistas, inclusive na Revista do Rádio.

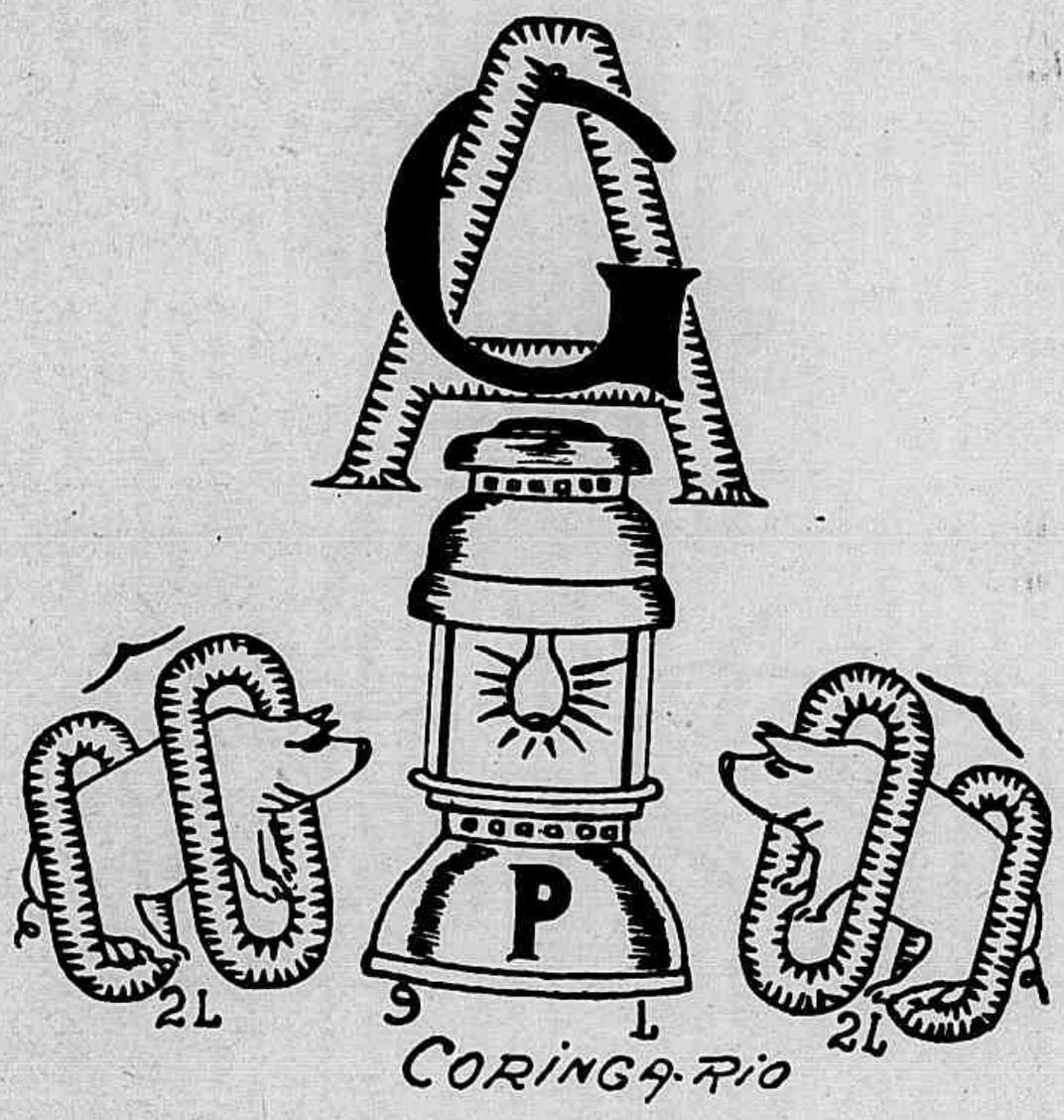
Quaisquer informações na Av. Rio Branco, 137 — sala 616

Telefones: 32-9415 e 32-9309

ENIGMA PITORESCO

— 165 —

Ao Zytho, relembrando a troca de idéias.

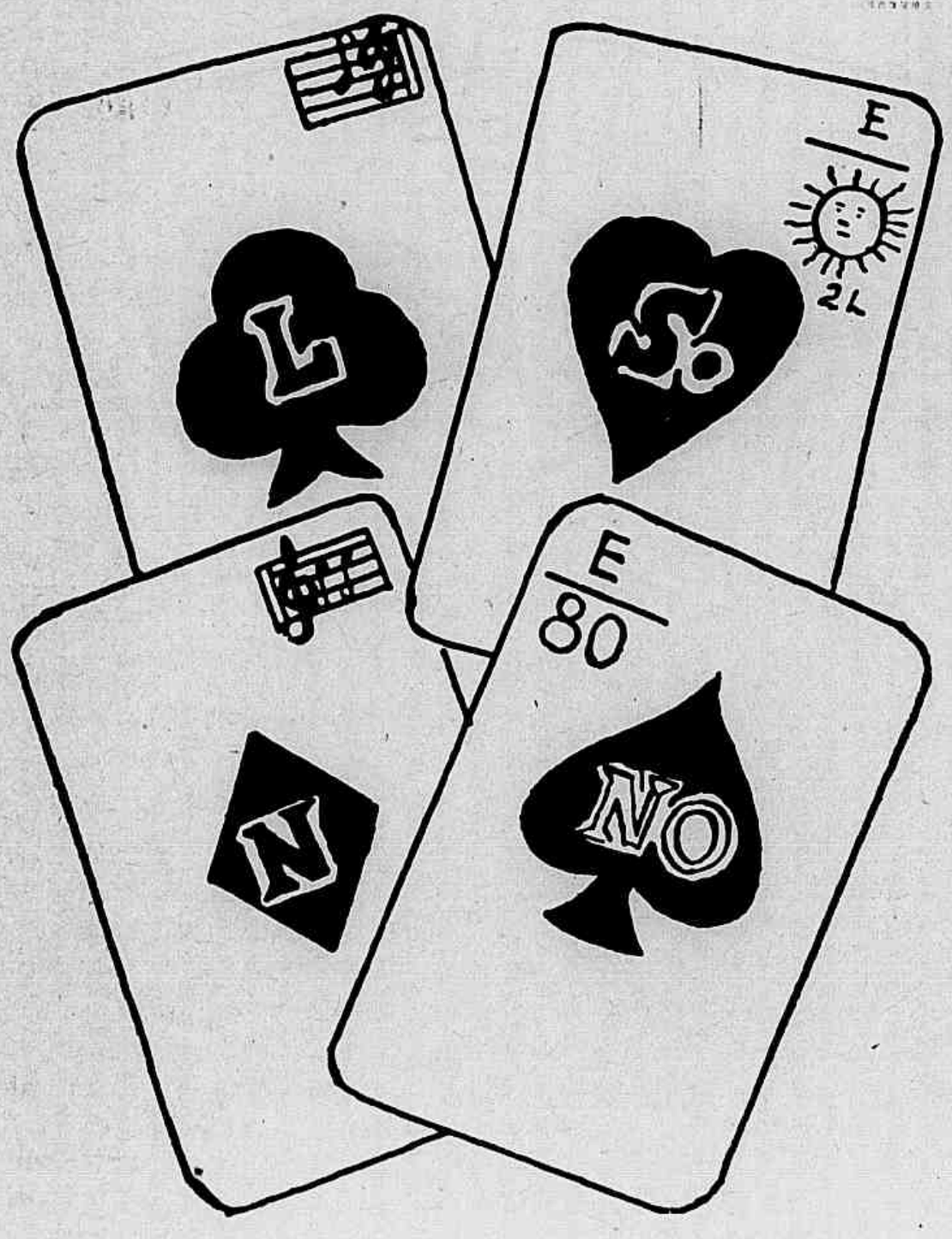


ENIGMA PITORESCO

— 166 —

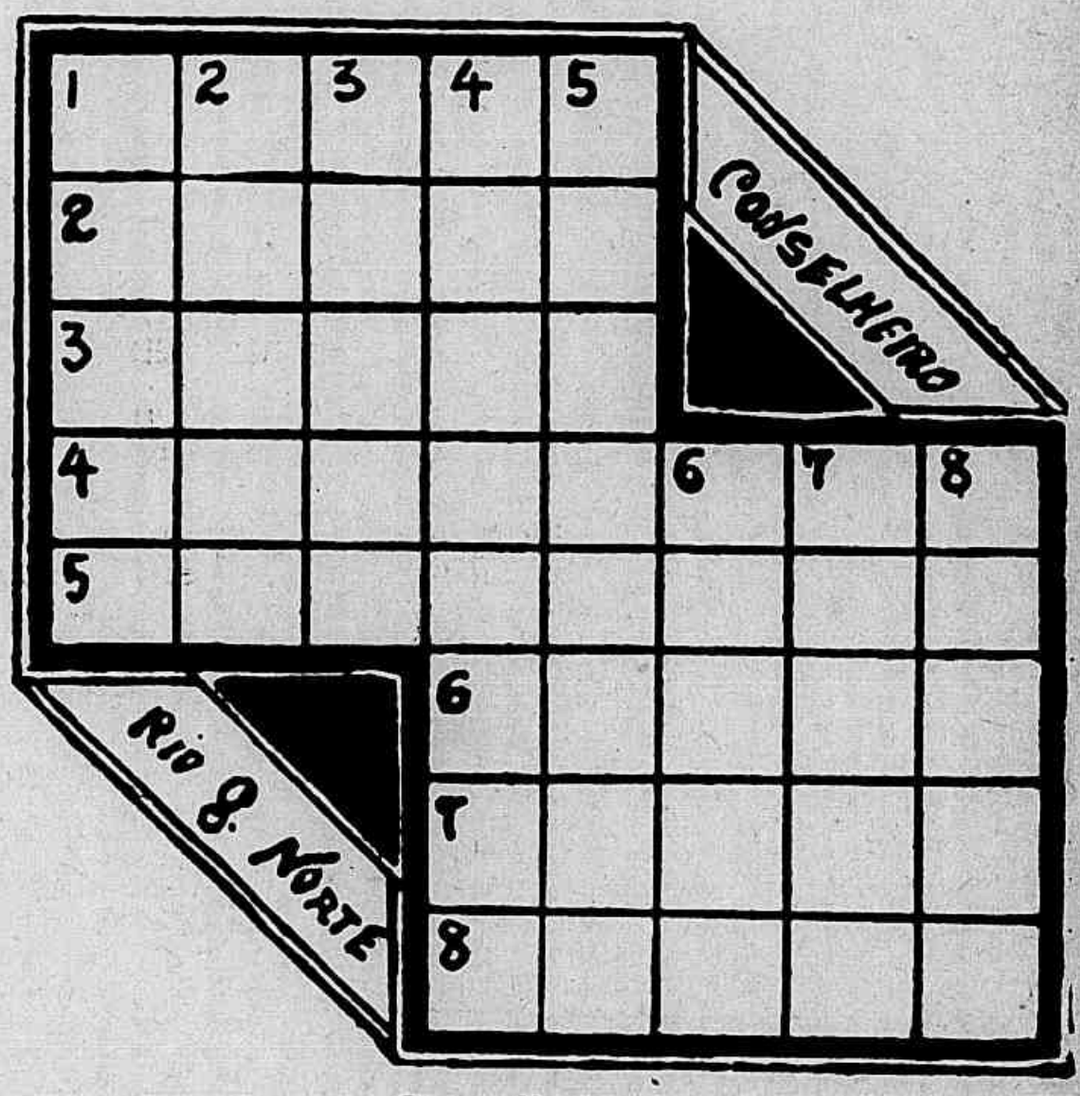
(Lamenza)

Ao Giffoni Filho, com um abraço.



Magno — Rio

PALAVRAS CRUZADAS
PROBLEMA N.º 5



Conselheiro — R. G. do Norte

Horizontais e verticais — 1 — Récua de camelos; 2 — Diz-se do cavalo que tem duas côres (preta e branca); 3 — Devastam; 4 — Contrafeitos (ricos); 5 — Dá idéia de; 5 — Qualquer notícia de fato ou acontecimento publicada num jornal; 8 — Salvas ou bandejas de metal.

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

À venda nas boas perfumarias

Laboratórios VINDOBONA

R. Uruguaiana n. 164 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

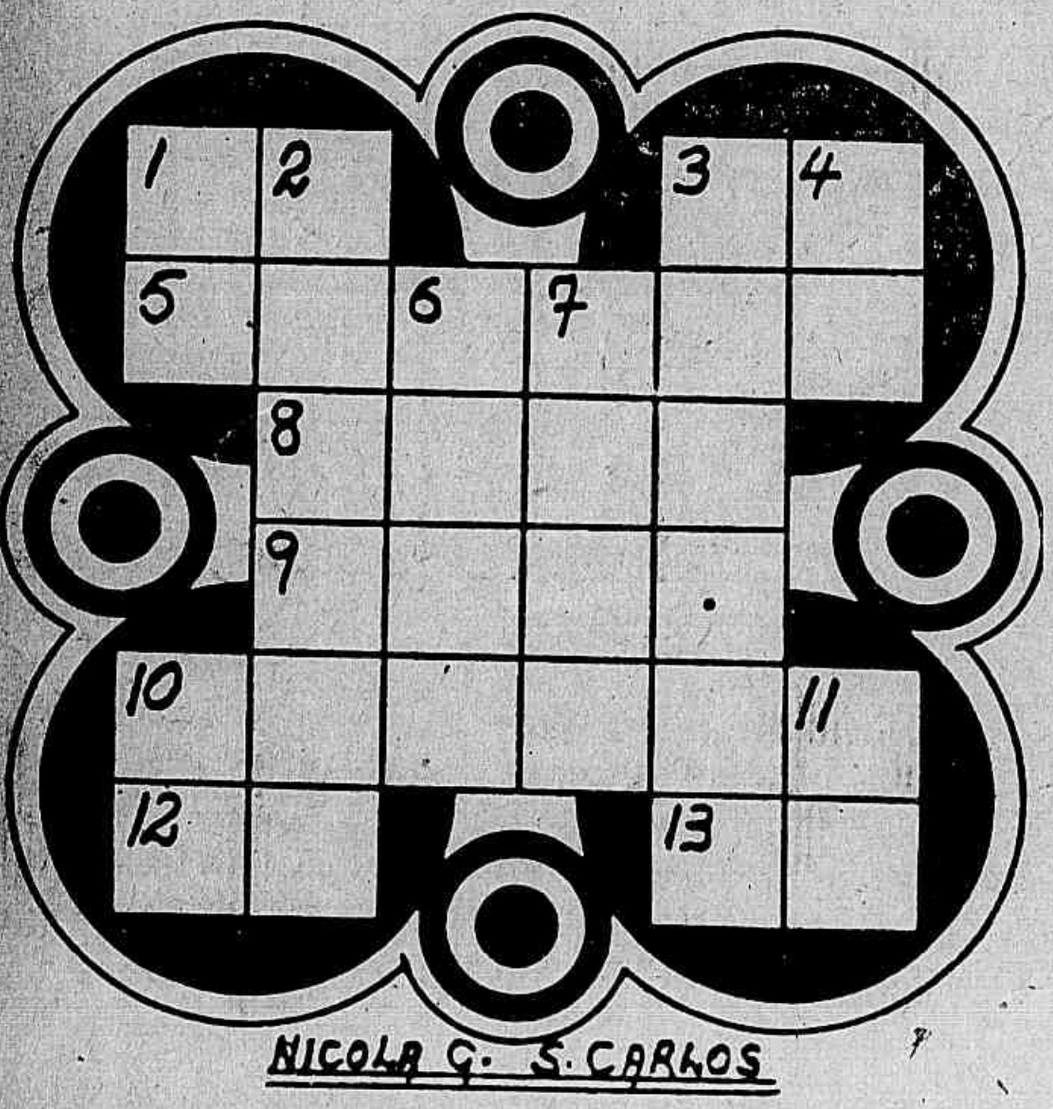
NOME: .....

RUA: .....

CIDADE: .....

ESTADO: .....

PROBLEMA N.º 6



Horizontais: 1 — Encanto pessoal; 3 — O mais; 5 — Recostado; 8 — Qualquer ave, particularmente galinácea; 9 — Raiva (pl); 10 — Veneras, amas; 12 — Letra grega; 13 — Condenada.

Verticais: 1 — Morrer; 2 — Que tem pouco calor; 3 — Alertar; 4 — Tecido finíssimo; 6 — Nome próprio masculino; 7 — Inchar; 10 — Fluido; 11 — Matriz.

BRASIL ENIGMISTA

O nosso incansável **Ueniri** (Irineu Villas-Boas) com muito esfôrço, boa vontade e mesmo prejuízo, conseguiu publicar cinco números de sua revista, que, pode-se dizer, está vencendo. Devemos compreender o quanto é difícil e dispendiosa uma publicação com a apresentação do **Brasil-Enigmista.**

E para mantê-la, precisa o seu lançador do apoio de todos os confrades, assinando ou comprando avulso os números da revista.

O último número que recebemos supera os anteriores.

ED VEP

O nosso confrade Edmilson de Vasconcelos Pontes **(Ed Vep)**, de Recife, estêve nesta capital.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 5 de agôsto

Coringa, (Rio); Donatilla Borba (S. Catarina) Conselheiro, (R. G. N.); M. A. G., (Rio); P. Del Debbio, (S. Paulo); Nicola G., (S. Paulo). Gratos pela colaboração enviada.

Ordisi (Lisboa) — Recebemos a sua colaboração onde há espécies que não adotamos. Sôbre o assunto de sua carta de 19-7 escrevemos pelo correio aéreo — Gratos por tudo.

Heron Silpes (Canavieiras) e **Heliotropio** (Pôrto Alegre) — As inteligentes confrades já esqueceram esta humilde choupana? Estamos com saudades de seus ótimos trabalhos.

A todos — A omissão de trabalhos de algum confrade em dois números seguidos, quer dizer que estamos com falta. Devemos avisar que só aceitamos logogrifos em versos originais.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói: 45 dias; demais Estados: 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO, rua Maranguape, 15 e endereçada a

DR. LAVRUD

SOLUÇÃO DO TRÂNSITO!

A braços com o problema do tráfego, a capital da Venezuela, a formosa Caracas, decidiu, após longos estudos, construir um "elevado", próprio para a corrida de aero-ônibus, com capaci-

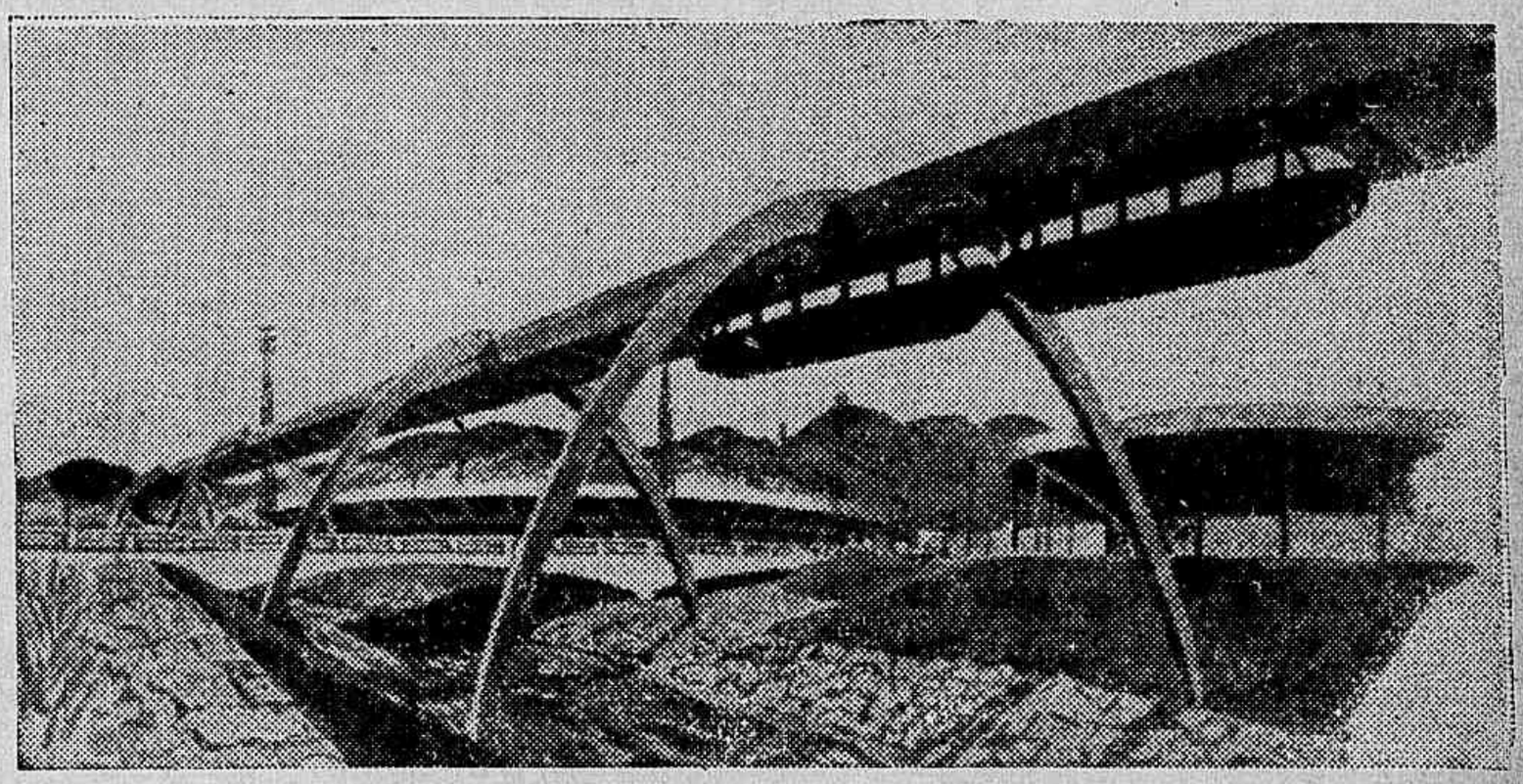
os rios, canais e também ao longo da orla marítima carioca essas construções poderiam ser fàcilmente executadas.

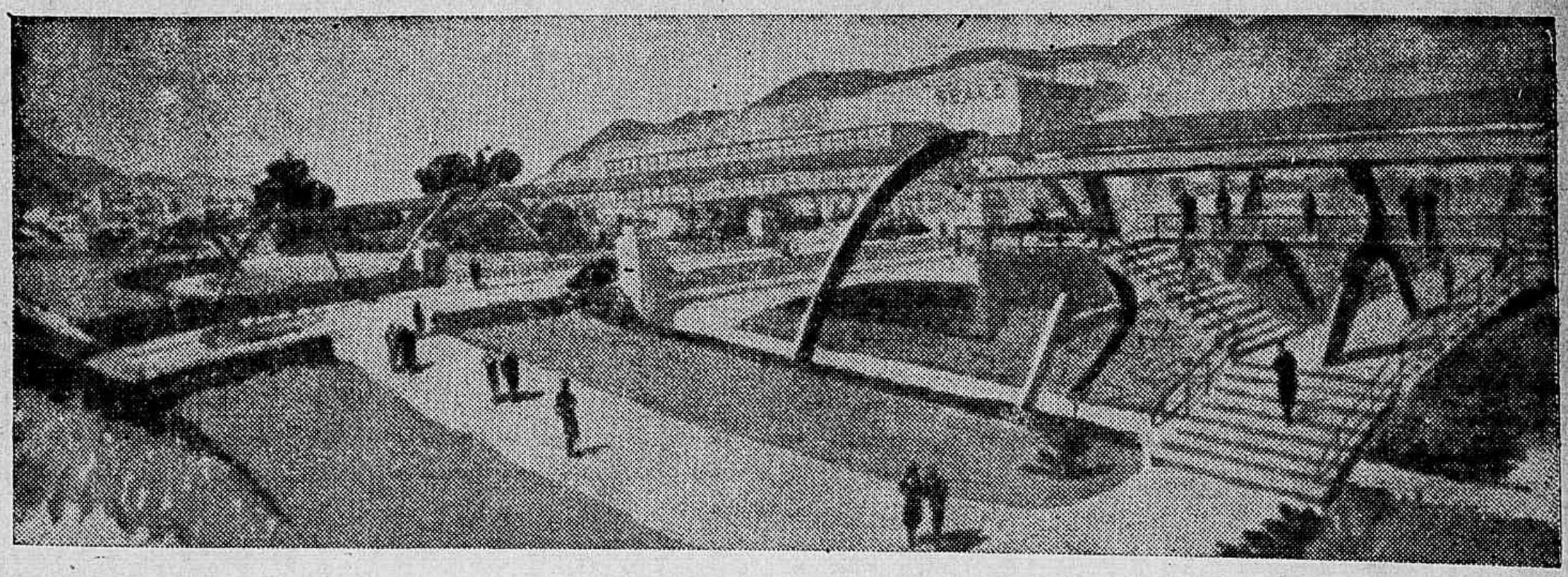
Adotou-se na Venezuela, por ser mais econômico e mais durável a estrutura principal em cimento.

Nos dois primeiros clichês, ao alto e à esquerda, vemos o aero-ônibus

dade para quinhentos passageiros, podendo levar reboque.

Dêsse plano damos nesta página alguns aspectos, de acôrdo com os desenhos aprovados pela municipalidade caraquenha e que talvez possam animar os nossos edis a adotar o mesmo plano, pôsto que sôbre





Aspecto do aero-ônibus sôbre o rio Guaira e ao longo das encostas dos morros, em Caracas, que terá o seu tráfego desafogado.

da cidade alemã de Wuppertal (700 mil habitantes), que inspirou o govêrno municipal de Caracas.

Como se verifica, aproveita os rios, canais e centros das grandes ruas.. Os dois últimos clichês, extraídos dos planos aprovados para Caracas, mostram a estrutura de cimento pré-comprimido, escolhida como a melhor e torna, por ser mais econômico, o plano mais ràpidamente realizável.

Trata-se dos trechos que passam ante a estação principal da Estrada de Ferro, portões de estádios, praças principais de cada bairro etc.

★ ★

UMA FAMÍLIA COMPLICADA

CASEI com uma viúva que tinha uma filha crescida. Meu pai apaixonou-se por minha enteada e com ela casou; acontece que meu pai passou a ser meu enteado, enquanto minha enteada passou a ser minha mãe por ser a espôsa de meu pai.

Minha mulher teve um filho, o qual, naturalmente, era o cunhado de seu pai, e também meu tio, pois era o irmão de minha madrasta. A espôsa de meu pai teve um filho, que era meu irmão, e também meu neto, uma vez que era filho de minha filha.

Conseqüentemente, minha espôsa era minha avó, por ser a mãe de minha mãe; por outro lado, eu era, ao mesmo tempo, marido e neto de minha mulher; e como o espôso da avó de uma pessoa é seu avô, eu sou o meu próprio avô!

Mark Twain.

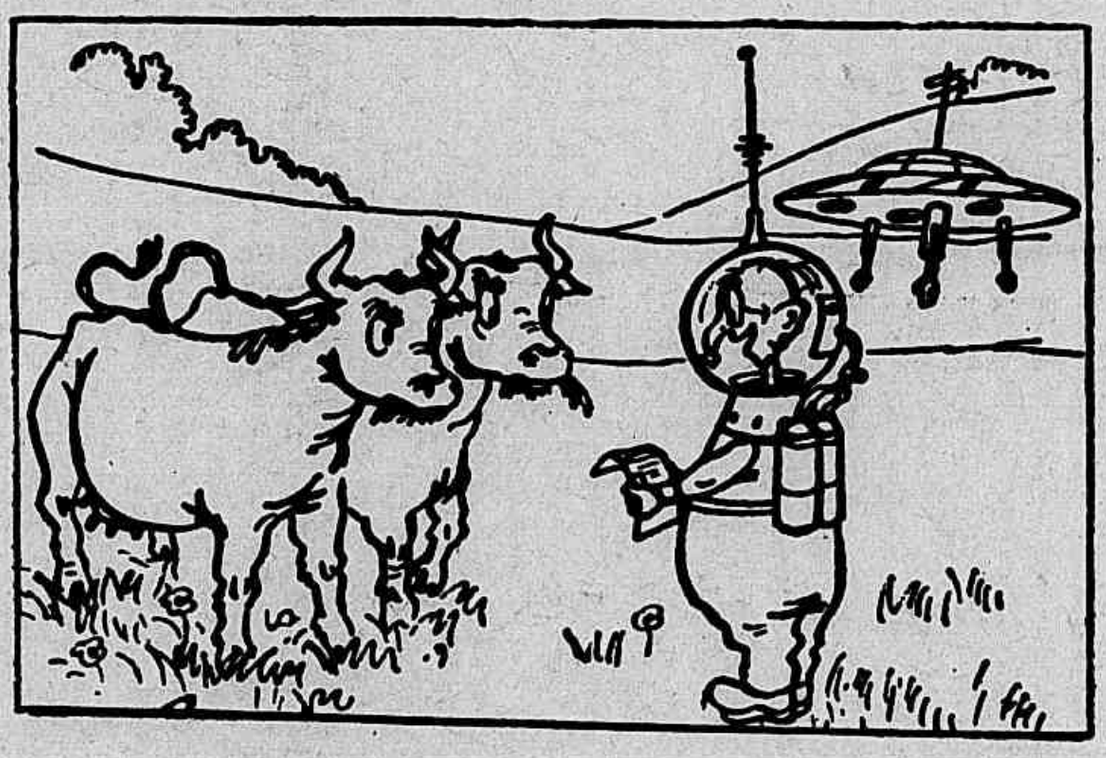
MODÉSTIA

CERTO dia, Gustavo Courbet, o primeiro dos pintores realistas, pediu a um amigo que o acompanhasse ao campo, onde ia pintar um quadro. Quando desembrulhou a tela, o amigo ficou surpreendido ao ver que era negra, como se houvesse sido pintada com tinta preta.

— Estás surpreendido com a tela? — perguntou Courbet. — Na realidade, tôda a natureza é negra se o sol não a ilumina. Pois eu sou como o sol: *faço a luz e o quadro está pronto!*

SEM AERÓDROMO

ATÉ recentemente os únicos aviões que decolavam sem aeródromos eram os bombardeiros sem pilotos, teleguiados. Mas, ùltimamente, na Califórnia, o pilôto de provas Bob Turner obteve êxito quando conseguiu a decolagem de um "Thunderjet F-84-G". A experiência foi levada a efeito sôbre uma plataforma móvel de quinze metros de comprimento. O aparelho não precisa mais do que de uma pequena modificação que permita a adaptação de um foguete, cuja função é dar a propulsão inicial.



O MARCIANO: — Caros terrestres, trago de Marte as melhores saudações do meu govêrno para vós homens da Terra...

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

(Continuação da página 32)

dos deuses mitológicos, pois o infusório morre de acidente, nunca de senilidade. Entretanto, Maupas contestava a biologia de Weismann alegando que o infusório não pode se reproduzir indefinidamente. A imortalidade das colônias celulares pela renovação do meio químico, ficou provada pelas experiências de Alexis Carrel. Mas essa imortalidade se mantém no plano quantitativo, não havendo alterações intrínsecas. Os protídios, os glucídios e os lipídios dos alimentos abastecem o organismo com oxigênio, nitrogênio e carbono, que acabam sendo transformados em proteínas e aminoácidos, processo êsse que justifica o conceito químico da vida. Mas o homem não pode renovar todos os seus tecidos internos no curso do tempo biológico e desgasta-se sua radiosa juventude.

DURAÇÃO DO CICLO VITAL — A teoria e o laboratório trabalham para capturar a lei íntima do ciclo vital. Quando Robert Hook descobriu a existência da célula aplicando o microscópio nos tecidos vegetais, iniciaram-se experiências sôbre a evolução do corpo e sua decadência. A idéia da morte e a concepção da eterna vitalidade, cujo mistério obcecou os alquimistas nas suas tentativas para obter o segrêdo do perpétuo vigor, afastaram-se do domínio das superstições para se restringir aos fatos dos laboratórios. Com os trabalhos ulteriores de Marcello Malpighi e Félix Fontana, Franz Julius Meyen e John Brown, reformaram-se todos os conhecimentos sôbre o relativo ao organismo humano, cujo nascimento e decrepitude subordinam-se a processos físico-químicos. Anunciara Louis Pasteur que o estudo da biologia humana nos conduz à convicção de que a vida preside ao trabalho da morte em tôdas as suas fases.

Em suas pesquisas provaram Molleschott e Buchner que de sete em sete anos se renova integralmente o corpo. Eis a verdade: — de sete em sete anos morre e renasce celularmente a individualidade biológica. O homem de sessenta e três anos nasce e morre nove vêzes biològicamente, sem perder a consciência da sua posição social e financeira no turbilhão da sociedade econômica. Vive o homem porque morre a cada instante da ofensiva do tempo fisiológico.

Todos os dias, desfazem-se células em nosso corpo e o aniquilamento fragmentário dos tecidos facilita a permanência da vida. A vitalidade biológica sobrevive à custa da morte celular. Nove bilhões de glóbulos vermelhos se refazem por hora na correnteza sanguínea impulsionando o oxigênio para satisfazer o metabolismo das células.

Êsse maravilhoso espetáculo induziu Sedwigk Mino a qualificar a morte como uma lei do desenvolvimento, as causas químicas da morte se confundindo com as causas químicas do desenvolvimento. Henri de Varigny vai mais longe e admite que a vida começa a decair mesmo antes de nascer. Nove milhões de glóbulos vermelhos do sangue morrem para garantir a renovação química de nove bilhões de glóbulos vermelhos por hora. Persistindo na concepção de que a vida nasce da morte, ou que a morte precede a origem da vida, instruía Claude Bernard que tôda manifestação vital se prende intrìnsecamente à destruição orgânica. Descobriram os biologistas modernos, que a ruína orgânica de Bernard, melhor analisada pela histologia e pelo microscópio, denuncia diferenciação celular, tanto mais acentuada e progressiva, quanto mais perfeita fôr a evolução do organismo. Qual o primeiro a morrer dos órgãos humanos? Reveille Parisse procurou demonstrar que o enfraquecimento vital primeiro se manifesta sôbre o aparelho respiratório.

No seu cálculo, o homem consome por hora quarenta gramas de oxigênio, sendo novecentas e sessenta gramas, representando trezentos e cinqüenta mil quilogramas por ano. E quando se enfraquece o pulmão, não decompõe bem o ar respirado e o sangue se despoja dos seus princípios estimulantes. Parisse classificou o pulmão como a primeira causa da morte, enquanto outros preferem denunciar a acumulação de fosfato calcáreo como a origem da senilidade. Pertence a Cazalis a clássica sentença que o homem traz a idade das suas artérias e Michel Levy qualificou a esclerose de petrificação humana antecipando a imagem do sepulcro.

O grego Pitágoras definia a saúde como a harmonia do organismo, devendo se interpretar tôda doença como um desajustamento interno. Morre o homem porque se desgasta sua juventude celular durante a ofensiva do tempo biológico. As mesmas condições que preparam a formação da célula e dos germes da vida trazem consigo os elementos da senilidade e os fatôres determinantes da morte. A biologia pode fixar a duração de qualquer ser pelo intervalo que vai do seu nascimento à sua maturidade. Excetuando os acidentes, o tigre, o hipopótamo, o rouxinol, a águia, a baleia e a tartaruga vivem um tempo dado, fixado pela sua evolução celular. A morte nasce com a vida, acompanha os saltos da infância, anima as paixões da juventude e transforma o cadáver em gases e substâncias minerais. F. E. Beddar achava difícil descobrir a causa da morte nos vertebrados inferiores, em virtude da ausência de vestígios. Admitiu Ilya Mechnikow que a larva marinha **pillium** perece de morte natural, após terminar seu período de existência. Hubert Lauvergne descrevia a extrema senilidade como a morte parcial dos órgãos, cessando aos poucos de existir, desfazendo-se sem agonia.

Para Lauverge, a morte natural só vem com o último movimento do coração e com o derradeiro sôpro de oxigênio. François Xavier Bichat pintava a morte pela senescência como o rumo lento em que se fecham os sentidos.

Na filosofia de Herbert Spencer, a vida se caracteriza pela combinação definida de modificações heterogêneas, simultâneas e sucessivas. Na decomposição celular manifestam-se ainda transmudamentos heterogêneos e sucessivos. Que desapareceu com a morte? Esclarece Herbert Spencer que terminou a combinação definida. Por isso, no axioma de F. X. Bichat a vida exprime a síntese das funções que resistem à morte e a duração de um indivíduo varia com sua capacidade de resistir ao desajustamento da síntese biológica.

André Du Laurens estabelecia como causa da velhice uma espécie de choque entre os diversos princípios do corpo. Anotou com muita justeza Reveille Parisse, que mais se complica o organismo, mais se enriquece a vida, mais o corpo aumenta de extensão e mais brilham os sentidos. Por outro lado, dividido e partilhado em órgãos complicados, as funções se emancipam, mas conservam uma solidariedade fatal.

O DESAJUSTAMENTO DA MOCIDADE E O FANTASMA DA SENESCÊNCIA — A geriatria deve se voltar para os bioquímicos se deseja conter a ofensiva do tempo biológico no desgaste da juventude. A aceleração da motilidade traz a senescência e as flutuações fisiológicas apressam ou atrasam o término do seu ciclo. Jacques Loeb retardou e acelerou a duração vital de certos insetos pelo abaixamento e elevação da temperatura. Todos os sêres nascem marcados pela fatalidade do ciclo biológico, cuja duração independe do próprio organismo, prisioneiro de uma lei secreta.

No curso do tempo, a intoxicação do plasma tecidual que banha o sistema celular acarreta a senescência. O tempo biológico entorpece o ritmo vital com resíduos protoplásmicos irredutíveis pelo metabolismo do corpo humano. As células respiram mais oxigênio na juventude e com a senescência menor volume dêsse gás.

A presença de substâncias químicas insolúveis nos metazoários, como a celulose e a osseína, a cartilagena e a ceratina, cuja assimilação deixa de ser efetuada pelas células provoca a decadência do processo vital. Depois de segmentações consecutivas, os infusórios ciliados não podem mais se multiplicar mesmo num meio sadio.

Nicola Pende diagnostica a senilidade como conseqüência do desequilíbrio endocrinológico, o que significa uma tradução moderna do aforismo de Pitágoras. A morte destrói o organismo pelo desajustamento bioquímico e aniquilado na sua síntese, o corpo humano transforma-se em minerais e em gases voláteis. Ninguém duvida mais de que o ritmo da nutrição modifica os processos químicos do citoplasma, das células e todos reconhecem a influência das vitaminas sôbre o equilíbrio hígico, como regeneradoras do sangue e do metabolismo.

JÁ NINGUÉM SE ENAMORA

(Continuação da página 8)

— Então não permitirei que torne a olhar para mim — disse ela, apaixonadamente. — Não quero que você se afogue, nem sequer de amor!

— Pois essa seria uma formosa maneira de morrer!

— David, por favor! — exclamou Amy, em tom dolorido. — Não fale em morrer! Que seria de mim sem você? Morreria também, tenho a certeza!

— Você faria isso? — perguntou êle, com voz trêmula.

— E mais até! Morreria por minhas próprias mãos, porque sem você a vida seria para mim um castigo.

— Meu amor! — exclamou David, apertando com calor a mão de Amy.

— E você? Que faria, se eu morresse? — perguntou ela, por sua vez.

— Matar-me, Amy. Que interêsse, que incentivo teria a vida sem você? Nenhum. Ao contrário, seria uma carga dolorosíssima...

A brisa soprava com um pouco mais de fôrça, agitando os cabelos de Amy. Novamente o mundo voltou a mergulhar numa grande calma.

Amy pareceu voltar à realidade. Separou-se vivamente de David, retirando a mão que êle mantivera aprisionado, e dizendo ligeiramente alarmada:

— Oh! Deve ser muito tarde! Tenho que entrar!

Quando abriu a porta, esta gemeu nas dobradiças, despertando a Bill, que logo reconheceu os passos de sua filha. Levantou-se imediatamente, consultando a hora no relógio que estava sôbre o rebordo da lareira. Uma hora e dez...

— Um momentinho, senhorita! — disse êle a sua filha, quando esta parou à sua frente. — Sabe que horas temos?

— Sim, papai! Não notei o tempo passar e...

— Não gosto de ver você ficar até altas horas da noite com êsse tolo do David Allen! — concluiu Bill.

— Oh, papai! — exclamou ela, já prestes a chorar. — Você é... é muito injusto e cruel!

E sem esperar mais, Amy subiu correndo para seu quarto, desfeita em lágrimas pelo que considerava uma injustiça de seu pai, que não parecia compreender a um coração jovem, ardente, enamorado...

Bill ficou em baixo, pensativo. Depois sorriu, murmurando:

— Êles pensam que estão enamorados; porém isso é coisa que já não acontece. São o encanto da estação, a lua melancólica e outras tolices que os fazem pensar assim. Mas, que se há de fazer? Felizmente, amanhã Helen volta. Vou deitar-me agora mesmo, a fim de levantar cedo. Vou esperá-la na estação...

Na estação, ainda não eram as dez da manhã quando Bill chegou; e o trem chegava às dez e meia.

Não sabendo em que passar o tempo da espera, caminhou lentamente e assim descobriu a tendinha de uma florista.

— Rosas, senhor? — ofereceu a florista.

Êle ia comprar, porque eram formosas. Porém recordou as idéias absurdas de Atherton com respeito ao amor; e como sempre lhe parecera que a rosa era uma flor ideal para representar os indivíduos enamorados, decidiu não comprá-las.

Levaria orquídeas. Ao vê-las, Helen lhe diria que era um extravagante, porém, no fundo, ficaria lisonjeada ao ver que seu marido lhe oferecia flores tão caras.

E ninguém diria que fazia coisas de enamorado. Por acaso não pode um homem comprar orquídeas para sua espôsa?

AS portas do vagão se abriram e passageiros e carregadores começaram a fluir em grandes quantidades.

Bill esperou, sereno. Porém, quando os passageiros começaram a escassear e Helen não apareceu, começou a sentir-se inquieto. Onde, demônios, poderia estar Helen? Estava seguro de que era aquêle o trem. E, no entanto, já haviam descido quase todos os passageiros e ela não aparecia

Por fim, ninguém mais apareceu. Bill ficou imóvel, tendo em mão, em atitude ridícula o ramo de flores, envolto em papel de sêda em cujo interior estavam duas esplêndidas orquídeas, devidamente preparadas para que Helen pudesse prendê-las no corpinho.

Já um empregado se dispunha a fechar as portas de acesso ao vagão. Porém, uma mulher, caminhando ràpidamente, deteve o

seu gesto; depois desceu, apressada, para a gare, pela qual começou a avançar em passos rápidos.

Por Deus... Era Helen!

O coração de Bill deu um grande salto dentro de seu peito. Helen, tão bonita, tão simpática e sedutora como sempre! Cheio de alegria, começou a correr para ela, sem compreender o que fazia. Se tivesse visto outro marido fazer o mesmo, talvez não tivesse conseguido conter o riso e um comentário zombeteiro. À medida que avançava, correndo, pensava, cheio de vaidade e de contentamento que, se alguma coisa soubera fazer, em sua vida, tinha sido a escolha da espôsa.

Helen o reconheceu logo; e como o que menos poderia esperar era que o marido fôsse recebê-la na estação, parou, exclamando cheia de agradável surprêsa:

— Bill! Você aqui?

— Sim... Claro! Por que não?

— Oh! Foi magnífica surprêsa! O que menos esperava era que você viesse receber-me. Se soubesse não me teria atrasado, arrumando as valises...

— Toma. São para você — disse Bill, entregando-lhe as orquídeas.

Com estas palavras, Helen se empinou na ponta dos pés e beijou efusivamente a seu marido. Bill sentiu o contacto de seus lábios suaves, ternos, cálidos...

— E até me trouxe orquídeas! Oh, obrigada, Bill!

— Eu... eu... — disse êle, cheio de confusão, sentindo que o coração lhe batia desordenadamente. — A barraquinha da florista estava tão cheia de flores, que lembrei-me de comprar algumas...

Ainda sentia a suave carícia dos lábios de Helen, sôbre os seus; a pesar seu, uma grande ternura invadia por completo o seu coração. E, tendo gostado do beijo, esta vez foi êle quem se inclinou para beijar Helen.

— Como andam as coisas lá por casa, Bill? — perguntou Helen, após uma pausa, enquanto avançavam lentamente, com os braços enlaçados. Bill, de fato, a conduzia pelo braço, não como a uma espôsa de vinte anos de casamento, mas a uma noiva. Mas fazia isso com naturalidade, sem nada notar... Helen, sim, e isso a fazia muito feliz, porque era a melhor prova de que Bill a amava.

PORÉM, Bill não acreditava no amor...

— pensou um instante, quase alarmada. Porém, logo se tranqüilizou, e um sorriso brincalhão passou por seus lábios. Palavras, apenas palavras. Bill dizia uma coisa, porém, no íntimo, sentia outra.

— Oh... Tudo bem — respondeu êle, satisfeito.

— E Amy?

— Bem; creio que David Allen anda dominando inteiramente aquela cabecinha.

— E então, Bill? Está na idade de namorar, de ficar apaixonada...

— Enamorar-se? Puf... Mas, você acredita no amor, hein, Hlen?

Ela respondeu com um breve sorriso.

— Ah! — exclamou êle, repentinamente, recordando-se de algo. — Sabe o que se meteu na cabeça do velho Atherton? Sim... Estivemos juntos, ontem, numa recepção...

— Que aconteceu, Bill?

— Nada de sério... Apenas êle me disse um tremendíssimo disparate. Imagina que, segundo afirmou, o povo deseja ler novelas amorosas. E quer saber mais? Teve a coragem de pedir que eu escrevesse uma!

— De veras?

— Sim; já pensou no disparate? Pedir a mim, a um "realista", que escreva essas tolices! Pode haver pretensão mais absurda? Como se, nestes tempos, alguém acreditasse em amor!

Helen não lhe respondeu. Estava muito ocupada em prender no decote, justamente sôbre o coração, as duas magníficas orquídeas. Depois disse:

— Eu sugeriria a você escrever outra coisa, Bill. E creio que Atherton a aceitaria com entusiasmo.

— Que vem a ser?

— A história... ou melhor: a novela de sua vida.

— E por que você acha que êle gostaria de ter a narrativa da minha própria vida?

— Porque, embora você procure sempre negar, essa história é uma grande novela de amor, cabeçudo querido!

Bill nada respondeu; com êle, mais que com qualquer outro, cumpria-se o "quem cala consente".

CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do ESPORTE ilustrado

1955 1955

TUDO SÔBRE O FUTEBOL CARIOCA (CARLOS ARÊAS)

TODOS OS ESPORTES AMADORISTAS

TUDO SÔBRE O FUTEBOL PAULISTA (OLIMPICUS)

Em CÔRES — 12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA — 4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

Cr$ 20,00

NOS JORNALEIROS E EM TODO O BRASIL

Atendemos pelo reembôlso postal — End.: Rua Visconde de Maranguape, 15

R I O

EU SEI TUDO

N.º 460 — Ano XXXIX N.º 4 — Setembro — 1955

SUMÁRIO:

Já ninguém se enamora (conto de Martha Foley) ..	7
Causas para o divórcio	11
O fantasma que escrevia livros (Episódio real)	12
O gato e os canários	14
Assim são os homens (Conto de Royal Brown)	15
Como vencer as perturbações psíquicas	22
Como será o mundo no ano dois mil?	27
Roupas atômicas	28
Publicidade	28
Tríplice colisão no ar	28
Maravilhas da Ciência — A ofensiva do tempo biológico — Venceremos o desgaste da juventude ...	29
A fôrça de um juramento (romance continuação) ...	35
Com um só ôlho podemos calcular distância e velocidade	43
Uma noiva para o filho (conto)	44
A tôrre inclinada... alemã	50
Escada escamoteável	51
Peixe provido de radar	52
S.O.S. para seu lar	5[illegible]
A Ciência ao Alcance de Todos — Tudo se Explica. (Qual o significado do têrmo "trust" dentro das atividades comerciais? — Até que profundidade chegam as "minhocas"? — Por que se afirma que o sol e as estrêlas possuem uma composição idêntica à da terra? Como se sabe isto? Como se fixou duração do minuto e da hora?	54
Curiosidades da nossa Terra — Bambaê, a dança selvagem	55
Por que as mulheres falam tanto? (E os homens tão pouco?)	56
Conselhos de uma quituteira	60
Fotógrafos indiscretos	62
A paz do mundo	63
A linguagem do lenço	70
Neblinas da História — Trágicos destinos	71
Caminha com dois meses e meio	79
Massagista de bôlso	80
Diálogo incrível	80
A "geisha", ontem e hoje	81
Papelada	86
Justificação	86
Estatística na Inglaterra	86
Diário de Felix Lane (romance, continuação)	87
Memento EU SEI TUDO — Olhando o mundo há sessenta dias	95
Charadas — Quebra-cabeças	105

CORRESPONDÊNCIA

Noemi Salembier de Freitas, Jaime Mendes de Freitas, Josefina Sierra Zito e José Sierra Tôrres — Agradecemos a gentileza.

★

Lilinha Fernandes (D. Federal) — Agradecemos a gentileza da remessa, augurando grande sucesso para APPOGIATURAS.

★

José Costa Oliveira (S. Luís, Maranhão) — Não será editada em livro. Se nos indicasse os números que faltam na sua coleção?

★

Herbert Rweliger (Pôrto Alegre) — Infelizmente, aqui chegou apenas a literatura sôbre a droga para guia dos médicos. O produto vai demorar alguns meses e aparecer entre nós.

★

O Leitor (Itabira, Minas Gerais) — Tratava-se simplesmente de matéria-paga e publicada na forma habitual dos anúncios.

CAPA — **Para a saudação à bandeira da Pátria, neste mês da Independência, o rostinho risonho e bonito da Mais Bela Brasileira, senhorita Maria Emília Correia Lima, que depois de ser Miss Ceará ganhou o título de Miss Brasil de 1955.**